

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO DE DOUTORADO

FERNANDA ISABELLY SOUZA XIMENES

**PORNODISSIDÊNCIA COMO MICROPOLÍTICA: uma narrativa sobre carnes  
e subjetividades (a)normais**

Recife

2021

FERNANDA ISABELLY SOUZA XIMENES

**PORNODISSIDÊNCIA COMO MICROPOLÍTICA: uma narrativa sobre carnes e  
subjetividades (a)normais**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutorado em Psicologia. **Área de Concentração:** Psicologia Social

**Orientador:** Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Benedito Medrado

Recife  
2021

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

X6p Ximenes, Fernanda Isabelly Souza.  
Pornodissidência como micropolítica : uma narrativa sobre carnes e  
subjetividades (a)normais / Fernanda Isabelly Souza Ximenes. – 2021.  
237 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Benedito Medrado.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2021.  
Inclui referências e apêndice.

1. Psicologia. 2. Pornografia. 3. Feminismo. 4. Sexualidade. I. Medrado,  
Benedito (Orientador). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2023-052)

FERNANDA ISABELLY SOUZA XIMENES

**PORNODISSIDÊNCIA COMO AÇÃO MICROPOLÍTICA: uma narrativa sobre  
carnes e subjetividades (a)normais**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

**Aprovada em:** 24/02/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Benedito Medrado (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Marisela Montenegro Martinez (Examinadora externa)  
Universidade Autónoma de Barcelona

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Lúcia Chavez Lima (Examinadora externa)  
Universidade Federal do Pará

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Vivian Matias dos Santos (Examinadora interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Gustavo Gomes da Costa Santos (Examinador interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

*À D. Lia, Sandra e Ângela, que me ensinaram sobre ser uma desertora.*

## AGRADECIMENTOS

Escrever esta tese tem sido um trabalho tão árduo e solitário que fica difícil acessar o sentimento de gratidão e coletividade tão própria da maneira que aprendi a fazer pesquisa.

Eu agradeço ao Núcleo de estudos feministas em gênero e masculinidades – GEMA/UFPE que foi onde encontrei morada para desenvolver o gosto pela pesquisa acadêmica, este grupo faz o nonsense burocrático das instituições de ensino valer a pena.

Agradeço a Benedito, orientador desta pesquisa, coordenador do Gema e grande amigo. Por ter me oferecido todo respeito e apoio para desenvolver esta tese e ter me ensinado a estabelecer redes profissionais que são também de afeto.

Agradeço ao programa de pós-graduação em psicologia da UFPE. Tenho orgulho de ter passado por este espaço não só pela eficiência nos serviços administrativos bem executados, mas sobretudo pelo cuidado que tentam ter com os/as estudantes. Minha experiência foi de acolhimento e confiança nestes últimos 8 anos quase ininterruptos.

Ao lado de Benedito e do PPGPsi tive a honra de ter sido contemplada como bolsista da FACEPE, por isso agradeço às políticas públicas fomentadoras da pesquisa no estado de Pernambuco.

Agradeço à banca de qualificação e de defesa por terem lido com atenção o meu trabalho e terem contribuído de maneira construtiva para a realização completa do trabalho. Chico, Mônica, Vivian, Lúcia e Marisela.

Agradeço à professora Marisela em especial, por ter me convidado a um visitando-sanduíche na Universidade Autônoma de Barcelona e por abrir portas a esta experiência. Mais que isso, agradeço a sua generosidade intelectual e afetiva.

Agradeço às minhas companheiras da Entrelaços, por construírem junto comigo o ambiente que idealizamos trabalhar um dia.

A ervadoce grafiti por ter aceitado elaborar uma arte gráfica especialmente para este trabalho.

O agradecimento especial e final vai a todas as pessoas que conheci da rede pornô-dissidente e que se tornaram aliadas na minha jornada como pessoa no mundo. Eu pensei que me tornaria “aliada” das artistas dissidentes, mas foram elas que arrebataram minha existência. Agradeço a Gil (que conquistou meu coração com sua amizade e rebelião ariana), Thamy, Aquenda, Tita, Bruna, Cono, Marisa, Ervadoce, Karol, Lindaselva, Perla, Paulety, Caetano, Lucía, Ariel, Hector e todas as que não conheci, Pedra Costa, Jota Mombaça, Diana Torres e toda uma multidão que se move em manada.

*Eu vou comer o cu do Freud  
Ele fala, ele delira, ele cheira filas  
Eu vou chupar a sua pica  
Lacan, eu vou foder o seu êdi  
Jung, eu vou bater uma pra ti  
Eu vou comer o cu do Freud  
Freud não tira a pica da cabeça  
Lacan não chupa uma boceta  
Jung quer bater punheta  
Eu vou fazer uma orgia  
com Freud, Jung e Lacan  
Quero que se foda o trauma  
Quero que se arrombe a histeria  
Quero é cantar além da alma  
Quero é trepar além da alma  
Freud, deixa de segredo e vê se fode, porra!  
Eu vou comer o Freud  
Eu vou foder Freud  
Eu vou comer o cu do Freud  
Ele pensa, ele analisa, ele sonha com a pica  
Ele pede, ele rebola, ele chupa uma tora  
Eu vou comer o cu do Freud  
Freud, deixa de segredo e vê se fode, caralho!  
Eu vou gozar na sua cara, vou lambar o seu cuzinho  
Vai, Freudinho!  
(Fuck Freud, PEDRA COSTA, 2011).*

## RESUMO

Esta tese é um experimento com a pós-pornografia, a pornografia dissidente, a pornografia feminista ou ainda chamada desviante. Esta multiplicidade de termos inaugura o texto e faz parte do processo investigativo em torno dos conceitos de pornografia “mainstream” e o movimento artístico, político, transfeminista, queer/kuir/cuir de descolonização da pornografia. Em seguida, desenvolvemos o exercício de situar este trabalho dentro dos estudos feministas, de gênero e sexualidade. Para isso trouxemos para a cena um breve encontro teórico entre os feminismos, a teoria queer/kuir/cuir e o movimento descolonial. Permitimos-nos navegar “à deriva” até encontrar um fio condutor que resultasse em objetivos imbricados com “resultados” deste passeio. O objetivo geral: Construir uma pornocartografia (DIY- faça você mesmo) encarnada. Dentro dele, os seguintes objetivos específicos tomaram contorno: 1) acompanhar o movimento auto-intitulado pós-pornográfico/dissidente/desviante, tendo Recife – PE (Brasil) como ponto de partida e que se desterritorializa (fisicamente e virtualmente), 2) analisar como este movimento se relaciona com os conceitos de sexualidades, identidades e subjetividades (a)normais, 3) nomear e argumentar estas ações no campo da micropolítica. A partir de uma metodologia pós-pornográfica, autonarrativa, de análise semiótica e de interação com todos os elementos humanos e não humanos na rede, desenvolvemos uma escrita encarnada que tem início territorialmente em duas edições do Festival das Monstruosxs em Recife (2015 e 2017) e se desterritorializa virtualmente, semioticamente por outras produções brasileiras, latinoamericanas com passagem pela cidade de Barcelona. A elaboração de um diário cartográfico pós-pornográfico resultou num produto de 40 episódios autoanalíticos ao longo destes cinco anos. As noções de (a)normalidade sexual, identitária e psíquica, aliada aos conceitos de pornofarmacopoder e o conceito de insurgências micropolíticas acompanharam a construção das análises, no sentido de identificar como as pornodissidências atuam como resistência política na construção do prazer e dos corpos que importam sexopoliticamente.

**Palavras-chave:** pós-pornografia; sexualidades dissidentes; cartografia; micropolíticas do desejo.

## ABSTRACT

This thesis is an experiment with post-pornography, dissident pornography, feminist pornography or even called deviant. This multiplicity of terms inaugurates the text and is part of the investigative process around the concepts of “mainstream” pornography and the artistic, political, transfeminist, queer / kuir / cuir decolonization movement of pornography. Then, we developed the exercise of placing this work within feminist, gender and sexuality studies. For this we brought to the scene a brief theoretical encounter between feminisms, the queer / kuir / cuir theory and the decolonial movement. We allow ourselves to navigate “adrift” until we find a common thread that results in objectives interwoven with the “results” of this tour: 1) Build a porn-cartography (DIY- do it yourself), 2) follow the self-titled post-pornographic movement / dissident / deviant in Brazil and how it relates to the concepts of sexualities and identities (a) normal, 3) to name and argue these actions in the field of micropolitics. Based on a post-pornographic, self-narrative methodology, semiotic analysis and interaction with all human and non-human elements in the network, we developed an incarnated writing that begins territorially in two editions of the Festival das Monstruosxs in Recife (2015 and 2017) and it is virtually deterritorialized, semiotically by other Brazilian, Latin American productions that pass through the city of Barcelona. The creation of a post-pornographic cartographic diary resulted in a product of 40 autoanalytic episodes over these five years. The notions of (a) sexual, identity and psychic normality, combined with the concepts of pornopharmacopower and the concept of micropolitical insurgencies accompanied the construction of the analyzes, in the sense of identifying how pornodissidences act as political resistance in the construction of pleasure and the bodies that matter sexopolitically.

Keywords: Post-pornography, dissident sexualities, cartography, micropolitics of desire.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Montagem de foto de <i>still</i> e cartaz de <i>Raspberry Reich</i> (2004), de Bruce Labruce.....	16
Figura 2 –	Montagem de fotos de divulgação da série de filmes <i>X Confessions</i> , de Erika Lust.....	18
Figura 3 –	Cartaz de divulgação do evento <i>Monstruosas</i> .....	20
Figura 4 –	Cartaz divulgação do curso Kuir, com Jota Mombaça, durante o evento <i>Monstruosas</i> .....	20
Figura 5 –	Cartaz divulgação do evento em Ca La Dona.....	86
Figura 6 –	Foto da mesa sobre resistências contra o fascismo em Ca La Dona.....	91
Figura 7 –	Foto da mesa sobre resistências contra o fascismo em Ca La Dona.....	92
Figura 8 –	Tabela dos modos de funcionamento macropolítico x micropolítico.....	137
Figura 9 –	Cartazes divulgação do Bloco.....	145
Figura 10 –	Cartazes divulgação do Bloco.....	145
Figura 11 –	Cartaz divulgação do evento na Entrelaços.....	154
Figura 12 –	Cartazes divulgação do Festival <i>Monstruosas</i> .....	155
Figura 13 –	Foto inspiração para a oficina Montharia Oficina Anticivilizatória durante o evento <i>Monstruosas</i> .....	162
Figura 14 –	Foto divulgação da performer Sarita de Gzus que realizou a oficina de Montharia Anticivilizatória.....	162
Figura 15 –	Foto divulgação da performance de Karol Kalor no evento <i>Monstruosas</i>	166
Figura 16 –	Foto divulgação da performance de Edilson Militão no Festival <i>Monstruosas</i> .....	167
Figura 17 –	Participação na oficina de shibari de Misogina.....	169
Figura 18 –	Eu e Aida na oficina de shibari com Misogina.....	169
Figura 19 –	Cartaz feito por Thais Yoshioka para o cinerica.....	176
Figura 20 –	Cartaz divulgação do evento Cine Ovni.....	178
Figura 21 –	Foto publicada no evento do Facebook “Infecciosxs convida Linn da Quebrada”.....	181
Figura 22 –	Foto publicada no evento do Facebook “Infecciosxs convida Linn da Quebrada”.....	181
Figura 23 –	Cartaz divulgação do evento “Mariposa Power III Eropic”.....	186
Figura 24 –	Produção de “floggers” com borracha de bicicleta.....	188

Figura 25 – Foto da oficina Drag King em Barcelona.....	195
Figura 26 – Eu como João Pedro, ao final da oficina de Drag King.....	195
Figura 27 – Publicação no twitter de Jair Bolsonaro com imagem do vídeo da performance das criadoras do EDIY Porn durante o carnaval.....	199
Figura 28 – Foto da performance “a engolidora” de Tita Barbosa postada na página do Facebook e Instagram da Hypnos.....	207
Figura 29 – Foto divulgação do filme “As filhas do fogo” de Albertina Carri.....	215

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Associação Psiquiátrica Americana
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BVS-Psi	Biblioteca Virtual de Saúde Psicologia Brasil
BDSM	Bondage, Domination, Sadism and Masoquism
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
FIC	Fractalidade em Investigación Crítica
GEMA/UFPE	Núcleo Feminista de Pesquisa em Gênero e Masculinidade da UFPE
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais e Assexuais.
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
UAB	Universidad Autònoma de Barcelona
SciELO	Scientific Electronic Library Online
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1</b>	<b>Organização dos capítulos.....</b>	<b>23</b>
<b>2</b>	<b>PORNÔ, PORNÔ FEMINISTA, PÓS-PORNÔ E OU PORNOGRAFIAS DISSIDENTES.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1</b>	<b>Sentidos em disputa sobre (porno)grafia.....</b>	<b>27</b>
<b>2.1.1</b>	<i>Pornochanchada: Pornografia a la brasileira.....</i>	<b>34</b>
<b>2.2</b>	<b>Da pornografia “sex positive” para mulheres ao pornô feminista.....</b>	<b>37</b>
<b>2.3</b>	<b>Post pornografia gringa: a pioneira estadunidense Annie Sprinkle, “Blaise Moi” de Despentés e o pornoterrorismo no reino espanhol.....</b>	<b>44</b>
<b>2.4</b>	<b>O pós-pornô como movimento decolonial e a invenção de pornografias dissidentes latino-americanas.....</b>	<b>50</b>
<b>2.5</b>	<b>Os manifestos como postura literária pós-pornográfica.....</b>	<b>57</b>
<b>3</b>	<b>SOBRE O PRAZER DE COZINHAR, COMER E DESAPRENDER TANTOS INGREDIENTES QUE NOS PARECIAM INDISPENSÁVEIS: LINHAS METODOLÓGICAS.....</b>	<b>62</b>
<b>3.1</b>	<b>Epistemologias feministas para a construção de uma cartografia pós- pornográfica situada.....</b>	<b>68</b>
<b>3.2</b>	<b>Sobre uma escritura performada no corpo e a criação de “figurações”....</b>	<b>72</b>
<b>3.2.1</b>	<i>Figurações ou semiótica das imagens.....</i>	<b>73</b>
<b>3.3</b>	<b>Guerra de imagens: Teoria Ator-Rede.....</b>	<b>76</b>
<b>3.4</b>	<b>Inventando uma Metodologia auto-analítica e de experimentação no corpo.....</b>	<b>79</b>
<b>4</b>	<b>FEMINISMOS PARA “QUEER” TE QUERO?.....</b>	<b>82</b>
<b>4.1</b>	<b>Feminismos na rede: um breve passeio pelo contexto brasileiro em tempos de fascismo.....</b>	<b>85</b>
<b>4.2</b>	<b>Lute como Marielle Franco! Feminismo negro e o olhar interseccional....</b>	<b>92</b>
<b>4.3</b>	<b>Feminismo Decolonial e o desmantelamento das categorias da modernidade.....</b>	<b>99</b>
<b>4.4</b>	<b>Teoria “Queer” e Transfeminismo.....</b>	<b>104</b>
<b>4.5</b>	<b>“Queer of Color” ou uma invenção Tupinikuir.....</b>	<b>109</b>
<b>4.6</b>	<b>Feminismos Pró-Sex e as atuais versões do radFem como política</b>	

	colonial: Guerra às imagens.....	111
4.7	Apontamentos para um Feminismo anti especista e transhumanista.....	114
5	<b>TEASER TEORIA: CTRLC+ CTRLV, HACKEAMENTO DO CISTEMA = IMUNIDADE NORMATIVA.....</b>	119
5.1	Quem é o (a)normal? Corpos, sexualidades e subjetividades desviantes-fracasso.....	120
5.2	Pós humanismo, corpos-máquina e tecnopolíticas: A emergência do farmacopornopoder.....	127
5.3	Ocupar a macropolítica e germinar micropoliticamente.....	132
6	<b>DIÁRIO PÓS-PORNOGRÁFICO DIY (DO IT YOURSELF).....</b>	139
6.1	(1º dia) – “Primeiras vezes, práticas masturbatórias e brinquedos eróticos”: preliminares narrativas.....	139
6.2	(2º dia) - Micropolíticasidentitárias e carnavalescas: “Ou vai ou racha”..	143
6.3	(3º dia) – Primeiro evento pós-pornô antes de existir uma tese. Monstruosas – Subpolíticas e Descolonialidades (2015).....	145
6.4	(4º dia) “Performance Erga Omnis de Maia no Monstruosas 2015”.....	146
6.5	(5º dia) – Mais do Festival Monstruosxs em 2015: curiosidade e identificação.....	148
6.6	(6º dia) – Semana LGBT da Faculdade de Direito do Recife.....	150
6.7	(7º dia) – Roda de conversa sobre gênero e saúde mental na Entrelaços...	151
6.8	(8º dia) Monstruosas 2017: “Tesões apocalípticos nas ruínas do heterocapitalismo”.....	154
6.9	(9º dia) – Experimentos a partir dos materiais audiovisuais.....	155
6.10	(10º dia) – Exibição dos filmes no Gema.....	157
6.11	(11º dia) – Monstruosas 2017: segundo dia.....	158
6.12	(12º dia) Filme Tupinikuir.....	159
6.13	(13º dia) Monstruosas 2017: as oficinas e minicursos.....	160
6.14	(14ª dia) Monstruosas 2017 – a festa de encerramento.....	163
6.15	(15º dia) Conhecendo os performers das Montruosas 2017: Karol Kalor e Edilson Militão.....	165
6.16	(16º dia) – “Oficina de shibari com Missogina”.....	167
6.17	(17º dia) Sexo grupal e sexo sozinha: descolonizando afetos e a	

	monogamia.....	170
6.18	(18° dia)- Sobre adoecimento psíquico e a psiquiatria.....	172
6.19	(19° dia) Drogas e “normalidade” psíquica.....	173
6.20	(20° dia) O nascimento do “Cinerica” e o argumento “radfem” contemporâneo.....	174
6.21	(21° dia) Cine OVNI – Performáticas.....	176
6.22	(22° dia) Infecciosxs festas.....	178
6.23	(23° dia) Viagem à Barcelona.....	182
6.24	(24° dia) “Ca la Dona e Bollos em teoria”.....	183
6.25	(25° dia) “Can Mas Deu” uma ocupa rural e “Mariposa Power III-Eropic” o primeiro evento pós-porno em Barcelona.....	184
6.26	(26° dia)- Instituto de Estudios del Porno: primeiro dia.....	188
6.27	(27° dia) Instituto de Estudios del Porno: segundo dia.....	189
6.28	(28° dia)- Instituto de Estudios del Porno: terceiro dia.....	191
6.29	(29° dia) Oficina de Drag King.....	193
6.30	(30° dia) Congresso <i>Geo Sex</i> .....	196
6.31	(31° dia) <i>Bolsoclash</i> : o acontecimento <i>golden shower</i> .....	198
6.32	(32° dia) Trans.plant. de Quimera Rosa.....	199
6.33	(33° dia) Lançamento do clipe de “Thango”.....	203
6.34	(34° dia) “Thango” e “A engolidora”.....	205
6.35	(35° dia) Pussy Riots em Recife e “iconoclashes” pós-pornográficos.....	207
6.36	(36° dia) Pandemia e adoecimento.....	210
6.37	(37° dia) Make me CAM- Te COVID a gozar.....	212
6.38	(38° dia) “Las hijas del fuego”.....	214
6.39	(39° dia)- Suruba Virtual - Suruba Pandêmica Virtual – coletivo Senta e EdiyPorn.....	216
6.40	(40° dia) Links úteis para uma “viagem” pós-pornográfica ao seu próprio modo.....	218
7	CONCLUSÕES: <i>DEVIR PORNSTAR</i> .....	220
	REFERÊNCIAS.....	225
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE PORNOPERFORMANCE – REVANGE PORN REVANGE.....	233

## 1 INTRODUÇÃO

Iniciamos a escrita deste texto com uma ponderação que é também aflição e que me acompanhou nos últimos cinco anos: se estamos em diálogo com “os caretas e suas verdades perfeitas” da Ciência (com C maiúsculo), esta tese é inconclusiva e não apresenta aplicação prática e imediata. Se entrarmos em diálogo com a rede pornodissidente, somos nós a própria caretece, com nossos diplomas e adequações diversas em um mundo cis-heterocapitalísticopatriarcal.

Para nós, psicólogas, pesquisadoras/professoras universitárias que, muitas vezes, apostamos na instrumentalização do Estado para a garantia de políticas públicas (nos direitos e, especialmente, na saúde), desejamos intimamente que as discussões aqui realizadas contribuam para pensarmos pedagogias de sexualidade e estratégias de promoção da saúde, especialmente no campo das ações comunitárias e da resistência política. Como provocação às avessas do que estávamos acostumadas, fomos convidadas à experiência das políticas anarco, pós-humanistas e de caos dissidência. Sem previsão de que esta leitura gere efeitos totalmente previsíveis às leitoras e no campo da saúde mental, reiteramos o convite a esta pornocartografia – DIY, de poros abertos.

No início de 2010, lembro-me<sup>1</sup> de quando era estudante de Psicologia do quinto período, na mesma época em que ingressei no Núcleo Feminista de Pesquisa em Gênero e Masculinidades – GEMA/ UFPE<sup>2</sup> busquei aproximação do coletivo Contramola, que naquele período tinha uma proposta de ocupar o lugar do tradicional Diretório Acadêmico do curso – uma proposta mais horizontal e autogestionada, com o fim de suprir a ausência de chapas proponentes para uma eleição formal. Discutíamos sobre as questões coletivas do curso, além

---

<sup>1</sup> Não é sem razão justificar a escrita deste trabalho em primeira pessoa do singular e do plural: um “eu” e um “nós” que ora demarcam trajetórias pessoais, encarnadas em minha experiência perceptiva e como pesquisadora, ora incluem vozes que são fronteiras diretas e indiretas, como a de Benedito Medrado, professor orientador desta pesquisa. Podemos considerar que a problematização dos usos dos pronomes e artigos já não é uma novidade nos estudos de gênero e sexualidade. No entanto, não é banal apresentar a escrita científica como uma produção não neutra, mas corporificada com cores, nomes e pronomes. Além disso, experimentamos manter a prioridade da flexão de gênero no feminino. Diante da dificuldade de assimilação pela língua portuguesa dos pronomes neutros com “e” ou “x”, decidimos habitar o estranhamento da norma escrita desta maneira.

<sup>2</sup> O tema que abordamos – pornô dissidente é em si mesmo estético, visual, midiático, por isso informamos aos leitores que para imprimir vivacidade e melhor compreensão sobre minhas experiências sensoriais e intelectuais a partir dos festivais e produções audiovisuais que serão apresentados podem ser necessários o acesso à internet, para acessar plataformas como Youtube, Vimeo e blogs diversos, e ter contas no Facebook e no Instagram, que ofereçam acesso a materiais complementares.

de reflexões sobre política e anarquismo. Uma das leituras mais marcantes que fizemos foi a do livro *Escuta, Zé Ninguém!*, de Wilhelm Reich. Era pra mim o começo de uma jornada de reflexões que de algum modo acompanham a produção da tese sobre a origem das construções políticas do corpo, do sexo e dos afetos.

Entre as atividades realizadas, o primeiro “cine diversidade” que criamos foi com a exibição de *Raspberry Reich* (2004), longa-metragem do diretor canadense Bruce Labruce. Não recordo quem havia indicado esse filme, mas me lembro da advertência aos que se propuseram a participar: é um filme pornô! O enredo se passava na Alemanha e me parecia um mix meio *nonsense* de luta armada com sátira sexual. Uma *drag* feminilizada – ou, talvez, possa nomeá-la como travesti – é uma das personagens centrais, líder de uma “facção terrorista” de combate ao capitalismo, em que todas as pessoas do grupo eram obrigadas a fazer sexo com ela e coletivamente. Autoritária e excêntrica, defendia a libertação sexual para combater o capitalismo. A ideia da expansão orgástica como energia vital para a destruição dos fascismos estruturais estava no centro da discussão. No desenrolar do filme, o filho do banqueiro que seria sequestrado pelo grupo terrorista apaixonava-se por um dos membros da facção, tensionando lugares e afetos político sexuais na trama.

**Figura 1 - Montagem de foto de *still* e cartaz de *Raspberry Reich* (2004), de Bruce Labruce**



Fonte: cartaz divulgação do filme/ imdb, 2004.

Não ousou aqui fazer uma análise detalhada do filme, mas trago essa memória para anunciar o meu tema de pesquisa e construir fios narrativos que dão corpo a ela. Somente após ingressar no Programa de Doutorado em Psicologia, a partir de leituras e conversas com pessoas da rede, descobri que o filme de Bruce Labruce era apontado como um clássico

dentro de uma perspectiva de pornografias dissidentes ou no campo de enunciação do pós-pornô.

Partilhamos uma epistemologia feminista que ao se propor desmascarar as doutrinas ideológicas da “objetividade científica” descorporificada, se apóia em Donna Haraway (1995). Ela afirma que a ciência é jogo retórico e por isso devemos levar em conta os fatos e artefatos envolvidos no processo de conhecimento, inclusive mediados por actantes (pessoas e não humanos). Uma vez que os atores privilegiados envolvidos na produção do conhecimento científico têm corpos masculinos, brancos, europeus, da classe média, a “manufatura” da ciência é uma produção corporificada de verdades.

É a partir dessa ética que julgamos possível nos posicionar de forma reflexiva em relação as nossas práticas de dominação sobre outros e acerca das partes desiguais de privilégio e opressão que todas as posições assumem. Especialmente na construção de uma pesquisa de doutorado na Psicologia, não podemos esquecer que este campo do conhecimento serviu e ainda serve a normalizações e regulações de vidas.

Creemos (sim, ciência também é crença, ainda que regulada de modo particular) na produção de conhecimentos localizados, parciais e provisórios e não na transcendência do/a pesquisador/a. A neutralidade dos olhares do(a) pesquisador(a) é colocada em cheque, na medida em que tudo o que passa pela visão é, como diria Deleuze (1990), atravessada por “máquinas de fazer ver e falar”. Cabe-nos abandonar toda ingenuidade e hipocrisia, para assim nos tornarmos responsáveis pelo que aprendemos a ver, assim como pelas invisibilidades e sombras que produzimos.

Neste sentido, a presente pesquisa tem uma trajetória não só de pesquisas anteriores, mas de afetações diversas. No núcleo de pesquisa temos realizado nos últimos anos atividades que envolvem performatividades de gênero e sexualidade em movimentações político-culturais na região Norte e Nordeste do país (MEDRADO 2012, 2013; 2014). Eventos como a Parada da Diversidade de Pernambuco (XIMENES e MEDRADO, 2015) e a Festa da Chiquita, em Belém do Pará, são tomados como objeto de leitura a partir do seu forte potencial político de transformação no campo das sexualidades.

Paralelamente, estive engajada na realização de minha própria pesquisa de mestrado, voltada a analisar as produções e tensões políticas a partir de/com o bloco de carnaval lésbico “ou vai ou racha” e o coletivo de cinema *queer* pernambucano “surto & deslumbramento”. Nela, apontamos que para discutir diversidades e/ou liberdades sexuais, foi preciso investir

em políticas ora institucionalizadas, ora completamente subversivas e reativas às formas de governança. Mesmo que aqueles coletivos não tivessem a princípio um projeto político definido, empreendemos um esforço para compreendê-los, uma vez que lutam contra modos de subjetivação hegemônicos, de sujeição e opressão, constituindo-se como possibilidades de emancipação para si e para outros que dialogam com eles.

Os encontros que tive no mestrado com as produções fictícias que versam sobre o tema das sexualidades dissidentes e das identidades sexuais e de gênero sob o ponto de vista da teoria *queer* despertaram o desejo de seguir adiante acompanhando (outras) invenções ficcionais e suas potências políticas.

O gosto e a curiosidade pelo que me foi apresentado na internet como “pornô feminista” me ativaram siriricas mentais. São produções como as da famosa diretora sueca Erika Lust, que apesar de realizar filmes “para mulheres” há mais de dez anos, só passou a existir para mim como possibilidade há poucos anos. Inclusive, neste ano a Netflix lançou um documentário *Girls turned on*, em que trata dos bastidores dos filmes dessa diretora e de outras. Esse tipo de filme, em que mulheres comuns, não atrizes, se dispõem a fazer sexo com um ator, com a intenção de parecer mais “real”, é sujeito a uma série de críticas feministas, às quais não vou me ater neste momento. O fato é que passei a “consumir” esse tipo de produção como algo pessoalmente excitante, mas também com a inquietação de psicóloga, na medida que fui me tornando pesquisadora do tema.

**Figura 2 – Montagem de fotos de divulgação da série de filmes *X Confessions*, de Erika Lust.**



Fonte: \_\_\_\_\_, ano.

Em meus “passeios virtuais”, cotidianamente me surgiam blogs, vídeos, festivais sobre o que me despertava interesse, mas não sabia se poderia chamar de pornografia feminista. Tratava-se da busca por conteúdos excitantes e que não sugerissem a reprodução das relações

hierárquicas e violentas de poder dentro de uma sociedade patriarcal (na minha condição como mulher cis, especialmente).

Em maio de 2015, no ano em que me submeti ao processo seletivo para o doutorado, e guiada por esses interesses, fomos – eu, Aída, Benedito e Jorge – a um evento intitulado “Monstruosas: Subpolíticas e Descolonialidades”, realizado no centro do Recife. Além de propor um título e cartazes intrigantes, a coletiva Distro Dysca, uma das organizadoras do evento, realizou uma chamada para produções audiovisuais. Dentre as selecionadas estavam uma série de vídeos inaugurados no ‘Pornífero Festival pós-pornô de Lima – Peru’ (que se tornou itinerante), com destaque para as produções brasileiras do Coletivo Coiote.

Bem, como espectadora, imaginei que encontraria sexo, excitação e orgasmos. Nada mal. Na chegada ao casarão no bairro do Recife Antigo, deparamo-nos com um corpo imóvel, ensacado, “morto” no canto da sala. Essa intervenção indicaria o desconforto que acompanharia todo o evento ao tom de existe um ‘elefante branco no canto da sala’. “Quanto pesa este corpo?” – faria referência aos “corpos que importam” da Judith Butler? Certamente. As projeções ao canto da sala emitiam gemidos. Vi um corpo perfurado por penas e queimado com velas, sendo cortado em suas costas. O sangue escorreu pela bunda da pessoa amarrada e de joelhos. Senti uma dor daquelas que dá uma ânsia de vômito.

A linguagem era de guerrilha, se o corpo, tantas vezes, é lugar de culpa e de festa, ali era apresentado como corpo(s) em guerra. Cus penetrados por objetos, cruzeiros e santas (as estátuas); um cu carrega o peso de tijolos. As performances/vídeos faziam mesmo o cu apertar! Um homem preto falava forte e alto no meio das pessoas, dizia coisas do amor e da guerra em um corpo preto. Dizia-se Exu e eu mesma, com pouca aproximação com as religiões de matriz africana, entendi em minhas lentes do cristianismo: é o demônio!! Atraída e com cautela, me aproximei do performer. Ele disse ‘Bate!’ Retruquei: ‘Oi?’ ‘Bate, porra!!!’, ele respondeu. Não tive coragem. Alguém se atreveu e lhe deu uns tapas na cara. Fiquei meio trêmula com a possibilidade de bater em alguém. Saí me sentindo um corpo-peso diante de tantos corpos-guerra.

Figura 3 - Cartaz de divulgação do evento “Monstruosas”.



Fonte: blog do evento, 2015.

Figura 4 – Cartaz divulgação do curso Kuir, com Jota Mombaça, durante o evento Monstruosas.



Fonte: blog do evento, 2015.

Essas experiências possibilitaram uma série de questionamentos que vieram a se transformar em problema de pesquisa. Ao menos durante os primeiros anos desta investigação (2015-2017), fui inspirada pelas leituras de Jaques Rancière (2005;2007), que havia utilizado como matriz de pensamento para discutir estéticas políticas no meu mestrado. Assim, as

primeiras inquietações se tornaram perguntas de pesquisa: quais são as configurações sensíveis que, situados em uma sociedade LGBTfóbica, machista, racista e gordofóbica, se alteram numa estética pós-pornô? Se o movimento nasce de uma militância política sexual, quais são os alargamentos políticos (im)possíveis nestas produções?

Antes mesmo da aprovação no programa de doutorado a rede pós-pornô se fez rizoma em nossos cotidianos. De maneira espontânea, busquei através de indicações de amigos, pessoas que produzissem lanches veganos para uma atividade. No percurso de uma carona descobri que aquelas pessoas que estavam me vendendo os lanches com a proposta de ser “alimento livre de exploração e sem cadáveres” eram também *performers* do coletivo coioite, que viriam a se tornar massa para minha (in)digestão.

Vale dizer que nesse momento ainda pensava o pós-pornô como um gênero cinematográfico e não entendia muito bem essa tecnologia de enunciação. Dentre os caminhos e eventos percorridos desde a aprovação no PPGPsi houve alguns “pontos críticos” em que essa rede (em construção) se ramificou. Aparentemente, a necessidade de se falar em produções e consumo de uma pornografia livre de opressões e ao mesmo tempo combativa à hetero-cisnormatividade se tornou pauta.

Propomos nesta tese a construção de uma narrativa cartográfica, onde buscamos acompanhar e compreender as práticas pós-pornográficas ou de dissidência pornográfica vivenciadas territorialmente a partir do Recife, em Pernambuco, e a partir de desterritorializações espaciais e virtuais. Nossa pergunta de pesquisa, ao contrário da lógica linear que se pretende construir em uma pesquisa onde o(a) pesquisador(a) retoricamente faz o leitor pensar que esta é anterior a qualquer outro processo, surge e se reinventa no meio dela mesma.

A aventura seguinte que o campo-tema me proporcionou foi morar um ano na cidade de Barcelona. Cada deslocamento territorial vivido me possibilitou contar e recontar os objetivos desta pesquisa. Recordo que ao tentar explicar a um aluno intercambista francês sobre o que tratava minha tese, fiz uma breve síntese do movimento pós-pornô em Barcelona e na América Latina, citando performances, vídeos etc. Seguimos caminhando, eu tinha a impressão que nosso “franco-portu-nhol” não havia comunicado tudo o que queria. Ele comentou: “parece interessante. Mas, como isso afeta a vida normal das pessoas?” Logo pensei: “será que ele não queria perguntar como isso afeta a vida de pessoas normais?”

Ao lado dessas perguntas, ou a partir delas, poderíamos criar tantas outras que nos serviriam como artilharia intelectual para seguir estudando e escrevendo. Ao assumir uma identidade profissional mista como pesquisadora, professora, psicoterapeuta, militante, os questionamentos são igualmente impuros e feitos a partir desses nexos de possibilidades. Como a psicologia, enquanto disciplina, trabalha para construir uma noção de normalidade sexual? Historicamente, as identidades sexuais e de gênero foram constructos usados para (a)normalizar e (des)patologizar pessoas, assim que com todo o debate pós-identitário ainda é válido o questionamento: Como manejam se estas identidades e como (des)articulam com os movimentos políticos LGBTI ou *Queer*? Um movimento artístico pode ter efeitos políticos a partir de uma estética?

Foi a partir dessas perguntas, forjadas na cotidianidade e no “entre” da pesquisa, que elaboramos objetivos provisórios, úteis para seguir pesquisando. Durante alguns anos (entre 2017-2019) perseguimos um objetivo geral que foi: acompanhar o movimento auto-intitulado de pós-pornografias/ pornografias dissidentes no Brasil e como este se relaciona com os conceitos de sexualidades e identidades (a)normais. Para isso, traçamos vetores específicos: 1) um mapeamento de artistas, eventos, músicas, produtos audiovisuais, instalações e performances que trabalham a partir de uma perspectiva pós-pornográfica de dissidência sexual e de gênero; 2) acompanhar as produções estéticas e linguísticas de corpos-atores (humanos e não humanos) na construção de (des)identidades e (contra)sexualidades; 3) construir narrativas que situem as pornografias dissidentes como (des)articulação política (LGBTI e/ou *Queer*) na América Latina.

Como estratégia metodológica de transparência e que subverte as lógicas de causa e efeito, assumimos que os resultados desta pesquisa foram o abandono das perguntas e objetivos iniciais. A partir da inspiração em uma escrita cartográfica (DELEUZE e GUATTARI, 2000), construímos esta escritura de tese como uma espécie de “passeio” pelo “campo-tema” (SPINK 2003), linearmente ou anacronicamente, como forma de não só contextualizar, mas promover uma experiência aos leitores(as) emprestando uma narrativa sobre minhas próprias experiências e percursos. Assim que, como objetivo último, desejamos que as realidades-ficções apresentadas a seguir promovam algum deslocamento dos sentidos de prazer (sexuais, intelectuais e alimentícios), que possibilitem às leitoras perceber-se como corpos- potência parte da revolução contrassexual.

Dito isto, elaboramos ao final de tudo outra versão dos objetivos que foram possíveis alcançar na pesquisa. O objetivo geral: Construir uma pornocartografia (DIY- faça você mesmo) encarnada. Dentro dele, os seguintes objetivos específicos tomaram contorno: 1) acompanhar o movimento auto-intitulado pós-pornográfico/dissidente/desviante em Recife – PE (Brasil) como ponto de partida para seguir outras desterritorializações (fisicamente e virtualmente), 2) analisar como este movimento se relaciona com as noções de carnes/corpos, sexualidades, identidades e subjetividades (a)normais, 3) nomear e argumentar estas ações no campo da micropolítica. No decorrer dos capítulos buscamos desenvolver as razões destas mudanças em direção a autoanálises.

## 1.1 Organização dos Capítulos

O capítulo inicial da tese é uma revisão histórica conceitual sobre as pós-pornografias ou o que pode ser entendida como pornografia dissidente, o qual vem sendo escrito desde os primeiros anos no Programa de Pós-graduação em Psicologia, antes mesmo da qualificação. Aquilo que seria uma revisão de literatura sobre o campo, tema e objetos de estudo ganha uma proporção mais complexa a cada ano da pesquisa. Uma vez que o próprio termo “pós-pornografia” está em disputa e ganha diferentes sentidos e nuances a depender do seu contexto, tal fato implica ser necessário posicionar-se e defender uma versão desse conceito. De forma breve, esse processo para pelas definições de pornografia, do pornô, do erotismo e das pornografias dissidentes, das pornochanchadas e das pós-pornografias. Fazer parte do “Instituto de Estudios del Porno de Barcelona” foi fundamental para colocar as versões históricas deste movimento em perspectiva, com o acesso a textos históricos que não seriam identificados em uma revisão de literatura tradicional.

De forma semelhante, o capítulo metodológico vem sendo (re)construído até o último momento da defesa desta tese. Partimos da ideia inicial de realizar uma cartografia (Deleuze e Guattari, 2001) que incluísse todos os percursos corporais e virtuais da pesquisadora. Demarcamos junto às epistemologias feministas, que esta é uma pesquisa corporificada, que busca produzir um conhecimento parcial, provisório e situado (Haraway, 1995). No decorrer da investigação, nos aproximamos de metodologias *queer* e pós-pornográficas (Egaña, 2015), que reordenaram a forma de escrita e o posicionamento na pesquisa. O período de intercâmbio na Universitat Autònoma de Barcelona abriu portas teóricas a partir de referências catedráticas do construcionismo social e dos pós-construcionismos. Foi assim que a teoria ator-rede (Latour, 2001) foi incorporada à pesquisa como lente de análise que permitiu complexificar a análise, com base no uso das ferramentas metodológicas anteriores.

Sendo este trabalho decididamente uma pesquisa feminista, buscamos situar no terceiro capítulo, os feminismos a partir dos quais estamos nos posicionando. Ao mesmo tempo em que acessamos feminismos decoloniais e o transfeminismo a partir da própria rede pós-pornográfica. Assim que os feminismos estão presentes no escopo teórico das(os) pesquisadoras(es) e especialmente na matriz de pensamento político da rede com quem nos propusemos estudar. De forma que, realizamos um esforço junto a outras autoras em conectar as teorias feministas com a teoria *queer* sob a nomeação de transfeminismo. Embora não resolva todas as críticas, expomos neste capítulo alguns destes processos e embates das feministas pró-sexo e as atualmente se auto denominam feministas radicais.

Os últimos dois capítulos representam a parcela analítica desta tese em que construímos um teaser –teoria para elucidar alguns conceitos utilizados na construção das micro-cenas e análises do capítulo seguinte. Nele discutimos as noções de (a)normalidade sexual, identitária e psíquica, a emergência do farmacopoder de Paul Preciado (2019) e relacionamos as noções de subjetividades captadas pelo inconsciente capitalístico colonial e as insurgências micropolíticas do desejo de Suely Rolnik (2019) a partir dos artistas, expectadores e do material produzido na pós-pornografia.

Consideramos este o capítulo central da pesquisa, uma vez que aglutina as reflexões teóricas, metodológicas e analíticas. O que seria um capítulo analítico (que prevê um analista externo sobre algo) se torna uma narrativa auto-analítica e performativa. O formato de diário encontra apoio estético em algumas escritoras pós-pornográficas e além de reunir informações visuais, escritas – tais como fotos, vídeos, conversas e notícias midiáticas –, se propõe a realizar uma descrição pessoal sobre como as práticas pós-pornográficas produzem afetações no corpo da pesquisadora e nas pessoas que diretamente ou indiretamente se relacionam com ela.

Breves comentários conclusivos. O relato de uma experiência de “porn revange”, que inspirou parte do vídeo pornô (DIY), realizado com materiais produzidos durante o doutorado, a princípio sem objetivo de divulgação ou transformação em conteúdo “pornográfico”. Já era pornô antes da edição e da divulgação? Ou meus “nudes” pessoais irão me transformar em uma “estrela pornô” somente depois da banca de defesa em que o vídeo será apresentado?

## **2 PORNÔ, PORNÔ FEMINISTA, PÓS-PORNÔ E OU PORNOGRAFIAS DISSIDENTES**

No ano em que entrei no programa de doutorado (2016), entre as disciplinas obrigatórias, cursamos Seminário de Teses, onde construímos melhor o problema e objetivos da pesquisa a partir de uma revisão de literatura. Já que no GEMA realizamos quase anualmente densas revisões bibliográficas sobre determinados temas de pesquisa como: as Paradas da Diversidade no Brasil, estudos sobre paternidade no Brasil, serviços de atendimento psicológico para pessoas LGBT. Segui o “passo a passo” de busca nos bancos de dados mais usados, tais como o Scielo, Portal de Periódicos da CAPES e o Banco de Dados de Teses e Dissertações – BDTD.

Iniciei a busca com os descritores “pós-pornografia” e/ou “pós-pornô”. Os resultados foram quase nulos em todas as fontes, a não ser pelo Banco de Periódicos CAPES que encontrou duas produções que tinham a palavra “pós-pornô” em seus resumos. Em março de 2016 havia encontrado apenas dois artigos em português, que se localizam dentro do debate dos estudos Feministas. A própria eleição dos descritores neste momento era fruto do meu interesse inicial de investigação que era o movimento pós pornô no Brasil e suas nuances particulares.

Em meados de 2017, seguindo informações contundentes do campo-tema que apontavam pornografia feminista e pornografia dissidente como relacionadas ao pós-pornô e às vezes compreendidas como sinônimos, decidi repetir os mesmos passos, mas desta vez adicionando descritores como “pornografia” e “feminista”, “pornografia” e “dissidente”, que resultaram em um material mais amplo. Pornografia feminista é um tema que aparece de forma mais recorrente em distintas áreas de conhecimento. Vale ressaltar que abranger a busca apenas com o descritor “pornografia”, mudaria completamente o cenário e levaria a produções muito distantes do interesse central da pesquisa.

A descrição acima faz parte de um horizonte geral que temos com esta pesquisa que é explicitar os processos lineares e anacrônicos que envolvem a construção de conhecimento. As mudanças de “rotas”, parte de qualquer pesquisa, desejo explicitá-las nesta escrita. Seja como parte das transformações metodológicas que sofreu, seja porque esta seja uma pesquisa teoricamente e “territorialmente” heterogênea ou pelo motivo de ser eu, a pessoa que

prioritariamente escreve este texto, uma pessoa igualmente heterogênea, que padece de reconfigurações intelectuais constantes e por isso deseja visualizar as diversas “eu” pesquisadora implicada nesta investigação nos últimos quatro anos (escrevo como se este texto fora escrito justo o final dos quatro anos, o que sabemos ser apenas um jogo retórico de inteligibilidade).

Este capítulo destinado ao levantamento de literatura neste tema, ao contrário do que pode parecer, não é escrito ao início da pesquisa. Pelo contrário, se reconfigura e se expande durante todo período de sua elaboração. Assim que simultaneamente às buscas na base de dados conheci actantes-chave, no sentido que foram para mim claves na aberturas de códigos de conhecimento. Estas actantes foram pessoas atrizes, eventos, filmes, performances, blogs e toda espécie de @perfis virtuais.

Em um dos primeiros encontros que tive com duas das performers do Coletivo Coiote, ao perceber que uma delas era estrangeira ao tema: quem vocês acham que eu deveria ler para me aproximar desse movimento de sexualidade dissidente que se autodenomina pós pornô no Brasil? Primeiro, a resposta indica que não se pode pensar as produções e artistas brasileiras sem reconhecer suas conexões com o que é produzido na América Latina. Além disso, por se configurarem uma espécie de meta-pornografia, com traços decoloniais, essas produções marcam gestos de reação ao conceito de pornografia *maistream* e ao próprio pós-pornô norte americano e europeu. Não seria pensar sobre elas sem estas intersecções.

Por outro lado, a indicação de leituras caminha pelos sentidos de reconhecimento e afirmatividade de textos escritos pelas pessoas que são protagonistas deste movimento. Aqui, me refiro a performers, artistas, acadêmicos/as, dissidentes sexuais e de gênero, pessoas trans, pretos e pretas periféricas, que talvez não caíssem na “malha fina” da pesquisa acadêmica. Segui, portanto, prioritariamente na leitura de alguns nomes indicados (nomes que usam em publicações de livros independentes ou publicações acadêmicas, seguido de seus nomes como performers artísticos): Jota Mombaça – Monstrx Erraticx, Pêdra Costa – Solange tô aberta, Constanza Alvarez – Missógina e o próprio Coletivo Coiote, que assina textos produzidos de forma coletiva, mais afinados com o pirateamento de idéias e sem compromisso com a academia.

A partir dessas leituras, fui costurando trajetórias narrativas para o campo-tema da minha pesquisa, conectando com a revisão de literatura na medida das possibilidades. Duas teses de doutorado me acompanharam: a de Raíssa Elis Grimm e a de Lúcia Egaña Rojas.

Ambas tematizam o pós-pornô, respectivamente, nos campos da psicologia e das artes e chegaram ao meu conhecimento via rede de pesquisa Fractalidades de la Investigación Crítica da Universidad Autónoma de Barcelona.

A leitura desses trabalhos nos orientou a não fazer uma análise da pornografia, sua produção, seus sujeitos e seu consumo. Isto nos exigiria seguir por outros caminhos de estudo. Assim, buscamos elucidar como o pós-pornô e as pornografias dissidentes produzem possibilidades enunciativas, afetivas e biopolíticas, em trincheira com o que é denominado pornô e/ou pornográfico. Realizamos, segundo Lucía Egaña (2016), uma espécie de passeio (como uma versão possível que não se pretende verdadeira) entre o que se compreende por pornografia tradicional – ou seja, industrializada, com *copyright*, com objetivo de obtenção de lucro, baseada em uma divisão binária de sexo-gênero e hierarquização de papéis –, até o que chamamos de produções post pornográficas – autogestionada, doméstica, com licenças livres, crítica, desorientada em relação ao gênero e com vistas à transformação social.

## 2.1 Sentidos em disputa sobre (porno)grafia

De toda a tese este é o capítulo que mais foi reescrito cronologicamente a partir de novas publicações ou descobertas de textos que estavam no “ponto cego” das nossas buscas iniciais. Iniciamos esse breve passeio histórico abordando a origem da palavra pornografia e como ela se transformou naquilo que entendemos atualmente como pornográfico.

Alguns textos que acessamos nas primeiras buscas realizadas já haviam apontado a origem etimológica da palavra pornografia a partir de dois termos gregos: *porné*, relativo à prostituta ou à prostituição, e *graphien*, que pode designar escrita e/ou pintura. Assim, a rigor, a pornografia seria a escrita/pintura das prostitutas (LEITE JR, 2009; MAINGUENEAU, 2010; SARMET, 2014). Contudo, encontramos uma genealogia do termo mais completa e contundente a partir de dois textos de Paul Preciado (2010; 2018) que, além de dados históricos remotos, nos oferece uma análise contemporânea sobre os diferentes discursos em que a noção de pornografia emerge na modernidade.

Ele retoma um estudo de Walter Kendrick, realizado em 1987, intitulado *The Secret Museum*. Neste estudo, ele data a noção de pornografia a partir das línguas vernáculas europeias modernas, entre 1755 e 1857, com o descobrimento da ruína de Pompéia e a exumação de um conjunto de imagens e esculturas.

A escavação arqueológica das cidades enterradas abaixo do Vesúvio descobriu imagens e esculturas de corpos animais e humanos nus e enlaçados, e também inúmeros pênis grandes demais que não estavam, como se pensou em um primeiro momento, reservados aos prostíbulos ou às câmaras nupciais, mas que estavam dispersos por toda a cidade de Pompéia. As autoridades (o governo de Carlos III de Bourbon) decidem então selecionar certas imagens, esculturas e objetos, e formam com eles a coleção secreta do museu bourbônico de Nápoles, conhecida também como Museu Secreto. De acordo com um decreto real, somente os homens aristocratas – nem as mulheres, nem as crianças e nem as classes populares – poderiam acessar a esse espaço (PRECIADO, 2018 p. 25-26).

A palavra pornografia aparece nesse contexto museístico pela mão de um historiador da arte alemã, C. O. Müller, que, reclamando a raiz grega da palavra (porno-grafei: pintura das prostitutas, escrita da vida das prostitutas), denomina os conteúdos do Museu Secreto como pornográficos. Assim, em inglês, a definição de 1864 da “pornografia”, do Dicionário Webster, não é outra que ‘aquelas pinturas obscenas utilizadas para decorar os muros das habitações de Pompéia, cujos exemplos se encontram no Museu Secreto’ (PRECIADO, 2018, p. 27).

Preciado (2018) nos oferta uma análise sobre a construção política do olhar e sobre como foi construída uma hegemonia político-visual ou político-orgásmica por oposição àqueles corpos que devem ter seus olhares e sexualidades controlados. As categorias como infância, feminilidade e classes populares ganham um sentido particular nesse contexto de proibição do olhar no Museu Secreto.

Dando desenvolvimento ao uso e definições para a palavra pornografia apresentados por Preciado (2018), ela aparece nos dicionários europeus em torno de 1840-50 com o seguinte significado:

Descrição da prostituição e da vida das prostitutas na cidade como uma questão de higiene pública. A pornografia nomeia o conjunto de medidas higiênicas implantadas por urbanistas, pelas forças policiais e sanitárias para gerir a atividade sexual no espaço público, regulando a oferta de serviços sexuais e ‘a presença de mulheres solitárias’, mas também ‘o lixo, os animais mortos ou outras carniças’, esgotos, urinas, tubulações, construções de calçadas e escoadouros, prostitutas e meliantes nas ruas das cidades de Paris e Londres (PRECIADO, 2018, p. 30).

A pergunta que guia a análise desta genealogia elaborada pelo autor, e que se articula com os objetivos da nossa pesquisa, é: como funciona a pornografia dentro dos mecanismos políticos de normalização do corpo e do olhar na cidade moderna? A partir dela seguiremos o surgimento do cinema e da fotografia como aparatos técnicos de intensificação do olhar até a atualidade.

A própria aparição dos primeiros filmes denominados *stag films* (filmes para solteiros), *blue movies* ou *smokers* marca um estado embrionário da pornografia no sec. XX. Esses filmes tinham curta duração, mudos e em preto e branco, e neles apareciam corpos nus, contato físico, atividade genital com penetrações vaginais. Tais materiais eram também de uso

exclusivo da população masculina, o que reitera o distanciamento das mulheres das técnicas audiovisuais masturbatórias femininas até os anos 70 de maneira oficial e legal (PRECIADO, 2018).

Esta distância pode ser comparada à exclusão das mulheres do Museu Secreto, da rua, do comércio sexual, constitutiva da construção do espaço público como um espaço masculino e branco, cuja duração se estende até meados do século XX. A redução da esfera de recepção da pornografia em termos de gênero nos levará a uma situação curiosa para análise, que é a criação de um contexto homoerótico para os espectadores.

Em continuidade a esta (re)definição histórica, Érica Sarmet (2004) nos aponta um panorama sobre a pornografia, tal como a conhecemos hoje, construída por um processo de disputas entre discursos de liberdade e censura, nos processos formadores da própria modernidade. Sua concepção nem sempre priorizou a visualização de práticas e órgãos sexuais para estimular o prazer. Entre os séculos XVI e XVIII, por exemplo, panfletos com imagens de atos sexuais eram uma forma de utilizar o sexo para promover críticas e oposição a aristocracia e ao clero.

As leis modernas de regulamentação e coerção da pornografia, permeadas por uma noção de moral burguesa que legitimava a censura em nome da "decência", só seriam formadas no início do século XIX, momento em que a pornografia passou a ser encarada como uma categoria específica. Ainda que em meados do século XVIII a pornografia já estivesse caminhando em direção a um modelo de produção e representação semelhante ao que temos hoje, distanciando-se cada vez mais das críticas à Igreja e ao Estado e aproximando-se de um caráter mais comercial, nesse período essas distinções de objetivos ainda não estavam claramente demarcadas (SARMET, 2014).

Dentre um dos campos de tensão para a constituição deste conceito ( em disputa até hoje) o embate entre os discursos divergentes sobre sexo e suas práticas ao longo da história estão no centro dessa discussão. Em 1969, a Suprema Corte dos Estados Unidos tomou uma decisão que ampliou legalmente o direito à privacidade no país, ao instituir, legalmente, que as pessoas poderiam ver o que quisessem na privacidade de seus lares. A essa decisão sucedeu-se a criação de uma comissão específica sobre pornografia e obscenidade no Congresso, e da President's Commission on Obscenity and Pornography, que apesar de moralista, legitimou o consumo da pornografia (DUARTE, 2014).

Evidentemente, esse abrandamento das leis de controle e censura da pornografia não pode ser isolado do contexto sociocultural de clamor por mudanças do final dos anos 1960, em que a reivindicação por uma maior flexibilização dos parâmetros culturais definidos sobre corpo, sexualidade, indivíduo e liberdade de expressão contribuíram para o *boom* cinematográfico da pornografia. Apesar disso, os paradoxos se mantiveram em torno de seu status enquanto ativismo político. Os movimentos pró-pornografia e anti-pornografia tensionavam uma rede de discursos sobre a sexualidade, e tanto conservadores como liberais e até mesmo no feminismo (até os dias atuais como discutiremos no capítulo sobre feminismos).

Para Jorge Leite Júnior (2012), estudioso do tema, a pornografia é uma maneira de classificar e ordenar certas produções culturais concernentes à sexualidade. Dessa forma, ela está diretamente relacionada com as idéias referentes a um momento histórico. Suas formas e conteúdos sofrem influência, se transformam e, de certo modo, se adaptam ao contexto em que estão inseridos.

Até poucos anos atrás, conseguimos lembrar que a pornografia era concentrada em livros e revistas e ao longo do tempo passou por diversas alterações. A passagem do regime impresso para o regime audiovisual representa uma enorme transformação sobre a produção da pornografia, seu consumo e até mesmo uma reformulação do seu conceito.

A partir dos anos 1960, literatura pornográfica passa a ser tolerada e possuir um lugar social: o “*sex-shop*”. Desse modo, ela se torna mais um dos produtos a serem comercializados nesse espaço. Seus livros investem em fotografias, desenhos que ilustra, atos sexuais e ainda assim, a escrita pornográfica parece ter pouco poder de excitação. De fato, o que deteve o domínio dessa categoria foi a produção pornográfica audiovisual de massa, com salas de cinema especializadas. Nos anos 1970, a possibilidade de assistir o material pornográfico na residência, com as fitas de vídeo, acarretou numa grande modificação na estrutura da pornografia: o pornô.

Conforme atesta Maingueneau (2010), se no período em que preponderava o regime impresso, a pornografia teve uma influência enorme na construção de uma identidade sexual. Porém, o pornô permitiu acessibilidade aos conteúdos pornográficos em diversos espaços que possibilitavam fruição com discrição, e isso fez com que fosse considerado um dos mais fortes materiais de referência sexual. Foi nos anos 1970 que os filmes pornográficos passaram

a ser exibidos em salas comerciais e assim se adaptam ao fluxo capitalista, em escalas industriais de produção.

Mais tarde, em seu livro *Pornotopia: arquitectura y sexualidade en Playboy durante la guerra fria*, Paul Preciado define pornografia como “[...] uma representação da sexualidade que aspira a controlar a resposta sexual do observador” (PRECIADO, 2010, p. 141). Ele aponta a pornografia como um dispositivo virtual (literário, audiovisual e cibernético), cujo objetivo é a masturbação. Esta autora reflete sobre como este sistema tem a capacidade de estimular o espectador, mas trata-se de uma estimulação que se produz independentemente da própria vontade e dos mecanismos que governam a produção do próprio prazer.

Para Felipe Rivas (2008), o pornô como gênero cinematográfico trabalha sempre sobre a mesma representação: a do coito. Reitera repetidamente a mesma ritualidade sexual: penetração, ejaculação e orgasmo. Essa representação responde à concepção da sexualidade heteronormativa e coitocentrada, onde as genitálias são a única zona erógena do corpo. O pornô encena, reforça e normaliza; funciona como uma tecnologia do sexo que constrói uma representação que se naturaliza a partir de um recorte do corpo e do sexo. A sexualidade se transforma em genitalidade, tida como único horizonte possível de sentido e exploração. Os órgãos reprodutivos transformam-se em órgão sexuais, em zonas hegemônicas de prazer.

Para o coletivo Coiote (2015), em uma versão mais crítica e contemporânea, a pornografia seria a inscrição do pornô em diversas linguagens de comunicação, por meio de plataformas como jornais, revistas e canais audiovisuais. Através dessas inscrições, o pornô seria a ferramenta principal de nossa educação sexual. Assim, a cultura hegemônica encontraria na pornografia o campo para formalizar o que seria uma vida saudável que se faz com corpos brancos, magros, heterossexuais e em “perfeita” forma. Uma vez que a moral cristã culpabiliza nossa sexualidade e nos proíbe de falar sobre o sexo, em suas particularidades de prazer, cabe à pornografia cristalizar o que se entende por ato sexual na modernidade.

Mas, sendo a pornografia a inscrição do pornô em nossos processos de constituição identitária de sexo e gênero, em nossas percepções corporais e nas construções subjetivas de prazer e sexualidade. O que seria o pornô em si? Tendo em vista que, repito, esse é um termo em disputa retórica, elas apontam uma compreensão do pornô no ensaio: *Masturbação Mental – coiote ensaia sobre pós-pornô*<sup>3</sup>, para assim desconstruir ou apresentar sua própria versão do

<sup>3</sup> Texto lido na III Semana LGBT da Faculdade de Direito do Recife no painel denominado *Indústria Pornográfica e Opressão LGBT*, realizada pelo Diretório Acadêmico do curso em setembro de 2016

pós-pornô. A partir de então encontraríamos o ato pornô, ou seja, o pornô como um ato regido por códigos formais. A partir da percepção de seus códigos e da reprodução destes códigos em nossas vivências – ou seja, o pornô convencional dirigindo nossas vivências sexuadas.

O pornô vem inscrever em nossos corpos os códigos fechados da hegemonia sobre desejo sexual, que orientam quais seriam os usos corretos e incorretos de nossas genitálias, os momentos adequados para a nudez, como devem acontecer as relações sexuais e entre quais corpos e como será construído nossos afetos sexuais. Desejos heteros, uso biologizante de nossas genitálias, nudez moralizada, relações opressoras de sexuação e relações sexo-afetivas abusivas para determinados sujeitos. Assim se faz o pornô em nossas existências.

Para Engaña (2016), o pornô se interessa em marcar os discursos realistas ou naturalizantes, essencialistas ou verdadeiros em torno da pornografia e expressam posições ideológicas que entendem a pornografia como algo mais material-real que representativo-ficcional, estabelecendo um binômio que circunda o conceito de pornô até hoje, que é o de realidade x representação.

O ato sexual apresentado pela pornografia, ainda que explícito e concreto, parece antinatural, apesar de os filmes pornográficos se utilizarem de estratégias para garantir veracidade e credibilidade aos acontecimentos representados como um duplicado da realidade. Assim, os discursos em torno da pornografia que a constroem como verdade constituem, eles mesmos, determinados interesses políticos.

Lucía Engañas (2016) realiza em sua tese doutoral uma revisão de três filmes norte-americanos considerados clássicos da pornografia. Através desses exemplos, esmiúça os mecanismos de produção de gênero e as técnicas de representatividade sexual do pornô *mainstream* que podem se relacionar com algumas das categorias citadas pelo manifesto do Coletivo Coiote. Em um breve resumo quero retomar suas análises de forma a desenvolver posteriormente analogias a *la brasileira* sobre nossas produções.

“*Atrás da porta verde*”, dirigido por Artie e Jim Mitchel (1972), conta a história de uma mulher que sequestrada e forçada a fazer sexo com diversas pessoas, homens e mulheres. A estas especificamente reage de forma aparentemente prazerosa. A relação central se dá entre ela e um homem negro, que resulta em uma longa cena de ejaculação, editada em

---

e publicado na *fanpage* do Coletivo Coiote no Facebook, Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B1Iz8wdfxuqgQ25zTXIwZ043SFE/view>. Acesso: 18 de dezembro de 2022.

câmera lenta e repetições psicodélicas: o triunfante “*cum shot*”. Existem dois pontos a serem analisados aí: o primeiro é que este filme parece preconizar uma idéia de que as mulheres sentem algum prazer em serem raptadas e estupradas (em um filme recente espanhol chamado *Kiki* (2016), uma das protagonistas tem uma patologia chamada harpaxofilia que envolve esse tipo de violência, inclusive, sente orgasmo instantâneo na situação do rapto ou roubo). O segundo é sobre o “*cum shot*”, close up da ejaculação masculina. Ápice dos filmes pornô, o esperma à mostra é apresentado como prova de realidade. Associado aos rostos femininos de prazer dá a entender que quando ejacula um homem, goza uma mulher. Essa é uma fórmula que permanece presente em décadas de pornografia cinematográfica.

“*O diabo na senhora Jones*”, de Gerard Damiano, (1973) narra a história de Justine Jones, uma mulher madura que se suicida. Assim, para redimir-se do pecado do suicídio, pratica sexo de forma intensa entre o limbo, o céu e o inferno. A conclusão está baseada em que as mulheres deveriam se redimir ou fazer a vida valer a pena por meio do sexo. Ainda que pareça uma narrativa de autonomia da protagonista, o foco está nos falos que terá para sempre na vida eterna.

“*Garganta Profunda*” (1973), do mesmo diretor, é dos mais famosos filmes pornô, protagonizado pela igualmente famosa Linda Lovelace. Sua história parte do absurdo de uma mulher que não tem orgasmos porque seu clitóris não está onde deveria estar. Após uma constatação médica descobre que seu ponto de prazer está em sua garganta. Com o pretexto de alcançar a satisfação feminina, o filme cria uma espécie de cartilha para um bom sexo oral em um pênis. E associa a ideia de que o clímax se dá com o *cumshot*, uma combinação de ejaculação com rostos femininos de prazer. A biografia de Linda Lovelace ganhou um filme chamado *Lovelace*, dirigido por Rob Epstein e Jeffrey Friedman (2013), uma produção estado-unidense em que trata de demonstrar a fama que conquistou com *Garganta Profunda* em paralelo à violência que sofria por parte do marido. A produção tematiza os abusos do meio pornográfico, desmistificando a áurea de mulher sexualmente livre que conquistou Linda no campo midiático.

A pesquisadora Laura Milano (2014), pesquisadora contemporânea e realizadora de pornografias dissidentes de Buenos Aires, constrói um argumento da pornografia como uma espécie de pedagogia ortopédica e ao mesmo tempo de alimento “*fastfood*”.

La experiencia que otorga la pornografía no implica un acercamiento a la liberación o revolución de las sexualidades, sino que está mucho más cerca de los discursos educadores de la institución escolar. El porno ingresa en ese conjunto de discursos-saberes inmersos en el dispositivo de sexualidad y que son dispositivos productores

de verdad bajo cierto orden social/sexual. El espectador deviene en consumidor al exigir la eficacia del producto cultural que compra (recordemos que el acceso a la pornografía muchas veces está habilitado para quienes pagan por ella). Esta eficacia debe estar en relación directa con la velocidad, la inmediatez del consumo y la efectividad en el resultado, como si el porno fuera un producto de fast food sexual... La porno-comida alimenta día a día el imaginario sobre la sexualidad de miles de sujetos que la consumen por todos los medios, y acostumbra los paladares como si no hubiera otros sabores diferentes (MILANO, 2014, p.39).

O pornô, assim, tem função de ensinar, reforçar as normas e normalizar a sexualidade. Reproduz a ordem heterossexual dominante e como tal, contribui para a produção de corpos inteligíveis. Na pedagogia sexual inteligível, ela cria práticas, regiões corporais, identidades e sabores orgâsmicos “normais” para as pessoas.

Interessa-nos aqui criar uma narrativa (dentre as tantas possíveis) sobre o pornô com suas particularidades de produção e consumo brasileiro. Ao abrir a caixa de Pandora que é o campo-tema desta tese, ou seja, cada pessoa a quem anuncio o tema da minha pesquisa me abre uma janela nova com *links* de acesso a filmes, a exemplo de *Torrents*, *Popcorn*, *Netflix* que desejo fazer ecoar para as leitoras.

### 2.1.1 Pornochanchada: Pornografia a la brasileira

Por que é difícil encontrar informações acerca dessas práticas e narrativas? Por que temos muito mais informação sobre as ditas ‘subculturas’ daquele velho primeiro mundo, do que daquelas histórias que aconteceram e estão acontecendo ao nosso lado, em nós? Por que nossas ficções subversivas e realidades liberadoras são invisíveis? O que essa invisibilidade nos diz hoje? A quem interessa tudo isso? E o que essas práticas e narrativas subalternizadas incendiárias podem provocar? Sabemos que o projeto colonial trabalha com o esquecimento, por isso a questão da memória é fundamental nas questões pós-coloniais. Reviver, refazer e recriar a memória é uma resistência! (COSTA e NOGUEIRA, 2014<sup>4</sup>).

Em uma produção pirata, ou seja, sem ISBN, Pêdra Costa encabeça um editorial pós-pornô no blog *medium* e nele apresenta artigos sobre as diferentes influências que recebeu esse movimento, desde a pornochanchada até as atuais produções do coletivo coiole. O “pornochanchada” como estilo e gênero cinematográfico merece atenção no contexto da do imaginário sexual brasileiro. Quando era adolescente, escutava vez ou outra que o cinema brasileiro não tinha qualidade, que tudo o que era exibido na Tv brasileira era “pornochanchada”.

Para Maria Eduarda Ramos<sup>5</sup> conceito de *pornochanchada* vem da do gênero cinematográfico conhecido como chanchada italiana, que com um toque de sexo explícito

<sup>4</sup> Exposição realizada na 6<sup>a</sup> *Muestra Marrana*, em Barcelona, 2013. Disponível na edição *online* da Revista Rosa sobre Pós-Pornô com “copyright” [é copyfight mesmo ou copyright?]: <https://medium.com/revista-rosa-5/da-pornochanchada-ao-pos-porno-terrorismo-no-brasil-das-cangaceiras-eroticas-ao-coletivo-coiole-f0f4ab92836>. Acesso em 15 de abril de 2019.

oferece uma paródia daquele comportamento conservador com relação às sexualidades e aos gêneros esperados pelo regime militar no auge da ditadura. A pornochanchada com sua marca cômica era uma espécie de fratura no contexto da ditadura e de censura, onde o riso funcionava como porta de entrada para o tesão. São produções datadas entre 1960 e 1980 que faziam parte de uma “revolução sexual” brasileira e internacional e, por outra parte, se fazia isso com muitos preconceitos machistas, heteronormativos, homofóbicos, transfóbicos e racistas explorando a imagem das mulheres como objetos sexuais.

Existem exemplos que de tão famosos continuam povoando o imaginário social e ganhando novas versões e adaptações, caso de *Dona Flor e seus dois maridos*, dirigida por Bruno Barreto (1976), que confronta o imaginário machista da relação monogâmica e exclusiva (da mulher casada). Pessoalmente, essa é minha primeira lembrança de assistir uma pornochanchada na televisão aberta. Além do corpo escultural de Sônia Braga, tenho na memória o corpo nu de José Wilker, talvez porque o nu masculino não seja tão banal como os seios de uma mulher, como ainda se nota atualmente. Cultura resultante de objetificação e mercantilização dos corpos femininos.

Maria Eduarda Ramos (2014) apresenta uma sinopse de alguns filmes relevantes para esta análise, no que diz respeito às desconstruções de papéis sociais, de gênero e sexualidade. *A Dama da Lotação*, de Neville de Almeida (1978), baseado na obra de Nelson Rodrigues, conta a história de uma esposa rica, infeliz, que descobre sua felicidade em manter relações sexuais com desconhecidos que encontra na lotação/ônibus. O desejo sexual e a vontade de não estar em seu espaço de esposa representam a luta por uma liberdade sexual contra a sociedade burguesa católica. Contudo, é contida e explicada através da psicanálise e dos traumas individuais e não de uma resistência à sociedade machista. Quando o marido descobre a vida que sua esposa leva, morre em vida, passa a viver deitado como morto, mostrando o peso de não ter a esposa fiel, recatada e caseira que deveria ter. Assim, esse filme permanece em uma narrativa heteronormativa e aproveita as cenas de sexo da personagem para exibir o corpo da atriz Sônia Braga.

*Vereda Tropical* é um curta-metragem de Joaquim Pedro de Andrade integra a coletânea *Contos Eróticos* (1977)<sup>6</sup>. Apesar de ter sido censurado e retirado do filme na época.

<sup>5</sup> Guia de pornochanchadas com iniciativas de resistência. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-5/guia-de-pornochanchadas-com-iniciativas-de-resistencia-4029cb5d45cc>. Acesso em 29 de janeiro de 2021.

<sup>6</sup> Cada filme é dirigido por um diretor diferente: Eduardo Escorel, Roberto Santos, Joaquim Pedro de Andrade e Roberto Palmari. O diretor geral é o Escorel (PINTO, 2007).

Esse curta narra a história de um professor que tem relações sexuais com melancias e outras frutas e verduras. Ele conta suas experiências para uma amiga que, ao final, também quer experimentar uma relação sexual com esses gêneros alimentícios. Em muitas cenas, a sexualidade do personagem principal é ambígua, a melancia é tratada no feminino, mas na feira apalpa bananas e uma macaxeira, fazendo alusão ao pênis. Além de uma cena em que o personagem e a amiga conversam e deixa entender que o personagem nutre desejos sexuais por homens. Esse filme poderia ser considerado como um “passado” do pós-pornô, não somente por sua estética, mas também por seu caráter político e por refletir as diversidades de desejo, experiências e relações sexuais.

Como espectadora não fui contemporânea de *Vereda Tropical*, mas durante a pesquisa duas pessoas diferentes me indicaram esse filme, homens cis com quem fiquei (mesmo tendo a mesma faixa etária, talvez como homens eles tivessem mais acesso a pornochanchadas e pornografias num geral do que eu). A referência a sexo com frutas e vegetais de certa forma retorna em estéticas mais contemporâneas como em *Dirty Diaries* (2009) ou @Stephanie Sarley que teve a sua conta no instagram suspensa por masturbar frutas e criou uma estética própria garantiu uma série de memes eróticos com frutas, mel, leite e outros elementos comestíveis.

*Ele, ela, quem?*, do diretor Luiz de Barros, é rodado em 1977, mas por conta da censura, é lançado apenas em 1980. O filme narra a história de Elvira, uma adolescente de 19 anos que vai morar em um pensionato, já que o pai viúvo foi trabalhar na construção da Transamazônica. A jovem é vista como esquisita porque gosta de ler, praticar esportes violentos e usa uma camisola longa, que cobre seu corpo todo. No pensionato, Elvira se relaciona com sua colega de quarto, Carmem. Esta se preocupa muito por ter um envolvimento afetivo com uma mulher, assim, procura ajuda médica. Elvira também procura ajuda de profissionais da saúde e descobre que é intersexual, tendo recomendações para uso de hormônios, já que tem uma predominância masculina. Ao final, Carmem e Elvira se casam e têm filhos.

Pedra Costa e Fernanda Nogueira (2014) apresentam *As cangaceiras eróticas*, rodado em 1974, sob a direção de Roberto Mauro como parte desta genealogia pornochanchada. Este filme vem, não só reencarnar a figura heróica marginal por excelência dos(as) cangaceiros(as), mas transtornar qualquer “idéia tradicionalista do que pode uma *mulher*, tramando

---

coletivamente, em uma narrativa que confronta a *docilidade feminina imposta, o lugar de ação da mulher e os papéis que deve cumprir socialmente*”.

A ação direta, organizada e justiceira das cangaceiras põe em evidência o machismo cotidiano contextualizado em um período ditatorial. O filme revela a reação da sociedade frente ao grupo de mulheres emancipadas, onde queriam acabar com o “bando de cangaceiras eróticas”. Foi organizada uma espécie de cruzadas contra as “delinqüentes sexuais” ou também chamadas de “mulher-macho”. Quem já foi chamada de mulher-macho sabe o sabor da ofensa – de não ser bonita ou delicada o suficiente e também o prazer de ser reconhecida nesse lugar da força e poder masculinos.

Estas sinopses com as análises das autoras supracitadas indicam uma desconstrução da categoria “pornografia” como única e homogênea. Retomar as versões brasileiras do “pornô” complexifica as narrativas sexuais tanto das produtoras envolvidas como das espectadoras. Elementos estéticos e de conteúdo de guerrilha, objetos e frutas inanimadas que ganham conotação sexual e as relações afetivas não monogâmicas surgirão em outras roupagens do movimento pós-pornô em algumas produções mais contemporâneas mais adiante.

## **2.2 Da pornografia “*sex positive*” para mulheres ao pornô feminista**

El porno feminista crea imágenes alternativas y desarrolla una estética e iconografía propias que expanden los discursos y normas sexuales establecidos... Explora los conceptos de deseo, agencia, poder, belleza y placer en los límites más confusos y difíciles, incluyendo el placer dentro y a través de la desigualdad, frente a la injusticia y contra los límites de la jerarquía de género, así como de la heteronormatividad y la homonormatividad (PENLEY, SHIMIZU, MILLER-YOUNG e TAORMINO, 2016. p. 10-11).

Quantas e quantas vezes ao me perguntarem sobre qual meu objeto de estudo para esta tese eu respondi “pornô feminista”, para encurtar explicações e me fazer entender de forma mais rápida. Ao longo destes quatro anos, elaborar essa resposta em dois ou quinze minutos (menos que isso nunca foi possível) me levou a encontros muito potentes, especialmente com outras mulheres. Foram muitas que compartilharam suas experiências sexuais comigo, incluindo as mais íntimas, em que não participam outras pessoas. Antes de qualquer transformação social que possa promover indiretamente esta tese, estar atravessada por este tema promoveu em minha vida e de outras afetações mútuas que se mantêm em compartilhamento de “descobertas” que vão desde um *link* para assistir os filmes da Erika

Lust grátis, pirateado, um quadrinho erótico feito por mulheres ou a compra de um brinquedo erótico novo com fins de enriquecer nossas práticas masturbatórias.

Retomo aqui as palavras de Preciado (2017) para introduzir um conflito histórico que irá acompanhar este trabalho até o fim e, provavelmente, depois de sua conclusão. Entre os anos 1980 e 1990, surgiram os trabalhos antipornográficos de Andrea Dworkin e Catherine Mackinnon, que definiam o pornô como uma linguagem patriarcal e sexista que produzia violência contra o corpo das mulheres, a partir da célebre frase “o pornô é a teoria; a violação, a prática”.

Foi a partir daí que se deu o embate entre o chamado “feminismo pró-sexo”, que via na representação dissidente da sexualidade uma ocasião de empoderamento para as mulheres, e as minorias sexuais. Enquanto o feminismo pró-sexo alertava para os perigos de se entregar o poder da representação da sexualidade a um Estado também patriarcal, sexista e homófobo, o feminismo anti-pornografia, apoiado por movimentos conservadores religiosos e *pro-life*, advogava pela censura estatal do pornô como o único meio de proteger as mulheres da violência pornográfica. Assim, a pornografia foi “proibida” nos discursos oficiais de empoderamento feminino.

No entanto, foi a partir daí também que surgiu um conjunto de historiadores e teóricos da literatura do cinema, como William Kendrick, Richard Dyer, Linda Williams e Thomas Waugh, que vão estender as suas pesquisas sobre as relações entre corpo, olhar e prazer à representação pornográfica. Se delineia assim, pela primeira vez, um contexto crítico que dará lugar, no começo do século XXI, à emergência dos chamados “*Porn Studies*”, em que a análise histórica, cultural, cinematográfica e política da pornografia é possível (PRECIADO, 2017).

Juliana Goldfarb de Oliveira (2013) também realiza uma análise literária desse período. Ela aponta uma espécie de reescrita da pornografia pelas e para as mulheres. Com a grande inserção da cultura pornô na segunda década do século XX, o que ficou conhecido como *sex war*, em que o movimento feminista se dividiu entre grupos “anti-pornografia” e *sex positive*. Se de um lado, algumas feministas apontam para uma produção que é, em maioria, realizada *por homens e para homens*, do outro, feministas reivindicam uma linguagem pornográfica eminentemente feminina, que represente a emancipação sexual da mulher.

A esse respeito Audre Lorde (2003) faz uma distinção entre o erótico e a pornografia. Para ela, o erotismo oferece força às mulheres que ousam desfrutá-lo de modo que não se conformam com as sensações. Os homens, à sua maneira, construíram uma noção do erótico superficial e artificial. A autora o aponta como a antítese da pornografia, que em sua

concepção é a negação direta do poder do erotismo, uma vez que representa a supressão dos sentimentos “verdadeiros”, como se a pornografia desse ênfase à sensação sem sentimentos.

Assim, como destaca Ramos (2013), surge, entre os anos 1970 e 1980, o *sex positive*, tendo em Annie Sprinkle uma das militantes e porta-voz. Para esse grupo, a pornografia não é a causa do machismo, mas um produto da sociedade falocêntrica na qual ela está intimamente integrada. E o *sex positive* seria uma abertura às possibilidades de fazer “o seu próprio pornô”, a partir de conexões sexuais outras, numa movimentação de contracultura.

A autora faz uma distinção interessante entre duas vertentes do *sex positive*: uma que produz pornografia comercial para mulheres, que apresenta ainda alguns estereótipos do que é “ser mulher”, do feminino dentre outras características. Imagino que nesta categoria estão os famosos e excitantes vídeos da Erika Lust, com personagens lindas, brancas e magras, encenando orgasmos verossímeis aos do cotidiano. A outra vertente tem como foco uma produção não comercial, que objetiva borrar as identidades sexuais e de gênero contidas na pornografia hegemônica. Dessa segunda vertente, associada a outros elementos de crítica contra-hegemônica, se constitui a abertura para o movimento pós-pornô.

Em certa medida, encontro em algumas autorias acadêmicas uma proximidade entre as produções e intervenções pós-pornô com o que tem sido denominado por pornografia feminista ou “pornô para mulheres”. Essa também foi minha impressão quando li pela primeira vez sobre o pós-pornô. Não é sem sentido, na medida em que ambas as categorias partem de uma crítica à pornografia tradicional, sexista, produzida por e para um olhar prioritariamente heterossexual e masculino.

O conceito de “pornô feminista” surge, assim, dessa guerra feminista contra o pornô nos Estados Unidos. Como gênero pornográfico estabelecido e também emergente, se utiliza de imagens sexualmente explícitas para disputar as representações dominantes de gênero, sexualidade, origem étnica, classe, capacidade, idade, tipos de corpo e outros marcadores das identidades. Dedico esta parte do texto a relatar experiências de mulheres norte-americanas que relatam sua experiência com a criação do termo pornografia feminista no livro *Pornografia Feminista - Las políticas de producir placer*, de (TAORMINO; SHIMIZU; PENLEY; MILLER-YOUNG, 2016), publicado originalmente em inglês em 2013.

Betty Dodson (2016) narra sua primeira exposição sobre arte erótica, intitulada *The love picture exhibition*, e se deu conta que as pessoas sentiam prazer ao ver desenhos de relações sexuais e imagens de sexo oral, por exemplo. Imaginem um desenho de uma mulher em tamanho real masturbando-se com um vibrador em seu clitóris! Em 1970, se tornava uma feminista pró-masturbação feminina. Sobre a origem da palavra “pornografia”, como citamos

anteriormente, Betty Dodson relaciona as práticas pornográficas ou de prostituição feminina da antiguidade como algo de respeito em que com a ascensão religiosa cristã se perde este conhecimento de cortesãs.

Dodson relata com orgulho suas festas sexuais dos anos 1970 e os inúmeros workshops – *bodysex* para mulheres para formação sexual através da masturbação. Em sua trajetória histórica se pode adicionar a participação em um dos primeiros grupos de dominação e submissão consensuais para mulheres lésbicas e bissexuais dos Estados Unidos – o *stone bitch a lipstick lesbian*, datado de 1982. Ela conta de sua participação em uma conferência organizada por *Woman Against Pornography – WAP* e, apesar de não levar a sério o que defendiam, refere ser um grupo que estava crescendo com financiamentos e que contavam com o apoio da *National Organization for Woman (NOW)*, a qual havia aprovado uma resolução que condenava a pornografia, mas sem sequer defini-la. Dodson, que no congresso da NOW, em 1973, havia discutido tabus sexuais e se atrevia a propor uma vida sexual melhor para mulheres através da educação, estava atônita com o fato de que, passados dez anos, o feminismo deitava na mesma cama em que os cristãos contra a pornografia.

Dodson é uma educadora sexual, uma clássica feminista *sex-positive*! Produziu vídeos informativos para homens e mulheres e, apesar de não ter esse objetivo inicial, seu material foi tachado de pornografia. Em suas palestras, participaram muitas mulheres que necessitavam de um espaço para chorar e relatar abusos sexuais. Apesar de não se reconhecer como alguém que estivesse qualificada a receber essa demanda, tentava redirecionar os encontros com fins à descoberta do prazer no próprio corpo sem a interferência de outros.

Susie Bright (2016) narra como as mulheres começaram a participar das grandes produtoras comerciais de pornô nos Estados Unidos. Por volta de 1986, ela e Annie Sprinkle foram as primeiras mulheres contratadas para escrever uma coluna erótica mensal na *Penthouse Forum*. Em seu relato autobiográfico, narra as aventuras de trabalhar num *sex shop*, escrever textos e organizar uma locadora de filmes VHS, onde o prazer feminino era vertiginosamente seu objetivo.

Em um momento onde as mulheres de sua época passavam longe dos filmes X - e ela mesmo se descreve como alguém que tinha repulsa aos filmes pornô *hardcore* da época - como Garganta Profunda e Porta Verde. Depois que se inseriu neste mercado, Bright descobriu que em alguns estados dos Estados Unidos, como Flórida e Oklahoma, tudo o que fosse relacionado com orgasmos femininos violavam a legislação de pornografias. Por exemplo: ejaculações eram consideradas esportes aquáticos e se encontrava na lista de obscenidades. Ainda hoje, em estados como Alabama, estar em posse de um vibrador é um delito. No que

chama de “primavera do pornô”, a autora relata a criação de sua produtora de filmes lésbicos e palestras educativas com cliques práticos, intituladas *How do read a dirty movie* e *All girl action: The history of lesbian erotic cinema*.

Muito se fala sobre a cultura de “pornificação” atualmente, onde o conceito pornô de objetificação dos corpos ou compulsão aos prazeres imediatos invade muitos âmbitos da vida cotidiana. Todo um movimento antipornografia se baseia no sentimento, especialmente de mulheres que se sentem usadas e afetadas pelo efeito tóxico do pornô em suas relações e identidades, cria conceitos - a exemplo de *food porn*, *porn date*, *porn job*, dentre outras designações - onde a palavra “porn” se aproxima do “trash” (lixo), o que tem algum sentido diante do que foi e é vinculado midiaticamente ao pornô.

Clarissa Smith e Feona Attwood (2016) abordam como o feminismo antipornografia se utiliza de argumentos muito próximos ao que chamam de “pânico sexual” e às visões mais conservadoras em relação ao sexo e ao que se denomina sexo “saudável”. São argumentos contundentes e que devem ser discutidos em matizes diversos. Apesar de conter um conteúdo que tem como cerne a denúncia da misoginia e crueldade presente em toda a conceitualização e produção da indústria pornô (argumento presente nas discussões feminista antipornografia desde os anos 70 e 80), existe um elemento na crítica atual que parte de uma espécie de nostalgia dos tempos em que não conhecíamos a internet. O acesso ilimitado à rede mundial de computadores por públicos de todas as idades saiu do controle e isso não estava previsto.

Há que levar em conta que o pornô disponível hoje para crianças não é o mesmo das revistas *Playboy* dos anos 1970 e 1980. As práticas pornográficas que mais se assemelham a práticas de tortura hoje em dia têm nomes próprios e estão a um *click* de qualquer internauta. “*Scat babes*” (mulheres cobertas de excrementos), *bukakas* (mulheres cobertas de sêmen de muitos homens), *salto de tigre* (em que um homem penetra uma mulher após um salto mortal, (mulheres que são penetradas enquanto comem comida de cachorro), (mulheres que no sexo oral têm sua cabeça empurrada até que chorem, se engasguem e percam o ar) e uma série de outras práticas tão violentas que só de mencioná-las, me recordam o porquê de nunca ter colocado no meu horizonte estudar a pornografia e seus mecanismos - embora reconheça que seria uma pesquisa de vital importância.

Os consumidores de pornografia não são novos consumidores demonizados. Toda a busca de prazer fora do matrimônio foi e ainda é considerada monstruosa de certa forma. Existe todo um sistema de imagens fortemente sobredeterminado, em que se destacam as noções de decência e natureza humana. O pânico sexual está desenhado para manter estáveis práticas normativas por meio da culpa e da ideia constante de desvio do “ideal”. Essa estratégia

se alimenta de narrativas sobre perigo, enfermidades e perversão, de forma a nos manter atentos a encontrar a sexualidade “verdadeira” ou “autêntica”. Esses argumentos obtêm seu poder da mais ampla cultura emocional do sexo, num roteiro específico que mistura medo, vergonha, excitação, nojo e raiva.

La narrativa intrínseca de la amenaza a la sexualidad normativa e ideal y los momentos de pánico que la acompañan son peligrosos debido a su capacidad de ejercer un efecto paralizador generalizado en el arte, la investigación científica, el activismo político y el periodismo, ya que operan a favor del social y religioso, y porque son un vehículo clave para consolidar poder político para la derecha cristiana (SMITH E ATTWOOD, 2016, p.67).

A postura pró pornô mais visível midiaticamente é concernente, sobretudo, à liberdade de expressão e às liberdades individuais de consumir pornô. Mas, de que forma as mulheres podem alcançar algum empoderamento com isso, é uma pergunta que se fazem as autoras. Temos que admitir que esse tipo de argumento não serve totalmente para realocar as mulheres de posições opressoras ou para prevenir que crianças o consumam precocemente.

A nossa percepção é de que existem disputas narrativas entre dois blocos bastante dicotômicos sobre a sexualidade dentro deste debate – dicotomia esta que não é nova, mas que ganha tons distintos na atualidade: de um lado está o sexo heteronormativo, baunilha, destinado a procriação, em casal, entre pessoas da mesma geração, que não envolve trocas comerciais e nenhuma vinculação com a pornografia e seus usos – como em um círculo mágico do sexo (Gayle Rubin, 1984); do outro lado, está o sexo promíscuo, não destinado a procriação, casual, fora do casamento, solitário ou em grupo, com objetos-brinquedos eróticos e relacionado com pornografia, seja na sua produção ou consumo.

A questão é que a argumentação feminista antipornô atual não se centra em aspectos problemáticos, tais como: as questões de gênero que circundam em sua representação; o sexismo nos meios de comunicação, nem como materiais sexistas podem ser comparados com produções não sexistas ou conteúdos sexualmente explícitos neste sentido. Em vez disso, essa argumentação feminista parece se preocupar com uma ideia de sexualidade “saudável”.

As autoras apresentam os contrastes usados nessa argumentação como no livro “porn trap” dos terapeutas sexuais Malz e Malz (data), onde o sexo pornográfico é aquele em que se usa alguém, e que é um espetáculo para outros separado do amor, emocionalmente distante, que debilita valores e que faz passar vergonha. Em outro lado está o sexo saudável que implica cuidar de alguém, compartilhado por um casal, como uma experiência privada, que requer sinceridade, respeito e responsabilidade e que, por tais motivos, proporciona satisfação duradoura.

Candida Royalle (2016) conta um pouco da sua história como atriz de cinema para adultos nos Estados Unidos na “era de ouro”. A atriz também pioneira das produções feitas por e para mulheres e casais. Participou da Associação Americana de Educadores e Terapeutas Sexuais. Ela e outras sócias criaram, em 1984, o *Femme Productions* com o intuito de alimentar um mercado de produções cinematográficas para mulheres ávidas por explorar suas sexualidades em um formato *cinéma vérité*. Assim, muito pouco estava predeterminado como roteiro, as atrizes e atores eram sondados sobre que tipo de coisas gostariam de ver e permitiam que seus parceiros reais contracenassem nas filmagens. Apesar acordarem que suas filmagens seriam de sexo explícito, mantinham decisões de que não queriam os famosos “closes” ginecológicos e tampouco os *cum shots* (apelidados por Candida de *money shots*). Ela queria desfazer um pouco a fórmula pornográfica e inserir algo mais sobre mãos que apertam e tremem e bundas que se contraem (ROYALLE, 2016).

Royalle se orgulha muito de ter afetado a vida de inúmeras mulheres e homens. Diz ter recebido cartas de agradecimento e todo tipo de *feedback* positivo. Se a pornografia pode ser feminista? Ou se um filme pornô é feminista porque foi feito por uma mulher? Ela pensa que se não reproduz aquilo que as mulheres desejam, não se faz jus à luta das mulheres por uma vida sexual satisfatória. Por outro lado, ela gostaria muito de poder dizer que suas produções afetaram imensamente a indústria de produções audiovisuais para adultos. Infelizmente, a realidade não é essa e a indústria continua dirigida majoritariamente por homens e para satisfazer os seus desejos.

Para finalizar este tópico, devo comentar que a revisão histórica dessas mulheres estadunidenses me levou a uma viagem no tempo e me provocou intensa identificação. Vislumbrei a possibilidade de ser uma educadora sexual, assim como dona de uma *sex shop* ou ainda uma atriz pornô. A partir desses relatos encarnados, me identifiquei como uma pesquisadora dos “*porn studies*” e *pro-sex*. Que diferença há entre terapeutas sexuais, educadoras sexuais, cientistas sexuais e as trabalhadoras sexuais?

Alguém como Annie Sprinkle, que transitou por estes ofícios entre prostituta, atriz pornô, produtora, empresária, escritora e inventora de um movimento artístico e intelectual, que revolucionou a imagética sexual, me compeliu a tomar um posicionamento pessoal e político. Não seria eu também uma trabalhadora sexual? Não que eu tenha que prestar conta das minhas transações sexuais e financeiras para isso, eu poderia contribuir minimamente me posicionando junto com as trabalhadoras sexuais?

Alguns destes argumentos serão desenvolvidos nos capítulos seguintes. Quero continuar este passeio genealógico iniciando o próximo tópico sobre a criação da *post* pornografia nos Estados Unidos por Annie Sprinkle e um pouco do contexto *pós-porno* na Espanha.

### **2.3 Post pornografia gringa: a pioneira estadunidense Annie Sprinkle, “Blaise Moi” de Despentés e o pornoterrorismo no reino espanhol**

“Se o pornô que existe no mercado não te serve, faça você mesmo!” (Annie Sprinkle).

A palavra pós-pornô transmite muitas vezes à ideia de uma evolução dos conceitos. É fruto de uma complexidade de paradigmas relacionados tais como: pós-modernidade, pós-identidade e até pós-humanístico (chegaremos a esta discussão mais adiante). Pode ser definida como experimentação política, movimento artístico e práticas de reinvenção sexual. Na literatura, existe certa aproximação dos conceitos de pornô feminista, *queer porn* ou pornô alternativo do que se compreende por práticas pós-pornográficas.

Assim, o pós-pornô alinha-se aos pressupostos teóricos dos estudos *queer* e feministas contemporâneos, rechaçando a ideia defendida por algumas diretoras de filmes pornôs para mulheres de que há uma “sensibilidade feminina” inerente ao gênero. Inclusive, Ao mesmo tempo, grande parte das produções reivindica signos e artefatos culturais que o próprio feminismo, em algum momento, considerou impróprio da feminilidade, tais como como o pênis, os pelos, a agressividade, a dominação sexual e os fluidos corporais (SARMET, 2014).

Será Annie Sprinkle quem vai utilizar pela primeira vez o termo “*postpornografia*”, em performances de um projeto maior chamado *PostPorno Modernist Show*, realizado no período entre 1989-1996. A princípio, o projeto foi um tipo de produção que continha não apenas elementos pornográficos, mas, sobretudo, políticos e humorísticos. (SMIRÁGLIA, 2012)

Um das performances mais conhecidas foi *Public Cervix Announcement*, em que a autora convidava o público a explorar o interior de sua vagina com um espéculo e uma lanterna. Este ato de desmistificação deste órgão sexual e reprodutor partia de premissas divertidas ao mesmo tempo políticas: primeiro, que as vaginas são bonitas; segundo, que a atriz se sentia orgulhosa deste seu órgão e, por isso, queria mostrar a quem se interessasse e,

terceiro, queria provar que ali não havia dentes. A partir destes argumentos jocosos (à primeira vista) se instaurava um clima de transgressão sobre o prazer feminino, sobre ideias machistas sobre dentes e odor das vaginas, assim como dessacralizar a vagina como um espaço corporal imbuído da tarefa de fazer e dar uma criança à luz.

É interessante voltarmos um pouco no tempo, a partir de sua autoficção pós-pornográfica, quando Anne Sprinkle era somente Ellen Steinberg. No fim dos anos 1970, ela conhecerá Gerard Damiano e Linda Lovelace ao ser citada como a testemunha no julgamento pela divulgação de imagens obscenas num processo contra o cinema em que ela trabalhava. Nesse momento, Sprinkle começava a trabalhar como prostituta numa caravana em Tucson. Seu encontro com Damiano a levará até os *Kirt Studios*, em Nova York, onde ela viria a trabalhar – primeiro como roteirista, editora e criadora de cenários pornô; depois como atriz (PRECIADO, 2017, p. 18 e 19).

É em 1981 que Sprinkle lança seu projeto autoral mais completo, onde escreve, dirige e atua: *Deep Inside Annie Sprinkle*. É um filme que trata, basicamente, da masturbação de pessoas com vagina, suas formas de orgasmo e os papéis sexuais (SMIRÀGLIA, 2012). Ela assume um papel misto de atriz pornô e pedagoga sexual. Neste filme, explora prazeres anais e praticamente constrói um “tutorial” de penetração anal. Dedos, dildos, pênis... Este vídeo poderia estar no *Youtube* e, certamente, teria muitas pessoas interessadas atualmente.

A própria eleição do nome “Annie Sprinkle” faz parte destas desterritorializações corporais que o trabalho pós-pornográfico propõe:

Esse pseudônimo se origina na palavra “sprinkle” (que, no inglês, funciona simultaneamente como verbo e nome, sendo respectivamente ação de urinar e transformada nesse caso em nome próprio, supõe desde o início a vontade de tornar visível e pública tanto a urina, um fluxo corporal que culturalmente (e especialmente no caso das mulheres) tem sido objeto de privatização, como o próprio ato de urinar, a prática cultural genderizada que pressupõe verticalidade e publicidade no caso da masculinidade, e constrição e privacidade no caso da feminilidade... Em 1976, Annie Sprinkle organiza um “Piss-In” coletivo para celebrar o aniversário da Independência dos Estados Unidos, na data comemorativa de 4 de julho e, em 1979, dedica o número 4 de *The Sprinkle Report: The Newsletter Devoted to Piss*. Dessa forma, ela desnatura o ato de urinar, transformando-o numa técnica de corpo e numa prática de ocupação e de sexualização do espaço público para as mulheres. Assim, ela recodifica tanto a prática corporal e a sua gestão no espaço público, como o fluxo corporal e a sua visibilidade. Por um lado, ela convida os participantes, tanto homens como mulheres, a mijar de pé, transgredindo a genderização cultural dessa prática. Por outro lado, como na fotografia em que Annie Sprinkle mija de pé sobre a cara de Jack Smith, a representação visual da urina, o seu significado e a sua materialidade, assumem o lugar que o sêmen ocupa na pornografia tradicional, deslocando de alguma forma o lugar da ejaculação facial enquanto sintagma privilegiado da gramática pornográfica dominante (PRECIADO 2017, p.31-32).

No contexto desse remapeamento dos corpos ditos femininos, Annie Sprinkle por meio do trabalho *Anatomy of a Pin-Up* (1988)<sup>7</sup>, elabora uma aula cartográfica sobre os mecanismos visuais da representação pornográfica. Se alguém não entendeu a sofisticação da ironia presente em “*public cervix*”, aqui ela literalmente desenha sua proposta. Ao exibir os mecanismos performáticos, imagéticos e teatrais com os quais se constroem a sexualidade feminina, ela instaura a virada pós-pornográfica.

Marie-Helene Bourcier (2014), em seu texto traduzido como “*BILDUNGS-POST-PORN: notas sobre a proveniência do pós-pornô*, para um futuro do feminismo da desobediência sexual” merece atenção aqui como uma narrativa histórica do “nascimento do pós-pornô” na França. A autora marca:

O pós-pornô, no sentido político e subcultural do termo, encontrou a sua primeira definição na França na ocasião de uma *queerização* de *Baise-moi*, o filme censurado de Virginie Despentes, em 2001. A censura brutal no século XX, na França, de um filme realizado por uma mulher, colocando em cena elementos de seu próprio estupro, e que foi imediatamente qualificado de pornográfico (em parte por esta razão) constituiu um fator determinante e conjuntural. Foi contra esta censura clássica, isto é, negativa e não positiva (produtiva, para Foucault), que se mobilizou *Le Zoo*, a primeira associação *queer* francesa, provocando assim o encontro entre Virginie Despentes, o feminismo e a perspectiva *queer* ... “*Baise-moi*” teve um slogan significativo, então, ao mesmo tempo *fuck me!* e *fuck off!!!* endereçados aos censuradores, aos sargentos do sexo e, mais particularmente, aos jornalistas e à “esquerda”, franceses liderados pelo *Le Nouvel Observateur*, mas também endereçado às feministas anti-sexo (daí deriva a escolha pela denominação de “feminismo pró-sexo”), anti-puta e anti-pornô (p.13).

Bourcier (idem) relaciona os filmes *Virgin Machine*, realizado por Monika Teut em 1988, e *Baise-moi*, de Virginie Despentes, lançado em 2000, como marcos para a construção do pós-pornô, especialmente a partir da construção de personagens lésbicas, da sua relação com o S/M – sado-masochismo e as práticas de “*gender fuck*” presente nos ateliês de “*drag kings*”. Ao final, ela cita algumas destas ações conhecidas na Europa, mas também menciona um ato brasileiro:

[...] a presença de ateliês e de performances nas *sex parties queer*, mas igualmente os festivais, as conferências universitárias, a proliferação de atos pós-pornô em público, diante da permanência de um partido político, e até mesmo em uma cabine de votação – com a performance *Flash Porn*, do grupo *Urban Porn*, por ocasião da presença da *UMP* em Lille, durante a campanha presidencial de 2007 – ou no campus de uma universidade, como a performance de masturbação coletiva de *Diana Pornoterrorista*, na faculdade de Valencia em 2009, ou nas ruas do Rio de Janeiro, em julho de 2013, durante o período de visita do papa, esses verdadeiros *take back the day* que são os atos e/ou performances de rua depois dos *take back the night*, todas estas ações corporais, sexuais e perturbadoras, públicas e políticas, retiram o sexo do quarto de dormir e da pseudo esfera privada. (BOURCIER, 2014, p.24-27)

<sup>7</sup> <http://anniesprinkle.org/projects/archived-projects/anatomy-of-a-pin-up/>, acesso em 20 de dezembro de 2022.

O contexto europeu conta com cidades nodais que aglutinam ações e projetos pós-pornográficos. A maratona Pós-Pornô de Barcelona, encabeçada por Paul Preciado em 2003, abre uma série de mobilizações, especialmente no campo cinematográfico. Alguns autores e autoras têm realizado pesquisas com a partir de alguns coletivos e performers que têm suas produções situadas na cidade de Barcelona ou, nas palavras da autora, no “reino da Espanha” (ENGAÑA, 2016).

As práticas pós-pornográficas dos coletivos *Post-Op*, *Quimera Rosa* e *Diana Pornoterrorista* merecem destaque por terem surgido nesse contexto e por pertencerem à multidão *queer* ativista que parte de um território, mas se torna nômade em suas ideias (e corpos também).

*Post-Op* é um grupo ativista que estuda e experimenta gênero e pós-pornografia. Produzem ações na rua ou em gravações audiovisuais, proporcionando também oficinas abertas para a experimentação, especificamente, de corpos incapacitados ou com deficiências funcionais, onde a ideia do *cyborg* sempre está presente. A base de estudos do coletivo é a metáfora do sujeito *cyborg*, onde fios, eletricidade, choques, explosões, chips e placas metálicas representam corporalidades abertas, desejos e sentires. Por meio deste novo organismo-máquina - que foge completamente da estética humana - faz-se a crítica de forma direta as categorias de gênero, raça, classe, possibilitando a reinvenção das práticas sexuais hegemônicas.

Já a *Quimera Rosa* é um “laboratório de experimentação” iniciado por um casal de pessoas que decidiram tornar suas vidas sexuais públicas. Partem de uma perspectiva de discursos transfeministas e pós-estruturalistas para questionar o corpo e as práticas heteronormativas. O *Quimera* identifica-se como processo criativo e artístico, que transforma o sexo e a sexualidade no centro de suas obras de arte, sendo também influenciado pelos corpos *cyborgs*.

O pornoterrorismo é um conceito batizado por Diana Torres em 2001 e uma arma de guerra, um código aberto e livre para acesso de todos aqueles que detestem o sistema heteronormativo e tenham raiva e o desejo de mudança. Diana Torres é a figura central do movimento *Pornoterrorismo*, poetisa, performer e terrorista. Adverte que o pornoterrorismo não é uma caixa fechada, pronta para virar objeto de estudo, mas sim, uma eterna bomba relógio – fabricada por qualquer um – e pronta para estourar com a normalidade dos sexos. Para ela:

El pornoterrorismo es libre, político y precario, aunque también puede devenir en el objeto de estudio de intelectuales e intelectualoides. No tiene telos ni líderes, ni subcomandantes, ni cuadros, ni autoridades, puesto que no es, en principio, mesiánico. Es un medio, no un fin. [...] no discute con su enemigo ni se defiende, simplemente ataca (MANIFIESTO PORNOTERRORISTA, 2012<sup>8</sup>).

O salto para a compreensão do pós-pornô como movimento radical na quebra com a pornografia e seus paradigmas centrais se dá (ou pelo menos para os nossos trajetos de compreensão dele) a partir do “contrato contrassexual” e seus efeitos nos corpos, nas sexualidades, nas subjetividades e, portanto, em qualquer produção artística performática que possa nascer dele.

Trata-se da obra de Paul Preciado, *O Manifesto Contrassexual* (2014). Numa espécie de iniciação para uma sociedade contrassexual distópica, a obra incita a uma quebra do contrato heteronormado com a Natureza, com “N” maiúsculo, biologizante dos corpos. No contrato contrassexual se assume o lugar de corpos falantes.

Existem, portanto, alguns pressupostos de uma sociedade contrassexual que vão reescrever outros contratos para a existência, tais como a ideia de que a sociedade contrassexual trabalha para a desconstrução da naturalização das práticas sexuais e de gênero; para a equidade entre todos os corpos; para a contraprodutividade, ou seja, a produção de formas de saber-prazer alternativas à sexualidade moderna; para a construção de tecnologias de resistência como forma de contradisciplina sexual. Ou melhor, para resistir às tecnologias da sexualidade que transformam órgãos genitais em órgãos sexuais e produzir a heterossexualidade, livre de surgir espontaneamente.

Os que reclamam as flexões de gênero o/a/x reduzem a textualidade e escritura a seus resíduos linguísticos, esquecendo as tecnologias de inscrição que as tornaram possíveis. É preciso sacudir as tecnologias da escritura do sexo/gênero, assim como suas instituições. Não se trata de desfazer as marcas de gênero, mas sim modificar as posições de enunciação (PRECIADO, 2014, p. 9).

Assim, a ressignificação sexual do corpo passa a vigorar com a introdução gradual de políticas sexuais. Primeiro, a universalização das práticas estigmatizadas e tomadas como abjetas pelo heterocentrismo. Segundo, propor novas sensibilidades e afetos *high tech*. Em seguida, uma série de práticas contrassexuais devem ser implantadas:

Ressexualizar o ânus como ponto universal, descentralizar o pênis como centro das práticas sexuais, o dildo e todas as suas variações sintáticas serão utilizados nos contratos fictícios, reversíveis e consensuais. Parodiar e dissimular os efeitos de orgasmo, para assim subverter uma reação natural construída ideologicamente. O

<sup>8</sup> Fonte: Las disidentes coletivo artístico. Disponível em: <https://lasdisidentes.com/2012/03/04/manifiesto-pornoterrorista/>. Acesso em 20 de dezembro de 2022.

orgasmo fragmenta o corpo e localiza o prazer em áreas supostamente disciplinadas medicamente e psiquicamente, como órgãos sexuais. Todo corpo falante irá explicitar as ficções naturalizantes das suas relações (românticas, prostituição, etc.), de forma que o contrato contrassexual nunca possa naturalizar relações de poder assimétricas naturalizadas. Denunciar as instituições psiquiátricas, médicas e jurídicas. Exploração virtual das mudanças de sexo e gênero, transformação de diversas partes do corpo em dildos enxertos (PRECIADO, 2014, p.13).

A partir desse contrato, absorvido pelas artistas do pós-pornô, alguns conceitos centrais ganham outra roupagem. As noções de corpo, linguagem, prazer, sexualidade, afetividade e as próprias inscrições de sexo/gênero nas noções sobre sexualidade se desconfiguram.

O texto de *Post OP*, intitulado *De placeres e monstruos: interrogantes en torno al postporno* (2014), nos questiona: quais são as primeiras imagens que vêm à cabeça quando escutamos a palavra pós-pornografia? (há de se fazer a ressalva que na Espanha este é um conceito minimamente mais conhecido do que no Brasil). A resposta do grupo consiste em uma visão caleidoscópica, na medida em que abarca práticas e produções muito diversas.

De uma maneira geral o público majoritário costuma relacionar o pós-pornô a práticas agressivas, estética *postpunk*, *indieporn*, *altporn*, pornô amador e pornô caseiro. De alguma maneira, elas reconhecem que em Barcelona algumas performances se tornaram mais conhecidas e estas incluíam práticas BDSM (*bondage, domination, sadism and masoquism*), utilização de próteses DIY (*do it yourself*) com materiais diversos dos brinquedos eróticos comuns, personagens mutantes, *cyborgs* e a prática sexual em público. Elas se identificam com estes elementos, mas não somente:

Para nosotrxs el postporno es intrínsecamente feminista o, más aún, intrínsecamente transfeminista, porque ya sabemos que feminismos hay muchos y nosotrxs partimos de un feminismo prosexo y de un sujeto político que va mas allá de la categoría mujer. El postporno es intrínsecamente político... El postporno es de las monstruas. El postporno es de monstruas empoderadas que muestran su sexualidad sin pudores ni tapujos, que muestran sus heridas de guerra, que muestran lo que la sociedad bienpensante les ha invitado a esconder. Muestran cuerpos que rompen con el sistema binario de sexo-género, con las categorías de orientación sexual, de normalidad corporal y de capacidad... y que no solo buscan la excitación sexual, sino que buscan que esta excitación se produzca también a través del humor, la ironía y el discurso crítico. (POST-OP, 2014, p. 197-198).

Em 2013, *Post-Op* realizou uma oficina *postporno* para grupos com diversidade funcional que fez parte do projeto *Yes, we fuck*<sup>9</sup>. Esta produção reúne elementos muito interessantes e, de certa forma, inéditos na área das produções pornô. Grande quantidade de pessoas com diversidades funcionais participaram da oficina e do filme, com corporalidades

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.yeswefuck.org/>. Acesso em 28 de Novembro de 2020.

muito variadas e dificilmente aceitas como normais em produções audiovisuais. Durante vários momentos na pesquisa citei este projeto para tentar exemplificar o movimento pós-pornô. Corpos com diferenças funcionais diversas, a presença das cadeiras de rodas, muletas e próteses, a forma como entrelaça as narrativas em tom documental, me transportaram para aquela oficina. Extremamente “realista”, mas também com um cuidado estético em torno da beleza das cores e dos detalhes cenográficos em cores quentes e um ambiente acolhedor. O produto final, gravado em vídeo, tornou-se referência para o movimento pós-pornográfico e de pessoas com deficiência como um todo.

As pós-pornografias nos Estados Unidos e em diversos países da Europa são muitas. Aqui apresentamos brevemente as referências textuais que faziam sentido para a trajetória territorial dos corpos envolvidos na pesquisa e com as quais foi possível entrar em contato. Especialmente, em relação à língua em que muitos textos foram escritos, decidimos acessar prioritariamente aqueles escritos em português e, secundariamente, em castelano.

#### **2.4 O pós-pornô como movimento decolonial e a invenção de pornografias dissidentes latino-americanas**

Aviso a nós, passageir\*s: a (nossa) pós-pornografia não nasceu com Annie Sprinkle! E não tem data de nascimento única, como tenta nos fazer acreditar esse academicismo imperialista que sujeita todas as outras temporalidades y à sua! Nossa *ética marica* derruba qualquer defesa do pioneirismo, da irreproduzibilidade, da originalidade, do *copyright*, conceitos furados a partir dos quais tudo é cópia falsificada e de baixa qualidade. Se quiser assumir esse lado do jogo, somos cópias sim e com muita artilharia pirata! Mas pode ir baixando o seu poder falocentrista porque a missão vai ser cumprida! Salve PaguFunk! (COSTA e NOGUEIRA, 2014, p. 5).

Nos últimos anos, houve um crescimento significativo do interesse de artistas, ativistas e acadêmicos latino-americanos na pós-pornografia, principalmente entre os que circulam pelos campos da teoria/militância *queer*. Esse crescimento é identificado, principalmente, pelo aumento da produção latino-americana de textos, reportagens, vídeos, performances e festivais sobre o tema. A experiência da pós-pornografia que se identifica enquanto tal, particularmente na América Latina, é bastante recente.

O CUDS (Coletivo Universitário de Dissidência Sexual), por exemplo, fundou em 2009 um coletivo interno de produção pós-pornô de dissidência sexual, o *Subporno*. Composto em sua maioria por estudantes de cinema, tem produções que envolvem desde o registro de ações políticas à criação de obras audiovisuais e performances, muitas das quais relacionadas com a história política do Chile. Não posso deixar de lembrar o primeiro vídeo

que vi do Felipe Rivas – performer, diretor e professor doutor que coordena o CUDS –, intitulado *Ideologia*, onde o autor se masturba, posicionando-se em modo de continência diante da foto do ex-presidente Pinochet, que aparece fardado ao som de uma marcha militar. O *cumshot*, assim como a maioria dos roteiros pornográficos, finaliza a cena com uma enorme ejaculação na cara do ditador.

Em 2011, na cidade de Bogotá, na Colômbia, foi realizada a primeira edição do *PorNo PorSi*, que teve mais duas edições em Buenos Aires no mesmo ano. A primeira mostra audiovisual latino-americana intitulada pós-pornô foi realizada recentemente, em março de 2012, em Buenos Aires (SARMET, 2014). A ideia de um pós-pornô situado, latino-americano, feminista e, ao mesmo tempo, pornográfico e político, propõe também a reapropriação e deglutição de códigos das culturas indígenas e das religiões africanas e do uso de elementos antropofágicos e canibalísticos, buscando assim o resgate de uma cultura anti-hegemônica do sexo e da sexualidade na América Latina.

No Brasil e em países como Argentina, Colômbia, Chile, Peru e México, cresce cada vez mais o número de pesquisadores e artistas interessadxs na pós-pornografia. A busca por outros referenciais vem ocorrendo nos estudos *queer* latino-americanos, e o pós-pornô, como parte integrante desse processo, também precisa construir suas próprias ferramentas conceituais e teóricas para pensarmos as peculiaridades da nossa realidade.

Érica Sarmet (2014) aponta no Brasil, por exemplo, o *Movimento de Arte Pornô* na década de 1980, que foi relegado ao esquecimento até 2010, quando a galeria Laura Marsiaj, no Rio de Janeiro, expôs a série *Pornogramas*. A exposição apresenta algumas produções artístico-literárias do coletivo carioca *GANG*, que integrou o *Movimento de Arte Pornô* de 1980 a 1984, compostos por artistas e escritores de vários estados do Brasil. Pêdra Costa (2014) aponta o *GANG* como parte de uma trajetória de produções artísticas de dissidência sexual e de gênero que apesar de não se autodenominarem pós-pornô, trabalhavam de certa forma com o conceito de pornô dissidente. Eles estavam dispostos a intervir contra a repressão e a normalização dos corpos, intensificada durante a ditadura militar no país (1964–1985). Formaram parte do coletivo:

Eduardo Kac, o “Bufão do Escracho”; Cairo de Assis Trindade, o “Príncipe Pornô”; Teresa Jardim, a “Dama da Bandalha”; Denise Henriques de Assis Trindade, a “Princesa Pornô”; Sandra Terra, a “Lady Bagaceira”; Ana Miranda, a “Cigana Sacana”; Cynthia Dorneles, e as crianças Joana e Daniel Trindade, os “Surubins”. Seu programa poético e performático procurava subverter os regimes de visibilidade das sexualidades e promover novas táticas de ação (SARMET, 2014, p.122).

As reivindicações do grupo integravam um conjunto de expressões do *Movimento de Arte Pornô* (MAP). O movimento se posicionava contra a ortodoxia literária, integrando manifestações que dão impulso a novos modos de vida, comportamento e criatividade. Naquele momento o “pornográfico” já aparecia como uma noção condenável e repleta de ressonâncias negativas. Basta lembrar que no final de 1980 o general Figueiredo (1979–1985) abre a “cruzada contra a pornografia”, liderada pela funcionária do DCDP/ Divisão de Censura de Diversões Públicas, conhecida como Solange “Tesourinha”. O MAP, no entanto, fazia um chamado em defesa não somente da subversão da pornografia tradicional, mas daqueles elementos que exaltavam a libido, a sensualidade, as relações afetivas e libertárias para desconstruir a censura que apagava e desprezava estas relações na linguagem cotidiana (COSTA e NOGUEIRA, 2014).

O caso brasileiro demonstra como é possível resgatar na história da América Latina movimentos de subversão dos imaginários sexuais e políticos diversificados. No conjunto, tais movimentos denotam o esgotamento da pornografia como ficção fundacional da sexualidade. Em outras palavras, como narrativa definidora dos corpos que devem ou não ser sexualizados, desejados, desejantes, e perpetuadora de normas coercitivas do sexo, da sexualidade, do gênero e do prazer.

Em 2006, nasce em Salvador a *Solange, tô aberta!*– um projeto drag-punk-gunk ou, como também pode ser reconhecido, *queer*. Nesse projeto, é possível conectar-se com pessoas, coletivos e ações, onde destacamos: Pêdra Costa; Jota Mombaça e a ocupação do banheiro da UFRN (agosto de 2013); as ações de Michelle Mattiuzzi; as ações da *Casa Selvática*, criada em 2011, em Curitiba; o *Espaço Impróprio*, em São Paulo, com os *QueerFest*; Mamá com seu ex-projeto *Gay-O-Hazard*, primeira banda gay punk no Brasil; os filmes pós-pornô como *Amor com a cidade* (2012), idealizado por *Pornô Clown* e os realizados por Taís Lobo no projeto *Antropofagia Icamiba*; Kleper Reis, com seus trabalhos como *O hasteamento da bandeira* e *Cu é Lindo*; e o *Bloco Livre Reciclato*, que reuniu e reúne artistas e coletivos como *AnarcoFunk*, *Teatro de Operações*, *Museu de Colagens Urbanas*, *Coletivo Coiote* e moradores de rua que ocasionalmente compõem as cenas como *performers* da vida real (COSTA e NOGUEIRA, 2014).

Em dado momento, em uma das conversas que mantive com uma *performer*, durante o evento “Monstruosas”, realizado este ano, perguntei se a ideia de ser pós-pornô ou ser parte de um movimento autodenominado pós-pornô era consensual entre elas. Lembrei que outros

artistas poderiam ter protagonizado esse movimento, tal como a banda *performer Textículos de Mary e a Banda d'As Cachorra*. Eu, que fui adolescente nos anos 90, no Recife, já me impressionava com aquelas figuras “bichas-frankstein” do metal na cena cultural local. A resposta que obive da informante foi (in)conclusiva: “o que a gente faz está mais pra o que consideramos pornografia dissidente. Não sei se nos vemos como aquele pós-pornô de Barcelona. Isso aqui é escracho mesmo!”

Sobre o uso do termo “dissidente” vivido artística e afetivamente por Pêdra Costa (2017), o idealizador de *Solange Tô Aberta!*, narra de forma íntima como a rede artística sexo-dissidente representa um espaço de acolhimento para as violências de cunho homofóbico e transfóbico que viveu.

Eu sou uma pessoa que ama as dissidências. É onde me reconheço, onde me sinto em casa, onde cresci e onde fui aceita. De onde recebo suporte, amor e compreensão. Onde me divirto, rio, danço, extravaso, sinto tesão, me abro. Sei que não é necessário sofrer para aprender, mas pessoas que viveram situações difíceis me tocam profundamente. E sempre foi assim. São as minhas principais referências. O momento que vivo hoje se deu através de todos esses aprendizados, amores, conexões e pelas experiências afetuosas que fui construindo ao longo desse processo. (COSTA, 2017, p.176).

‘Solange’ surgia para falar e enfrentar toda essa violência experienciada pelas pessoas dissidentes (que nunca estiveram no armário), de forma prazerosa e artística, se expondo o máximo possível, onde quer que fosse, e a internet foi fundamental para isso e para se conectar a uma rede *queer* internacional. Com os shows e os feedbacks, as coisas foram ficando mais e mais evidentes. Solange começa como *Drag Punk Funk* até cair a ficha de que esses três caminhos eram (tropical) *queer*. (*Ibidem*, p. 452).

Este e outros/as artistas, como Jota Mombassa e Monstra Erratika, constroem com seus textos e produções artísticas uma espécie de conceito “tropical *queer*”, para tratar de uma (des)identidade particular que se constitui a partir do sul global. Estes artistas partem de uma visão de mundo cindida pela colonização e por não acreditarem que vivemos em um período pós-colonial, defendem uma prática artística descolonial ou ainda decolonial, ou seja, partem de microprocessos de resistência e reinvenção artística sexual para dar-criar vozes para si mesmos. Com isso, reiteramos a relevância contextual brasileira por termos lançado um olhar sobre o movimento de dissidência pornô e outras produções dissidentes com ou sem a autodenominação pós-pornô. Enquanto prática coletiva, buscamos a construção de memórias de um devir sexualidade dissidente, a partir dos contextos culturais históricos particulares do Brasil.

Segundo os/as pesquisadores/as do audiovisual Suelem Lopes de Freitas e Bruno Pinto Leite (2016), para o gênero cinematográfico, em primeiro lugar, implica deixar de lado as

propostas narrativas e estéticas típicas do gênero pornográfico, onde o sexo coital-genital é o centro de cada vídeo. O trabalho pós-pornográfico exige um trabalho estético que permite indagar a multiplicidade cênica do sexual. Para tal, recorre a diferentes estratégias enunciativas: por exemplo, a eleição de planos mais gerais do corpo ao invés do primeiro plano focado nos genitais.

A desconstrução de gênero que o pós-pornô realiza surge a partir da crítica que emite sobre as identidades sexuais essencializadas e suas hierarquias naturalizadas. As dicotomias tradicionais de masculinidade/feminilidade, homem/mulher, penetrador/penetrada, ativo/passiva são assumidas, no pós-pornô, como construções ou tecnologias; se dizem como possibilidades e não, essências. Esta ruptura, não poderia ser possível se não partisse de uma estética contra-hegemônica que coloca essa discursividade ao nível da imagem, assim põe em cena o prazer através de ferramentas estéticas diferentes.

Por outro lado, em sua tese, Raíssa Grimm (2016) aponta que a pós-pornografia não cabe dentro de um conceito de gênero cinematográfico. Trata-se mais de uma ética, um conjunto de estratégias através das quais emergem relações dissidentes com as tecnologias que constituem nossas experiências de sexualidade. E a partir disso, dentre algumas proposições da autora, apresento um compilado de suas idéias em quatro proposições que parecem necessárias para seu funcionamento, as quais resultam, em certa medida, daquele contrato contrassexual de Preciado.

1) “A construção de mapeamentos *maquínicos* acerca da sexualidade”. (GRIMM, 2016, 43) A idéia de maquínico está em rejeitar as leituras naturais do sexo e da sexualidade. Entendo como uma rejeição absoluta da sexualidade “orgânica”, mas sim, como já apontava Preciado, só existe nos termos que a conhecemos por uma série de tecnologias, onde podem atuar agentes humanos e não-humanos.

2) “A possibilidade de *reapropriação* dessas tecnologias”. (Ibidem, 43) Penso que essa seja uma concepção que passa pelo conceito de “pirateamento”, presente nas conversas tidas com as integrantes do *Coletivo Coiote*. Como orientação ética, esta seria um posicionamento de sujeito ativo diante do que está dado. Então, diferente do movimento de algumas feministas pela abolição da pornografia *mainstream*, o pós-pornô trabalha com a reinvenção.

3) “Há ainda uma outra orientação ética que trabalha pela *visibilidade pública* dos processos de reapropriação tecnológica da sexualidade.” (Ibidem, 44) Esta visibilidade

pública pode se dar de distintas formas: performances, intervenções em espaços públicos, vídeos, fotos, dentre outros produtos.

4) “A construção de *hipérboles*.” (GRIMM, 2016) Como já argumentamos, a pós-pornografia não é apenas uma crítica à pornografia *mainstream* e cis-heteropatriarcal, mas é também diferente das versões feministas e/ou feita por mulheres e para mulheres, isso se dá principalmente no modo de relação com a construção de exageros satíricos sobre a sexualidade e seus vetores de força. Funciona como uma denúncia escancarada dessas tecnologias de produção através de artifícios estéticos hiperbólicos.

A releitura do *Coletivo Coiote*, exposta no texto anteriormente citado, o pós-pornô passa pela abertura de códigos nos sistemas hegemônicos, para daí corromper e piratear elementos do pornô convencional. Aqui, vou dividir tais elementos de acordo com meus interesses, em três campos de análise: *corpo, linguagem e cosmologias sexo-afetivas*.

O corpo não existe mais como matéria única e objetiva. Seria agora o corpo um conjunto de *plug-ins* como dildos, camisinhas, cordas e outros apetrechos. O corpo passa a ser lugar de criatividade. Tomar o corpo como produção coloca o desejo sexual também como uma produção. Seria então, o corpo capaz de sexualizar, sexualizar-se e desfazer ambos os processos. Neste processo, as genitálias não ocupam mais o centro referencial da sexualidade e tornam-se um órgão a mais ou, ainda mais, uma ferramenta a ser investigada e transformada. Como centralizador dos questionamentos morais da sexualidade, redescobre-se arma, assim como o corpo se redescobre campo de batalha ou mesmo como traficantes, que descobrem no genital um local de transporte. Ainda mais, o ânus como uma genitália, as axilas como uma genitália, a boca como uma genitália, uma cenoura como uma genitália.

A desmoralização das genitálias as torna campo aberto à inscrição de códigos possíveis e práticas permeadas por subersividades e tensionamentos afetivo-políticos. O corpo nu, como principal acionador de afecções e excitações também, mas não somente sexuais. Os novos corpos que surgem no pós-pornô são desobedientes às normas sexuais vigentes, baseadas na heterossexualidade obrigatória. Logo, tais corpos escapam a qualquer pretensão de naturalização que se busque traçar sobre eles. São corpos que exibem artisticamente sua plasticidade, mutabilidade e multiplicidade no que diz respeito às práticas e desejos sexuais. São a denúncia da artificialidade e arbitrariedade dos sexos, gêneros e desejos.

Para Pêdra Costa (2016), trabalhar como *performer* explicita o uso do corpo como arma política e/ou como um conceito político. Neste sentido, critica questões postas como

conceitos de verdade única que atravessam os corpos. Ele, como *performer* que ora ou outra já se autodenominou pós-pornô, afirma o corpo como arma de guerra. Para Costa, “meu corpo é o material expressivo das minhas principais obras, e como eu optei por um caminho de criação focado em memórias de violências, é dessa forma que eu vou articulando as coisas. Uma máquina de prazer é uma máquina de guerra!” (COSTA, data, p. 450).

Na experiência de Constanza Alvarez Castillo (2016), um dos maiores dispositivos de controle das subjetividades e dos corpos das mulheres é a idealização de um par romântico heterossexual. O que pode um corpo? Isso só se sabe quando fazemos algo com ele: lutar contra as violências machistas, lesbofóbicas, gordofóbicas; adotar estratégias de autodefesa física e psicológicas; abraçar a potência das amigadas, de coletivamente elevar a auto-estima uma das outras.

Castillo nos faz refletir sobre como comer e ser gorda ou não ter um corpo desejável aos olhos androcêntricos é também uma forma de escapar ao regime heterossexual obrigatório e à violência patriarcal. Para ela, as estratégias sobre um corpo lésbico e gordo passam pela

Desprogramação do desejo alheio e pessoal, sabotagem sexual, hackeamento do corpo, práticas não reprodutivas, desejos sabotados, uma corpa poética sem sentido... Transmutar as corpas, corpas agredidas com cicatrizes alegres, mesclar-se com outras peles lésbicas, fusões temporárias em que a penetração deixa de ter sentido (CASTILLO, 2016, p. 93, tradução livre ).

No que tange às *linguagens*, segundo Borges (2011), em seu artigo sobre o pós-pornô encontrado no portal virtual *Na borda*, a literatura pós-pornô transita entre a autobiografia e a ficção, no sentido de promover a intersecção de histórias íntimas e passagens com caráter de tensão sexual e política. Seu enredo não caminha necessariamente para o gozo, mas para exaustão provocada pela construção das novas possibilidades de prazer para os corpos e os sujeitos. Os personagens priorizados no pós-pornô fazem parte de grupos ou setores sociais sexualmente marginalizados. Para ele:

[...] o pós-pornô surge da precariedade, não só da pobreza econômica, da dificuldade de acesso aos meios de produção ou dos investimentos financeiros externos, mas também o conteúdo com o qual trabalha é precário, o corpo martirizado, o contrário do macho dominante, as fêmeas gordas, os machos de falo anômalos, as lésbicas, as libidos escusas, os corpos considerados inferiores, os desejos considerados pobres, as fissuras perdidas (BORGES, 2011, p. 11).

Ainda sobre *cosmologias sexo-afetivas*, entram em jogo os desejos considerados exóticos, esdrúxulos, clandestinos e desconhecidos: a ênfase nas relações sadomasoquistas, a possibilidade de prazer com a máquina e com a natureza, a centralização em partes do corpo não sexualizadas, o deslocamento espacial da ação sexual para espaços não habituais e/ou

permitidos e a utilização de materiais que propiciam a desconstrução das identidades sexuais durante as relações. A intenção é uma superexploração da sexualidade invisível no pornô.

As práticas BDSM (*bondage, domination, sadism and masochism*) são parte dessas relações de prazer e experimentação que não se utilizam dos códigos hegemônicos dos corpos para viver as sexualidades. O prazer da dor, o prazer fora do sexo, fora das exigências reprodutivas. Cócegas, risadas, prazeres coletivos que acionam qualquer parte do corpo. O uso de cordas, chicotes, penas, couro, látex, como recurso estético para reinventar o prazer.

O próprio sexo passa a ser tomado não mais como um ato, mas uma espécie de ficção heterocentrada obrigatória a todos os corpos. A sexualização como um momento estendido de prazer entre corpos. Daí a idéia de que o tesão intelectual, o sexo entre pessoas com diversidade funcional, o ato sexual que não prevê a ejaculação como ponto auge reformulam toda a concepção sobre orgasmos. A autopenetração, a masturbação mental, o sexo virtual, o sexo coletivo e tudo que nos traz prazer como ato sexual em si. O pós-pornô é a distribuição do prazer em todas as práticas vivenciais. O prazer orgásmico de cozinhar, de escrever, de sentir prazer com as pessoas e as coisas, em público em em segredo

Retomo aqui os escritos de Lucía Engaña (2016) como pesquisadora ativista neste caso de territorialidade mista, por um lado, chilena que experienciou a dissidência latino-americana, por outr, naturalizada na Espanha e estudiosa das pós-pornografias em Barcelona. Para a autora, as práticas pós-pornográficas podem servir para repensar criticamente a sexualidade, a nossa própria ou a coletiva de uma sociedade. Ela afirma que as práticas pós-pornográficas visibilizam e reconfiguram códigos e se fazem, de certa forma, em comparação a uma pornografia tradicional que traz encriptada um imaginário sexual imposto pela cultura ocidental. Esse atuaria como uma prática *hacker* de desconstrução de códigos sexo-gênero. Um desmonte de códigos inscritos socialmente como forma de resistência, sabotagem e transformação. A compreendemos melhor quando fazendo, mais que olhando de fora. Ainda que possa contaminar a quem olha de fora.

## **2.5 Os manifestos como postura literária pós-pornográfica**

Em junho de 2019, em Barcelona, Lucía Egaña Rojas, Ona Bros e Francesc Ruiz inauguram o Instituto de Estudios del Porno<sup>10</sup> no espaço Hangar, onde tive o prazer de participar de workshops práticos de imagem e de um grupo de estudos mensal que, na

<sup>10</sup> <http://institutodelporno.net/> Acesso em 20 de dezembro de 2020.

ocasião, estava programado para continuar até meados de 2020. O curso reuniu um grupo de mais ou menos vinte e cinco pessoas no primeiro dia e éramos curiosas, estudantes e profissionais da indústria pornô. Diria que partilhamos todas de uma noção de pornô não convencional, que poderia até transitar pelo *mainstream*, mas que se posiciona em uma visão crítica, feminista, *queer* ou ainda pós-pornográfica. Obviamente, o espaço Hangar não é um espaço alheio aos posicionamentos ideológicos dentro das produções artísticas e pornográficas e foi território para eventos importantes do movimento pós-pornô em Barcelona, como a Mostra Marrana, além das trajetórias pessoais de cada proponente e colaboradoras do curso que alguma forma se relacionam com a ideia de “um outro pornô é possível” e de enfrentamento aos aparelhos culturais a serviço da cis-heteronorma.

O primeiro encontro que tivemos, facilitado por Lucía, nos propomos a falar um pouco sobre nossas primeiras aproximações com as produções pornográficas de qualquer tipo e tínhamos como material para discussão cinco manifestos que nos ajudaram a situar *performers* e coletivos importantes na construção desse “outro pornô”. São eles: *Dirty diaries manifesto* (2009), do filme *Dirty Diaries*; *El manifiesto pornoterrorista* (2011), de Diana Torres; *O primeiro manifesto pós-pornô* (2012), assinado por *Vivamos nuestra sexualidade en bicicleta*; *Manifiesto Guatonx* (2016), de Constanza Castillo e *El postporno no és y ni será um manifiesto (um manifiesto postporno)* (2017), no livro de Lucía Egaña.

A ideia inicial deste primeiro encontro foi pensar em quais características marcam essa estrutura linguística e textual de manifestos e de que maneira estes passaram a ser uma marca estética do movimento pós-pornô. O que se pode notar a princípio é que os manifestos se utilizam de uma linguagem simples e direta, o que não significa que os temas que abordam sejam simples; pelo contrário, muitas vezes aglutinam discussões teóricas largas e complexas. Em uma rodada de percepções sobre os textos, os manifestos foram nomeados como “gênero linguístico da marginalidade”, “fronteiriço”, “bélico”, “passional”, “inaugural”, “combativo”, “visionário”, “imperativo”, “contraditório”.

Sobre este último aspecto das contradições ofereço um destaque para os binômios linguísticos e estilísticos: linguagem simples x temas complexos, orgânico x intelectual, linguagem coloquial x linguagem acadêmica, livre x imperativo, poesia x ensaio teórico. Estas são umas das marcas presentes nos manifestos que anunciam os caminhos estéticos e conceituais oferecidos pelo pós-pornô enquanto gênero literário, movimento artístico, social e de contracultura.

O manifesto pornoterrorista de Diana Torres parece ser um dos textos mais elaborados teoricamente e ao mesmo tempo se pode notar seu aspecto prescritivo e contraditório ao

mesmo tempo. No seguinte trecho Diana evoca a guerra contra as instituições, mas fala a partir delas de certa forma:

Existe una guerra allí afuera. Una guerra contra esta sociedad y contra esta civilización que se derrumba... El pornoterrorismo es una estrategia artístico-política para hacer de nuestros cuerpos la mejor arma... El pornoterrorismo no pasa por la universidad ni las instituciones artísticas ni los ismos políticos para validarse. Por eso habla y grita en un lenguaje sencillo y simple como una granada de mano o un fusil... (Manifiesto Pornoterrorista, TORRES, 2011, p.7).

Este é um texto que se arrisca a elaborar uma receita simples e prática pós-pornô ou em seus próprios termos como praticar o pornô-terrorismo, ao mesmo tempo que utiliza conceitos como biopolítica e hegemonia para falar de insurreição sexual e de gênero abjetos. Longe de fazer uma análise densa do conteúdo dos manifestos neste momento, o intuito aqui é realizar uma espécie de resenha bibliográfica sobre os aspectos destes textos que parecem fundamentais para compreender inicialmente o movimento, as imagens, os eventos, as produções e as atrizes que entramos em contato durante nosso trabalho.

O manifesto de *Dirty Diaries* tem uma formulação mais simples, até porque, é um texto que acompanha uma série de doze curtas metragens das diretoras suecas Ester Martin Bergsmark, Mia Engberg, Sara Kaaman, Pella Kagerman, Wolfe Madam, Elin Magnusson e Tora Martens. O conjunto de seus filmes inclui desde um *role play* de duas mulheres encenando um guarda nazista e uma jovem punk, com direito a penetração com cassetete, até um pornô com frutas sem a presença evidente de corpos humanos. O texto do manifesto <sup>11</sup>é composto por “dez mandamentos” e expõe em tópicos algumas premissas já conhecidas dos feminismos como:

1) “bonitxs do jeito que nós somos; 2) lute pelo seu direito de sentir tesão; 3) uma boa menina é uma menina má; 4) esmague o capitalismo e o patriarcado; 5) tão vulgares quanto queiramos ser; 6) aborto legal e livre é um direito humano; 7) lutem contra o inimigo real (o sexismo, não as mulheres); 8) mantenha-se *queer*; 9) use proteção; 10) faça você mesmo (DIY).

O manifesto *Guatonx: Anarkorporeos. O punk nunca fará dieta*, assinado por Missogina e Samuel Hidalgo, é um soco no estômago de uma sociedade gordofóbica: “Somos a denúncia andante das inconseqüências da democracia dos corpos. Custe o que custar. Porque não trocamos nossos prazeres estomacais. Somos quem resistimos a desaparecer diante do emagrecimento das diferenças corporais” (MISSOGINA; HIDALGO, 2014 p. 39. tradução livre). Todo o livro de Missogina, citado anteriormente neste capítulo, trata de temas que articulam sexualidade lésbica, identidade de gênero desviante, pós-pornografia, práticas BDSM e feminismo antiespecista a partir de uma perspectiva de uma corpa gorda.

<sup>11</sup> Material disponível em: <http://institutodelporno.net/grupo-de-lectura-y-pensamiento-pornografico-a-cargo-de-lucia-egana-r/> Acesso em 20 de dezembro de 2022.

O formato de manifestos segue em grande parte da literatura pós(t)-pornográfica. Posteriormente a realização do curso no *Instituto de Estudios del Porno*, em Barcelona, em minhas leituras sobre o tema encontrei mais um manifesto que poderia ser considerado fundacional, tanto pela data em que foi escrito quanto pelas personalidades que o assinam. Trata-se do *Manifesto Pós-pornográfico*, assinado por Annie Sprinkle, Veronica Vera, Frank Moores, Candida Royalle, Leigh Gates em 1989 (SPRINKLE, 1998). O contexto era a epidemia de HIV/Aids, durante o governo de Reagan, em que os evangélicos de direita, ao lado das feministas anti-pornografia moralizavam o discurso sobre sexualidade. Em poucas palavras, as mulheres que se tornaram referências estadunidenses para o pós-pornô se pronunciaram de forma consciente e divertida:

Que seja do conhecimento de todos ao ler estas palavras, ou ao testemunharem estes eventos, que uma nova tomada de consciência surgiu sobre a terra. Nós do Pós-Pornográfico Modernista encaramos o desafio da Era do Látex através do reconhecimento deste momento em nossa evolução sexual pessoal e na evolução sexual do planeta. Nós compreendemos nossas genitais como parte sem separação dos nossos espíritos. Nós utilizamos palavras explicitamente sexuais, imagens, performances para comunicar ideias e emoções. Nós denunciemos censura sexual como antiarte e desumana. Nós nos fortalecemos através desta atitude de otimismo sexual. E com este amor pelos nossos seres sexuais, nós nos divertimos, curamos o mundo e o suportamos (SPRINKLE, 1998, p. 2).

Nesta caça aos manifestos que partem de uma estética parecida e se utiliza de temas e contextos distintos para emitir opinião sobre o tema das pós –pornografias.

Jane Ward, em mais um dos textos do pornô feminista compilado por Taormino et al (2016), realiza um manifesto como espectadora “porca *queer* feminista”. Como acadêmica estudiosa do tema, Ward se posiciona com ambivalência em relação ao pornô e seu consumo. Dentre os argumentos centrais sobre a importância dos meios de produção do pornô (a presença e ausência de mulheres e pessoas queer como diretoras especialmente), os corpos e conteúdo que reproduzem a cultura do estupro e a (não) autenticidade do prazer feminino nessas produções, ela arrisca seu próprio manifesto:

1) Me excito com o pornô de maneira inteligente e consciente; 2) Não levo muito a sério o “eu” como parte da audiência, (des)identificando-me com as imagens; 3) Sou responsável sobre o impacto dos meus desejos sexuais e meu consumismo sexual sobre outras pessoas e sobre mim; 4) Cultivo um espaço privado e interno onde posso honrar e observar a complexidade de minha sexualidade segundo sua evolução; 5) Engrandeço aqueles que têm como objetivo dismantlar o racismo e derreter o heteropatriarcado com sua arte e seu pornô (WARD, 2016, 212).

Encerro o capítulo e esta lista de manifestos com o manifesto pornoterrorista Luddita Sexxxual de Queen Ludd (2016) em que afirma o pornoterrorismo como insurreição sexual, contra-hegemonia subversiva de objeção de gênero. Ratifica que todas podemos devenir

pornoterrorista uma vez que esse é um conceito de “código aberto” e não pertence às comissárias cuir europeias (seria uma provocação à Diana Pornoterrorista?) e que é dever pornoterrorista hackear o sistema que programa este mundo. Dentre outras palavras de ordem ela nos oferece alguns elementos linguísticos e estéticos que podem compor o ritual pornoterrorista:

Poemas e palavras de caráter sexual e que incitem a ação direta; elementos do BDSM; Musica que leve ao transe; Borrar as fronteiras entre artista e expectador; Pele descoberta e cabeça encapuchada/mascarada; Fluidos e escatologias; Maquiagem estilo “coringa” e uso de próteses diversas (LUDD, 2016, p.114, tradução nossa).

Outros tantos manifestos poderiam estar nesta lista, uns de caráter mais anarquista, outros a partir de posicionamentos anticapacitistas, anticapitalistas, antiespecistas, antirromânticos, não monogâmicos, em defesa do hackeamento de tecnologias, pelo uso de softwares livres e monstrosidades contrahegemônicas.

Iniciamos esta revisão e imersão bibliográfica como uma curiosidade em pornografias “outras”, o encontro com a pós-pornografia nos ofereceu um campo teórico expandido (com capilaridades que não conseguiram ser exploradas aqui) e finalizamos com uma espécie de retorno às pornografias. Desta vez a partir da dissidência, do desvio e da disputa pelo termo. Alguns momentos neste trabalho as diferenças estarão manchadas, não porque a diferenciação não exista ou porque estas sejam desconhecidas, mas porque julgamos o trânsito entre cosmologias semelhantes necessário ou inevitável.

### **3 SOBRE O PRAZER DE COZINHAR, COMER E DESAPRENDER TANTOS INGREDIENTES QUE NOS PARECIAM INDISPENSÁVEIS: LINHAS METODOLÓGICAS**

Nestes anos que me aproximei dos/as performers e festivais de dissidência pornô, muitos foram os movimentos de desterritorialização, foi preciso tirar o mofo de cima de mim mesma, especialmente sobre minhas condições de existência privilegiada de uma mulher, universitária, classe média, com amplo acesso aos meios de comunicação e consumo. Além disso, existe um tema, que aparentemente não passa pelas sexualidades nem pelos caminhos teórico metodológicos, mas que me mobilizou e constrangeu a uma mudança de padrões difícilíssima. Falo do veganismo e sobre a promoção de uma cultura antiespecista.

Neste capítulo utilizarei a metáfora da alimentação para desenvolver um argumento metodológico não convencional com a qual construí a tese. Eu amo comer, todo mundo sabe. Vivido como mais um de meus privilégios, existo há 34 anos num corpo magro. Pura sorte ou uma série de elementos contextuais e familiares, passei por toda adolescência e juventude sem crises típicas de muitas mulheres que desenvolvem ódio ao próprio corpo por não corresponderem ao standard de beleza perversamente magro. Busco numa narrativa sobre meu próprio corpo, que durante a elaboração desta tese ganhou quase 20 quilos, e meus hábitos alimentares para estabelecer uma relação sobre os modos de pensar, interagir e “cozinhar” um banquete intelectual para a realização de uma pesquisa.

O contato com as primeiras pessoas desta rede de actantes e performers que se tornou parte da pesquisa se deu via interesses culinários e não acadêmicos ou pornográficos a princípio. Antes mesmo da aprovação no programa de doutorado em Psicologia, onde já havia passado pelo processo seletivo e como parte dele havia entregue um breve projeto sobre meus interesses de pesquisa. Paralelamente a isso, enquanto esperava a resposta deste processo, estive ajudando minha mãe com seu projeto pessoal de abrir uma loja de conveniência. Investimento comercial esse que se tornou insustentável no período de crise e em contexto do Impeachment da então presidente eleita Dilma Roussef, mas que naquele momento no final de 2015, nos parecia interessante começar promovendo um evento que visibilizassem os produtos da loja. Assim que tive a ideia de oferecermos lanches veganos e vegetarianos como um teste de consumo e de produtos a serem experimentados. De maneiras espontânea, busquei através de indicações de amigos, pessoas que produzissem lanches veganos para este dia.

Assim que entrei em contato com Joice, uma amiga cozinheira e antropóloga que tinha um pequeno restaurante nos entornos da UFPE me deu o contato de umas “bichas” amigas, que é como chamamos todas as pessoas do nosso círculo social, que produzem e vendem lanches veganos de forma ambulante no Recife. No percurso para chegarmos até a loja de conveniência com os lanches fomos no meu carro conversando sobre a vida de cada uma e a nossa relação com as universidades. A conversa que tivemos foi mais ou menos assim: - E aí, você é da Psicologia? - Na verdade já formei e sou mestre. Submeti um projeto de doutorado agora esse mês. Vocês mantêm algum vínculo com a Universidade? - Ah menina, já passamos por tudo quanto é curso lá no Rio, mas, agora não estamos muito interessadas na Universidade. Sobre o que é seu projeto do doutorado? Preparei minha melhor explicação sobre o pouco que sabia do pós-pornô e do Festival das Monstruosas que tinha ido pouco antes da seleção. Elas riram muito. Eu estava com a Gilda Boca de Karalha e a Bruna Kury, duas das três pessoas que assinam o coletivo Coiote. Elas alertaram: Talvez a gente seja o coletivo coiote, mas não conta pra polícia.

Foi assim que descobri que aquelas pessoas que estavam me vendendo os esfirras e hambúrgueres com a proposta de ser “alimento livre de exploração e sem cadáveres” eram também performers da rede pós-pornô no Brasil, que viriam a se tornar massa para minha (in)digestão.

A partir de um Feminismo antiespecista elas relacionam a cultura patriarcal, capitalista com a exploração de animais e como isso funciona sistematicamente implementando violência em nosso cardápio (Castillo, 2016). Assim se abriram questionamentos sobre como cozinhar e comer na ausência de alguns ingredientes como os de origem animal. De maneira semelhante, na pesquisa, me encontro com uma forma de pensar e realizar uma pesquisa de doutorado na ausência de elementos que nos foram ditos essenciais para uma investigação qualitativa nas Ciências Humanas. Ingredientes tais como a neutralidade de uma observadora imparcial, objetivos específicos traçados no início da pesquisa ou ainda a noção de construção de uma hipótese para prever resultados, inclusive os ditos resultados de transformação social ou ainda a busca implacável pela “verdade” através das coletas de informações no “campo” que revelariam a “realidade” de um contexto. Destaco estes termos entre aspas porque serão aqui matéria prima de desconstrução teórica.

Me sinto no dever de alertar aos convidados que chegaram até aqui com relativa fome, os convido a compartilhar do meu processo metodológico, diante de disruptivas formas

estéticas em que a rede de dissidência sexual nos provoca, se faz necessário certa ruptura com os modelos e “tecnologias” de pesquisa normativas. Ainda que tenhamos claro que no campo intelectual e ou acadêmico a questão da originalidade é uma questão a ser discutida, na medida que não acreditamos estar “inventando a roda”, mas nos utilizamos de fragmentos múltiplos de conhecimento prévio de maneira que a artesanaria do processo, das costuras e dos temperos tenham este efeito de originalidade e quiçá algumas fraturas dentro da norma.

Gostaríamos de aliar-nos inicialmente com as desterritorializações provocadas pelo Construcionismo e mais especificamente pelo conceito “campo-tema” de Peter Spink (2003). Primeiro o autor desenvolve uma narrativa marcado inicialmente por três fases sobre como ao longo dos anos o sentido de “campo” na pesquisa em Psicologia Social sofreu transformações. Desde a visão de “campo” presente na antropologia tradicional da escola de Chicago dos anos 1930 em que estar no campo estava relacionado com estar no “habitat natural” das pessoas que queriam pesquisar.

Este seria o uso tradicional da palavra campo de fazer pesquisa, o qual quase não conseguimos escapar, em que dizemos “vou ao campo, fazer meu campo de pesquisa”. A próxima fase marcada por uma noção mais baseada em efeitos do campo que um fato em si mesmo, onde passaram a compor a noção de campo os meios de comunicação e os documentos (SPINK, 2003). E a última fase que para ele é a que o campo se dilui do espaço-território para tentar englobar a intersubjetividade. Ou seja o campo como a situação atual de um assunto, “a justaposição de sua materialidade e socialidade” (LAW & MOL, 1995).

A partir de uma leitura construcionista e pós- construcionista Peter Spink (2003) define o conceito de “campo-tema” que o consideramos uma importante contribuição metodológica para as pesquisas em Psicologia Social:

Campo, entendido como campo-tema, não é um universo “distante”, “separado”, “não relacionado”, “um universo empírico” ou um “lugar para fazer observações”. Todas estas expressões não somente naturalizam mas também escondem o campo; distanciando os pesquisadores das questões do dia a dia. Podemos, sim, negociar acesso às partes mais densas do campo e em conseqüência ter um senso de estar mais presente na sua processualidade. Mas isso não quer dizer que não estamos no campo em outros momentos; uma posição periférica pode ser periférica, mas continua sendo uma posição (p.28).

O campo é o método e não o lugar; o foco está na compreensão da construção de sentidos no espaço de vida do indivíduo, grupo, instituição ou comunidade. Percebemos também com mais clareza a importância do movimento introduzido por Hacking ao desfocar o indivíduo, grupo, instituição ou comunidade e focar o tema. Campo é o campo do tema, o campo-tema; não é o lugar onde o tema pode ser visto – como se fosse um animal no zoológico – mas são as redes de causalidade

intersubjetiva que se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros. Não se trata de uma arena gentil onde cada um fala por vez; ao contrário, é um tumulto conflituoso de argumentos parciais, de artefatos e materialidades (p.29).

Assim que não resultou difícil enxergar na imagem da carona às cozinheiras e performers sexo-dissidentes um evento “mágico”, sincrônico, quase um sinal de que o campo-tema já estava sendo construído, ainda que nós não tivéssemos a menor ideia de onde nos levaria. Faz parte do meu esforço doutoral dentro do tema das sexualidades dissidentes, o compromisso em desenvolver uma metodologia que pareça justa com as pessoas envolvidas e de certa forma expostas na pesquisa, além de nós pesquisadoras, claro.

A rede pós-pornô me intriga, me constrange, me afeta visceralmente, afetivamente, me desperta revoluções. Nestes quatro anos quis desistir diversas vezes deste campo-tema por pensar que não teria muito a acrescentar ou contribuir. Insisti mais pelo efeito inverso da pesquisa, pelas provocações que a rede gerou na minha vida e (ousadia ou não da minha parte) sobre os efeitos de transformação que podem gerar na Psicologia como campo de conhecimento e prática profissional. Gostaria de abrir o debate sobre esse sentimento de “impostor” que se discute bastante no que diz respeito à inserção de pesquisadores em seus contextos de investigação e seus possíveis paradoxos.

Muito se tem debatido sobre as formas de aproximação dos(as) pesquisadores(as) em seu “campo-tema”, especialmente na Psicologia, como as pesquisas geram “sujeitos-problema” e a própria noção de alteridade, na construção desse “outro” frente a norma. Não sem razão histórica, se estuda sobre e ou com pessoas marginalizadas e de um contexto social muito diferente dos(as) universitários(as). Estamos falando de campos-tema já reconhecidos como legítimos no campo das ciências humanas e das psicologias. Para citar alguns destes campos-temas presentes em minha turma do doutorado: Juventudes em conflito com a lei, racialização e pobreza, vida no campo, contexto de favelas, enfermidades mentais, transexualidade, homossexualidade, deficiências físicas, capacitismo, homofobia, violência sexual, aborto. A questão é que dentro destes temas há “sujeitos” a quem se dirige ou sobre quem se aplica. Sendo os(as) pesquisadores(as) um outro, como deve se posicionar diante da alteridade? Qual o lugar de fala dos(as) pesquisadores(as) e sua relação com a alteridade?

Antes de desenvolvermos mais sobre “conhecimento situado”, queremos apresentar sobre como fazemos pesquisa em Psicologia e quais as “receitas de bolo” existentes e apresentadas neste caminho. Para falar do nosso contexto de pós graduação em Psicologia da UFPE posso afirmar junto com meus colegas nestes 14 anos de pós graduação, que existem

ingredientes conhecidos de todos e uma série de passo-a-passo próprios de nosso contexto. Em Psicologia, existem perguntas cruciais que nos fazem os(as) professores(as) durante toda formação antes de começar a pesquisa que são basicamente: Qual o campo de estudos em que se localiza? Qual o tema que aborda? Quais são os sujeitos envolvidos? Qual a pergunta-hipótese? E se visa a transformação social quais os possíveis efeitos práticos para o contexto em que está inserida?

Triviños (2009) aponta este encadeamento de ideias, a coerência entre os suportes teóricos e práticas sociais como algo desejável ao exercício intelectual. Aquilo que ele nomeia “disciplina intelectual” surge como ponto de partida para mudança e traz a discussão filosófica como base para um quadro de referências para o entendimento da realidade social. O autor alerta para os perigos do ecletismo intelectual, uma vez que é preciso buscar coerência entre os métodos, as bases filosóficas e epistemológicas da pesquisa.

Em suas considerações sobre pesquisa qualitativa Minayo (2012) aponta que fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas. De forma que esse tripé esteja mutuamente coerente e interdependente. Pois o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta dos dados. Ela também não deixa escapar que a qualidade de uma análise depende também do tempero particular do “jogo de cintura” do/a pesquisador/a, da experiência e de sua capacidade de aprofundamento.

Para as pesquisas ditas qualitativas, a autora supracitada aponta um “passo a passo” que tanto pode nos oferecer um caminho ou ser matéria de subversão. Dentre as “dicas” da autora estão a definição do objeto sob a forma de uma pergunta ou de uma sentença, pois esta indagação inicial norteia o/a investigador/a durante todo o percurso de seu trabalho. Seguindo outro direcionamento de Minayo (2012) que foi dirigir-se informalmente ao cenário de pesquisa, buscando observar os processos que nele ocorrem munido de estratégias de pesquisa, mesmo que provisórias. É necessário questionar nossas hipóteses, pois a realidade empírica é mais imprevisível do que pensamos. Especialmente neste campo, onde as desconstruções são radicais, esta é foi uma “dica” valiosa inclusive para abandonar as hipóteses. O que vou desenvolver adiante.

Booth, Colomb & Williams (2005) nos apontam outras perguntas que nos acompanharam no percurso da pesquisa. Exercitamos fazer-nos estes questionamentos e tentar responde-los, mesmo que provisoriamente em diversos momentos da pesquisa: Qual o

tópico da pesquisa? O que queremos investigar e porquê? Ou ainda a pergunta que mais nos provoca: Quais os efeitos políticos de trabalhar com este tema?

Aqui recorro das aulas de Marisela Montenegro no mestrado de intervenção e investigação psicossocial da Universidade Autónoma de Barcelona, que gentilmente me convidou a participar em 2019. O tópico da aula era sobre os efeitos políticos e éticos da pesquisa. Ela nos fazia refletir sobre a produção de um “sujeito problemático” muito comum nas investigações em Psicologia. Em alguns casos estes sujeitos das pesquisas podem gerar políticas públicas, atividades de controle social, investimentos privados, justificativa para criação de ONG, leis e regulamentações da vida cotidiana, etc. Além disso, a depender destes sujeitos e problema de pesquisa abrem-se espaços para difusão da informação, financiamento para a pesquisa e assim determina a legitimidade dela mesma no campo.

Sobre este mesmo tema lembro do comentário que fez o professor Lupcinio Igiñes quando apresentei o primeiro capítulo desta tese. Era a primeira vez que alguém lia o que escrevi e foi no grupo de investigação LAICOS que fizemos uma leitura coletiva do que pretendia pesquisar. Entre tantas perguntas sobre qual o meu objeto mesmo dentro do movimento de pornografias dissidentes ou o poderia ser lido como o conhecido pós-pornô barceloneta em suas versões tupiniquirs. O comentário de “Lupi” desestabilizou certezas. Será que é realmente benéfico pesquisar estas práticas de dissidência sexual, assim como esses movimentos de contracultura? A princípio não entendi. Ele seguiu explicando como se isso não pudesse inviabilizar a minha pesquisa: É que o controle social presente nas publicações acadêmicas tem duas caras, uma produtiva e outra coercitiva. Explicitar as práticas subversivas pode gerar enclausura de poder. Entretanto, seguimos discutindo se o “oculto” necessita visibilidade ou simplesmente está invisível por estar fora da norma. Assim que explicitar seria expor à cooptação pela norma ou seria gerar movimento de imagens de subversão?

Segui com o vislumbre da segunda opção. Apresento essas “receitas” porque elas foram alimento para mim durante o processo vivido nestes quatro anos. Dedicar-me à transparência do processo de escrita e pensamento é parte das outras receitas epistemológicas e metodológicas que elegi para essa pesquisa. A pesquisa teve ou melhor dizendo, contém em si mesma diferentes perguntas de pesquisa e objetivos. Por exemplo, já delimiti diversas vezes o que no movimento pós-pornô ou de pornografias dissidentes era meu objeto de pesquisa enquanto pesquisadora e psicóloga social. A estética como prática política, as linhas

de enunciação linguística e corporal, os movimentos de (des)identificação com as identidades sexuais e de gênero e as narrativas de (a)normalização das práticas sexuais e (não) identitárias. Quantos objetos dentro de um grande tema poderiam existir? Uma infinidade. Poderia defender teoricamente a validade de qualquer um destes como perguntas e objetos justificáveis? Sim. Mas, decidi abandonar o formato das hipóteses, das perguntas de pesquisa com seus objetos e objetivos.

Quero me unir às pesquisas que realizaram cartografias dos desejos (DELEUZE e GUATARRI, 1995), numa tentativa de “cartografia “zorra” (PRECIADO, 2017), seguindo trilhas de metodologias queer postpornográficas (EGAÑA, 2016) ou ainda nomeadas anarcoqueer (LEON, 2012). Queremos confundir fronteiras para responsabilizar-nos pelo que vemos e dizemos com as epistemologias feministas (HARAWAY 1995; 2009) e borrar as linhas dicotômicas entre humanos e objetos, indivíduo e sociedade, realidade e imaginação, corpo e mente e tantos outros binômios cartesianos (LATOURETTE, 2000;2008).

### **3.1 Epistemologias feministas para a construção de uma cartografia pós-pornográfica situada**

Queremos partir do raciocínio de Deleuze e Guattari (1995), para construir uma cartografia que tem como proposta a construção de intercessores, a busca de interferências e agenciamentos. Vale lembrar que essa busca se faz em torno de movimentos, de processos complexos e situações cotidianas. Nesse contexto, esforça-se por desestabilizar as fronteiras entre pesquisador e campo, para que nessa passagem possam emergir focos de invenção, de alteridade.

Para Simone Paulon e Roberta Romagnoli (2010) é preciso estarmos atentas às circunstâncias, aos movimentos, além de rastrear quais forças de reprodução/invenção estão enredadas e quais efeitos estão se dando num determinado arranjo social. Nesse tipo de cartografia, as pesquisadoras comparecem, elas mesmas, como intercessoras, vetores de passagem de um território ao outro, complexificando o campo através de processos de desterritorialização.

Em nossa pesquisa realizada no mestrado seguimos as “pistas” apontadas por Virginia Kastrup e Eduardo Passos (2013) para a construção de uma cartografia, sobre as quais

queremos resgatar a ênfase no processo, a aposta na transversalidade e as práticas de tradução-interpretação.

Como um dos princípios de funcionamento do rizoma, para Deleuze e Guattari (1995), a cartografia é um mapa aberto que se vai desenhando pelas conexões que o campo de pesquisa ofertar, não se esquecendo jamais que nele se incluem as implicações do próprio pesquisador, ou seja, seus desejos, perguntas, curiosidades, verdades, etc. Em outras palavras, é preciso estar atento ao processo mais do que objetos e sujeitos em si.

Assim que a compreensão das actantes que integram a pesquisa vai além do conjunto de pessoas e coisas, leva em conta as dimensões da processualidade do coletivo, inclusive as fora-grupo. A cartografia aposta na transversalidade para a desestabilização dos eixos dicotômicos organizativos, a verticalidade que hierarquiza os diferentes e a horizontalidade que iguala e homogeneiza. Neste terceiro eixo, que é o da transversalidade, não é mais possível ou necessária a separação de saberes e atores, onde o grupo experimenta sua dimensão de coletivo.

Quando indicamos que o comum é produzido pela transversalização realizada por práticas da participação, inclusão e tradução, afirmamos o paradoxo da inseparabilidade das idéias de comum e heterogeneidade. “Somos levados, então, a ficar no limite instável entre o que comuna e o que difere; entre o que conecta os diferentes sujeitos e objetos implicados no processo de pesquisa e o que, nessa conexão, tensiona; entre o que regula o conhecimento e o que o mergulha na experiência” (KASTRUP e PASSOS, 2013 p. 267).

É a partir destas experimentações que queremos pensar que na metodologia cartográfica: a) A interpretação converte-se em auto-análise; b) As variáveis tornam-se dispositivos-analisadores; c) O conhecimento técnico só tem lugar quando transmuta-se para a autogestão (PAULON e MOMAGNOLI, 2010). É mantendo o foco nestes elementos que caminhamos nestes últimos quatro anos de leituras e experiência em pesquisas para uma escritura mais subjetiva e autoanalítica da tese.

Queremos associar-nos à compreensão de cartografia “zorra” (que poderia ser traduzida como cachorra ou puta, mas que perde a ambiguidade da tradução literal de raposa) de Paul Preciado (2017). Onde ele indica um perigo sobre a realização de uma cartografia dominante, assim como a realização de uma cartografia identitária das minorias. Ao passo que a realização de uma cartografia dominante parte de um ideal generalizante de se imaginar como um grande relato capaz de apagar, incorporar ou recodificar aquilo que excede ou

resiste à norma, “o perigo da cartografia identitária das minorias é funcionar, como diria Foucault, como “um ato de vigilância”, cobrindo de alguma maneira o mapa que os dispositivos de controle impulsionam para se converter, então, num arquivo de vítimas que, mais do que criticar a opressão e a sua diferença, acabam por estetizá-la.” (p. 9).

Isso me lembra aquele questionamento feito pelo professor Lupicínio Iñigues sobre em que medida a minha pesquisa não poderia gerar enclausura de experiências pela norma. No entanto, voltando ao argumento de Preciado, uma cartografia esquizoanalítica não possui como objetivo traçar uma rede de espaços transitados por sujeitos minoritários, nem muito menos propiciar uma taxonomia de lugares habitados e transformados pela loucura (do neurótico ou do psicótico), mas sim “esboçar um mapa dos modos de produção da subjetividade” (2017, p.11).

Guattari nos adverte que tal mapa não poderá ser feito sem levar em conta o que ele denomina como as tecnologias de representação, de informação e de comunicação que (como autênticas máquinas performativas) não se contentam com a veiculação de conteúdos dados, mas vão além ao produzir a subjetividade que pretendem descrever. A partir desse ponto de vista, uma cartografia almeja traçar uma conjuntura daquilo que Guattari chama de “dispositivos coletivos de subjetivação” (p.16).

Ele rejeita a tarefa de fazer uma cartografia de acordo com as três tradições clássicas da produção de saber: a história, a sociologia e a psicologia. Dito de outra maneira, uma cartografia é uma contra-história, uma contra-sociologia e uma contra-psicologia. Por isso, Guattari concebe a cartografia não simplesmente como uma técnica de representação das subjetividades políticas dadas, mas sim (e vem daí o seu interesse em relação às políticas sexuais) como uma autêntica prática revolucionária de transformação estética e política.

Se em algum momento de minha trajetória como pesquisadora me vi como uma cartógrafa das sexualidades na Psicologia, creio que o maior esforço neste trabalho foi atrever-me a uma cartografia contrassexual e contra-psicologia. Sobre esta relação particular com a Psicologia dedicarei espaço para situar a discussão teórica dois capítulos adiante.

Para Adriano León (2012) uma investigação no campo das sexualidades queer, uma posição de fluidez também deve conduzir a observação, as constatações, os sujeitos. Uma metodologia anarquista não significa a total inexistência de um método a seguir. Antes, ela aponta para um conjunto de ferramentas, as quais devem ser renovadas, afiadas para ser usadas na medida certa. Nada de manuais com fórmulas prontas. A metodologia anarcoqueer

é a caixa de ferramentas de Deleuze. Os métodos de investigação tradicionais prendem-se à apreensão exata ou compreensiva do real instituído e se organizam no espectro da reprodução buscando leis explicativas, o retrato da estabilidade, das normas e da conservação das identidades desveladas.

Para o autor as formas de agir e pensar e as experiências do viver não têm método próprio. A metodologia anarcoqueer lida com táticas, com fluxos desejanter, com estratégias do sujeito e seu desejo. Cada investigação é singular. Assim, o método é construído nessa singularidade e só serve naquele momento. Não se difunde em manuais, mas tão somente na descrição daquela investigação. É uma tática parcial, híbrida, suja e provisória de conhecimento (HARAWAY, 1995).

É uma afetação e deixar-se afetar:

Um método nu. Visa perceber as ressonâncias e as dobras, as superfícies estriadas e os contornos. Abre-se ao acaso, ao inusitado e ao não-dito. É assistemático e desprovido de metacategorias, pois que não se pode perceber o rizoma original dos fenômenos. Do rizoma só se sabe das suas emergências. A investigação é cartográfica, é um mapa único desenhado a partir de rastros e visão do investigador e seus mitos e medos (LEON, 2012. p. 8).

Segundo Lucia Engaña (2016) este estilo textual irruptivo é realizado por diversas autoras(es) feministas e traz uma implicação pessoal na investigação na medida em que se utiliza uma prática científica

Se desnuda, que reconoce su origen y sus posibles destinos; que deja ver sus plumas, su ano, su coño, su piel negra, blanca, amarilla o azul [...]. El investigador es investigación. Nuestras biografías personales forman parte inevitable de todo el proceso de creación científica (BERNÁ 2011, 84).

Vários seriam os exemplos de escrituras que usaram de sua própria experiência para desenvolver o trabalho de investigação, a começar por Paul Preciado que relatou em seu livro *Testo Yonkie* a sua experiência de usar testosterona em seu corpo, antes mesmo de assumir uma identidade e um nome masculino.

Ainda que seja difícil definir concretamente o que são as metodologias queer ela considera que poderiam ser uma série de práticas situadas na fronteira entre o ativismo e a produção de conhecimento que compartilhem certos elementos como: a inclusão da própria subjetividade como espaço legítimo de produção e análise; o uso do corpo como laboratório; um trabalho que tenha efeito sobre determinada comunidade; A princípio, boa parte das metodologias queer se definem como métodos de resistência frente a uma ciência tradicional.

Jasbir Puar (2017) propõe aproximações táticas que refletem uma filosofia metodológica queer. O queer questiona o modo linear de condução e transmissão, não modos de fazer e pensar sem receita esperada. Os textos são múltiplos, variados de forma a produzir-forjar um arquivo histórico do presente. As metodologias formais empregadas são entrevistas, observação participante em eventos, atos, reuniões, análise de mídia. Ela reivindica o caos como metodologia terrorista. Reivindicar a não linearidade é sempre oportuno, se não fosse pelo fato de que a não linearidade foi concebida como caos. Um caos que não seja violência, agitação e anarquia?

Situar o tempo em devenir entre do marco da urgência, da conveniência e da política frente a estabilidade da força do presente no sentido de aceitar os diferentes tipos de ativistas-intelectuais. O que significa examinar, absorver, sentir, reflexionar e escrever sobre um arquivo enquanto este se está produzindo e se desfazendo ao mesmo tempo?

A autora aponta o encantamento como aproximação metodológica. Ao contrário de uma pesquisa “neutra”, a pesquisa encantada não perde de vista as sombras, as coisas efêmeras, as energias, as forças etéreas, o espírito e as sensações. Assim como a metodologia encarnada de Donna Haraway (1995) a metodologia encantada de Jasbir Puar (2017).

### **3.2 Sobre uma escritura performada no corpo e a criação de “figurações”**

Egaña (2016) desenvolve um formato de escrita íntimo e a partir da experiência em que se desafia a versão tradicional do conhecimento como livre de emoções e rastros subjetivos. Escrituras ativistas, em primeira pessoa, políticas, anedóticas e de opinião. Corpos incompreensíveis. Escrituras como práticas sexuais, difíceis de assimilar pela publicidade. Escrituras párias, performativas, performances que são escrituras de urgência.

Como escreveu Donna Haraway (2009) Este ensaio é um argumento em favor do prazer da confusão de fronteiras, bem como em favor da responsabilidade em sua construção. Esse é um texto de blasfêmia e ironia. Exatamente porque a ironia tem a ver com contradições que não se resolvem – ainda que dialeticamente – em totalidades mais amplas: ela tem a ver com a tensão de manter juntas coisas incompatíveis porque todas são necessárias e verdadeiras.

A epistemologia feminista de Donna Haraway (1995), desenvolvida em seu texto Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. A autora propõe desmascarar as doutrinas ideológicas da “objetividade científica”

descorporificada. Ela afirma que a ciência é jogo retórico e por isso devemos levar em conta os fatos e artefatos envolvidos no processo de conhecimento, inclusive mediados por atores. Uma vez que esses atores envolvidos na produção do conhecimento científico tem corpos masculinos, brancos, europeus, da classe média, a “manufatura” da ciência é uma produção corporificada de verdades.

Marisela Martínez & Joan Pujol Tarrès (2003) nos fazem o seguinte questionamento que parece útil às pesquisas ativistas: como poderemos atuar e intervir na transformação social, se todo conteúdo é uma construção social e não há realidade externa fora das tecnologias de representação que as produzem?

Como proposta de conhecimento situado, as autoras nos apontam seguintes pistas: É preciso responsabilizarmos pelo que vemos na realidade. Fruto de posições de sujeito contingentes, que cria versões parciais e encarnadas dos acontecimentos. Por isso, aquilo que se afirma problemático ou digno de um problema de pesquisa está envolto em articulações conceituais particulares. É preciso criar espaços políticos e sociais que respondam às demandas dos sujeitos que participam desta articulação.

Neste sentido, buscamos experimentar diferentes “sabores” teóricos, nos localizando como produtores de um conhecimento científico parcial, provisório e inacabado. Para tanto contaremos com as ferramentas teórico conceituais de uma cartografia poética ou dos desejos. Trata-se, portanto, de acompanhar e investigar processos de produção, considerando a própria investigação como um componente nesse processo, de realizar “mapeamentos” cujo próprio traçado pode provocar alterações nas relações que mantém com o “território”.

### *3.2.1 Figurações ou semiótica das imagens*

Portanto, longe de pretensões representativas do movimento pós-pornô e/ ou pornografias dissidentes, entendendo que somos disparadores de uma rede rizoma. Queremos nos aliar a Ibáñez (2009) na produção de “imaginações” ativas. Para ele as imagens cumprem uma função instrumental, como um meio de “teletransporte da realidade” e esta função é extremamente útil e potente como efeito de verdade.

Mas para Ibáñez (2009), apesar da potência de sua função representativa, uma imagem não se esgota nessa função. A imagem transborda essa função. Ou seja, imagens não estão sujeitas apenas ao ato de produzir verdades. Segundo ele, a função da imaginação tem uma potência transgressora útil a nossa pesquisa:

Parece ser a da distorção da realidade, o da fantasia ou do delírio, do engano e do erro... Com efeito, é precisamente porque a imaginação escapa da censura da razão, é porque ela joga livremente com as regras da lógica, e porque ela zomba das restrições e exigências da realidade, que a imaginação pode, precisamente, desempenhar sua função de estimular o pensamento, e de gerar novidades em relação ao que existe, que está estabelecido (p. 45).

É portanto, a partir destes pressupostos teóricos metodológicos que estamos desenvolvendo esta pesquisa. No sentido da produção e acompanhamento de comunidades inéditas de desidentificação com o regime de verdade sobre o sexo e as sexualidades. Por isso, nos interessa entender os “saberes do corpo” que emergem desse tipo de escrita.

Silvia Rivera Cusicanqui (2010) em seu livro “Ch’ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores” desenvolve uma proposta teórica e metodológica de “sociologia da imagem”. Ela analisa as pinturas de Waman Puma Ayala como uma narrativa imagética que escapou o controle da escrita. Ela defende que esta decisão pelas imagens é também uma escolha política na medida em que escapa aos controles da escrita colonial.

Para a autora a escolha pela imagem se origina no questionamento à escrita, a qual se torna, sob o controle colonial, uma forma de produção em que “as palavras não designam, mas cobrem”, criando um registro imaginário de ideologias igualitárias. Ou seja, “as palavras são eufemismos para encobrir os direitos cidadãos a uma maioria da população que cobrem a realidade ao contrário de nomeá-la”, configurando os discursos públicos como “formas de não dizer” (p.601).

A linguagem pública seria aquela com status “oficial” de verdade sobre a população indígena, em lugar que as imagens em seu livro oferecem interpretações “privadas” críticas à linguagem “oficial”. Em sua análise do trabalho de Waman Puma que, ela considera que ele faz uma crítica ao mundo colonial, partindo de uma noção indígena de poder e organização social, presente na afirmação de um “mundo ao contrário”. Para ela são as imagens mais que as palavras em um devenir histórico que hierarquizou o textual em detrimento das culturas visuais. Ao resgatar essa cultura visual se resgata os sentidos bloqueados e esquecidos pela linguagem “oficial” das palavras.

Por isso a descolonização não pode ser somente uma retórica, porque as palavras podem se desentender das práticas. Através do registo visual se pode inventar formas de combate, subversão e ironia ao sistema colonial. No livro ela considera o resgate dos desenhos de Waman uma espécie de “flash back” que nos permite pensar a história passada

com os olhos do presente e ao mesmo tempo reconstruir o presente a partir de uma recontagem do que aconteceu no passado. É necessária fazer um contraponto às culturas letradas.

A pergunta da autora cabe às nossas análises semióticas presentes: O que são nossas cidades se não uma grande quantidade excessiva de imagens, de exagero visual, praticamente uma promiscuidade de cenas, signos e situações?

No “mundo ao revés” de Waman Puma ele desfaz ideias que temos sobre a sociedade indígena pré-hispânica, sobre seus valores e conceitos de tempo-espço. Especialmente sobre o desastre da colonização e subordinação massiva no território dos Andes. A primeira ideia a ser reinventada é a de ordem/desordem. São tantas as consequências em tocar neste tema. São diversos tipos de ordenamentos: das idades, das ruas, da distribuição de espaço ocupado pelas pessoas, o calendário ritual, etc. Especialmente a ordem de quem trabalha e quem come se conecta com a lógica da terra:

[...] La centralidad de la comida y de la labor productiva en el orden cósmico indígena. En la crónica, este es un argumento contundente contra la usurpación de tierras y la explotación laboral. Para convencer al rey de que debe poner orden y buen gobierno en sus colonias, exclama: “Con la comida se sirve a Dios y a su Majestad. Y adoramos a Dios con ella. Sin la comida no hay hombre ni fuerza” (p. 1027). La exposición del Calendario agrícola tiene pues un fin pedagógico: “Se le ha de ver y considerar de los pobres indios deste reino, mirando estos dichos meses todo los que coméis a costa de los pobres indios deste reino del Perú”. Es pues, un adecuado cierre a la larga exposición de penurias, el mostrar los fundamentos de toda sociedad y de todo gobierno, en la labor productiva de los agricultores (CUSICANQUE, p. 22-23).

Assim que, se fazemos um “flashback” para recupera a noção de convivência entre natureza e seres humanos expressada em todo detalhamento de ordem das ruas que a autora relata no livro com as imagens de Puma, apesar das hierarquias patriarcais, estaríamos diante de uma sociedade que teria uma visão mais crítica ao trabalho laboral como fonte de afronta moral e à dignidade humana.

Para ela os povos primitivos agricultores e astrólogos são poetas e construtores de mundos:

Éste es un poeta, en el sentido Aristotélico del término: creador del mundo, productor de los alimentos, conocedor de los ciclos del cosmos. Y esta poiesis del mundo, que se realiza en la caminata, en los kipus que registran la memoria y las regularidades de los ciclos astrales, se nos figura como una evidencia y una propuesta. La alteridad indígena puede verse como una nueva universalidad, que se opone al caos y a la destrucción colonial del mundo y de la vida. Desde antiguo, hasta el presente, son las tejedoras y los poetas-astrólogos de las comunidades y pueblos, los que nos revelan esa trama alternativa y subversiva de saberes y de

prácticas capaces de restaurar el mundo y devolverlo a su propio cauce (CUSICANQUE, 2010, p. 30).

A crítica de Rivera à conceitualização de povos originais pela imposição de uma ideia de tradição também é feita em seu polo contrário: a ideia de hibridismo, usada por diversas disciplinas das ciências sociais como sinônimo de mestiçagem e como sinônimo de algo homogêneo que não se reconhece nas suas origens. Porém, as sociedades chamadas mestiças são, para a autora, mais parecidas à noção aymara de Ch'ixi, a qual se define como um contexto “abigarrado”, manchado, pintado, mosqueado em que convivem os diferentes, permitindo se confundir na percepção, mas nunca se misturar.

Essa noção, que obedece a ideia aymara “de alguma coisa que é e não é ao mesmo tempo, isto é, a lógica do terceiro incluído”, responde as ideias homogeneizantes de unidades e de fusões. Na conceitualização Ch'ixi das diferenças, “cada uma se reproduz a si mesma a partir da profundidade do seu passado e se relaciona com as outras de forma contingente”, a origem muda, mas não desaparece e se mantém ainda na contradição, existindo plenamente.

### 3.3 Guerra de imagens: Teoria Ator-Rede

Como uma teoria Aimara poderia se conectar com o hibridismo da teoria ator rede? Neste momento queremos apresentar um pouco da Teoria Actor Rede e como a leitura que fizemos dela afeta diretamente a pesquisa e a reconfigura do início ao fim. De certa forma o conceito de campo-tema de Spink e a sociologia da imagem de Cusicanque coadunam com alguns pressupostos desta teoria eurocentrada. Já em seu texto sobre campo-tema anuncia que as materialidades são parte das conversas, dos diálogos e da própria noção do social:

Algumas conversas acontecem em filas de ônibus, no balcão da padaria, nos corredores das universidades; outras são mediadas por jornais, revistas, rádio e televisão e outras por meio de achados, de documentos de arquivo e de artefatos, partes das conversas do tempo longo presentes nas histórias das idéias. Alguns até podem acontecer com hora marcada, com blocos de anotações ou gravadores. Entretanto, esses lugares não são contextos; os blocos de anotações, os gravadores, o ônibus, a padaria, a universidade, os jornais, o rádio, os documentos, os achados e artefatos são, como materialidades, também partes das conversas (SPINK, 2006 p. 29).

Para Blanca Callén, Miquel Domènech, Daniel López, Israel Rodríguez, Tomás Sánchez-Criado e Francisco Tirado (2011) os relatos da Teoria Ator-Rede partem dos seguintes pressupostos: a) o interesse por uma semiótica relacional, o relato de micronarrativas, as relações estabelecidas entre entidades existentes ou criadas pela relação . b) a descrição intensa de composições heterogêneas, ou seja, composições heterogêneas tanto disciplinares, metodológicas, como ontológicas. Assim que a TAR pode estar associada a

basicamente qualquer metodologia qualitativa e objeto de investigação. c) a reivindicação do lugar que ocupa nestes jogos relacionais a materialidade. d) a insistência em processos locais e precários, e) um olhar sobre o espacial e finalmente, f) a prioridade da pergunta como antes de porquê.

Sua obsessão pela descrição das mediações, sua incredulidade ontológica e sua paixão pela capacidade surpreendente do empírico é algo essencial que não pode ficar enclausurado nos exemplos que damos sobre a teoria pré-selecionada. Em um relato de Teoria Ator Rede existe uma relação que se aproxima bastante do que Deuze e Guatarri (1988) entendiam como o estabelecimento de uma lei para cada caso particular. Claro que os conceitos que se elaboram podem ser abstraídos e poder ter certa generalização, mas esse exercício sempre se faz a partir das singularidades do estudo.

As relações, conexões e desconexões, distanciamentos e sedimentações que são descritas não são igualmente possíveis em outro contexto e não obedecem uma espontaneidade vazia de poder. Por isso a TAR se interessa nos processos e ao como as realidades se comportam, antes dos resultados. Nas histórias TAR interessam as diferenças, as semelhanças, os detalhes, a transformação microscópica, com um certo nível de preciosismo. Assim que a realidade não se assume como destino final, sempre pode ser repensada e redescrita de outro modo.

Para Juliana Santos (2017) Latour discute como o investimento financeiro, o tempo e o status do pesquisador, permitem ou não o sucesso de determinado estudo. O conceito de rede que permeia a TAR foi inspirado na ideia de rizoma postulada por Deleuze e Guattari, que propõe pensar a rede como a relação de diferentes atuantes, humanos e não humanos, na qual não há origem e estes elementos se articulam e compõem redes heterogêneas.

Partindo das noções e fundamentos acima referidos, Latour buscava, em suas pesquisas etnográficas nos laboratórios, observar como se dava a produção do conhecimento nas ciências naturais e percebeu que os pressupostos da Ciência Moderna eram contraditórios com o processo da pesquisa, pois, mesmo nas ciências biomédicas, experimentais, como na neuroendocrinologia, a problemática política e social se faziam presentes na construção de informação (LATOURE, 2000).

A teoria ator rede se caracteriza por realizar um minucioso e persistente trabalho de demolição das dicotomias que tradicionalmente articulam as análises sociológicas e psicossociais: natureza-sociedade; macro-micro; humano-não humano, etc. Seus pressupostos

apostam por uma forma de explicação monista em que seus protagonistas se caracterizam por sua heterogeneidade material.

Não se quer apresentar a ciência como um produto, mas sim mostrar como se elabora, e portanto centrar-se nas práticas científicas no momento em que se elaboram e realizam. Segundo, se fala em evitar de usar explicações dualistas que são tomadas como algo indiscutível, por exemplo a distinção entre verdadeiro e falso; natureza e sociedade.

Se mostra fundamental para a teoria ator rede a perspectiva semiótica de que os elementos e as entidades de suas análises não existem por eles mesmos, mas estão constituídos nas redes que fazem parte... Fora da relação não existem, não há realidade. É crucial também não partir nunca de uma prevalência de uma entidade acima de outra, por exemplo como considerar as relações entre humanos mais relevantes do que as que se dão entre humanos e não humanos.

Bruno Latour (2008) em seu texto para a abertura da exposição “Iconochash” apresenta uma explicação para o termo que julgo útil e nos acompanhará até às análises da tese. A diferença entre um iconoclasmo e um iconochash é a seguinte: a primeira ocorre quando sabemos o que está acontecendo no ato de destruição, de quebrar um objeto ou situação. Iconochash ocorre quando não se sabe ou se hesita, quando se é perturbado por uma ação que não se sabe destrutiva ou condutiva.

Das contribuições mais evidentes de Latour para a Ciência está a desmistificação desta como entidade com “C” maiúsculo. Ele desvela a pretensa objetividade dela como se não pudesse ser construída por mãos humanas.

Se alguém mostra que há mãos a trabalhar no tecido humano da ciência, é acusado de manchar santidade da objetividade, de arruinar sua transcendência, de proibir qualquer desejo de verdade, de pôr fogo à única fonte de iluminação que podemos ter. Nós tratamos como iconoclastas aqueles que falam dos humanos que trabalham – cientistas em seus laboratórios – por trás ou por sob as imagens que geram a objetividade científica (LATOUR, 2008, p. 116).

De maneira mais geral, a mente crítica é a que mostra as mãos dos humanos agindo em todos os lugares, a fim de trucidar a santidade da religião, a crença nos fetiches, o culto ao transcendente, os ícones mandados do céu, a força das ideologias. Quanto mais se puder ver que a mão humana trabalhou em uma imagem, mais fraca será a pretensão da imagem de oferecer verdade. Desde a Antigüidade, os críticos nunca se cansaram de denunciar os esquemas tortuosos de humanos que tentam fazer os outros acreditarem em fetiches que não existem. O truque para desvendar o truque é sempre mostrar a baixa origem do trabalho, o manipulador, o contraventor, o fraudador por baixo do pano, pego em flagrante (LATOUR, 2008, p. 117).

“Isso é feito ou isso é real? Você tem que escolher!” Uma tradição de questionamento que, por outro lado, construiu e desconstruiu tanto, mas sem ser capaz de confessar como foi

capaz de fazê-lo. É como se a mente crítica não pudesse superar a quebra original dos “factiches” e se desse conta de quanto perdeu ao forçar o fabricante a uma escolha impossível entre a construção humana e o acesso à verdade e à objetividade. A suspeita nos deixou idiotas.

Para Latour (2008) as imagens científicas oferecem diferentes tipos de “iconoclashes”. A ideia de trazer as imagens científicas não é no intuito de esclarecer algo, mas para mostrar como elas são geradas e como elas se conectam, a que espécie de iconoclasmo elas têm sido sujeitadas. Um iconoclash são apenas os lugares, objetos e situações em que há uma ambigüidade, uma hesitação quanto a como interpretar a construção da imagem e a destruição da imagem.

Latour propõe o termo “factiche”, mesclando as palavras fetishe e fait (fato/feito); aqui, como alternativa à tradução fe(i)tiche, em que as letras fact remetem a fatos/factos (latim factu) e também ao feito. Neste sentido, a perspectiva científica de Latour e as palavras que seguem parecem se conectar à noção de conhecimento situado de Donna Haraway, com sua epistemologia feminista sobre a construção da objetividade.

### **3.4 Inventando uma Metodologia auto-analítica e de experimentação no corpo**

Assim que uma metodologia de escrita feminista, queer, póspornográfica busca enfatizar como esse tipo de pesquisa pode modificar quem as realiza, quem entra em contato com ela, como esse exercício imaginativo pode afetar os processos de ativismo das pessoas em seu redor.

Aos moldes inspirados por Paul Preciado, Maria Llopis e Lucia Egaña desenvolvi um exercício de escritura de 40 dias. Durante um ano e meio escrevi sobre 40 dias vividos na teia de conexões e recordações relativas às minhas experiências vinculadas ao campo-tema póspornô entre 2015 e 2020. Isso foi fruto dos incômodos e fricções causadas por essa aproximação.

Assim como no diário de Maria Llopes (2010) “El post pornô era eso”, busquei uma escritura íntima que apesar de linear nas datas, apresenta memórias não lineares de eventos vividos neste período e até anteriormente em minha vida pessoal. Adicionei a este experimento de escritura, os relatos sobre uma mudança de hábitos alimentares durante a

quarentena de escritura. Retirei das minhas refeições todo tipo de carne animal. Alternando entre uma alimentação vegetariana, ovípara e algumas inteiramente veganas.

Lucia Egaña (2016) propõe três etapas para a investigação: a fase crítica, a fase de reapropriação e a fase de visibilização. A primeira fase parte de uma constatação sobre estarmos em um mundo patriarcal, machista, heterossexual, hierárquico e discriminatório onde estamos todos submetidos à norma através de distintos dispositivos. Assim que a crítica parte através da autoanálise e do contato com escritos, materiais visuais distintos e experimentos corporais. A segunda fase denominada de reapropriação tem a ver com encarnar a crítica, com o agenciamento do próprio corpo e as posições de sujeito em relação ao que entrou em contato. A terceira fase chamada visibilização é uma forma de materialização pública das práticas de desconstrução das fases anteriores. Podem adquirir as formas de textos, performances, intervenções, vídeos, palestras, cursos, etc.

Raissa Grimm (2015) oferece “dicas” para realizar uma cartografia pós-pornográfica que foram de maneira simples, bastante útil para a organização da escrita. Fiz o recorte dos seus 12 imperativos a seguir:

(1) Autorize-se a escrever em primeira pessoa...Cabe a ti construir os arquivos e traçar memórias, possibilitando às intensidades que te cruzam um rumo diferente do esquecimento. (2) Evite o personalismo, ou tratar essas vivências em primeira pessoa como algo exclusivamente “teu”. Uma das tarefas da pornocartografia é encontrar, nisso que nos parece “privado” e “individual... Permita-se devir anônima, estranha e inumana entre as intensidades acionadas pelas tuas palavras. (3) Experimente. (4) Escute, mas desconfie do “próprio” desejo. Não tome como prontas e fechadas ideias tais como “faço isso só porque me dá vontade”, “me vem do instinto e ponto final”. Interrogue aquilo que te parece automático, confortável e que te parece vir “de dentro de ti”. (5) Lembra-te que sexo não se faz apenas no momento específico em que te “ligas” a outra pessoa. (6) Dizer 'sim' ao sexo não é o mesmo que dizer 'não' ao poder (Foucault, 2003). Esteja atenta às hierarquias, assimetrias e violências que se reproduzem nas relações em que tu estás metida... Nossos prazeres não são inocentes. São construídos e atravessados pelo p(h)oder. (7) Mapeie as máquinas que participam do processo de construção da “sua” sexualidade. (8) Aprenda a ouvir sonhos, delírios, fantasias, tudo aquilo que parece “absurdo” e “impossível” no que se costuma tomar como sexo. (9) Esboce possibilidades de erotizar e desejar partes do corpo que te parecem feias, vergonhosas ou inconvenientes. (10) Experimente tecnologias que permitam amplificar e difratar a visibilidade do que te parece vergonhoso ou abjeto na vivência da tua corpa e/ou prazeres. (11) Nada te obriga a ter fidelidade aos “fatos”... Falsifique, ficcionalize e distorça situações que te ocorreram sempre que parecer necessário - seja à tua segurança, seja à de outras pessoas envolvidas no que atravessou tua pesquisa. ... O compromisso com “a verdade”, com o que “de fato aconteceu”, é totalmente dispensável nessa estratégia de pesquisa. Pornocartografias não são sobre objetividade, sobre o que “realmente” aconteceu ou deixou de acontecer – é sobre a articulação e expressão de experiências. Construa boas ficções (p 27-29).

Tenho estas referências como “guias”, entendendo que o resultado final de minha escrita não é previsível e intuitivamente cria um outro modo de fazer ciência em alguma medida inédito e criativo. Mirei na narrativa sobre testerritorializar ou politizar os desejos (das carnes), no meio do caminho os GPSs de orientação pararam de funcionar dando espaço aos desvios e adoecimentos da razão. Os efeitos desta escrita? Em nós, mobilizar fatos e afetos que possibilitam que vidas sejam vivíveis a partir da dissidência-do desvio.

#### 4 FEMINISMOS PARA “QUEER” TE QUERO?

Nasci e cresci numa família de desertoras. Minha vó e minha mãe, as mulheres que me cuidaram, desafiaram com sua existência as políticas de vida heterossexuais. Faço questão de narrar essa história pessoal como forma de entrelaçar elementos que constituem essa pesquisa tais como curiosidade, militância e rebelião hereditária. Vovó é uma guerrilheira de nossos tempos capitalísticos neoliberal. Estudou até a terceira série primária, trabalhou como camelô toda sua infância e juventude na periferia de Jaboatão (hoje área metropolitana do Recife). Se casou com vovô tendo visto ele uma única vez em sua vida. Foi expulsa de casa aos 19 anos por seu pai e obrigada a casar porque falou com esse homem mais velho e desconhecido durante quinze minutos num evento da cidade. “Não quero filha puta!” disse meu bisavô.

Vovó Lia esteve casada com vovô vinte cinco anos, teve quatro filhos e viveu seu casamento sabendo que simultaneamente vovô tinha uma outra mulher, com quem teve outros cinco filhos, com idades paralelas semelhantes. A incrível Dona Eva era a outra, também manteve silenciosamente tudo e em seu devido lugar. Essa história anedótica aconteceu entre as décadas de 60 e 70, na cidade de Moreno, hoje região metropolitana do Recife que devia contar na época com algo entre 20 mil habitantes.

Aos 46 anos vovó já havia dado um salto econômico em sua vida, não só por esforço próprio, mas por uma série de fatores político econômicos da época, transformou sua barraca na feira de cavaleiro em uma lojinha física. Fez as malas de vovô e as colocou na rua de casa. Decidiu ser uma mulher separada e dedicada a sua vida profissional. Hoje com oitenta anos diz que nunca esteve sexualmente ou afetivamente com outro homem. E a senhora gozava vó? “Sei lá, acho que não”. Viveu os últimos quase quarenta anos como chefe, da família e da sua empresa da qual se orgulha ter se dedicado mais que a um marido.

Mamãe é a filha mais nova dessa vó, engravidou aos 20 anos de uma relação adolescente com meu pai e neste mesmo ano se descobriu apaixonada por uma mulher. A partir de então a identidade lésbica orientou uma série de (des)caminhos em nossas vidas. Ser jovem, separada, lésbica e com uma filha pequena nos anos 80 na cidade do Recife não foi exatamente a experiência mais tranquila de se viver.

Sandra levou muitos anos para conseguir contar-me sobre os grandes e pequenos episódios de violência lesbofóbica (especialmente familiar) que viveu naquele período.

Inclusive, a própria nomeação “lésbica” nunca foi mencionada, passei minha infância ouvindo que as namoradas de mamãe eram amigas, ou melhor, “a” amiga daquele momento era suficiente para sabermos de quem se tratava. Neia, Aninha, Tata, Olívia... Foram amigas no sentido mais subversivo que a amizade requer. Amantes, mães e parte da minha família desautorizada.

Temos um largo caminho de (des)identificações mútuas com a nossa bissexualidade e ou homossexualidade que vou articular durante este capítulo e ocasionalmente nos capítulos analíticos seguintes.

De acordo com Monique Wittig (1980) em sua obra “o pensamento heterossexual” nós somos desertoras de nossa classe. Para ela a categoria “lésbica” desafia a economia social do que é ser mulher. A mulher como categoria social foi construída a partir de seu funcionamento relacional com a categoria homens. Ou seja, em relação hierárquica desigual no funcionamento social. As mulheres em suas funções reprodutiva e cuidadora viabiliza a existência de homens produtivos economicamente, alimentando assim a retroalimentação entre as instituições familiares heteronormativas e o sistema capitalista.

Esta autora instaura uma espécie de teoria lésbica em uma época em que ser feminista radical dizia respeito às discussões sobre as materialidades associadas às estruturas capitalistas. Ser feminista radical queria dizer ser radicalmente anticapitalista. Assim que, de certa forma este texto dela realiza a discussão do que é ser mulher e como os gêneros são construídos socialmente a serviço de uma política heterossexual, ao mesmo tempo em que pode ser lido como uma das principais feministas de seu tempo a desenvolver uma teoria sobre sexualidade além da discussão de gênero.

Ao mesmo tempo que Wittig (1980) marca a potência desmanteladora do sistema das práticas sexuais lésbicas, ela dá um passo adiante no argumento quando atesta que o mais importante é o encontro afetivosexual entre mulheres. Porque é na independência financeira, afetiva, sexual e conjugal com os homens que as mulheres subvertem o sistema heteropatriarcal. É a partir deste argumento radical que algumas mulheres têm se posicionado como “lésbicas políticas” ou simplesmente lésbicas, mesmo sem terem uma prática sexual necessariamente com outras mulheres. A primeira vez que ouvi alguém dizer isso foi no grupo de estudos “bolos em teoria” (Teorias Sapatonas) do “Ca la Dona” em Barcelona. Algumas companheiras que eram casadas com homens ou que na prática eram bissexuais se

autodenominavam lésbicas, inclusive entre seus familiares. Voltarei a revisitar este coletivo e as experiências com elas adiante.

Na minha vida pessoal e nas relações micropolíticas de certa forma vinha me posicionando neste lugar identitário “lésbica” nos últimos anos, mas com algum receio. Porque em relação às minhas performances de gênero e sexualidade vivi os últimos dez anos com algum conforto em ser uma mulher cis e bissexual. Namorei mais homens cis que mulheres cis, fiquei com mais homens trans que mulheres trans e as pessoas não binárias que performam as masculinidades me atraem mais (normalmente isso não faz diferença nos textos acadêmicos, mas insisto em lembrar este em particular está enredado nas minhas vivências pessoais e coletivas). Costumava dizer jocosamente que a identidade bissexual é muito cafona, nunca me identifiquei com a militância bissexual. Percebo que socialmente a bissexualidade é algo mais próximo à heterossexualidade e por isso mais aceitável (para as mulheres que servem de imaginário aos homens heterossexuais). Ao mesmo tempo que as mulheres cis que estão em uma relação com um homem cis já vivem o privilégio da norma em seu dia a dia, se dizer bissexual é quase um sinônimo de “fazemos ménage à trois com duas mulheres e um homem”. Eu estou consciente que ser bissexual não é isso, tentei durante alguns anos defender com afinco que uma pessoa bissexual continua bissexual e dissidente sexual em seus desejos mesmo estando em uma relação com um dos gêneros. No meu caso, quando estive namorando uma mulher cis precisava reiterar em alguns espaços que não tenho “nojo” dos homens cis, por outro lado em relações com homens cis precisava me colocar a todo tempo como bissexual para combater algum pensamento homofóbico ou sexista. Reconheço o esforço do movimento bissexual, que por uma série de questões que podem passar por percepções como as minhas, é invisibilizado e frágil. Vou continuar reiterando estas e outras questões que são importantes para a bissexualidade.

No entanto, na minha história de vida a identidade sexual “lésbica” ou “sapatão” faz todo sentido neste momento. Minha família é de desertoras políticas sexuais. Prefiro as amigas lésbicas, os ambientes sapatonas, a militância lésbica e a literatura “fanchona” como um todo.

Assim que para a pornoterrorista Queen Ludd (2016) o fundo do exílio pode proporcionar encontros com outras desertoras. Uma convocação de uma manada que está por vir.

A manada é o tecido de dissensões inconfessáveis: desviadas, pobres, prisioneiras, ladronas, loucas, perversas, corrompidas, demasiadamente vivas, putas cujas

práticas desobedecem as assignações biopolíticas próprias da heterossexualidade como regime político e as ordens de uma feminilidade hegemônica permanente que quer agradar sem ofender a ninguém (LUDD, 2016, p.22 ).

É neste espírito de manada que quero narrar os encontros feministas desta tese. Longe de dar conta de uma história oficial do que foi ou é o feminismo no Brasil, desejo apresentar algumas versões dos feminismos locais e atuais neste capítulo e suas interfaces com os últimos acontecimentos políticos no período que circunscreve esta tese (2016-2020). Simultaneamente quero narrar como o feminismo entrou na minha vida pessoal, transformou relações e me possibilitou recontar as histórias das mulheres (e homens) da família de maneira diferente.

Além disso buscamos situar a partir de quais feminismos estamos nos posicionando. Também nos aproximamos dos feminismos decoloniais e do transfeminismo a partir da própria rede de pornografias dissidentes. Assim que os feminismos estão presentes no escopo teórico de nós pesquisadoras e especialmente na matriz de pensamento político da rede com quem nos propusemos estudar. De forma que, realizamos um esforço junto a outras autoras em conectar teorias feministas pós-coloniais e decoloniais e seus possíveis encontros com a teoria queer.

A própria teoria “queer”, foi nomeada em alguns contextos como transfeminismo com o intuito de aproximar pautas. Embora não resolva todas as críticas, expomos neste capítulo ainda alguns destes processos e embates das feministas pró-sexo e as atualmente autoreferidas como feministas radicais que se posicionam a partir de um viés biologicista e transfóbico.

Por último, de forma vacilante e como proposta desafio neste trabalho, nos questionamos como o feminismo antiespecista possibilita um pensamento e uma episteme antihumanista.

#### **4.1 Feminismos na rede: um breve passeio pelo contexto brasileiro em tempos de fascismo**

Em julho de 2019, durante a minha estadia em Barcelona, fui convidada pelo coletivo feminista catalão “Cala Dona” para compor uma mesa sobre feminismos internacionais contemporâneos e suas resistências, parte do seu curso de férias - l’escuela feminista de estiu”. Juntamente com outras convidadas militantes da Argentina, Nicarágua e Itália, decidi fazer um breve relato sobre as manifestações de rua feministas dos últimos anos em que vivemos explicitamente uma articulação política fascista. A partir daquele exercício, decidi incorporá-

lo aqui neste capítulo, como parte do contexto histórico da escrita e como condições de possibilidade de desenvolvimento das teorias epistemológicas, metodológicas e analíticas deste trabalho.

Figura 5 - Cartaz divulgação do evento em Ca La Dona

**IX Escola Feminista d'Estiu**

**Xarxes feministes per viure en llibertat NI UN PAS ENRERE!**

**14,15 i 16 de juny 2019**

**- Ca la Dona c/ Ripoll, 25 Barcelona -**

**\*Acte no mixt**

**Programa**

**14 DE JUNY**

17.00h: **Benvinguda a la EFE i presentació de l'exposició 'PRESES DE FRANCO'**

17.30h: **Memòria i testimonis de la repressió franquista.**  
**Taula rodona** amb Elisabet Almada, experta en dones i sistemes penals; Núria Ricart, activista del barri les Corts; i Teresa Rodríguez Herrerías, historiadora i del Casal de la Dona de Terrassa.  
**Conduïda:** Merè Otero Vidal

19.00h: **Resistències feministes antifeixistes**  
**Taula rodona** amb Maria Duran de Solidaritat Rebel; Hora Bruixa; Laura Álvarez de Justa Revolta, Comitè feminista antifeixista d'Horta.  
**Conduïda:** Ares Batlle Manonelles

**Festa:** Anem a La Bonnet! Participem al Festival de Cultures Lesbianes #visibLES

**15 DE JUNY**

10.00h: **Què és l'autodefensa feminista?**  
**Taula rodona** amb Karin Konkle, professora d'autodefensa feminista; Carini Niemans, entrenadora d'autodefensa; Clara Campubò, directora del documental "La Defensa"; Mar Quintana, Ennuta, dinamitzadora grup feminista jove; Muriel Gonzalez Athenas, entrenadora de Kung-Fu i Palo Philipino.  
**Conduïda:** Muntsa OV

11.30h: **Els nostres cossos, les nostres vides.**  
**Taula rodona** amb Silvia Aldavert, Ass. drets sexuals i reproductius; Pol Galofre, activista trans; Tania Inas del "Grupo Lésbico Artemisa" de Nicaragua. Per confirmar: Patricia Carmona  
**Conduïda:** Dolor Pulido León

17.00h: **Cinefòrum "La carcajada de la medusa"**  
 Amb la participació de les directors Marta Nieto i Marga Almirall.  
**Organitza:** La Mostra Internacional de Films de Dones.

18.00h: **Feminismes davant els totalitarismes: llibertat i resistència.**  
 Diàleg entre Fina Birulés, professora de Filosofia de la UB i Tània Verge, professora de Ciències Polítiques de la UPF.  
**Conduïda:** Montserrat Cervera Rodon.

**Festa:** Anem a La Bonnet! Participem al Festival de Cultures Lesbianes #visibLES

**16 DE JUNY**

10.00h: **Taller d'autodefensa feminista** amb Karin Konkle.

10.00h: **Taller de Resistència no violenta** amb Cecile Barbeito, Escola de Cultura de Pau

11.30h: **La internacionalització de la resistència feminista**  
**Taula rodona** amb Maria Herde Barcelona (Argentina); Feministes Autoconvocades de Barcelona (Nicaragua); Bea Cantero, del Aleteo Desequilibrado (Xile); Meriem Ould (Algèria) Amanda Alexanian (Itàlia), Elena Fierli (Itàlia), Fernanda Suza Ximenes (Brasil).  
**Conduïda:** Núria Sadurni

Cloenda de la EFE amb vermut feminista.

**xarxafeminista.org #EFE2019**

Fonte: Blog Ca la Dona, 2019

Me inspirei inicialmente no texto de Adriana Piscitelli (2017) que realizou uma retrospectiva interessante sobre as articulações feministas brasileiras no ano de 2016 com base em diversas hashtags que circularam no twitter. Ela levanta particular atenção às mídias feministas, levando em conta a fundamental relevância da *web* para considerar os ativismos atuais. A dita “primavera feminista” marcada pela participação de jovens, articuladas pelas redes sociais (facebook, twitter, instagram, grupos de whatsapp, etc) em manifestações de rua. Apesar de as manifestações de rua não serem algo próprio dessa geração e sim de uma tradição feminista, as formas de articulação são distintas e de certa forma conecta as gerações de feminismos.

O que está sendo apontada por algumas como a quarta onda feminista teria como marcas: a organização autônoma e horizontal dos coletivos; uma rejeição às lideranças dentro

do movimento, no sentido de tomada de decisões e a crise de representatividade para um sujeito supostamente único "mulher"; o complexo debate sobre as marcações de opressão vividas no corpo e como elas atuam interseccionalmente; a construção de “mandatas”, “coletivas” e “gabinetes” dentro da política institucional.

Elis Siqueira (2020) também realiza uma análise dos feminismos na rede. Segundo o relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, aproximadamente 70% das mulheres brasileiras tinham acesso à internet, por microcomputador, tablet ou celular (IBGE, 2018). Como a autora não nos deixa esquecer, é importante fazer uma interpretação sobre a não homogeneidade do sujeito mulher e suas condições reais e materiais de desigualdade no uso da internet.

Por outro lado, todos esses subgrupos distintos são mulheres que, infelizmente e sem dúvida, em algum momento (ou provavelmente muitas) foram vítimas de várias opressões e assédios ao longo de suas vidas. No contexto social, comunicacional e tecnológico já descrito neste artigo, essa violência começa a ser aberta, exposta e debatida em ambientes virtuais, o que provoca críticas: há acusações de que “esse movimento gera apenas ecos dissonantes. Eles podem acusar feministas de militância cibernética de passividade e encarceramento no próprio sofá” (COELHO, 2016. p. 223).

No entanto, por meio de instâncias virtuais, essas mulheres criam proximidade, encontros estes que são fundamentais para a aquisição de forças de resistência; além disso, na internet, eles se organizam para transcender os espaços virtuais e se posicionar em locais urbanos e, no meio desses processos de negociação e ação, construíram espaços mais horizontais, mais públicos e mais políticos. De alguma forma o uso da plataforma digital está rompendo com esse ciclo de violência e cria conexões para diálogo sobre questões e pessoas que estavam silenciadas. (SIQUEIRA, 2020).

Muitos blogs são direcionados por temas feministas que se destacam na internet. As páginas do Facebook são ainda mais populares e alcançam milhões de usuários. No Brasil, “Think Olga”, “Geledés - Instituto da Mulher Negra”, “Arquivos Feministas”, “Nós, mulheres da periferia” (“Nós, mulheres dos subúrbios”) e “Nós, Madalenas” são exemplos de páginas do Facebook que discutem e expõem diariamente as diretrizes do movimento feminista. O trabalho de Silveira (2018) também traz contribuições importantes para o mapeamento de conteúdo feminista e brasileiro no YouTube: em agosto de 2016, a autora identificou cerca de

3000 canais vinculados aos termos em português para “feminismo”, “feminista” ou “feministas”.

Piscitelli (2017) analisa como a hashtag #queroviajarsozinhasemmedo desencadeou uma articulação entre os movimentos feministas, especialmente na América Latina (com muita mobilização também na Europa como vimos na Itália e Espanha) sobre violências de gênero e turismo. Especialmente sobre a discussão das mulheres que viajam “desacompanhadas” da presença de um homem, depois do assassinato de duas jovens argentinas no Equador. As hashtags #viajosola, #niunamenos entraram no topo das mais comentadas e compartilhadas do Twitter em 2016.

Entre 2014 e 2015, mobilizadas pelo assédio vivido nas universidades foram organizados protestos na UFPE e em várias Universidades do Brasil para tratar dos estupros vividos dentro das universidades em que as vítimas eram culpabilizadas por estarem “sozinhas”, em um local escuro ou ainda se utilizando do argumento que estavam vestidas de forma inapropriada e por isso, de alguma maneira eram culpadas pelas violências vividas. A hashtag #eunãomereçoserestuprada abriu a discussão durante o fim do ano sobre os assédios vividos em contextos familiares e ou de intimidade desde a infância, o que culminou em outra onda de denúncias nas redes sociais através das hashtags #meuprimeroassedio e #meuamigosecreto. Segundo Elis Siqueira (2020) após a explosão dessas duas hashtags, houve um aumento de 40% nas reclamações no disco 180 (número de telefone brasileiro para denúncias de violência doméstica).

Entre 2015 e 2016 concomitante com o ataque conservador no Congresso Nacional em que atingiam os direitos sexuais e reprodutivos, criando obstáculos para o aborto em caso de estupro, foram gerados uma série de protestos articulados pelas hashtags #foraeducunha, #educunhanãomandanomeutero, uma vez que Eduardo Cunha era o presidente do congresso naquele momento e proponente do projeto de Lei que impedia o único caso em que a legislação brasileira previa o aborto legal, em caso de estupro e anencefalia.

Este clima político de avanço conservador culminou com o processo de impeachment da então presidenta eleita Dilma Roussef. Benedito Medrado, Jorge Nascimento e Jorge Lyra (2019) em um texto produzido para a participação no Fórum AWID (Associação para os Direitos das Mulheres e o Desenvolvimento) discutem sobre a produção de masculinidades no projeto de transformação social feminista no avanço conservador- patriarcal nos discursos políticos institucionais brasileiros. Eles apontam alguns eventos críticos envolvendo a política

institucional nacional como a retirada do Plano Nacional de Educação um parágrafo que previa como atribuição das escolas a promoção da igualdade de gênero, racial e orientação sexual para todos.

Este retrocesso legislativo aconteceu concomitante com uma visita de Judith Butler ao Brasil, o que desencadeou também alguns protestos conservadores ao estilo da inquisição, onde simbolicamente atearam fogo em uma boneca com o rosto da filósofa feminista e gritavam “fora ideologia de gênero”. Butler foi também recebida no aeroporto com gritos e cartazes violentos.

Em contrapartida o movimento feminista, especialmente os setores mais envolvidos com a educação realizaram mobilizações e tensionamentos junto às instituições legislativas municipais, a fim de barrar estas decisões impeditivas do diálogo sobre gênero e educação sexual nas escolas. Em Recife nós do Gema e o Instituto Papai construímos uma campanha específica neste período chamada “Educação com Igualdade”, onde realizamos nas escolas um trabalho de conscientização sobre a importância do combate a todo tipo de preconceito, utilizando a legislação vigente anti bullying nas escolas.

Estes acontecimentos foram premissa indispensável para a concretização de um golpe de Estado, em que a presidenta Dilma Rousseff foi afastada e deu lugar ao vice Michel Temer. Dentre tantos elementos políticos complexos e encoberto por uma avalanche de fake News, a tomada de poder pelo vice foi marcada por justificativas de teor machista e de desqualificação moral da presidenta Dilma. Desde o grito de “Dilma vá tomar no cu”, aos adesivos colados em carros onde a foto de Dilma parecia com as penas abertas na abertura do tanque de gasolina. O golpe foi discursivamente mediado “em defesa da família tradicional brasileira”.

Outro evento que desencadeou uma onda de postagens online nas redes sociais foi a matéria sobre a então primeira dama Marcela Temer. Descrita como uma mulher #belarecatadaedolar pela revista Veja, apontadas como virtudes digna do cargo, obteve uma reação massiva das feministas online. Com apelo à ironia para transgredir o lugar destinado às mulheres historicamente relacionado com à beleza física, à vida privada e ao trabalho doméstico como esposa e mãe, surgiram infinitas possibilidades de reinvenção da notícia: #belaempoderadaedobar, #ricaepreparadapramatar, etc. Assim surgiram uma onda de postagens com a mesma legenda atribuída a Marcela, mas em situações divertidas e desmanteladoras dessa premissa atribuída às mulheres, como mulheres armadas, em um cargo

de chefia, bebendo em bares, com o corpo a mostra ou até mesmo mulheres que decidiram serem “do lar”, mas por decisão.

Em março de 2018 a vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco foi brutalmente assassinada. Mulher negra, periférica, lésbica e feminista atuava de forma a denunciar os abusos de poder e as milícias organizadas no Rio de Janeiro. O seu assassinato mobilizou o país inteiro nas grandes mídias além da internet. As hashtags #quemmatoumarielle ou #quemmandoumatarmarielle circularam amplamente até os dias de hoje, com o intuito de cobrar a investigação devida para o crime.

Final de 2018 teve início a campanha presidencial. Com Lula preso e Temer no poder, os candidatos elegíveis para aquele ano foram Fernando Haddad e Manuela Dávila (PT e PC do B), Ciro Gomes e vice Katia Abreu (PDT), Cabo Daciolo e vice Suelene Balduino (o Patriota), Geraldo Alckmin (PSDB) e vice Ana Amélia (PP), Guilherme Boulos e Sonia Guajajara (PSOL) João Amoedo e vice Christian Lohbauer (Novo), Marina Silva (Rede) e vice Eduardo Jorge (PV) Jair Bolsonaro (PSL) e General Mourão (PRTB), Vera Lúcia (PSTU), José Maria Eymael (DC) e João Goulart Filho (PPL). O maior número de presidencialistas da história.

Elis Siqueira (2020) faz uma análise linguística das hashtags utilizadas pelas feministas e seu impacto na hashtag #ELENÃO utilizada na campanha presidencial contra Bolsonaro. Vale lembrar que a hashtag mundialmente utilizada foi fruto de um grupo fechado no Facebook chamado “mulheres contra Bolsonaro” que articulou inicialmente mais de 4 milhões de mulheres de alguma rede ativista online em todo o Brasil. Essa rede foi hackeada por eleitores pró-Bolsonaro durante a campanha, mas a hashtag já tinha sido amplamente divulgada no Brasil e em muitas partes do mundo.

A autora marca que em 2003 houve uma discussão entre Bolsonaro e Maria do Rosário que foi amplamente divulgada na televisão aberta, na qual Bolsonaro, então deputado do PP, diz que não a estupraria porque ela não merecia isso. Ao dizer que Maria do Rosário não merecia um estupro por ser feia implica que algumas mulheres, portanto, merecem ser estupradas. Além de exaltar o torturador de Dilma quando ela foi presa, Bolsonaro acabou desrespeitando não só os princípios feministas de igualdade de gênero, como os princípios gerais de direitos humanos de proteção à vida. Associado a isso, sua declaração sobre um possível salário mais baixo para as mulheres, porque elas poderiam ser mães.

Por isso, é possível entender como, nas ações realizadas pelas mulheres em 2015 e 2016 nas campanhas de #meuamigosecreto #meuprimeiroassédio e #belarecatadaedolar, protestos contra Jair Bolsonaro já foram identificados nessas manifestações. Ao final da minha fala no evento em “Ca La Dona” as companheiras que estavam presentes, tanto comendo a mesa quanto as que estavam participando da formação puxaram um “levante” do “ELENÃO” (ainda que o til sem a pronuncia anasalada, foi bastante emocionante de escutar).

Ao final da palestra, já descendo as escadas, cruzei com as duas companheiras argentinas que estavam na mesa comigo. Conversamos um pouco sobre como foi especial conhecer os movimentos de resistência em cada país. Fiz a autocrítica sobre o Brasil ser muito autocentrado e também pelo problema da língua não temos uma relação mais íntima com os países da América latina. Uma delas me fez o delicado comentário: “Achei muito interessante tua fala a partir das hashtags, mas senti falta da companheira Mariele”. Eu não havia colocado o assassinato de Mariele Franco como pauta feminista. Ficamos em silêncio, nos comovemos. Na despedida fui presenteada com o lenço da “mancha verde”, do pescoço dela para o meu.

**Figura 6- Foto da mesa sobre resistências contra o fascismo em Ca La Dona.**



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

**Figura 7- Foto da mesa sobre resistências contra o fascismo em Ca La Dona**



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

#### **4.2 Lute como Marielle Franco! Feminismo negro e o olhar interseccional.**

Gostaria de atravessar essa narrativa dos feminismos com a história de duas mulheres importantes: Ângela e Marielle. Ângela Maria é empregada doméstica da cada da minha avó Lia sobre quem iniciei escrevendo esse capítulo. Próximo ano fazem vinte anos que ela está na lista de pagamento dos empregados da família. Não tenho orgulho dessa relação e nem de contá-la. Esse relato já foi apagado algumas vezes. Mas, como falar de feminismo negro e negritudes sem falar da branquitude e das violências engendradas pela supremacia branca no nosso mundo?

Durante dez anos convivemos durante o período que morei com vovó (dos 15 aos 25). Temos um codinome único que nos chamamos mutuamente “Chica”. Quem conhece sabe sua persona ímpar. Chica é uma mulher do interior, ex cortadora de cana e trabalhou para grandes usineiros desde a infância. Tem uma aparência afroindígena e jamais se diria negra porque tem o cabelo “mole”. Chica sempre é confundida com meninos por onde vamos e sempre foi assim. Cabelinho curtinho, corpo super magro e roupas masculinas, sem exceção. Depois de quase cinco anos consegui que me contasse sobre seus casos amorosos com mulheres. Descobri também que na sua cidade ela tem um apelido masculino que as pessoas do bar chamam, “Anginho”.

Nos primeiros dez anos praticamente morava na casa de vovó e só voltava pra casa da irmã no interior a cada quinze dias. Os namoros não vingavam e sua rede de amigos parecia frágil. Nunca vi sair da boca dela as palavras lésbica ou sapatão. “Daquele jeito”, “ela é também” e às vezes se referia a alguma amiga como “ela é gay” também. Chica nunca se importava de ser confundida com menino. Gostaria que esse texto tivesse o poder de proporcionar mais do que uma carteira assinada e visitas semanais a sua própria família (conquistas vacilantes dos últimos anos). Suspeito que ela nunca vá ler esse texto e gostaria de oferecer o mínimo respeito a como a pessoa dela me constituiu durante esses quinze anos. Correndo o risco de ser romântica e condescendente no meu relato. Gostaria que a discussão política, feminista, interseccional e sobre sexualidades dissidentes desse texto tivessem a ver com a pessoa dela.

A outra mulher é Marielle Franco e se conecta com a minha história no campo da macropolítica brasileira.

A eleição histórica, com 46 mil votos, de uma vereadora favelada, negra e feminista, que assume posição política de esquerda, é uma contradição no ambiente do golpe. Isso, por sua vez, repercute significativos sinais da importância de ocupação dos espaços de poder do Estado, principalmente os institucionais, por meio das eleições e mesmo na disputa da autoritária meritocracia, cindindo ao máximo a concentração masculina e branca que toma tais ambientes (FRANCO, 2017, p. 94).

Marielle Franco foi criada na favela da Maré, além de socióloga formada pela PUC-Rio e mestra em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) e foi a quarta vereadora mais votada no Rio de Janeiro. Era casada com uma mulher e mãe de outra mulher e foi assassinada a tiros em março de 2018. Nesse texto publicado poucos meses antes de sua morte, ela traçava estratégias de sobrevivência para as mulheres faveladas do Brasil num contexto de golpe fascista. Palavras de guerra como presságio da morte, não só dela, mas de milhares de brasileiros e brasileiras vítimas do racismo e das políticas de extermínio fascistas que se consolidaram pós-golpe e com o governo Bolsonaro.

Bell Hooks (2015) nos recorda que a origem do Feminismo como movimento político e social nasce de problemas e dilemas específicos de donas de casa brancas da classe privilegiada. Não que essas não fossem preocupações reais, merecedoras de luta e transformação, mas não eram preocupações políticas urgentes da maioria das mulheres dos Estados Unidos, mais preocupadas com a sobrevivência econômica, a discriminação étnica e

racial etc. Ela retoma o trabalho de Betty Friedan (1963) que escreveu “A mística feminina”, num texto que pressupunha abarcar todas as experiências das mulheres da época. O dado que foi apagado ou ignorado no texto é que mais de um terço de todas as mulheres naquele momento estava na força de trabalho. “Embora muitas desejassem ser donas de casa, apenas as que tinham tempo livre e dinheiro realmente podiam moldar suas identidades segundo o modelo da mística feminina” (p. 194).

A negligência ou oportunismo feminista, no passado, a chamar a atenção para hierarquias raciais e as combater, suprimiu a conexão entre raça e classe. Mesmo assim, a estrutura de classe na sociedade estadunidense foi moldada pela estratégia racial da supremacia branca; apenas se analisando o racismo e sua função na sociedade capitalista é que pode surgir uma compreensão profunda das relações de classe. A luta de classes está indissolúvelmente ligada à luta para acabar com o racismo.

Um preceito central do pensamento feminista moderno tem sido a afirmação de que “todas as mulheres são oprimidas”. Essa afirmação sugere que as mulheres compartilham a mesma sina, que fatores como classe, raça, religião, preferência sexual etc. não criam uma diversidade de experiências que determina até que ponto o sexismo será uma força opressiva na vida de cada mulher. O sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade (Hooks, 2015, p. 5).

As considerações de Bell Hooks (2015) sobre o início do movimento feminista não poderiam ser mais atuais e nos levaram a uma situação contemporânea que têm feito as matriarcas feministas tremerem de vergonha. À medida que mais e mais mulheres adquiriram prestígio, fama ou dinheiro a partir de textos feministas ou de ganhos com o movimento feminista por igualdade no mercado de trabalho, o oportunismo individual prejudicou os apelos à luta coletiva. Mulheres que não se opunham ao patriarcado, ao capitalismo, ao classismo e ao racismo se rotularam “feministas”.

Para a autora a ideologia do individualismo liberal que tem permeado o pensamento feminista com suas atomizações e competições prejudica o radicalismo potencial da luta feminista. O uso indevido e usurpado do feminismo pela burguesia para apoiar seus interesses de classe tem sido justificada a partir de argumentos como o da “opressão comum” presente no texto de Friedman. Ao invés de incentivar uma diversidade de vozes, o diálogo crítico e a polêmica esse tipo de uso do feminismo procuram sufocar a dissidência (HOOKS, 2015).

Me parece que a grande fratura no pensamento feminista proporcionado pelas feministas negras foi e continua sendo sobretudo sobre a desconstrução da categoria “mulher” como unitária e sujeito único do feminismo. Em algum momento da pesquisa apresentei o campo epistemológico e teórico da discussão a partir de um feminismo interseccional. No processo de construção e aproximação teórica com a rede de pornografias sexo dissidentes passei a entender a interseccionalidade como uma ferramenta e maneira de olhar constitutiva do feminismo negro. Uma vez que nessa interseccionalidade de vulnerabilidades a questão da raça ficava subsumida a mais uma categoria de análise e não como uma categoria fundacional nas questões de vulnerabilidade social.

Patricia Hill Collins (1990) argumenta ainda sobre as “Intelectuais Negras dos Estados Unidos exploraram por muito tempo esse espaço privado e oculto da consciência da mulher Negra, das ideias “interiores” que permitem às mulheres Negras aguentar e, em muitos casos, transcender o confinamento das opressões de raça, classe, gênero e sexualidade que se interseccionam. Como as mulheres afro-americanas enquanto grupo conseguiram encontrar a força para se oporem à nossa objetificação como “as mulas do mundo”? Que base serviu de sustentação para que Sojourner Truth pudesse perguntar “Não sou eu uma mulher?” As vozes dessas mulheres afro-americanas não são de vítimas, mas de sobreviventes” (p. 3).

Audre Lorde (1984) observa que “neste país em que a diferença racial cria uma constante distorção de visão, ainda que tácita, as mulheres Negras sempre foram, por um lado, altamente visíveis e, pelo outro lado, foram tornadas invisíveis por meio da despersonalização do racismo” (1984, p. 42). Lorde também aponta que a “visibilidade que nos faz mais vulneráveis” – aquela que acompanha ser Negro – “também é fonte da nossa maior força” (p. 42).

A categoria de “mulher Negra” faz todas as mulheres Negras dos Estados Unidos especialmente visíveis e abertas à objetificação das mulheres Negras como categoria. Esse tratamento de grupo potencialmente torna cada mulher afro-americana invisível como um ser humano por inteiro. Mas, paradoxalmente, ser tratado como um Outro invisível põe as mulheres Negras dos Estados Unidos em uma posição de outsider-incluído, o que estimulou a criatividade de muitas delas.

Kinberlé Crenshaw (1994) nos oferece alguns caminhos para pensar a interseccionalidade. Para ela a mulher negra se coloca numa intersecção de um “ponto cego”

dentro dos movimentos feministas e negro. O cruzamento entre cor e gênero apresenta uma vulnerabilidade estrutural numa sociedade racista, machista e heterossexista. As próprias agendas políticas dos dois movimentos falham em dar conta dessa intersecção muitas vezes. Os discursos que dão conta das experiências de mulheres brancas e homens negros respectivamente não conseguem dar conta das vulnerabilidades particulares das mulheres negras. Segundo a autora ela, é como se houvesse um fracasso nesse fracionamento dos movimento feminista e negro em questionar o racismo e o sexismo respectivamente.

Esse argumento sobre a (in)visibilidade das mulheres negras faz parte ainda da discussão sobre quem pode falar, exhibir-se e falar em nome de um feminismo único e universal. Nesse sentido, longe de conseguir ou ter a pretensão de reunir uma totalidade de teóricas feministas, buscamos desenvolver aqui a noção de feminismos no plural, afim de localizar o campo político de desenvolvimento das (pós) pornografias feministas/dissidentes e de discussão teórica que desenvolvemos ao longo deste trabalho.

Segundo na discussão do feminismo negro, gostaríamos de somar à discussão duas feministas negras brasileiras que merecem destaque pelos seus argumentos e luta política: Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez.

Para Sueli Carneiro (2003) no contexto do movimento de mulheres, os grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, possuem demandas específicas que não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a pauta da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher nestes contextos.

Ela critica as formulações feministas que colocam o racismo e a pobreza (como é o caso da maioria em nosso contexto brasileiro) abaixo da questão de gênero ou apenas quando levamos em conta gênero como sinônimo de mulher assignada ao nascer. Ela retoma a “variável” racial como produtora de gêneros subalternizados, tanto no que toca a uma identidade feminina estigmatizada (das mulheres negras), como a masculinidades subalternizadas (dos homens negros) com prestígio inferior ao do gênero feminino do grupo racialmente dominante (das mulheres brancas). “Em face dessa dupla subvalorização, é válida a afirmação de que o racismo rebaixa o status dos gêneros. Ao fazê-lo, institui como primeiro degrau de equalização social a igualdade intragênero, tendo como parâmetro os padrões de realização social alcançados pelos gêneros racialmente dominantes” (CARNEIRO, 2003, p.119).

Nesse sentido, racismo também superlativa os gêneros por meio de privilégios que advêm da exploração e exclusão dos gêneros subalternos. Institui para os gêneros hegemônicos padrões que seriam inalcançáveis numa competição igualitária. Pois, de um lado promove a afirmação das mulheres em geral como novos sujeitos políticos, de outro exige o reconhecimento da diversidade e desigualdades existentes entre essas mesmas mulheres.

E aquela “força” ou superação de opressões apresentada por Patricia Hill Collins sobre as mulheres negras estadunidenses não estaria diretamente ligada às conquistas dos movimentos feministas ocidentais e brancos, mas sim a uma ancestralidade e apoio mútuo.

Essas avaliações vêm promovendo o engajamento das mulheres negras nas lutas gerais dos movimentos populares e nas empreendidas pelos Movimentos Negros e Movimentos de Mulheres nos planos nacional e internacional, buscando assegurar neles a agenda específica das mulheres negras. Isso produziu impacto na agenda sobre mercado de trabalho, saúde, violências e meios de comunicação.

A recente leitura de Lélia Gonzalez (1984) me trouxe sensações que poucas leituras feministas foram capazes de despertar. Ao mesmo tempo um sentimento de pertencimento, em sua forma tão própria e compartilhada a brasileira de escrever. Por outro de viagem profunda às mazelas que nos constituem. Ela faz uma análise psicanalítica do racismo no Brasil, com uma riqueza de detalhes e pertinência de quem fuma um cigarro na minha varanda.

Ela trabalha com duas noções conhecidas da psicologia, mas que ganham em sua obra novos sentidos e que pode ser útil para a historicização dos feminismos que queremos fazer neste trabalho: a noção de consciência e memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioula, a gente saca que a consciência faz tudo pra nossa história ser esquecida, tirada de cena (GONZALEZ, 1984.p. 227).

Ela põe na luz o que o mito da democracia racial no Brasil oculta. Aponta numa primeira aproximação que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Ela argumenta isso descrevendo o corpo das mulheres negras como passistas

deslumbrantes e desejadas durante o carnaval. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher uma transfiguração na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito.

Lélia Gonzalez (1988) elabora um olhar sobre a formação histórica do Brasil e cunha um neologismo para melhor definir a nossa nacionalidade. Ele argumenta que nós somos uma América africana, ou seja nossa latinidade poderia ser reescrita como “América Ladina”.

O racismo é sintoma brasileiro no sentido do inconsciente, em que nega o seu desejo através de uma “democracia racial”. O racismo disfarçado que ela denomina ocorrer nas comunidades latinas. Racismo por denegação, onde prevalecem as teorias de miscigenação racial. A ideologia do branqueamento de forma mais sofisticada mantém negros e índios em condição de subordinação. Meios de comunicação de massa e aparelhos ideológicos. O racismo explícito reforça a identidade racial dos oprimidos.

As manifestações culturais dos povos originários foram tidas como exóticas, supersticiosas e absurdas a partir de um olhar etnocêntrico. É a partir dessa desnaturalização dos “povos selvagens” que suas culturas foram violentamente dizimadas. Os textos de Fanon vão elucidar como essas práticas de violência se transformaram em técnicas de alienação em prol de um bem superior, através de uma interiorização de superioridade dos colonizadores.

Ela classifica a bunda como nosso objeto parcial freudiano. Em que partes do corpo reais ou fantasmáticas sejam objetos parciais de pulsão, sem que isso implique amor por uma pessoa. Originária de uma linguagem quimbundo e uma etnia de Angola que se chama “bundos” fala, além de bunda e ambundo. Luanda foi um dos principais portos de transporte de pessoas escravizadas para cá.

A amefricanidade incorpora um processo histórico de intensa dinâmica cultural, de resistência, reapropriação e criação de novas formas culturais nas Américas como um todo que são afrocentradas. Ela analisa como os modelos ioruba nos afetaram e constituíram toda uma cultura que envolve religiosidade, música, práticas alimentares e organização social. Ela nos encaminha a uma identidade étnica. Esse termo seria um resgate de uma unicidade não só dos

povos africanos que vieram para as américas escravizados, mas daqueles que chegaram antes mesmo de Colombo.

### **4.3 Feminismo Decolonial e o desmantelamento das categorias da modernidade**

Ao iniciar esta pesquisa considerava que tinha boa aproximação com a literatura sobre os movimentos Feministas e LGBT no Brasil e em algumas partes do mundo ocidental. Quando me aproximei do Festival Monstruosxs levei um tempo para entender que aqueles trabalhos partiam sobretudo de uma malha intelectual decolonial. Mas, o que era essa crítica para além do óbvio de que produzimos conhecimento desde um país violentamente colonizado?

No próprio exercício de qualificação este movimento de situar-se no campo de debate ainda não estava bem construído. A professora Vivian Santos apontou um caminho de literatura a partir dos feminismos pós-coloniais e decoloniais como teoria útil para criar outras categorias de análise para além do gênero como foi construída a pauta dos feminismos hegemônicos. Ela me perguntou: não seria o seu trabalho um exercício decolonial de produção de conhecimento? Haja vistas os argumentos da própria rede de sexo dissidência latino americana?

O texto de Vivian Santos (2018) marca um posicionamento importante na retirada do “S” no descolonial para o decolonial e foi inspirada nessa diferença que decidimos adotar o termo neste formato. Embora a diferença não esteja sempre bem definida nas traduções para o português. Essa é uma demarcação de conceito teórica e política

O decolonial encontra substância no compromisso de adensar a compreensão de que o processo de colonização ultrapassa os âmbitos econômico e político, penetrando profundamente a existência dos povos colonizados mesmo após “o colonialismo” propriamente dito ter se esgotado em seus territórios. O decolonial seria a contraposição à “colonialidade”, enquanto o descolonial seria uma contraposição ao “colonialismo”, já que o termo descolonización é utilizado para se referir ao processo histórico de ascensão dos Estados-nação após terem fim as administrações coloniais, como o fazem Castro Gómez e Grosfoguel (2007) e Walsh (2009). O que estes autores afirmam é que mesmo com a descolonização, permanece a colonialidade (p. 3).

Para ela e autoras como Grosfogel (2007) a categoria decolonialidade é compreendida como uma segunda descolonização, sendo complexificada pelas relações hierárquicas de raça, etnia, sexual, de gênero e epistêmicas, além das relações econômicas que envolvem os Estados-Nação.

Neste ano de 2020, pouco antes de entregar o texto para a defesa, participei de um curso online com a Helena Vieira que ela mesma intitulou “Queer of Color”. A ideia era aproximar os feminismos e produções de conhecimento decolonial do debate sobre sexualidades dissidentes. A discussão pareceu pertinente para o desenvolvimento desse capítulo que já estava rascunhado. Ainda que o que tenho a apresentar aqui é um processo pessoal de desencadeamento de argumentos para chegar a desvios e abandonos destas teorias posteriormente.

A história do feminismo acaba sendo contada pela modernidade como uma das suas grandes narrativas influentes contada pelas mulheres eurocentradas e suas lutas. Começando pelo sufrágio, por exemplo. Feminismos da igualdade são aqueles que demandam igualdade entre homens e mulheres. Que pressupõe uma humanidade compartilhada pela noção da espécie. A própria noção de direitos humanos é forjada pela modernidade e a discussão que queremos desenrolar aqui é: Quem pode ser humano?

Aníbal Quijano (2009) explica um pouco sobre a diferença entre colonialismo e colonialidade. O colonialismo como o processo político e econômico de uma nação sobre outras e a colonialidade por sua vez é sobre a organização do mundo a partir da colônia. E isso vai produzir formas de poder que vão para além das próprias colônias. Criação geopolítica do conhecimento onde o mundo é explicado a partir de categorias fundadas pelo norte global para explicar o sul.

Raça, gênero e trabalho são as três linhas principais da classificação que constituem a formação do capitalismo mundial colonial. É assim que a noção de modernidade é construída como um mito que oculta a colonialidade. Atesta as sociedades civilizadas e modernas como superior; Por isso imprimem a necessidade de desenvolver os povos primitivos e para isso seria necessária a violência como caminho necessário a civilização.

Os diários de colonização são fundacionais para uma certa ordem de sexo e gênero, as pessoas foram descritas como macho e fêmea quando isso não fazia total sentido para aqueles povos, onde algumas figuras de pai e mãe eram indistintas para povos originários por exemplo.

Nas críticas decoloniais a classe social não é a categoria central de análise. O capitalismo não é um sistema puramente econômico, ele é um sistema mundial de poder. Diversos aspectos de raça, gênero e classe são oriundas da colonialidade. Não existe um “fora” no sistema mundial capitalístico.

Sobre a produção de conhecimentos, sujeitas e práticas a partir da fratura ou ferida colonial. Isso quer dizer que elas se são a partir da violência. Essa diferença colonial nos singulariza e nos torna incompreensíveis para o norte. Nossas experiências são de alguma forma irrepresentáveis. Estas autoras que têm preferido usar o DEcolonial em lugar de DEScolonial trabalham também no sentido de deslocar outras corporalidades e não de desfazer o colonialismo. Está mais ligada à construção de outro paradigma vinculado às lutas de povos que sofreram com a colonização. São também chamadas de anticoloniais ou ainda contracoloniais.

Luciana Ballestrin (2017) em seu texto sobre feminismos subalternos destrincha ainda mais a diferença entre os posicionamentos pós-colonialistas de decoloniais. Apesar de possuir uma série de críticas pertinentes e importantes o pós-colonialismo é fundamental para entendermos as outras dimensões do colonialismo que não só as econômicas, não significando que as mesmas possam ser deslocadas de uma base material que o motivou. Como sustentado por alguns autores (LOOMBA, 2005; Miguel MELLINO, 2008), o encontro do pós-colonialismo com o marxismo para a explicação dos processos coloniais e imperiais deveria ser muito mais produtivo e complementar.

Por exemplo, aplicando certas premissas da economia política internacional, observa-se um vínculo bastante estreito com as questões colocadas pelos feminismos subalternos. “A mulher do terceiro mundo” talvez seja a melhor síntese do cruzamento entre marxismo, pós-colonialismo e feminismo. A proposta de um feminismo decolonial, apesar de envolver certa descolonização do feminismo, não pode ser considerada seu sinônimo. Por parte de suas autoras entusiastas, existe uma clara tentativa de marcar sua distinção dos feminismos outros. Essa distinção dá-se por filiação teórica, influência e geografia. À semelhança de certas estratégias discursivas, retóricas e teóricas decoloniais, o feminismo decolonial faz questão de colocar as Américas e a América Latina, em particular, como mapa de sua referência (BALLESTRIN 2017, p. 1044).

Ela faz uma tabela de diferenciação entre feminismos hegemônicos e subalternos. De uma lado os Feminismos Hegemônicos: ocidental, primeiro mundista, norte global, da Europa. Moderno, vinculado às grandes narrativas da modernidade. Se pretende universal e constrói categorias para serem usados por todos. Pensa em categorias de estado-nação, da representação. É Urbano e averso às religiões. Os feminismos hegemônicos têm dificuldade de pensar o feminismo para mulheres mais velhas, para mulheres deficientes. O feminismo universalista não considera as mulheres mais violadas e subalternizadas.

O gênero é um eixo próprio da colonialidade. Maria Lugones (2014) fala da colonialidade de gênero. As categorias de homem e mulher são categorias civilizatórias. Ela defende que as subjetividades que resistem sistematicamente às opressões sociais se

expressam infrapoliticamente. Em vez de em uma política do público, ela advoga por uma resistência na intimidade. Em nossas existências colonizadas, racialmente gendradas e oprimidas, somos também diferentes daquilo que o hegemônico nos torna. Esta é uma vitória infrapolítica.

Nossa intenção ao nos aproximarmos deste debate decolonial é, assim como a autora supracitada, focar nas subjetividades/intersubjetividades para revelar que, desagregando opressões, desagregam-se as fontes subjetivas e intersubjetivas de agenciamento das mulheres colonizadas, por exemplo. A autora chama a análise da opressão de gênero racializada capitalista de “colonialidade do gênero” e a possibilidade de superar a colonialidade do gênero de “feminismo decolonial”.

Queremos nos unir a um feminismo decolonial para pensar que o sistema global capitalista colonial como não foi bem sucedido em todos os sentidos na destruição dos povos, relações, saberes e economias, queremos pensar o processo sendo continuamente resistido e resistindo até hoje como numa fratura.

O sistema de gênero é não só hierárquica mas racialmente diferenciado, e a diferenciação racial nega humanidade e, portanto, gênero aos colonizados(as). Vemos a dicotomia do gênero operando normativamente na construção do social e nos processos coloniais de subjetificação opressiva. Necessitamos colocar em evidência o sistema de gênero colonial dicotômico humano/não humano, que é constituído pela dicotomia hierárquica homem/mulher para os coloniais europeus/ os/as colonizados/as não gendrados/as, portanto não humanos/as (LUGONES, 2014).

Na esteira da feminista da índiana Gayatri Chakravorty Spivak (2010), devemos procurar reconhecer criticamente o fato de que a ciência não é neutra e universal como pretendem os projetos eurocêntricos de modernidade. Mesmo que esta dissimule seu caráter local e sua parcialidade, de modo a produzir um certo regime de verdade que não cessa de des-realizar teorias e formas alternativas de fazer conhecimento, inscrevendo sujeitos não-hegemônicos e suas formas desviantes de produzir saber em efeitos de subalternidade. Ou seja, o/a subalterno/a não pode ser ouvido/a ou lido/a.

A feminista chicana Glória Anzaldúa (1987) propõe a formação de uma nova consciência, uma consciência mestiça, uma consciência da fronteira. Essa experiência fronteiriça não faz referência apenas às questões geográficas e fixas, mas especialmente as

fronteiras criadas pelo pensamento binário ocidental: de raça, classe, orientação sexual, gênero.

Claudia Lima Costa e Eliana Ávila (2005) examinam a obra de Glória Anzaldúa e a localizam como uma das grandes problematizadoras sobre as questões da diferença nos feminismos: diferença sexual para além das formulações dicotômicas, diferença racial, diferença étnica, diferença pós-colonial. “O feminismo da diferença, portanto, distancia-se das determinações biológicas para salientar as inscrições socioculturais dos sujeitos além do gênero, o que abrirá, nos anos 1990, curso para a análise da interseccionalidade do gênero”. (p. 692)

Para as pesquisadoras feministas Claudia Mayorga, Alba Coura, Nerea Miralles e Vivane Cunha (2013) em seu texto sobre pluralização do feminismo, localizam a obra de Anzaldúa como parte de uma possibilidade criativa e inventiva.

Na medida em que fronteira é um lugar indeterminado, um não lugar, perpassado por opressões e sofrimento. No entanto, abre-se também a possibilidade da invenção, da criatividade, da liberdade, do ilegal, constituindo-se, assim, em espaço de poder e resistência. Portanto, a fronteira significa a possibilidade de construção de algo novo, contrapondo-se ao modelo hegemônico cultural ocidental, que não comporta contradições e oposições (p. 471-472).

Há quem diga que a autora chicana tenha inaugurado o pensamento “queer” ou “kuir” com a obra “Borderlands”. Em uma de suas citações mais acalouradas podemos perceber a construção do argumento:

Como mestiza, eu não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus porque eu sou a irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres. (Como uma lésbica não tenho raça, meu próprio povo me rejeita; mas sou de todas as raças porque a queer em mim existe em todas as raças.) Sou sem cultura porque, como uma feminista, desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina dos indo-hispânicos e anglos; entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam um/a ao/à outro/a e ao planeta. Soy un amasamiento, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados (p. 41-42).

Esse “amasamiento” poderia ser entendido como o processo de tradução cultural em que a ambiguidade e o titubeio presentes no ato de tradução. Esse hibridismo que não é assimilado pelo pensamento binário tem um efeito perturbador e é exatamente isso que a construção da mestiçagem da autora provoca. Essa tradutora-traidora opera dentro de uma lógica epistemológica distinta que abala as categorias modernas e coloniais de saber.

#### 4.4 Teoria “Queer” e Transfeminismo

Em 2018 fui a um evento aberto ao público em Barcelona no CCCB com as feministas “pop stars” das teorias de gênero e da teoria “Queer”. Gayatri Spivak, Judith Butler e Paul Preciado eram minhas favoritas. Enfrentamos fila e lutamos pela primeira fila como quem vai a um show. Não é para menos, de diferentes formas elas realizaram “giros” de pensamento e conquistaram admiração intelectual entre diferentes tipos de feministas, estudantes e pessoas “leigas” nos estudos de gênero. À primeira vista é de se estranhar e surpreender tamanha “aceitação” e ao mesmo tempo conhecimento destas autoras (haja vistas os protestos conservadores que ocorreram no Brasil com a visita de Butler). Me explico. São autoras que escrevem textos de difícil leitura. Afirmo sem receio porque não é algo relativo. Já vi intelectuais de todo o mundo gaguejarem para explicar um de seus conceitos. Cursos de um semestre de leitura para destrinchar um único conceito delas. Quem é o “subalterno”? O que “performatividade” tem a ver com identidades de gênero? O que são as práticas “contrasexuais” e o “farmacopoder”? Elas fazem piada sobre si mesmas, sobre ninguém entender o que elas falam e sobre o pedido de tornar as falas mais compreensíveis. Nós rimos, mas sabemos o que virá pela frente.

A questão que quero apresentar aqui é como o “queer” se transformou numa teoria, numa (pós)identidade, num movimento social de transformação do pensamento. O termo “queer” usado de forma acadêmica como conhecemos parece ter surgido pela primeira vez num texto da feminista Teresa Lauretis – *Queer theory: lesbian and gay sexualities* (1991). Há ainda quem diga que a feminista chicana Glória Anzaldúa cunhou o termo em seu texto *Borderlands*. O fato é que sua compreensão como teoria se dá a partir de Judith Butler. E a compreensão do queer não pode ser invocado sem o pensamento do francês Michel Foucault e da lesbofeminista francesa Monique Wittig.

O movimento *Queer* ultrapassa questões sobre LGBT. Deve ser compreendida dentro de uma matriz de pensamento pós-estruturalista que deslocam estabilidades e “verdades”, tais como: O descentramento do sujeito racional (proposto por Freud); A relação da construção do “si mesmo” através do outro em nossas produções intersubjetivas (proposto por Lacan); A captura de quem somos pelos processos ideológicos e linguísticos de uma época e contexto (proposto por Althusser); A disseminação dos discursos sobre a própria sexualidade como “rei” na constituição das subjetividades (proposto por Foucault); E por fim e central para a desconstrução dos sujeitos e pensamentos “queer” está a lógica binária de operarmos o

mundo, resumido de forma simples com a existência de um termo “inicial” e o “outro” derivado (LUDD, 2017).

Primeiro Foucault desnaturaliza as noções de identidades sexuais. De forma que constituem articulações específicas de saber e poder. O poder não só se dedica a reprimir, mas sobretudo a produzir corpos, subjetividades e desejos. De sua parte, Monique Wittig classifica o pensamento heterossexual como um regime político totalizante que abarca a realidade social, a cultura, a linguagem e as subjetividades. De forma que só se pode falar em seus próprios termos, como a ideia de homoparentesco que se tornou a única forma de experienciar nossos desejos de cuidado e proteção. As lésbicas não são mulheres afirma a autora. Exatamente porque não constituem esse “outro” em relação à norma dos sistemas heteronormativos.

Queen Ludd, apresenta uma crítica queer, anarquista em seu livro “Foucault para encapuchadas” (2017) Então perguntamos quem são queer ou melhor, como nos tornamos queer? Não constituem uma identidade, mas compartilham certos pressupostos epistemológicos que estão fora do modelo de assimilação da heteronorma: Nem matrimônio, nem parentesco, nem monogamia, nem casal, nem amor romântico, nem trabalho formal, sob o risco de deixar de funcionar como queer.

Como eixo central do pensamento *queer*, está Judith Butler (2010) e desenvolve a base de alguns de seus conceitos no livro “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade” inicialmente lançado em 1990 em inglês. Ela nos aponta as normas regulatórias de gênero que continuamente precisam ser reiteradas para que se materializem nos corpos, a isso ela nomeia de “performatividades”, que seriam os atos linguísticos que fazem aquilo que nomeiam. De alguma maneira ela utiliza a noção da sexualidade como um dispositivo de Foucault (1988) em que os aparatos institucionais – a arquitetura, a escola, o Estado, o Direito, a medicina e etc, funcionam na construção das sexualidades inteligíveis através de práticas e linguagem.

Esta palavra inteligibilidade também faz parte do seu vocabulário na medida em que designa corpos, sujeitos, práticas, identidades que “importam” que se constituem como aceitáveis pela norma. “Heteronormatividade” é de seus conceitos mais usados e popularizados. Entendemos que é a partir deste conceito e de performatividade que ela realiza o “giro queer”. Não seria a diferença entre sexo (entendido como aquele biológico

determinado pelos órgãos sexuais) e gênero (entendido como características culturais e sociais do feminino e do masculino) falaciosa ou retórica? Na medida em que existe uma norma que direciona a pessoa com pênis (por exemplo), ao comportamento social condizente com esses órgãos que seria o masculino e que por sua vez são direcionados a se relacionar sexo-afetivamente com pessoas do outro sexo/gênero, ou seja pessoa com vagina e do gênero feminino. Qualquer fuga dessa cadeia de pensamento configura corpos abjetos, não inteligíveis pela norma.

Para fazermos um “pouso” em território brasileiro sobre a teoria *queer*, não podemos deixar de visitar a escrita de Guacira Louro (2008) em que propõe as noções de sujeito, o pensamento e o modo de fazer ciência a partir desta teoria. De uma forma geral, a palavra de origem inglesa diz respeito ao que é estranho, raro, esquisito. É também, em sentido paralelo, os sujeitos da sexualidade desviante.

Os sujeitos estão empenhados em (re)produzir o gênero e a sexualidade de seus corpos. Esse processo, não segue o acaso, seguem uma matriz heterossexual de constrangimentos. Esta, ao mesmo tempo delimita padrões e ao mesmo tempo oferece pauta para as transgressões. Ela é uma referência para normalidades e transgressões. O ato de nomear os corpos, desencadeia o “fazer” desse corpo feminino ou masculino. Desencadeia a prescrição Sexo- Gênero- Desejo para produzir corpos que importam.

Apesar disso, Sujeitos escapam a via planejada, Extraviam-se, Põem-se à deriva. Essas normas são deslocadas, derivadas, proliferada. Os sujeitos que escapam à norma, são constituídos como “abjetos”. Insipensáveis à norma por fornecerem o limite e a fronteira. Sujeitos que perambulam em territórios inabitados, na fronteira, de estadia provisória, constituído pelo próprio movimento. Não aspira integração, nem o centro das normas, mas assume o desconforto da ambiguidade (LOURO, 2008).

A noção de identidade nômade renuncia a qualquer senso de identidade fixa, está de passagem, sem destinos pré determinados. O percurso em movimento, pode se constituir como sua experiência mais autêntica. O efeito dessas experiências corporificadas no terreno dos Gêneros e da sexualidades têm repercussões políticas, na medida em que desafiam dimensões “universais” com efeitos não só em suas próprias vidas, mas na de outras.

Ou ainda as multidões queer nas palavras de Paul Preciado (2011)

A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se queer (PRECIADO, 2011, p.22).

Os corpos da multidão queer são também as reapropriações e os desvios dos discursos da medicina anatômica e da pornografia, entre outros, que construíram o corpo straight e o corpo desviante moderno. A multidão queer não tem relação com um “terceiro sexo” ou com um “além dos gêneros”. Ela se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexopolíticas específicas de produção dos corpos “normais” e “desviantes” são os drag kings, as gouines garous, as mulheres de barba, os transbichas sem paus, os deficientesciborgues... O que está em jogo é como resistir ou como desviar das formas de subjetivação sexopolíticas (PRECIADO, 2022, p. XX).

Mirian Solá na apresentação do livro *Transfeminismos: Epistemes, fricciones y flujos* (2013) compilado por ela e Elena Urko contextualiza como o movimento queer atuou na Espanha para contribuir com o questionamento dos binarismos de sexo e gênero dos movimentos identitários e evidenciou a violência das formações identitárias, tanto no feminismo como no movimento LGBT.

E isso resultou em uma articulação mais sensível de discursos minoritários como práticas políticas, artísticas e culturais que surgiram dos contextos de ocupas, anticapitalistas dos movimentos de bichas, lésbicas e transexuais. Assim uma série de microgrupos reivindicaram um vocábulo mais localizado dessas lutas, um vocábulo em castellano que materializa a multiplicidades dos sujeitos feministas e com importante força mobilizadora.

Segundo Mirian Solá (2013) existe uma tendência generalizada de pensar que até a emergência do ativismo “queer” dos anos noventa o feminismo se organizou bastante em torno da categoria identitária “mulher” muitas vezes sob a crítica de ter contribuído para uma visão essencializada do gênero. Alguns setores dizem que o feminismo com o objetivo de denunciar a opressão das mulheres e tentar articular sua luta, tomou para si uma certa visão essencialista dos sexos. As críticas atuais atuam no sentido de não deixar de lado as lutas de classe, raça, sexualidades, procedência e de pessoas trans. No entanto, há que levar em consideração que o movimento feminista não é e nunca foi homogêneo. Sua heterogeneidade é uma marca constante diante das diferentes demandas contextuais.

O termo transfeminismo é fruto desta heterogeneidade e aparece pela primeira vez nas jornadas feministas estaduais de 2000 em Córdoba e num texto do coletivo de Lésbicas Feministas de Barcelona. Um termo que quer situar o feminismo como um conjunto de

práticas e teorias em movimento e em complexidade com múltiplas opressões e a necessidade de uma resistência conjunta.

Lenadro Collins (2015), pesquisador e ativista influente LGBT no Brasil, realiza uma análise preciosa dos movimentos identitários LGBT e dos movimentos “Queer” em quatro países: Espanha, Portugal, Argentina e Chile. Nele ele conversa com as ativistas locais da Espanha que fizeram parte da edição deste livro como Lucas Platero e Urko que também tive a oportunidade de conhecer em terras catalãs.

A proposta destes autores é pensar a interseccionalidade como ferramenta de estudo e ativismo no campo das sexualidades, em especial nas suas relações com classe social, raça/etnia (não só na questão da negritude, mas também de outras etnias, como os ciganos), migrações e capacitismo.

As discussões sobre o transfeminismo e conta com textos que analisam diversos coletivos e práticas transfeministas, como as realizadas pelo Quimera Rosa, Migrantes Transgressorxs, O.R.G.I.A, Medeak, Post-Op, os três últimos mais ligados à pós-pornografia.

Ao ler essa obra sobre o transfeminismo espanhol, chama atenção pela total inexistência de uma discussão cara ao transfeminismo brasileiro e argentino, que gira em torno do conceito de cisgênero, que tem motivado uma série de tensões e divisões entre pessoas ligadas aos estudos queer e transfeministas no Brasil (COLLINS, 2015).

Pelo livro de Miriam Solá e Elena Urko (2013), as ativistas espanholas não dividem as pessoas entre trans e cis, e o transfeminismo é pensado de uma forma interseccional com outros marcadores sociais das diferenças. O prefixo trans é usado sobretudo para tratar daquilo que nos atravessa, e não como uma identidade trans que só uma pessoa não cisgênera pode reivindicar.

Paul Preciado escreve o prólogo deste livro e posteriormente retoma sua definição de transfeminismo em “Um apartamento em Urano” (2017):

El transfeminismo podría definirse como aquel movimiento revolucionario, aunque pacífico, que, procedente de la alianza de las luchas históricas antipatriarcales del feminismo, y de las luchas recientes por la desmedicalización y despatologización de los movimientos trans, intersexual y de la discapacidad (handiqueer), entiende la abolición del sistema binario sexo-género, y de sus inscripciones institucionales y administrativas (desde la asignación de sexo in utero o en el momento del nacimiento) como condición de posibilidad de una profunda transformación política que conduzca al reconocimiento de la irreductible multiplicidad del viviente y del respeto a su integridad física” (PRECIADO, 2017.p. 274).

#### 4.5 “Queer of Color” ou uma invenção Tupinikuir

Há uns anos vi uma entrevista de João Nery (famoso ativista brasileiro das masculinidades trans falecido em 2018) no programa de Marília Gabriela. Ele dizia algo assim: Ando estudando a teoria queer (dito em português) que pauta a desconstrução da lógica binária de adequação entre sexo e gênero... Antes de terminar, Marília pergunta, como assim? Ele diz, é a teoria queer (lido em português). Depois de alguns segundos de desentendimento a entrevistadora capta e repete corrigindo a pronuncia: Ah! Teoria *Queer*!

Desde o início desta pesquisa tínhamos sob nosso horizonte que um dos nossos principais desafios seria fazer uma leitura das teorias e autoras do universo “queer” feita a partir da desterritorialização do conceito partir dos países da América Latina, com o ajuste cultural e territorial para o Brasil, e mais precisamente no Nordeste do nosso país. A primeira vez que vi a palavra “queer” se transformar em Kuir ou Cuir foi exatamente em um cartaz do primeiro Festival Monstruosas que foi realizado em Recife e que teve Jota Mombaça/ Monstra Erratik como palestrante/performer num workshop intitulado: “Curso Kuir – Perspectivas mestiças”

Ao falar a respeito de uma intelectualidade à brasileira, Pedra Costa (2014) excita “um outro pensamento”, que agrega diferentes formas de conhecimento sob um calor de 40°; uma intelectualidade que para desenvolver-se “tenha de passar pelos quadris”, bem como uma escrita encarnada, embalada por um ritmo próprio e assumidamente autoral.

Segundo Pêdra Costa (2017) o principal desafio para as pessoas que se reconhecem como kuir no Brasil, é estarem conectadas aos nossos antepassados que desafiaram as normas de gênero herdadas da colonização e conectadas ao conhecimento mágico, ritual e comunitário, de luta e de cura. Para ele nós não precisamos de teorias para ser potentes, mas precisamos lembrar e nos reconectar, porque o esquecimento e a individualidade são armas do projeto colonial.

Jota Mombaça (2013), que é performer, uma “bicha, preta e gorda” desenvolve uma análise *queer* decolonial em seu artigo intitulado: “Pode um cu mestiço falar?” Junto a autoras africanas como Grada Kiloma, ela constrói uma análise do interdito da boca dos povos escravizados pelo uso de máscaras com um freio entre os dentes como interdito da fala. Se, na perspectiva dessa autora, o regime escravocrata produziu uma territorialização da boca como

lugar de tortura e não-fala, a norma da heterossexualidade compulsória produziu o cu como lugar de excreção e não-prazer.

Podemos inferir que, como a interdição da boca dos corpos bio-designados negros estava ligada à constituição de um discurso hegemônico branco no contexto da escravidão, a interdição do cu nos corpos adequados à norma heterocissexista torna possível a manutenção do gênero como ideal regulatório atrelado à heterossexualidade como regime político. Nesse campo politicamente regulado, o cu é a parte fora do cálculo, porque atravessa a diferença sexual binária.

Assim é que, no marco do racismo, o sujeito branco depende da produção arbitrária do sujeito negro como “Outro” silenciado para se constituir, atualizando, a partir do binômio branco/negro, uma série de outras fórmulas binárias tais como bem/mal, certo/errado, humano/inumano, racional/selvagem, nas quais o negro não cessa de ser representado como mal, errado, inumano, selvagem. Dessa maneira, não é jamais o sujeito negro que está em questão, mas as imagens e narrativas dominantes produzidas desde um ponto-de-vista colonial acerca dele.

Nesse sentido, interrogar o marco do que pode ser ouvido nos termos da cultura euroamericana, colonial, heterocentrada e cisnormativa dominante configura um gesto político-teórico no sentido de uma descolonização, um remapeamento da escuta que leva em consideração as linhas-de-fuga que ele fissa na harmonia imposta. Pêdra Costa (2017) se posiciona dentro da teoria da seguinte forma:

O que fui fazendo com a teoria foi uma espécie de tradução mal feita e uma paródia a partir do meu corpo e nas artes, além de tentar disseminar e estimular a potência dessa teoria, o que me levou a fazer parte de uma rede afetivo-política muito ampla. Atualmente, evito usar a palavra queer porque acredito que ela é carregada de privilégios euro-centrados e tem problemáticas que não dão conta de geografias (pós)colonizadas (p. 451).

No que diz respeito ao silêncio subalterno, Mombaça (2013) nos lança uma outra pergunta: o que ocorre quando umx subalternx fala? Desse modo, procuramos também relocalizar uma crise que tem, por muito tempo, servido para despotencializar os sujeitos fora da produção de saber. Ao invés de pôr em dúvida nossa capacidade de forjar discursos e saberes desde as subalternidades, escolhemos interrogar a capacidade dos marcos hegemonicamente consolidados de reconhecer nossas diferenças.

O texto de Pedro Paulo Pereira (2015) tenta fazer aproximações possíveis da teoria queer com o pensamento decolonial. Para ele ao se abrir a outras lógicas, ao reivindicar a

importância e magnitude desses pensamentos-outros, ao desconfiar das Teorias, apostando na multitude de teorias e corpos, o pensamento decolonial se aproxima do queer. Como a teoria queer, a crítica decolonial interroga as pretensões teóricas que generalizam pressupostos e assuntos particulares e eludem as formulações dos Outros, consideradas como específicas e particulares.

O pensamento decolonial procura desvendar como as construções de gênero e sexualidade se cruzam e são produto da colonização. Se o cânone é eurocêntrico, hétero e branco, o queer faz troça desse lugar, dessas Teorias e de sua universalidade pressuposta, assim como fustiga sua heteronormatividade; o pensamento decolonial denuncia os processos de construção dessa universalidade, e também desconfia dessas Teorias, mostrando como a “ferida colonial” se expande e abarca a imposição do sistema sexo-gênero (p. 415).

A diferença colonial manifesta-se nos corpos. Os corpos não são apenas corpos-tempo, mas corpos-espaco – os corpos estão entranhados nos espaços. Os corpos queer são constituídos na diferença colonial. Não há como separar corpos abjetos, sexualidades dissidentes de localização geográfica, língua, história e cultura. A teoria queer é também uma política de localização – queer e pensamento decolonial são teorias corporificadas.

#### **4.6 Feminismos Pró-Sex e as atuais versões do radFem como política colonial: Guerra às imagens.**

O breve passeio sobre os feminismos apresentada neste capítulo finalmente se conecta com o cenário de embates políticos que perpassam a produção das pornografias feministas, pós-pornografias e pornografias dissidentes, parcialmente apresentado no primeiro capítulo. Desde os anos 80 a pornografia tanto se constituiu como um império capitalista em escala industrial, (re)produtora de violências sistemáticas de um mundo heterocapitalistopatriarcal, quanto ao mesmo tempo pode ser considerada um campo de batalha, de disputa pelo sexo (e seus vetores componentes como prazer, corpos, identidades e etc.).

A indústria e o consumo de pornografia sofre (com razão) uma série de críticas, boa parte com algum fundamento de emancipação e autonomia das trabalhadoras sexuais/atrizes envolvidas. Outra parte tem construído seu argumento muito próximo dos conservadorismos em relação ao sexo e às práticas sexuais.

Estamos em 2020, muito conquistamos como movimento Feminista e LGBTQIA+, tanto no campo da garantia de direitos como socialmente. No entanto, é impressionante como discursos típicos das guerras sexuais estadunidenses contra a pornografia ganharam espaço no

Brasil. Neste aspecto e em tantos outros o trabalho de Gayle Rubin (1984; 1994) segue inteiramente atual e necessário.

As autointituladas RadFem- Feministas radicais contemporâneas têm desenvolvido seus argumentos (especialmente nas redes sociais) em torno da construção do sujeito mulher (com base em seus órgãos reprodutores) como sujeito central do feminismo. Assim que validam o ser uma mulher de verdade a partir de uma socialização primária em comum vivida pelas mulheres cis que as coloca em situação de vulnerabilidade e por isso deveriam ser as únicas sujeitas políticas do feminismo. Se reiterou um movimento transfóbico em recusar o reconhecimento das mulheres trans como parte da luta feminista.

Outro argumento presente é a noção da mulher-fêmea que transpassa as teorizações sobre o sagrado feminino, que essencializa a categoria mulher e sacraliza o sexo como prática sexual saudável apenas realizada numa relação afetivo romântica e dentro de uma relação de casal (entre duas pessoas) e que a procriação é um ato natural e sagrado.

Neste mesmo “campo semântico” de atuação estão os argumentos que combatem a existência do trabalho sexual, sejam como prostitutas ou atrizes pornô. Estão contra o movimento de legalização destas formas de trabalho e questionam a autonomia destas mulheres em decidir sobre a própria vida. Elas equiparam estupro, tráfico de mulheres e crianças, cafetinagem à prostituição e produção de pornografia como se fossem a mesma coisa.

Chegam ao argumento absurdo que defender que todas as imagens (audiovisuais, fotográficas, cinematográficas) sexuais deveriam ser abolidas. O sexo estaria restrito a quem o pratica de forma “saudável”, ou através de leituras e imaginação.

No texto “Pensando o sexo” de Gayle Rubin (1984) ela realizou uma análise extremamente atual sobre o conservadorismo das leis e das feministas em relação às práticas sexuais. Há quase 40 anos atrás ela dizia:

Uma análise progressista da sexualidade é relativamente pouco desenvolvida. Muito do que está disponível a partir do movimento feminista apenas contribuiu com a mistificação que sufoca o objeto. Há urgência em se desenvolver perspectivas radicais sobre a sexualidade... Para ela, uma teoria radical do sexo deve identificar, descrever, explicar e denunciar a injustiça erótica e a opressão sexual. Tal teoria necessita de ferramentas conceituais refinadas com as quais se possa compreender o sujeito e mantê-lo visível. Deve produzir descrições ricas da sexualidade na forma como ela existe na sociedade e na história (p. 10).

Para Gayle Rubin (1984) Existe uma idéia sobre o essencialismo sexual – onde o sexo é uma força natural que existe anteriormente à vida social que deve ser desconstruído. A sexualidade humana não é compreensível em termos puramente biológicos. Organismos humanos com cérebros humanos são necessários para as culturas humanas, mas nenhum exame do corpo ou de suas partes pode explicar a natureza e variedade dos sistemas sociais humanos.

A fome na barriga não dá pistas sobre a complexidade da culinária. A sexualidade é tão produtda atividade humana como o são as dietas, os meios de transporte, os sistemas de etiqueta, formas de trabalho, tipos de entretenimento, processos de produção e modos de opressão (p. 11).

Somando-se ao essencialismo sexual, há ainda a noção de negatividade sexual, em que esta área da vida humana é concebida moralmente como suja e inferior; A valoração hierárquica dos atos sexuais, em que o sexo saudável está relacionado à prática sexual decorrente de uma relação de amor e entre duas pessoas; e por fim a teoria dominó do perigo sexual em que conecta uma prática sexual “perigosa” a outras, por exemplo, sadomasoquismo, prostituição e pedofilia, como parte de um mesmo “desvio” da sexualidade.

Dentro desse quadro o lesbianismo monogâmico que ocorre dentro de relações íntimas de longo prazo, e que não envolvam papéis polarizados, substituiu o casamento, a heterossexualidade procriativa, no topo da hierarquia de valor. A heterossexualidade foi rebaixada a algum lugar no meio As profundidades mais abaixo são ocupadas pelos grupos e comportamentos usuais, prostituição, transexualidade, sadomasoquismo, e atividades com cruzamento de gerações. A maioria das condutas de homens gays, todo o sexo casual, promiscuidade, e comportamento lésbico que envolva papéis ou bizarrices ou os não monogâmicos são também censurados. Até as fantasias sexuais durante a masturbação são denunciadas como desvio falocêntrico (RUBIN, 1984, p. 32).

Gayle Rubin (1984) nos recorda o Papa João Paulo II em 1980 e 1981 fez uma série de pronunciamentos consolidando sua posição mais conservadora sobre a sexualidade humana e para isso utilizou alguns dos argumentos feministas da época sobre objetificação sexual. Ele condenou o divórcio, aborto, concubinato pornografia, prostituição, controle de natalidade, hedonismo desenfreado e a luxúria.

Em outro texto posterior Gayle Rubin (1994) desenvolve o argumento minucioso sobre como a pornografia foi associada a "coisas baratas": mercado de massa, material comercial diferente de coisas mais caras, mais artística ou sofisticado como "erótico".

De acordo com o dicionário o erótico quer dizer: literatura ou arte com o intuito ou conceito de despertar desejo sexual. O erótico tem a conotação de ser mais suave, com classe, melhor produzido e menos explícito que a pornografia. Quem vai decidir o que é

pornográfico? Que formas as sexualidades lésbicas têm que tomar? E o que uma lésbica está apta para ler? Se o erótico e se os filmes de educação sexual não podem ser aceitas e se o sexo lésbico indígena nas revistas é todo como pornografia heterossexual. Que imaginário é suficientemente antipornográfico para ser aceito pelas feministas e escapar da perseguição legal?

A acusação é de que a pornografia representa um abuso e um estupro. Não estou dizendo que as modelos tem "liberdade de escolha" como se as forças estruturais não impedissem certas escolhas. Mas aquelas que fazem a escolha pelo trabalho sexual fazem por uma trama complexa de razões. Não deveríamos trabalhar para reafirmar os estigmas das ocupações laborais assim como a ilegalidade. Uma vez que ela não tem os privilégios, segurança e oportunidades. De outros trabalhos

Porque o movimento feminista absorveu o argumento anti pornografia?!

Tradicionalmente o universo pornográfico é dos homens. Mulheres "respeitáveis" não acessam pornografias em eventos ou até mesmo em casa. A estética é totalmente diferente do que se produz em Hollywood e seus ideais de amor romântico. E de fato, a maioria das pornografias comerciais é sexista. Não encoraja os homens a desenvolver a sedução fora do próprio umbigo.

#### **4.7 Apontamentos para um Feminismo anti especista e transhumanista**

Os feminismos são no plural. Autores como Jack Habersman foram parte da construção do movimento “queer” de dissidência sexual. Na sua obra recentemente traduzida para o português “a arte queer do fracasso” (2011) ele analisa uma política feminista que vem de um desfazer e não de um fazer propriamente, e que não é sobre se tornar ou ser mulher, mas sobre uma rejeição sobre esse chegar a ser mulher como foi definida e imaginada dentro de uma filosofia ocidental. Ele se posiciona a partir de um feminismo sombrio, baseado na negação, na rejeição, na passividade, na ausência, no silêncio que oferece espaço para um projeto feminista alternativo que tem o desconhecimento, o esquecimento e o fracasso como parte de si mesmo.

Esse feminismo sombrio se contrapõe a uma história do feminismo ocidental que aportou ideias mais positivistas e toca em temas quase proibidos como a linguagem de autodestruição, do masoquismo, do feminismo antissocial e que rechaça o laço inicial entre filhas e mães que a partir dele perpetuam formas patriarcais de poder.

Este feminismo sombrio que ele apresenta é uma genealogia antihumanista em sua radicalidade que surge dos chamados feminismos queer, negros, e pós-coloniais que pensa em termos de negação do sujeito mais que de sua formação, da interrupção da linhagem mais que sua continuação. Ele nos pergunta:

Si nos negamos a llegar a ser mujeres, podemos preguntarnos ¿qué le ocurre al feminismo? , si planteamos la pregunta de otra forma: ¿podemos encontrar estrategias feministas capaces de reconocer el proyecto político articulado en ,la forma del rechazo? La política del rechazo emerge en su forma más potente de los textos anticoloniales y antirracistas, y des afia la autoridad colonial rechazando por completo el papel del colonizado, dentro de lo que Walter Mignolo, citando a Aníbal Quijano, ha denominado colonialidad del poder (HABERSMAN, 2011, p. 135).

Neste argumento ele utiliza a obra de Spivak e Mahmood para mostrar como as teorias ocidentais foram prescritivas com conceitos como: agência, poder e resistência. E a partir disso propuseram formas alternativas de pensar o “eu” do feminismo e as ações que surgem em contextos que constantemente são rejeitadas pelo feminismo.

De um lado Mahmood discute as práticas religiosas de mulheres muçulmanas no Egito e de outro Spivak utiliza os exemplos das mulheres do século XIX que se suicidavam diante da morte de seus maridos para demonstrar que havia uma forma de ser mulher que era incompreensível dentro de um marco feminista normativo. É uma crítica delicada aos feminismos que desenvolveram uma “gramática de conceitos” da agência em que a ruptura com o silêncio seria o tópico principal da ação feminista.

Spivak analisa a tentativa dos britânicos em 1829 de abolir a imolação hindu das viúvas como o colonialismo se autorepresenta como uma intervenção benevolente e enfrenta o argumento a partir das índias nativas que o “salí” devia ser respeitado como prática porque estas mulheres que perdiam seus maridos queria genuinamente morrer. Ela usa esse fenômeno do “satí” como exemplo de como o colonialismo articula a si mesmo como categoria de resistência. Essa gramática progressista nos impõe uma forma de saber que torna difícil entender as formas de ser a viver que não estejam capturadas pela narrativa de subversão e reinscrição da norma.

Será que nos tornamos cegas para as formas de agencia que não adotam a forma de resistência? Spivak está reivindicando um feminismo que possa afirmar que não fala pelo subalterno ou que não demande que o subalterno fale com a suposta voz ativa do feminismo ocidental.

Silvia Rivera Cuisicanque (2010) em sua sociologia semiótica realiza uma análise da chegada colonial dos Espanhois. Em uma imagem de Puma há um personagem em primeiro plano, que é um índio pequenino recolhendo os restos de comida diante de uma pesa posta com personagens sentados à mesa com cabeça e corpo desproporcionalmente maiores. Existe uma conceituação indígena da noção de opressão, na medida que na língua aymara e qhichwa não existem palavras traduzidas como opressão ou exploração. Estas ideias são resumidas à palavra “jisk’achasiña” que pode ser entendida como empequecimento, associada à condição de servidão.

Otro aporte al conocimiento de los fundamentos coloniales de la sociedad, se revela en el hecho de que las relaciones que inaugura se fundan en una imagen primigenia: la condición no-humana del otro. Desconocimiento y negación que, como lo ha mostrado Jan Szeminski, no eran privativos de la mirada española sobre los indios, pues también éstos llegaron a considerar como no humanos a los recién llegados (CUSICANQUE, 2010, p.31 ).

A condição de deshumanização do “outro” como estratégia de dominação e colonização conhecida não foi constituída apenas em uma direção. Os invasores/visitantes se despuseram de sua condição humana para obter benefícios na extração do outro de algumas regiões. Explico. Os exploradores invasores convenceram os povos locais de que se alimentavam de ouro. Ou seja, os indígenas pensavam que os homens brancos não eram exatamente humanos, uma vez que comiam

O livro de Constanza Castillo/Missogina (2016) é um ensaio que se denomina a partir do feminismo gordo, lésbico, anticapitalista e antiespecista. Ela relata como foi seu processo de se tornar vegana e como as pessoas de seu convívio reagiram a esta decisão. No princípio perguntavam se era seu objetivo emagrecer. Depois começaram a questionar como ela continuava gorda primeiro cortando o consumo de carne animal e posteriormente todo alimento de origem animal. Estas eram perguntas típicas de um mundo “normal” onde as pessoas enxergam umas às outras em quilos.

A nossa cultura alimentar assume que nossos gostos alimentares são irracionais, ou seja, o que entra na nossa boca basta ter o status de alimento que comemos. Como se comer não passasse por uma livre decisão ética e livre de crueldade.

Os slogans do feminismo “o pessoal é político” e “a biologia não é o destino” deveriam ser princípios utilizados para a crítica ao consumo de vidas animais. A própria crítica às explorações diversas que fazemos no feminismo deveria ser base para questionar toda a indústria de ovos e laticínios, por exemplo, que sem segredo nenhum se sustentam da

exploração de vacas e aves encarceradas. Nenhum sabor justifica a tortura e o encarceramento. Missogina faz uma dura crítica às feministas que recorrem às faxineiras para limpar suas casas e à legitimação da polícia em seus discursos, além de relativizar a exploração e tortura de outros seres vivos.

Ela nos lembra como nós mulheres e especialmente as gordas, fomos acostumadas a receber xingamentos de animais para se referir a algo negativo a nosso respeito: porca, hipopótamo, vaca, baleia, cachorra, víbora e por aí vai. As simbólicas violências exercidas contra às mulheres em certa medida são equiparadas às relacionadas com os animais e à natureza própria.

Vivemos em uma cultura patriarcal, heterossexual, ocidental e antropocentrista (androcentrista). A noção do Deus cristão coloca a humanidade no topo do mundo e advoga que “tudo que Deus criou é bom e está a serviço dos homens”. É curioso notar que este argumento já estava presente no meu cotidiano e na minha família, mas ainda não tinha feito uma reflexão adequada sobre ele. Na ceia de natal deste ano eu iniciei algumas desconstruções de sabores e paladares. “Não vai comer peru e porco, Nanda?” “Está de regime?” O fato de ter engordado 15 quilos pode ter contribuído para os questionamentos. Mas, respondi negativamente para as questões com a simples justificativa de que queria diminuir o consumo de carne animal. Não falei em vegetarianismo, nem veganismo, não falei em exploração animal e nem a respeito do sofrimento dos outros animais. Mas, as respostas foram bíblicas, quase como quem cita os mandamentos de “não matarás”. Uma tia disse que “tudo que Deus faz é bom” (gostaria que este argumento servisse para plantas como cannabis). A outra tia disse que no fim dos tempos, muitos adotariam a restrição de alimentos, rejeitando a natureza que Deus fez para nós. Entrei no embate, mas sem muito fôlego. “Eu sigo comendo, tia! Meu prato está cheio de comida!”

Os relatos hegemônicos da colonização tornaram subalternas as cosmovisões dos povos originários que estabeleciam uma relação mais íntima e harmônica com a terra e a natureza num geral. O pensamento moderno ocidental racional estabeleceu a terra, os animais, a tecnologia, as mulheres, todas em benefício da “humanidade”. O desenvolvimento capitalista se baseia com base no heteropatriarcado, na raça e classe.

El antropocentrismo, junto al heteropatriarcado, la raza y la clase han sido algunas de las excusas del famoso “progreso” y del desarrollo capitalista, ejerciendo así una dominación em clara assimetria, em donde unx individux niega a otrx: lx humanx niega li animal (y la tierra), convirténdola em consumo, el hombre niega a la mujer

convirtiéndola em “lo otro”, el blanco niega al negro convirtiéndolo em “la bestia” (CUSICANQUI, 2010, p.125).

Muitos espaços de esquerda e feministas julgam que a comparação entre o sofrimento animal e humano não seriam apropriados. Que por alguma razão existe uma supremacia sobre o sofrimento e a vida humana diante das outras vidas.

O especismo é uma prática naturalizada e normalizada. Desde crianças nos ensinam na escola que os animais estão para nos oferecer coisas. Leite, ovos, presunto... Como se esta “oferta” não fosse fruto de estupros de fêmeas vacas para que estejam continuamente prenhas e continuamente nos “ofertando” leite. Nesta visão reduzida dos animais, se eles não são nossos bichos de estimação, estão ali para ofertar-nos alimento, servir como meio de transporte ou transformar-se em nossas roupas.

O termo ecofeminismo desenvolvido pela compilação de Karen Warren realiza uma conexão sobre os estudos ambientais e o feminismo que estuda a dominação patriarcal. De maneira simplificada, me pareceu importante descrever a origem conceitual destas dominações. A própria tradição categorial do ocidente é a base do domínio da natureza e das mulheres. Primeiro ela aponta os binômios antagônicos como forma de categorização que implica uma hierarquia de valores. Tais como: emoção/razão, corpo/mente, natureza/cultura, animal/humano, mulher/homem. As ecofeministas se esforçam para documentar as evidências de como o desenvolvimento capitalista justificou a exploração da terra.

O veganismo ou a exploração indiscriminada de animais não humanos não era parte dos problemas de pesquisa iniciais desta pesquisa e tampouco é um assunto discutido suficientemente neste passeio histórico pelos feminismos. A aproximação com estes argumentos teóricos e práticos é fruto de nosso envolvimento/constrangimento com o campo-tema. Defender uma ética feminista pró-sexo está na mesma matriz de não exploração do feminismo antiespecista. Para nós que até aqui fomos pesquisadoras e ativistas pelos Direitos Humanos fomos impelidas a desertar (ainda que provisoriamente e parcialmente) do humanismo que cria a seu próprio modo as condições de melhoria para as mazelas imanentes da humanidade.

*Parte II*

## 5 TEASER TEORIA: CTRLC+ CTRLV, HACKEAMENTO DO SISTEMA = IMUNIDADE NORMATIVA

Nós falamos uma outra linguagem. Eles dizem representação. Nós dizemos experimentação. Eles dizem identidade. Nós dizemos multidão. Eles dizem controlar a periferia. Nós dizemos mestiçar a cidade. Eles dizem dívida. Nós dizemos cooperação sexual e interdependência somática. Eles dizem capital humano. Nós dizemos aliança multi-espécies. Eles dizem carne de cavalo nos nossos pratos. Nós dizemos montemos nos cavalos para fugir juntos do abatedouro global. Eles dizem poder. Nós dizemos potência. Eles dizem integração. Nós dizemos código aberto. Eles dizem homem-mulher, Branco-Negro, humano-animal, homossexual-heterossexual, Israel-Palestina. Nós dizemos você sabe que teu aparelho de produção de verdade já não funciona mais... Quanto de Galileu precisaremos desta vez para re-aprender a nomear as coisas, nós mesmos? Eles nos fazem a guerra econômica a golpe de facção digital neo-liberal. Mas nós não choraremos a morte do Estado-providência, porque o Estado-providência era também o hospital psiquiátrico, o centro de inserção das pessoas com deficiência, a prisão, a escola patriarcal-colonial-heterocentrada... Nós não desejamos nos definir como trabalhadores cognitivos nem como consumidores farmacopornográficos... Falamos da transformação micropolítica dos “domínios moleculares da sensibilidade, da inteligência, do desejo”. Se trata de modificar a produção de signos, a sintaxe, a subjetividade. Os modos de produzir e reproduzir a vida. Não estamos falando de mover uma fronteira Estatal daqui para ali. Estamos falando de descolonizar o mundo, de interromper o Capitalismo Mundial Integrado. Estamos falando de modificar a terrapolítica. Temos abandonado a política da morte. Somos um batalhão sexo-semiótico, uma guerrilha cognitiva, uma armada de amantes. Terror anal. Somos o futuro parlamento pós-pornô, uma nova somatopolítica feita de alianças sintéticas e não de vínculos identitários. Eles dizem crise. Nós dizemos revolução (Prefácio de Paul Preciado para “Esferas da Insurreição” de Suely Rolnik, 2019, p. 4).

De todas as experiências que vivemos ao ter entrado no campo-tema das pornografias dissidentes, dois acontecimentos fraturaram a maneira como construímos o conhecimento nos últimos cinco anos: primeiro, o golpe parlamentar que resultou no impeachment (em 2016) da primeira presidenta eleita em nosso país e posterior retomada de políticas ultra conservadoras com a eleição de Jair Bolsonaro para presidente do Brasil (em 2018); e segundo, a situação sanitária complexa resultante da pandemia de COVID-19 em todo o globo, com repercussões particulares no cenário nacional, agravadas pela contexto político local.

Estes dois pontos nodais em nossa história nos provocaram a rever as concepções de saúde (física e mental) e de política (institucionais e semióticas). Assim, algumas questões teóricas concernentes às pornografias serão úteis para a construção (auto) analítica do próximo capítulo: a emergência de sujeitos e subjetivações (a)normais (Preciado 2018, 2019; Butler, 2011, 2018) pautada no conhecimento médico, psiquiátrico e psicológico; A

emergência do farmacopornopoder e como este conceito nos ajuda a compreender as tecnologias produtoras de subjetividades (Preciado, 2019); e por fim, a aposta nas pornografias dissidentes como insurreições micropolíticas (Rolnik, 2019) como uma maneira particular de movimento político que se distigüe em muitos aspectos dos movimentos identitários LGBT das últimas décadas.

### **5.1. Quem é o (a)normal? Corpos, sexualidades e subjetividades desviantes-fracasso.**

El precio de vuestra normalidad sexual es nuestro intersexualicidio. La única cura que necesitamos es un cambio de paradigma. Sin embargo, como nos ha enseñado la historia, puesto que el paradigma de la diferencia sexual y de género es la garantía del mantenimiento de un conjunto de privilegios patriarcales y heterosexuales, este cambio no será posible sin una revolución política (PRECIADO, 2019, p. 17).

Quem decide o que é normal e o que é desvio? Quais são as pessoas normais e as anormais? Quais são os corpos “comuns” do desejo? Existe a sexualidade saudável? Pênis e vagina são aparatos do ato sexual? Dedão do pé e língua também seriam? A prática sexual dita saudável o que é? Aquele praticado entre pessoas cis brancas, pênis-vagina, corpos magros e sem deficiências? Quem está fora da norma é humano ou mostro? Como o fracasso desse sistema poítico sexual se articula com o fracasso capitalista?

A Psicologia tem um histórico de atuação no sentido da ortopedia das práticas e identidades sexuais e de gênero. Para citar alguns eventos: só em 1973 a despatologização da homossexualidade tem início quando a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retira de sua classificação a homossexualidade como transtorno de orientação sexual, o mesmo ocorrendo com a Associação de Psicologia Americana, em 1975 (SILVA e MELLO, 2017).

Na década de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) fez o mesmo com a sua classificação de doenças. No Brasil, em 1985, o Conselho Federal de Medicina (CFM) emitiu uma publicação definindo que a homossexualidade não constitui uma doença de base biológica ou fisiológica nem mesmo um transtorno psiquiátrico. No entanto, só em 1999 o Conselho Federal de Psicologia (CFP) promulgou a Resolução nº 001/99, afirmando que a homossexualidade não constitui doença, distúrbio nem perversão, estabelecendo normas de atuação para os psicólogos(as) com relação à questão da orientação sexual (SILVA e MELLO, 2017).

Já no processo de despatologização das transexualidades, travestilidades e transgeneridades o processo ocorre de maneira mais lenta. Em 2010, a França foi o primeiro país do mundo ocidental a desclassificar a transexualidade como transtorno psicológico,

enquanto na Índia, no Paquistão e em Bangladesh, as hijras foram legitimadas e oficializadas com a nomenclatura do Terceiro Sexo. No Brasil, o CFP promulga a resolução nº 014, de 2015, permitindo aos psicólogos(as) travestis e transexuais utilizarem seus nomes sociais no campo “observação” de suas carteiras de identificação profissional (BENTO e PELUCIO, 2012).

Essa publicação abre precedentes para o questionamento e a consequente mudança sobre a forma como a psicologia brasileira compreende a experiência dos transgêneros. Já em 2013, a publicação da nota técnica sobre processo transexualizador e demais formas de assistência às pessoas trans se torna um marco no processo de despatologização. Como um documento oficial de orientação para a atuação dos psicólogos na promoção da saúde mental dessa população, o CFP afirma que a transexualidade e a travestilidade não constituem psicopatologias, embora sejam expressões do gênero e da sexualidade não normativa. Em 2014, é oficialmente regularizada a campanha de comunicação pela despatologização dessas identidades<sup>12</sup>.

Desde a primeira publicação, em 1952, do DSM, em 2012 ocorreu pela primeira vez um movimento globalizado pela retirada da transexualidade do rol das doenças identificáveis como transtornos mentais (DSM e do CID). As mobilizações se organizam em torno de cinco pontos: 1) retirada do Transtorno de Identidade de Gênero (TIG) do DSM-V e do CID-11; 2) retirada da menção de sexo dos documentos oficiais; 3) abolição dos tratamentos de normalização binária para pessoas *intersexo*; 4) livre acesso aos tratamentos hormonais e às cirurgias (sem a tutela psiquiátrica); e 5) luta contra a transfobia, propiciando a educação e a inserção social e laboral das pessoas transexuais (BENTO e PELUCIO, 2012).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) oficializou nesta terça-feira (21) durante a 72ª Assembleia Mundial da Saúde, em Genebra, a retirada da classificação da transexualidade como transtorno mental da 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID). A informação já havia sido divulgada em 2018, porém a oficialização da normativa foi feita na ocasião.

Recentemente em 2019, pela nova edição da CID 11, a transexualidade sai, após 28 anos, da categoria de transtornos mentais para integrar o de “condições relacionadas à saúde sexual” e é classificada como “incongruência de gênero”. Antes mesmo da decisão da OMS, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) já havia publicado a Resolução CFP nº01/2018, que orienta a atuação profissional de psicólogas e psicólogos no Brasil para que travestilidades e

---

<sup>12</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008; 2011; 2013.

transexualidades não sejam consideradas patologias. Mesmo que distante do ideal estes documentos legais contribuíram para o processo de despatologização das identidades trans<sup>13</sup>.

Em 2019 Paul Preciado se reúne em uma conferência na França com mais de três mil psiquiatras e psicanalistas para implodir os critérios sobre saúde mental utilizados para decidir que fica dentro e fora da “jaula”. O texto fruto desta palestra “Yo soy el monstruo que vos habla” (2020), não sem objetivo teórico foi publicado com a dedicatória feita a Judith Butler.

O conceito de “heteronorma” de Judith Butler (2001) abriu cadeias teóricas importantes para pensar sexo, sexualidade, identidades sexuais e de gênero. Ela desmantela as direções e significados sobre sexo como diferença de órgãos genitais ao nascer, gênero como identificação cultural com o masculino ou feminino e sexualidade como prática voltada para a reprodução. Mais que uma desconstrução, ela aponta uma construção minuciosa de um regime político heterossexual. Neste sentido a (a)normalidade foi constituída como régua para designar os corpos que “pesam”, que merecem ser vividos ou deixados para morrer.

Em seu texto – Regulações de gênero, Butler (2014) sugere que o termo regulação diz respeito ao processo pelo qual as pessoas são tornadas normais. Em realidade, mais apropriadamente no plural, “regulações”. Que seriam as leis, regras e políticas materiais da vida cotidiana que tornam alguém normal. O gênero preexiste a estas regulações ou o próprio aparato de regulação já é em si generificado?

Em francês, a palavra *normalité* [normalidade] apareceu em 1834, *normatif* [normativo] em 1869, e, na Alemanha do final do século XIX, originaram-se as ciências normativas; o termo “normalização” aparece em 1920. Tanto para Foucault quanto para Ewald, isso corresponde à operação normativa dos poderes burocráticos e disciplinares. De acordo com Ewald, a norma transforma constrangimentos num mecanismo, e assim marca o movimento pelo qual, em termos foucaultianos, o poder jurídico torna-se produtivo; ela transforma as restrições negativas do jurídico nos controles mais positivos da normatização; assim, a norma desempenha essa função transformadora. A norma assim marca e causa a mudança entre pensar o poder como limitação jurídica para pensar o poder como (a) um conjunto organizado de restrições e (b) um mecanismo regulador (BUTLER, 2014, p. 51)

A norma governa inteligibilidades, ou seja, permite que pessoas, práticas e ações sejam reconhecidas no campo do social como possíveis, como dignas de existência. Então, como argumentamos anteriormente, estar fora da norma é continuar, em certo sentido, a ser definido em relação a ela. Em relação às identidades de gênero, quando alguém não é totalmente masculino ou totalmente feminino, esta pessoa continua sendo entendida exclusivamente em termos do purismo binário.

---

<sup>13</sup> <https://site.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/>, acesso em 20 de dezembro de 2022.

Por isso que ela propõe a manutenção do termo “gênero” em separado de masculinidade e feminidade como forma de denunciar como o binarismo masculino e feminino esgotou o campo semântico de gênero. Quer estejamos nos referindo à “confusão de gênero”, “mistura de gêneros”, “transgêneros” ou “crossgêneros”, já estamos sugerindo que gênero se move além do binarismo naturalizado.

A autora claramente se utiliza das noções de normalidade amplamente criticada por Foucault em *História da Sexualidade I*:

Individualização normativa não é exterior. O anormal não possui uma natureza diferente do normal. A norma, ou espaço normativo, não reconhece exteriores. A norma integra tudo o que pretende ir além dela – nada, ninguém, por mais diferença que possa exibir, nunca pode alegar exterioridade, ou alegar possuir uma alteridade que a torne outra (FOUCAULT, 1988. p. 31).

As regulações de gênero operam como uma condição de inteligibilidade cultural para que pessoas sejam consideradas humanas ou melhor, humanamente civilizada. A lógica sexo assignado ao nascer e os gêneros binários masculino e feminino construídos culturamente trabalham em função de um essencialismo heterossexual dos desejos. Essa forma de reduzir gênero à sexualidade deu lugar assim a duas questões no âmbito da teoria *queer* contemporânea: 1) a separação da sexualidade de gênero. 2) argumentar que gênero não é redutível à heterossexualidade. De maneira que ele toma formas diferentes quando contextualizado pelas sexualidades *queer* e que, de fato, seu binarismo não pode ser tomado como dado fora do quadro heterossexual.

Nessa perspectiva, o gênero é um aparato através do qual se produzem o masculino e o feminino ligados às formas normais psíquicas. Um discurso que insista no binário de homem e mulher performa uma operação reguladora que naturaliza o hegemônico. A norma não é em si uma violência, a imposição do binarismo é que necessita de mecanismos de violência para ser instaurado, pois a norma só persiste como norma na medida em que se representa na prática social e se reafirma nos rituais e tecnologias diárias da vida corporal (BUTLER, 2014)

O campo normativo tem uma dimensão produtiva, em que esta se configura como um modo de agir. A realidade/materialidade existe porque ela é praticada pelos corpos o tempo todo. Por outro lado, este campo possui uma dimensão interpelativa, uma vez que qualquer oposição à norma já está contida nela e é também crucial para o seu funcionamento. No entanto, porque que algumas experiências do campo normativo se transformam em contestação política?

O campo do sexo/gênero faz parte de uma rede de normatizações primárias de reconhecimento e o reconhecimento é a maneira de (re)inventar outras maneiras de

existirmos. As reivindicações dos movimentos sociais no campo da sexualidade deveriam atuar não só para reiterar a lógica da inclusão/exclusão ou dos “sujeitos minoritários”. É preciso alterar aquilo que produz inteligibilidade. Para isso é necessária uma exposição argumentativa, para defender a existência do inexistente e isso é preciso ser feito no campo da norma.

Preciado (2011) convoca uma legião de “anormais” para desinventar as normas, para uma guerrilha dos corpos abjetos – aqueles que foram “desconjurados” a morrer por sua falta de inteligibilidade. Eles disseram “queer” e dissemos SIM! É estranhas que vocês querem? Nós inventamos a teoria queer. São bichas! “Vamos ser cada dia mais bichas igual um Pokémon”. Elas são monstros, anormais! O Festival Monstruosxs está aí pra reafirmar que a normalidade não faz parte de todos os desejos. Estar assujeitado a normas obriga a criação do que Leonor Silvestre chama de “pontos de assimilação”. Que é como usar as armas inimigas para se reinventar.

Num dos livros mais recentemente traduzidos de Butler (2017), *A vida psíquica do poder*, ela faz um paralelo com a teoria Foucaultiana sobre a subjetivação e o paradoxo do assujeitamento. Ela explana como ao mesmo tempo que o sujeito passa pela sujeição ao poder da norma, é a partir dela que também se constitui o devir do sujeito. Como argumenta Foucault em *Vigiar e Punir* e em *história da Sexualidade*, o poder é não só repressão, mas também produção.

Para autores como Foucault e Butler, a subjetivação ocorre de maneira central através do corpo e esse corpo não é só culpa e transgressão produzidos pelos rituais de normalização, é ao mesmo tempo produzido pela matriz dos discursos normatizadores. Foucault (1988) utiliza a figura do prisioneiro para tratar das produções discursivas das identidades psíquicas. O indivíduo se formula como prisioneiro por meio de uma identidade construída discursivamente. Sujeição é a feitura do sujeito, na medida em que essa regulação age como produção do sujeito de forma ativa e não só pela dominação. Compulsoriamente a prisão (estando alguém em situação de cárcere ou sob a ameaça dela) obriga o prisioneiro a se aproximar de uma norma de comportamento. Esse ideal psíquico introjetado no prisioneiro é o que Foucault vai chamar de alma ou identidade psíquica.

Como entender o encarceramento como figuração (ou metáfora) privilegiada para o autor falar de subjetivação e a produção discursiva de identidades? Esse ser viável, inteligível é produzido a um custo e tudo que resiste à exigência normativa pela qual é constituída os indivíduos, permanece inconsciente. A psique-inconsciente é muito diferente do sujeito. A

psique é justo aquilo que excede os efeitos encarceradores de habitar uma identidade discursiva, de se tornar um sujeito coerente.

Segundo a proposta de Butler (2017) seria essa psique o que resiste aos discursos normalizadores. Ao mesmo tempo que não acredita no corpo como uma superfície totalmente moldada diretamente pelo poder disciplinar. Me pergunto junto com ela se na formação disciplinar do sujeito existe lugar para a resistência?

O sujeito produzido pelo poder não acontece de uma só vez, ele é repetidamente produzido. Por exemplo a homossexualidade que impulsiona um regime inverso ao próprio regime de normalização em que foi gerado. Não é exatamente uma oposição pura porque em parte está a serviço da heterossexualidade normalizadora e só posteriormente, em um desenrolar subversivo pode estar a serviço da própria despatologização. Seria um erro pensar que só de pronunciar o nome (gay, lésbica e ou homossexual) o sujeito transcenderia a normalização.

Nos interessa pensar juntos com os autores de que modo a produção disciplinar do sujeito entra em colapso? De onde vem esse fracasso da normalização e quais são suas consequências?

A própria noção de identidade sexual ou de gênero jamais será a totalidade psíquica de alguém. Uma vez que a identidade funciona como uma espécie de contorno que ordena os sujeitos em uma estrutura social, aquilo que não pode ser colocado em ordem surge como desordem no imaginário, lugar onde a identidade é contestada. A identidade sexual é uma contradição em si mesma, pois a identidade (homossexual) se forma a partir de uma proibição de algum elemento da própria sexualidade que a identidade assume, e a sexualidade quando ligada à identidade está sempre destruindo a si própria em seu poder anárquico.

Como nós podemos pensar os corpos e as subjetividades LGBTQIA+ nesta discussão? Primeiro precisamos admitir que reunir todas as dissidências nesta sigla é uma estratégia política específica, especialmente porque o “queer”/cuir/kuir não reivindica para si mesmo o termo enquanto categoria identitária. Da mesma forma que a militância LGB cis não parece estar em compasso com as reivindicações das identidades trans no sentido de combater a cisheteronorma radicalmente.

Para Preciado (2019), em “Um apartamento em Urano”, o novo milênio é caracterizado pela crescente visibilidade das lutas trans e intersexuais, se abre a possibilidade de se construir uma segunda revolução sexual transfeminista, não mais estruturadas em formas de política de identidade, mas através de alianças de múltiplas minorias políticas diante da norma.

Teria sido possível modificar a compreensão de designação sexual simplesmente abrindo a categoria do humano a qualquer forma de existência genital, mas o que ocorreu foi o contrário. Desde os anos 50 em que a pediatria passou a utilizar a “escala prader” e o “protocolo money” para declarar “inviável”, “monstruoso” ou “deficiente” ao corpo genitalmente diferente, submetendo a um conjunto de procedimentos cirúrgicos e hormonais para adequá-lo a morfologia genital masculina ou feminina.

O regime sexo-gênero binário é para o corpo humano o que o mapa é para o território, uma espécie de emaranhado político que define os órgãos, suas funções e usos. Um marco cognitivo que estabelece as fronteiras entre o normal e o patológico.

Nesta mesma direção Jack Halberstam (2019) em seu livro “a arte queer do fracasso” ele faz uma leitura queer anticapitalista e anticolonial a partir da arte de inadequar-se. Como possibilidade de imaginar alternativas para sistemas hegemônicos.

O que Gramsci denomina “senso comum” depende muito da produção de normas e, portanto, a crítica às formas dominantes do senso comum é também, em algum sentido, crítica às normas. O senso comum heteronormativo leva à equação de sucesso com avanço, acúmulo de capital, família, conduta ética e esperança. Outros modos subordinados, queer ou contra-hegemônicos de senso comum levam à associação de fracasso com não conformidade, práticas anticapitalistas, estilos de vida não reprodutivos, negatividade e crítica (p. 117).

Como esta concepção de fracasso pode se conectar com políticas anormais de gênero e sexualidade? Que tipo de pedagogia, medicina, epistemologia da subjetividade esse empenhada em manejar o fracasso em projetos políticos contemporâneos? Ao lado do que Halberstam argumentou na cultura artística estadunidense, como a concepção de fracasso se articula com a noção de desvio nas lutas raciais e anticoloniais?

O autor segue argumentando como o capitalismo transformou as pessoas homossexuais em pessoas normais fracassadas. Enquanto a heterossexualidade está enraizada numa lógica de sucesso e realização, o mundo social queer se tornaram evidências do fracasso, em última instância psicanalítica, como portadores da impossibilidade de todos os desejos. Impossíveis porque insustentáveis. Em contraponto ao modelo laciano psicanalítico do desejo, o autor aponta o capitalismo como o sistema estrutural que marcar os sujeitos homossexuais como fracassados que não conseguem executar os ideais de produção e reprodução.

A lógica capitalista descreve a pessoa homossexual como inapta para um amor apropriado por não conseguir desenvolver uma cadeia inteligível de sexualidade, família, reprodução, desejo e consumo. E a cultura queer (vale ressaltar que aqui o autor utiliza o termo queer em uma compreensão mais ampla de toda comunidade LGBTQIA) tem se utilizado da estratégia de repudiar essa carga de inautenticidade e inadequação.

É a partir daí que o autor articula diversos artistas queer estadunidenses para falar de uma estética queer. Em que o fracasso representa uma oportunidade de constituição na escuridão, de uma hipérbole antiprogresso. Enquanto as histórias liberais contam histórias de progresso e políticas triunfantes, as histórias desviantes contam com memórias pouco organizadas e que tiveram como consequência de homofobia e racismo, o fracasso e a solidão. A tentativa dele de conectar o ser queer com um projeto estético organizado em torno da negatividade inclui separar o ser queer das atividades otimistas heteropatriarcais:

O sujeito queer, ele argumenta, tem sido confinado epistemologicamente na negatividade, no nonsense, na antiprodução e na ininteligibilidade e, em vez de combater essa caracterização arrastando o ser queer para o reconhecimento, ele propõe que acolhamos a negatividade, essa que, de toda forma, representamos estruturalmente (HALBERSTAM, 2019, p. 118).

O “arquivo de sentimentos” fruto deste mundo inverso da cultura queer parece ser uma resposta não disciplinada e ao revés da banalidade e repetitividade da cultura hetero:

A raiva da sapatão, o desespero anticolonialismo, a ira racial, a violência contra-hegemônica, o pugilismo punk — esses são os territórios sombrios e furiosos da virada antissocial; essas são as zonas irregulares dentro das quais não apenas a autodestruição (o contrário de narcisismo, de certa forma), mas outras destruições ocorrem. Se quisermos fazer a virada antissocial na teoria queer, devemos estar dispostos a nos afastarmos da zona de conforto da troca cortês, a fim de acolher uma negatividade política verdadeira, que dessa vez prometa falhar, bagunçar, foder, ser exagerada, rebelde e mal humorada, gerar ressentimento, rebater, falar o que se pensa, perturbar, assassinar, chocar e aniquilar (HALBERSTAM, 2019, p.121).

É neste sentido de política dos afetos ou ainda do constrangimento semiótico que a produção porno-dissidente parece friccionar estas normas. Existe uma aposta nestas produções de alteração e invenção (ainda que parciais e fulgazes) dos padrões de gênero, identidades, prazeres e da própria materialidade dos corpos.

## **5.2 Pós humanismo, corpos-máquina e tecnopolíticas: A emergência do farmacopornopoder**

Quando decidi que esta tese seria metodologicamente um experimento pessoal, de imaginação no corpo não podia prever o meu adoecimento psíquico no meio do caminho, ou melhor, como parte do próprio processo. Menos ainda pude prever que a rede de artistas/performers dissidentes estaria igualmente adoecida. Estamos ansiosas, deprimidas, traumatizadas, drogadas, ora paralisadas, ora nos movimentando como uma engrenagem sem freio.

A experiência de Paul Preciado em *Texto Yonkie* é uma espécie de “coisa de “noiado”. O uso da testosterona de forma “recreativa” e para enfrentar o que se espera de um corpo assignado como feminino, mas sobretudo para transar e sentir prazer “chapado”.

Ele explica como o sexo e a sexualidade se converteram no centro das atividades econômicas a partir de um regime capitalístico pós escravagista, industrial, o da governamentalidade do vivo, numa época de tecnocapitalismo avançado. É a partir da Primeira guerra que as mulheres ganham visibilidade pública com os homens da família destinados à Guerra. É também neste período que é sintetizado o hormônio estrógeno para o controle de natalidade no corpo das mulheres e esta molécula farmacêutica se torna a pílula mais vendida da história.

Se desenvolve um conceito de masculinidade bélica, militar e familiar a partir dos homens de família que foram compelidos à guerra. É também neste período que surgem as próteses corporais para veteranos de guerra que tiveram parte de seus corpos mutilados. Se desenvolve simultaneamente o uso do plástico.

Numa rápida retrospectiva sobre as drogas o autor aponta que por volta de 1950 é sintetizada a pela primeira vez a metadona como primeiro opiáceo usado em cirurgias. Em 1953 Hugh Hefner cria a playboy. Mesma época em que uma pessoa transexual é midiaticizada. A homossexualidade e transexualidade é medicamente patologizada. Em 1960 o primeiro barbitúrico usado como droga da cena underground. Em 1966 surgem os primeiros antidepressivos e 1987 a fluoroxetina. Em 1970 a lei antidrogas na Grã Betanha regula a proibição de uma dezena de drogas, mas o tabaco e o álcool ficam de fora.

No período da Segunda Guerra a injeção letal para o genocídio higienista nazista é produzida a base de barbitúricos. Surge por acidente a primeira droga utilizada com fins exclusivamente sexuais, o Viagra. Temos uma epidemia de diagnósticos TDAH tratado com ritalina. Esteroides sintéticos, psicotrópicos legais e ilegais. É também nesta década que a pornografia se constrói midiaticamente em vídeos e revistas, com seu ápice de difusão com a internet por volta dos anos 2000. Está armado o regime pós industrial midiático, fármaco – semiótico, regime farmacopornográfico.

A ideia de corpos meio carne meio máquina, meio natural meio fabricação, fruto da profunda transformação que a tecnologia causou em nossas peles e órgãos já havia sido desenvolvida por Donna Haraway (2009) em “manifesto cyborg”. No argumento da autora ela questiona as clássicas dicotomias: natureza e cultura, biológico e social, “self” e mundo que constituem o pensamento moderno.

Haraway (2009) é uma visionária da tecnocultura. Para discutir as questões cruciais sobre as vidas que importam e como e para quem, ela divaga sobre a produção de arroz. Não é bem um argumento fora do ponto, é a noção de que somos espécies híbridas. Os pesticidas que são aplicados nas plantações param no corpo dos agricultores, se eles ficam dentro da planta podem ser tomados como “naturais” e serão alocados nos corpos das pessoas que comem arroz. A questão do “agrobusiness” está diretamente relacionada com a políticas de quem vive ou morre.

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política (HARAWAY, 2009, p. 55).

Preciado (2019) narra uma genealogia farmacopornográfica onde a psicologia, a psiquiatria e a endocrinologia transformou as noções de libido, consciência, sexualidade, homossexualidade, masculinidade e feminilidade em algo material vendável e gerenciada pelas multinacionais farmacêuticas. De tal maneira que estas produções de gênero e corpo se tornaram inseparáveis a partir de um mecanismo de auto-feedback. Quem veio antes o prozac ou a depressão? E a masculinidade ou a testosterona? E a noção de fertilidade associada à feminilidade vem antes ou depois da sintetização dos estrógenos? É assim que as chamadas subjetividades toxicopornográficas são constituídas pelas substâncias que dominam seus metabolismos.

A indústria pornográfica é hoje um motor propulsor da economia informática. Dois milhões de webs acessíveis em qualquer ponto do planeta (dados oferecidos pelo autor em 2008), na sua grande maioria sob o domínio de multinacionais. No entanto hoje, plataformas digitais voltadas ao compartilhamento de vídeos, on-line ou gravados, como Cam, Chaturbate, Onlyfans abrem espaço para que qualquer usuário amador possa entrar no mercado da indústria do sexo. Basta ter uma câmera, internet e uma conta do banco para desenvolver autonomia sob o seu conteúdo.

Não é sem razão afirmarmos que vivemos em um mundo pornificado, o que Paul Preciado (2019) adiciona a essa concepção é que esta é uma forma de poder estrutural invisível e radial. Para ele a construção de qualquer portal da internet se organiza a partir da lógica masturbatória de acesso. Que gira em torno do consumo e satisfação imediata a poucos cliques.

É preciso compreender que os conglomerados econômicos líderes do capitalismo pós fordista hoje são as empresas da guerra, a farmacêutica e a pornográfica. Estas linhas invisíveis que monopolizam o sistema atual é o controle farmacopornográfico da

subjetividade. São os estados mentais de excitação-relaxamento-descarga-onipotência-controle.

O autor se inspira nas noções reichianas de energia orgasmica para definir a potência de excitação de um corpo como “*potentia gaudi*”. Esta força não pertence a um órgão específico privilegiado, tampouco é inerente à humanidade, nem sequer é exclusiva das moléculas vivas. São forças somáticas e psíquicas que podem ser excitadas, provocar excitação ou excitar-se com. Um corpo vivo ou morto pode provocar uma força orgásmica. São os “tecnovivos” de Donna Haraway, porque é algo híbrido entre organismo e máquina.

Ele estende as sexualidades como dispositivo farmacopornopolítico que é gerido biomediaticamente na construção de subjetividades. Através do controle molecular e produção de conexão virtuais, uma relação de retroalimentação entre a indústria farmacêutica e a indústria audiovisual do sexo. “O biocapitalismo pornográfico não produz coisas e sim ideias móveis, órgãos vivos, reações químicas e estados da alma”.

A pornografia é sexualidade transformada em espetáculo, com mecanismos de funcionamento muito semelhantes à indústria cultural com a diferença de um status “underground” e um contexto de “freakshow”. A indústria pornográfica é para a indústria cultural o que o tráfico é para a indústria farmacêutica. É o lado oculto e ilegal que se alimenta de criaturas monstruosas, desviadas, yonkies. A indústria cultural quer possuir a mais valia sexual sem sofrer a marginalização do pornô.

Em paralelo ao conceito de Butler sobre a performatividade do sexo/gênero, no sentido de ser fruto de um processo de repetição pública e social, politicamente regulado, Annie Sprinkle inaugura a noção da sexualidade igualmente performativa como normas que são internalizadas e teatralizadas, como coreografias corporais reguladas por códigos muito semelhantes ao da dança e do cinema.

A pornografia diz a verdade sobre a sexualidade. Não porque seja a representação mais pura, mas especialmente porque é sempre uma performance. Ela está ligada ao circuito de excitação, frustração e excitação mais uma vez. O que a indústria pornográfica do entretenimento faz é falsear esta produção como sexo puro.

A questão que aponta Preciado (2019) é que essa hegemonia oculta o desejo da indústria cultural de produzir subjetividades em termos de prazer e afetos como faz o pornô. A cadeia de produção almejada por toda a indústria capitalista se parece ao que a pornografia alcança com o circuito fechado de: excitação- capital- frustração- excitação- capital.

Para que a sexualidade esteja fora desse controle biopolítico não basta que o sexo público esteja para além das pessoas que trabalham neste âmbito, nem retirar o sexo do

domínio público sob as decisões do Estado, ou ainda apostar numa sexualidade exclusivamente privada e íntima. Se trata de inventar outras formas públicas, compartilhadas, coletivas e copyleft ou Copyfight (como prefere Pedra Costa) que superem a representação sexual dominante e o consumo de uma sexualidade dita normal. As atrizes lidas como passivas na hegemonia ao lado das monstruosas, das putas, bichas e sapatões, disputam códigos estéticos, políticos e narrativos!

O desejo, o sexo e o gênero foram pensados até o momento como essência e como propriedade privada, mas estão na realidade mais semelhantes ao sistema tecnológico encarnado de códigos vivos. Assim como a transmissão da informação pirateada eles desafiam a propriedade, circulam sem que tornem o meu prazer menor.

Somos as freakshows da indústria cultural, as mulheres não brancas, sapatonas, transexuais, gordas, imigrantes, soropositivas, que através da reapropriação estratégica destes aparelhos biotecnológicos como as ações freak performáticas que se faz possível uma resistência e quiçá uma revolução (PRECIADO, 2019, p. 33).

O princípio de autocobaia é uma tentativa de transformar o conhecimento dos tranfeminismos, das teorias queer/kuir/cuir, das pós-pornografias em experimentação no corpo. Regimes totalitários historicamente queimaram muitos arquivos que representavam idéias de revolução e transgressão. Para além das palavras escritas que não podem ser apagadas da rede mundial de computadores- a internet, a vivência coletiva através de experimentações corporais é uma proposta de perpetuação dos conhecimentos. A construção de uma materialidade técnica-política que tem certos discursos como parte de sua composição antes da destruição total das espécies animais e vegetais e do planeta.

O que o autor realiza e incita a fazermos é testar sobre nossos próprios corpos os hormônios sexuais sintéticos, como princípio de intoxicação voluntária e arma farmacopornopolítica. Recuperar das indústrias farmacêuticas e medico legais o direito a participar de ficções biopolíticas. A construção de um sujeito político que é rato do próprio laboratório.

O álcool, o tabaco, maconha, heroína, cocaína, os estrógenos e androgênios não são passagens garantidas de um ponto A a um ponto B. São microtecnologias do sujeito e da mente, próteses químicas através das quais surgem práticas humanas inteligíveis. O método de Freud “a cura pela palavra” e “conhece-te a ti mesmo” que provoca uma espécie de toxicidade neuronal através da memória, imaginação e associação livres” retorna como um envenena-te a ti mesmo, arriscando automutilar-se (PRECIADO 2019)

Diante do conservadorismo e a doutrinação moral que dominou as políticas feministas e lgbt no contexto de combate a HIV/Aids, precisamos desenvolver políticas de gênero sexo e sexualidade de autoexperimentação que não sejam prescritivas, mas desmanteladora das normas.

Os hackers utilizam a internet e os programas copyleft como ferramentas de livre distribuição de informação. O movimento gendercopyleft ou gendercopyfight se utiliza de uma plataforma tecnoviva que são nossos corpos. Mas não o corpo biológico e sim o corpo como prótese cultural. As ferramentas de pirateamento são: a memória, o desejo, a pele, o pau, a buceta, o dildo, etc.

As estratégias gendercopyleft são sutis, ao mesmo tempo responsáveis por abrir os códigos de acesso. Este movimento poderia se chamar pós-pornô, gênero aberto, totaldrogas pornoterror, fuckware livre ou ainda pornô dissidente ou desviante.

### **5.3 Ocupar a macropolítica e germinar micropoliticamente**

A partir deste recorte teórico, longe de encontrar respostas, aprendemos a construir mais perguntas e preferimos deixar assim, aberto às possibilidades, mas também com a coragem de propor caminhos de futuro. Como hackear um sistema de poder que produz (a)normais, (im)próprios e (des)importantes para a vida? Seria a produção pornográfica um campo de batalha para a reivindicação de sexualidades, no plural? É possível resistir pornopoliticamente? Enquanto os macropoderes são tomados por políticas fascistas, como subverter, como construir um devir antifascista a um clique?

No último dos nossos objetivos específicos para esta tese, tínhamos em vista como as pornografias dissidentes dialogavam com o que a gente conhece dos movimentos sexo-dissidentes, especialmente os movimentos indentitários LGBT. Como parte desta tensão que ora se transformou em comparação, nos deparamos com a diferenciação entre macropolítica e micropolítica feita por Suely Rolnik (2019).

Para a autora existem forças vitais individuais e coletivas que fazem parte da tomada de poder atualmente na América Latina, no âmbito da macropolíticas - que são as reacionárias e no âmbito da micropolítica – que atua de forma conservadoras. Para ela, é urgente atuar micropoliticamente – com as forças do desejo para enfrentar o declínio dos projetos políticos de esquerda. Por mais corajosas e menos autoritárias que sejam as estratégias de estabelecer menos desigualdade econômica no campo da macropolítica, elas resultam numa reacomodação da cartografia vigente (o que poderia ser equivalente a trabalhar no campo da

norma). Sem resistência nesse plano, deixam de lado outras conquistas essenciais para uma mudança efetiva.

Quando ela fala de micropolítica, isso implica algo feito no campo da subjetividade e da cultura que se permanecerem regidas pela mesma lógica do ponto de vista micropolítico dominante, tudo volta ao mesmo lugar de onde se pretende sair. Ela se refere à micropolítica reativa do “inconsciente colonial capitalístico”. É nessa direção que a autora aponta um tipo de ativismo em que inventam-se múltiplas formas de ação micropolítica em seu sentido ativo. É neste mesmo sentido ativo que procuramos situar a rede de performers pós-pornô ou de pornografias dissidentes no Brasil.

Para explicar a terminologia “inconsciente colonial capitalístico” é preciso falar sobre duas experiências no mundo das muitas que vivemos simultaneamente: a primeira é a experiência imediata, da percepção que nos permite apreender as formas do mundo concreto, de tal forma que essa apreensão é inseparável da cartografia cultural vigente. Ou seja, quando vejo, escuto ou toco algo, minha experiência já vem associada aos códigos que disponho sobre algo que me permitem atribuir sentido. Essa é a experiência do assim chamado, do sujeito. Esta capacidade cognitiva e tantos outros modos de apreender o mundo constituem a experiência complexa que chamamos subjetividade (Rolnik, 2016).

Um outro tipo de experiência que a subjetividade faz em seu entorno é a designada “fora-do-sujeito” ou “extra-pessoal”, que é a experiência das forças que agitam o mundo enquanto corpo vivo e que produzem efeitos em nosso corpo em sua condição de vivente. Delleuze e Guatarri deram o nome de “percepto” e “afecto” (que tem a ver com afetar, tocar, contaminar e perturbar). Estes não tem palavra, imagem ou gesto que lhes represente, mas dizem respeito à dimensão viva do mundo, cujos efeitos compõem um modo de apreensão extracognitivo, o qual ela denomina “saber-do corpo”.

O mundo “vive” em nossos corpos e tais maneiras de ver e sentir formam uma espécie de germe de mundo que nos habita e esta não cabe na cartografia cultural vigente. Por isso, essa cartografia passa a asfixiar as experiências da vida em seus novos arranjos de força resultantes de novas conexões entre os corpos em constante transformação. Essa tensão impõe ao desejo em exigência de agir para estabilização da energia vital. São muitas as políticas do desejo face ao desconforto inerente.

Suely Rolnik (2015) aponta dois extremos dessas possibilidades: Um que tende ao ativo e outro reativo:

1) Uma micropolítica ativa consegue sustentar o mal estar permitindo escutar os afectos e perceptos a num processo de criação irá materializá-lo em imagem, palavra, gesto,

obra de arte, modo de existência ou outra forma de expressão qualquer. Se essa operação conseguir se materializar poderá dotar à existência, um corpo sensível. O efeito dessa política de ação do desejo é um devir da subjetividade e de um campo relacional imediato com outros e com o mundo.

2) Por outro lado, há uma micropolítica reativa decorrente do inconsciente colonial capitalístico. Ela se define pela desativação da potência do corpo. Por estar bloqueada a experiência fora do sujeito, esse sujeito vive o mundo como se estivesse fora dela e passa a existir e se orientar somente a partir da sua experiência como sujeito. Uma subjetividade antro-po-falo-logocêntrica.

Neste caso, para aplacar seu mal estar o desejo se conectará a produtos tarja preta da indústria farmacológica, dos quais fará um uso que neutralize não apenas sua ângústia, mas também seus afectos, tornando suas ações reativas. Ou igualmente, igrejas e terapias de treinamento de auto estima, para crer num final feliz. Tais mercadorias são usadas como perfume para esconder o odor de uma vida estagnada. A construção de narrativas midiáticas – principal dispositivo do poder- é uma das principais estratégias de operação micropolítica de tomada de poder pelo capitalismo globalitário. Em suma, a potência do desejo é desviada de seu destino ativo criador para se transformar em potência reativa de submissão.

É interessante fazer a conexão entre estes processos de subjetivação que passam pelos perceptos do corpo com a noção de atos estéticos para uma partilha do sensível (Ranciere 1996, 2007). Ao mesmo tempo o uso do termo desidentificação para ambos autores. Rancière (2007) aposta na experiência estética no que diz respeito a uma resistência da arte, como aquilo que pode alterar as hierarquias e os lugares ocupados numa sociedade. Para ele: A experiência estética é a de um sensorium inédito, em que são abolidas as hierarquias que estruturavam a experiência sensível.

É por isso que a experiência estética traz consigo a promessa de uma “nova arte de viver” dos indivíduos e da comunidade, a promessa de uma nova humanidade. A resistência da arte define, assim, uma “política” própria que se declara mais apta que a outra para promover uma nova comunidade humana, unida não mais pelas formas abstratas da lei mas pelos laços da experiência vivida.

A resistência da arte, assim, estaria ligada a um dissenso, o qual estabelece uma ruptura nas formas sensíveis da comunidade. Este tem o efeito de fraturar uma lógica de dominação tida como natural. A política para ele seria não apenas a maneira como indivíduos ou grupos em geral combinam seus interesses e seus sentimentos mas, sobretudo um modo de

ser da comunidade que se opõe a outro modo de ser, um recorte do mundo sensível que se opõe a outro recorte do mundo sensível.

Aquilo que Rancière (1996) chama de subjetivação política pode ser compreendida como uma desidentificação, como a negação de uma identidade a priori. Este processo está, de certa forma, relacionado com a revelação da contingencialidade da ordem social das normas que a regulam. A subjetivação política nunca é uma afirmação identitária, ela é a negação de uma identidade atribuída por outros. Nesta argumentação uma subjetivação política é uma capacidade de produzir cenas paradoxais, que revelam a contradição entre a lógica hegemônica posta e o dissenso instaurado.

O que Rancière (2005) ressalta e que nos parece útil pensar é que o nosso esquema estético é constrangido por regimes da ordem policial, ou seja, das governanças e da norma. Até mesmo a produção e consumo de material pornográfico pode ser considerada uma experiência político-estética, no sentido que atua justamente na denúncia disso que constrange as experiências. Se bem sucedida, essa ação política provocaria uma “mudança” nas regras da partilha da experiência, a partir de uma reconfiguração dos lugares, tempos, espaços, funções, sujeitos e modos de participação nesse campo.

Retomando o trabalho de Suely Rolnik (2016) sobre as formas de subjetividade e os aparelhos macropolíticos de subjetivação ela diz que

Abandonar esse modo de subjetivação passa por um devir revolucionário, impulsionado pelas irrupções de afectos que nos chegam pelo “saber do corpo” e que nos forçam a reinventar a realidade: momentos de imaginação coletiva, ativada para criar outras formas de existir, outras alianças, novos sentidos. Isso implica numa desidentificação com os modos de existência que o Capitalismo Mundial Integrado constrói, não para voltar ao passado, mas para inventar outras em função dos germes de futuro incubados no presente (ROLNIK, 2019, p. 119).

Rolnik em – Esferas da Insurreição (2019) destrincha as táticas de realização colonial a partir da tomada de poder mundial pelo capitalismo e neoliberalismo. Os artificios neoliberais são sofisticados e perversos. Em certa medida não se parece com as formas grosseiras do conservadorismo. No entanto, com o tempo o Estado Neoliberal a fim de destruir todas as conquistas republicanas, vai necessitar dessas subjetividades rudes no poder. Ela situa os golpes conservadores intrinsecamente classistas e racistas sofridos vindos do Congresso Nacional.

Dissolução dos governos mais à esquerda na América Latina produziram perplexidade, pavor e frustração. O mal estar e estado de alerta se instala na subjetividade. A reação ao trauma para ela pode se dar potencializando nossa energia vital ou esvaindo-se dela.

Ela propõe a identificação das violências em nosso corpo com detalhamento para quem sabe ajudar a encontrar estratégias de combate. As insurgências micropolíticas nasceriam disso!

As insurgências que não operam necessariamente a partir do binômio direita e esquerda, são movimentos de insubordinação protagonizados contemporaneamente pela juventude, especialmente as mulheres, as pessoas negras, periféricas e LGBTQIA+. O alvo nesse combate inclui as políticas de subjetivação dominantes. Mas como atua nessa esfera as violências do regime colonial capitalístico?

O que ela chama de cafetinagem da vida no que diz respeito a força de criação. Num desenrolar deste conceito ela inventa o termo “colonial-cafetinístico”. Essa alegoria com o trabalho sexual é muito interessante do ponto da cafetinagem. Porque o argumento de que todas em alguma medida vendemos nossos corpos e nossa força de trabalho assim como as prostitutas e profissionais do sexo em geral já foi bastante utilizado para diversos fins: de um lado desmoralizar o trabalho sexual, historicamente desempenhado por mulheres cis e trans (estas com suas identidades muitas vezes intrinsecamente relacionadas a esta atividade, que por uma série de fatores se tornou o único exercício de sobrevivência para elas); e por outro para expandir a crítica ao sistema capitalista que se constitui em associação a uma guerra contra as mulheres desde a caça às bruxas (FEDERICI, 2019).

No entanto, quando Suely fala de uma expropriação da força vital não pela venda de um serviço sexual, mas sim a partir da prática da cafetinagem em que a maioria homens se beneficiam da força de trabalho de outras, essa é uma metáfora poderosa.

Plantas, animais e humanos são expropriados. Ela recria algumas premissas freudianas para dizer que a capacidade vital dos humanos está na linguagem. As produções subjetivas do regime colonial capitalístico cafetinagem é o estupro da força vital, a despotencialização da criatividade, da força erótica conquistada a força ou muitas vezes pela sedução inconsciente (ROLNIK, 2019).

A intuição é chamada saber-do-corpo ou saber-do-vivo. È um saber que não é da ordem da cognição racional, é extracognitivo. O inconsciente capitalístico colonial reduz as subjetividades à experiência do sujeito. Em que consiste essa outra esfera subjetiva? As forças do mundo vital atingem humanos e não humanos. Esses afetos são derivados de uma experiência extrapessoal, extra-sensorial e extrasentimental ( que se dão pela emoção vital e pelo afeto e não pelas percepções). Gerar embriões do mundo em seu estado virtual é o que nos causa a sensação de estranhamento, a micropolítica.

Não basta subverter a ordem dos lugares destinados a cada um dos personagens – macropolítica, é preciso abandonar os próprios personagens e suas políticas do desejo –

micropolítica. Como a quebra do feitiço. O regime logrou colonizar o conjunto do planeta. Guatarri chamou de capitalismo mundial integrado. Aquilo que chamou-se de resistência reduz-se à esfera macropolítica, o que limita o êxito das suas estratégias.

Os efeitos da humilhação provocadas pelas opressões de classe, raça e etnia são traumáticos de geração em geração que foram saqueadas. Respostas ativas e reativas tendem a se intensificar. Como forma de proteção. Tende a impedir o desejo na direção de livrar-se da colonização do inconsciente. Ela faz um paralelo com os apoiadores de Bolsonaro das classes desfavorecidas. Ou pode reconectar-se com o saber vivo como forma de vida ou morte.

Rolnik (2019) termina o capítulo elaborando perguntas sobre a arte que nos parecem equivalentes para a produção cultural pornográfica. Na subjetividade do subalterno ou do soberano a criatividade pode fazer germinar um devir subversivo. Como estratégias artísticas podem intervir na vida social instaurando seus devires? Como contribuir para que a potência de criação saia dos confinamentos da arte com copyright?

**Figura 8- Tabela dos modos de funcionamento macropolítico x micropolítico**

	<b>Macropolítica</b>	<b>Micropolítica</b>
Foco	A assimetria de poder e direitos, isso engloba as relações de classe, raça, gênero, sexualidade, religião e colonialidade. A luta engloba o Estado e as leis que sustentam as assimetrias.	Abuso perverso da força vital de todos os elementos da biosfera (conjunto de todos os seres vivos e da natureza).
Agentes	Humanos. Especialmente aquele que ocupam posições subalternas na trama de poder.	Humanos e não-humanos agentes da biosfera.
O que move seus agentes:	Denúncia, conscientização e mobilização. Movimento de empoderamento da	Preservação da vida e anunciar mundo do porvir. Mobilizar genes do futuro, mobilizando

	subalternidade.	outros inconscientes.
Intenção	Empoderar. Explicação racional dos desequilíbrios. Bússola moral.	Potencialização da vida, recuperar a sua potência criadora. Lançar-se num processo de experimentação que habita o paradoxo sujeito e o fora do sujeito. Expressar em palavras e ações vivas os mundos que anunciam. bússola ética
Modos de operação	negação e combate contra os opressores da vida individual e coletiva.	Pela afirmação, combate pela vida que germina. Arte que reduz a potencia criativa a uma criatividade pertencente às transnacionais.
Modos de cooperação	movimentos organizados e partidos políticos. Demanda concreta da vida social. Tempo cronológico para alcançar objetivos	Ressonância entre frequências para a construção do comum. Ressonancia intensiva que se dá pela via do afetos – emoções vitais. Redes de conexões, territórios relacionais temporários. Sinergias recíprocas provedoras de acolhimento.

Fonte: Quadro criado a partir do texto “A hora da micropolítica” de Suley Rolnik (2019).

## 6 DIÁRIO PÓS-PORNOGRÁFICO DIY (DO IT YOURSELF)

Inspirada nas reflexões práticas metodológicas das autoras apresentadas no capítulo anterior, apresentamos o seguinte capítulo como resultado de uma experimentação escrita. Daquilo que poderia ser um resultado sobre (auto) análises e ficção autopolítica. Um diário. Formato conhecido das ciências humanas e esquecido como objeto e ferramenta cultural dos sentimentos na adolescência. Um caderno de receitas para alimentar-se sem a presença de animais mortos e sacrificados. Uma quarentena de escrita forçada, de dieta da carne como nos dias sagrados entre a morte de cristo e sua ressurreição. Quarentena de solidão, (des)infecção de memórias e afetações.

Me propus a escrever quarenta dias contínuos inicialmente para cumprir os prazos de defesa da tese, mas como todo o texto, tive que revisitar essa decisão dada a impossibilidade de manter o ritmo de escrita diária. O que resultou em quarenta dias, distribuídos ao longo de oito meses de escrita. “Meu querido diário...” Enquanto escrevo penso ideias que não existiam, enquanto recordo, crio memórias apagadas, escrevo ao mesmo tempo que meu corpo é criado e experiências são reinventados.

Retomo os objetivos vacilantes, ora encontrados ora perdidos neste relato. Construir uma pornocartografia (DIY) ao meu próprio modo icluiu: 1) acompanhar o movimento auto-intitulado pós-pornográfico/dissidente/desviante em Recife – PE (Brasil) como ponto de partida para seguir outras desterritorializações (físicamente e virtualmente), 2) analisar como este movimento se relaciona com as noções de carnes/corpos, sexualidades, identidades e subjetividades (a)normais, 3) nomear e argumentar estas ações no campo da micropolítica.

### 6.1 (1º dia) – “Primeiras vezes, práticas masturbatórias e brinquedos eróticos”: preliminares narrativas

Nestes cinco anos de pesquisa, um dos melhores efeitos que o campo-tema causou na minha vida foi promover conversas quase diárias sobre práticas sexuais. Na família, em todos os grupos de amigos, com pessoas íntimas e nem tão íntimas assim, a forma como nos relacionamos sexualmente, seja com algum material pornográfico, seja com outras pessoas se tornou pauta cotidiana das minhas conversas.

Criei o hábito de contar sobre minhas primeiras experiências sexuais e masturbatórias nas mais diversas ocasiões. Como reação, as pessoas acabaram me contando parte de suas histórias também. Bem, minhas primeiras experiências sexuais são um pouco incomuns. Digo isso porque até o momento poucas mulheres cis como eu compartilham experiências parecidas. Vou explicar. O primeiro orgasmo que senti tinha 21 anos. Foi a primeira vez que me masturbei e insisti até chegar naquela euforia daquela moça no canal da *Maxprime* da HBO. Vivi minha juventude em função da fé cristã. Toda a sexualidade estava destinada ao casamento, inclusive beijos na boca só no dia do casamento.

Muitas das normas cristãs são vividas com hipocrisia e assim como toda norma está aberta a fraturas. No entanto, neste aspecto, eu vivi “na forma da lei”. Gostava de imaginar como seria minha primeira experiência sexual, com todo o romance e expectativa condizentes. Não vou detalhar aqui o longo processo de crise que enfrentei para romper com a igreja e a comunidade que dava sentido à minha vida. O fato é que quando decidi ter minha primeira relação sexual eu já tinha 24 anos e acabava de deixar o curso de Direito quase concluso para ingressar na Psicologia. Tinha um namoradinho a distância também da igreja. Estávamos os dois num processo de autoconhecimento e de afastamento da igreja.

Para resumir o romance, ele veio me visitar em Recife e acabou morando por aqui dois meses. Vivemos nestes dias o início das nossas práticas sexuais. A gente se beijava, se tocava, se chupava como quem descobre um parque de diversões. Pouca técnica e muita vontade, a gente sempre dava um jeito de gozar juntos. Como podia um garoto tão inexperiente conseguir entender o que meu corpo dizia e uns marmanjos velhos que conheço atualmente serem totalmente perdidos em relação ao clitóris? Até hoje essa é uma pergunta irresoluta. Mas, suspeito que certa sensibilidade cultivada no ambiente cristão que vivemos ajudou neste processo. Além do que existia uma forte ênfase em nossa congregação que apesar do celibato antes do casamento, no casamento as pessoas deverias satisfazer plenamente uma a outra.

Na última semana antes de ele voltar ao seu estado decidimos ter uma noite especial. Não conversamos sobre ter penetração ou algo do tipo, mas eu já estava decidida que queria deixar de ser virgem. Amasso vai, amasso vem, eu praticamente obriguei o coitado a me penetrar. Ele estava muito nervoso e não queria macular algo tão importante como a minha virgindade.

Esse é o relato que conto de forma divertida repetidas vezes ao longo dos anos. O que ele provoca é um certo estranhamento, na medida em que poucas pessoas se identificam com

a minha comodidade e leveza com que vivi aquelas primeiras experiências. Homens e mulheres com que compartilho minha experiência relataram se sentir despreparados e desconfortáveis com as primeiras vezes. É claro que isso é vivido de forma muito diferente entre as categorias identitárias de sexo e gênero. Mulheres com vagina em relações heterossexuais, homens com vagina que ainda não haviam transicionado, homens com pênis em relações com mulheres cis, homens cis gays ou bissexuais.

Longe de dar conta de amostragens de cada uma destas experiências, o meu ponto de inflexão constante a partir de meus relatos e seus efeitos de compartilhamento é falar sobre como aprendemos a fazer sexo. Quem nos auxiliou neste caminho de aprendizagem? As escolas? As famílias? A igreja? A pornografia? De que tipos?

Outro aspecto curioso é que me tornei “consultora” para assuntos de brinquedos sexuais. “Quero comprar um acessório para usar com parceiros ou quero comprar algo para e masturbar, o que você indica?” Ainda me surpreende a quantidade de pessoas que nunca usaram um vibrador, ou sequer viram um. Minha vida sexual é de certa forma agitada. A cada parceria um mundo de intimidades sexuais se abre, transformando o que penso e como meu corpo sente prazer a cada encontro. Estar sem parceria fixa me permite explorar e conhecer a intimidade de um número maior de pessoas. Ainda que eu goste de construir relacionamentos intensos e duradouros.

Ao longo dos últimos anos conversei com homens e mulheres de diferentes idades que frequentam casas de swing, que estão em relações abertas, hetero e homossexuais, que se atrevem sexualmente de muitas maneiras fora da relação casal, mas que nunca haviam visto um vibrador. Jovens mulheres cis com acesso ilimitado à internet que não sabiam que os dildos poderiam vibrar, mulheres heterossexuais em casamentos e relacionamentos estáveis com homens que não admitiam a presença de um brinquedo sexual na relação. A ideia de que os brinquedos são apenas “pênis de plástico” e que, portanto, não servem às pessoas que têm um pênis de carne humana ainda é amplamente presente.

Eu me tornei defensora de dois brinquedos em particular que na minha opinião instauram uma fratura na lógica do prazer construída pela heteronorma. Primeiro são os conhecidos dildos. São eles que instauram a noção de prazer protético. Ao contrário do que o machismo nos faz pensar, eles não são uma imitação do penis. Ele é a tecnologia armada de desconstrução do pênis como órgão sexual privilegiado.

No livro *O manifesto contrasexual*, Preciado (2000) escreve e descreve uma antologia do dildo. O dildo é o “suplemento perigososo” que atua na desconstrução do órgão original. Ele é uma espécie de evolução da carne, um vírus que corrompe a verdade do sexo. O dildo denuncia a arbitrariedade da heterossexualidade e argumenta em última instância que toda penetração é uma paródia. O dildo desestabiliza os conceitos de dentro/fora, natural/máquina, passivo/ativo, dar/receber. O dildo desmistifica o vínculo entre amor e sexo, reprodução e prazer. Na medida que o amor é passagem, trânsito e não essência. Reconfigura os limites erógenos do corpo. O dildo que goza sabe que o prazer nunca é dado ou tomado, ele é incorporação e reapropriação. \*

O segundo brinquedo nesta lista protética do prazer e que merecem atenção são os *bullets* vibradores. Ideal para qualquer iniciação, especialmente para as pessoas com clitóris. Eles são fabricados em diversos formatos: ovinho, batom, golfinho, borboleta, em um material mais rígido ou em silicones mais macias. Sua particularidade é vibrar. Essa vibração pode ser estimulante de cócegas até orgasmos. Nos bicos dos mamilos, na ponta dos dedos, no canto da boca, no clitóris, na entrada da vagina ou do ânus. Este é um brinquedo multifacetado e me agrada pela originalidade do estímulo que provoca. Pessoas humanas não podem produzir este efeito e é sobre esta interação com este objeto que quero falar. Pra mim os vibradores são como os óculos. Eu vivo sem eles, mas funciono melhor com eles. Posso transar sem vibradores, mas quando tenho um vibrador interagindo comigo, comigo e outra pessoa, o ato se expande.

Outro brinquedo que tento democratizar no meio de minhas relações são os plugs anais. Quem convive comigo já ganhou um plug de aniversário, de natal, de amigo secreto ou por vontade de presentear. Não preciso dizer que estes são brinquedos unissex porque afinal o ânus é um órgão presente na maioria dos corpos. Os plugs têm formatos variados: mais cilíndricos e fálcos, ovais, cilíndricos com uma curvatura, cilíndrico com esferas de tamanho crescente, finos como um dedo, largos como um punho, com um diamante que fica fora do ânus, com um rabo felpudo como um gato, eles exploram bem as possibilidades criativas de brincar com o ânus. Nas pessoas com próstata o brinquedo consegue estimular este órgão melhor do que com os dedos. Nas pessoas com clitóris eles conseguem expandir as paredes perianais, de forma que também estimulam aquelas perninhas laterais da parte interna do clitóris. Além de que, a própria região do esfíncter anal tem sensibilidade erógena.

Descobri algumas dicas culinárias que fizeram diferença no meu cardápio da semana, no sentido de “desacostumar” dos sabores das carnes<sup>14</sup>.

## **6.2 (2º dia) - Micropolíticas identitárias e carnavalescas: “Ou vai ou racha”**

Hoje, além do assado de legumes comi ovos e tapioca duas vezes. Com a retirada das carnes no cardápio percebo que os ovos se tornaram uma fonte de saciedade fácil e rápida.

Existem dois eventos culturais encabeçado por mulheres lésbicas que julgo de extrema importância para minha experiência sensório-política atual: a participação no bloco lésbico feminista: “Ou vai Ou racha” (2012, 2013, 2014, 2016).

O bloco “Ou vai ou racha” já foi tema de minha dissertação e não quero me estender nos relatos, mas acrescentar reflexões que ainda não haviam feitas naquele trabalho (defendido em 2014) além de acrescentar acontecimentos posteriores às primeiras edições. O bloco foi criado como uma brincadeira de parodiar músicas de carnaval com a palavra “racha” e sobrepondo narrativas de relacionamentos afetivo sexuais entre mulheres. Cinco mulheres cis, jovens, universitárias, brancas, lésbicas ou bissexuais criaram uma página no facebook, confeccionaram um estandarte, criaram uma ilustração para a produção de camisetas e venderam para arrecadar dinheiro para orquestra. Assim saiu a primeira edição do bloco. Uma destas mulheres era minha namorada e eu participei com carinho de toda a organização.

As próximas edições complexificaram o grupo e todas que participavam diretamente e indiretamente. O bloco passou a ser apontado como coletivo feminista e parte do movimento lésbico em Recife. Duas das organizadoras começaram a se conectar com o SOS Corpo e com o Fórum de Mulheres de Pernambuco. O coletivo passou a realizar várias festas anuais e participar da organização de alguns atos políticos de rua como a “Marcha das Vadias”. Isso implicou em fazer chamadas abertas para participar do coletivo e reuniões mais frequentes.

Um episódio de violência que vivi com minha ex namorada afetou o coletivo e a intromissão do coletivo simultaneamente afetou nossas vidas. O coletivo foi apontado como espaço que acolhe mulheres autoras de violência. Como proceder nesta situação? Eu também era uma mulher vítima da violência e estava sendo acolhida no grupo. Eu decidi em uma conversa pessoal com ela “perdoar” as portas da casa que foram quebradas. Mas e o coletivo

---

<sup>14</sup> Cardápio do dia: Pão, ovos, queijo coalho, tomatinhos cereja, feijão mulatinho com ovo frito e brócolis; tapioca de queijo e côco. Dica: comprei uma “fumaça em pó” numa loja de produtos naturais e coloquei no feijão. No meu paladar me lembrou o sabor do bacon que sempre colocava no feijão.

ativista perdoaria também? A decisão foi afastar ela do coletivo em uma carta de expulsão e exposição. Me senti exposta de maneira equivocada em algum momento. Afirmar sobre minha relação ser “machista”, uma vez que Nathalia performava uma identidade de gênero mais masculina e eu mais feminina. Eu não podia afirmar isso, inclusive porque me via mais violenta que ela muitas vezes e mais privilegiada na relação, porque mesmo sendo ambas mulheres cis brancas, ela nem sempre tinha a passabilidade feminina e era frequentemente “confundida” com um menino ou encaixada no estereótipo “butch”. Atualmente ela é militante das identidades não-binárias e a relação com as lésbicas de nosso cotidiano ficou estremecida, apesar de entre nós haver um resquício de carinho.

Sem respostas prontas para o ocorrido, me atendo aos processos políticos de militância LGBT que vivi e como as questões foram se complexificando com a presença de mulheres trans, não binárias e não brancas no grupo.

Dois anos depois retomamos o projeto do bloco, dessa vez com a participação ativa de mulheres negras e afroindígenas, com experiências do movimento negro e com o Fórum de Mulheres de Pernambuco. Vivemos juntas um episódio em que fomos racistas em um vídeo de paródia que divulgamos na página. A paródia era da música “mamãe Oxum na cachoeira” e fazia referência fumar “um” na beira do rio. As companheiras que integravam o bloco se decepcionaram muito e as outras mulheres negras que seguiam a página fizeram fortes críticas e justas, especialmente as mulheres religiosas de terreiro. As orixás não são personagens de brincadeira folclórica e as pessoas praticantes das religiões Candomblé e Umbanda não compactuam com uso de drogas ilícitas.

Uma das meninas do vídeo era negra. Nos desculpamos publicamente e realizamos um momento aberto para conversarmos. O bloco saiu na rua, mas estávamos devastadas por termos ofendido tantas manas e as religiões que têm orixás como divindades e sofrem historicamente com o racismo. Mais um acontecimento sem resposta e com muitas perguntas para o movimento pautado em identidades sexuais.

Neste momento, algumas pessoas mais da cena queer/cuir e periférica se propuseram a nos ouvir e oferecer ajuda, sem relevar a gravidade do acontecimento. Passamos a nos questionar o porquê de o grupo só ter a participação de mulheres lésbicas cis. Porque as mulheres trans e lésbicas não se aproximavam do coletivo? Julgo que a nossa branquitude e cisgeneridade não nos permitia ver. A falsa sensação de representação das mulheres lésbicas “comuns”, aberto para todas, era um delírio.

**Figuras 9 e 10- Cartazes divulgação do Bloco**



Fonte: Página de Facebook do Ou Vai ou Racha/ artistas: Ianah Maia e Nathalia Queiroz, 2017.

### **6.3 (3º dia) – Primeiro evento pós-pornô antes de existir uma tese. Monstruosas – Subpolíticas e Descolonialidades (2015)**

Nunca fiz dieta e dizer não aos alimentos tem sido um desafio.

Hoje como parte do ritual de escrivinhaça tentei lembrar do primeiro evento pós-pornô de dissidência sexual que fui, antes mesmo de entrar no doutorado. Este evento, diferente dos seguintes, pós entrada no programa de doutorado, não conta com nenhum registro em meus caderninhos de anotações, nenhum áudio gravado e nenhuma foto ou vídeo feito por mim. Apenas memórias que podem ser intensificadas a partir de conversas com duas pessoas que estavam, presentes comigo naquele dia: Benedito e Aida. Pessoas que estão presentes do começo ao fim da escrita desta tese por serem grandes amigos e parceiros intelectuais na Psicologia.

O Festival das Monstruosas ocorreu em agosto de 2015 e eu estava entre o fim do mestrado e um pouco antes da seleção para o doutorado, trabalhava como psicóloga no programa Atitude- Serviço da Assistência Social para mulheres em situação de rua usuárias de drogas. Recebemos a informação do evento pela rede LGBT que participamos, mas lembro de irmos sobretudo por ter sido realizado num espaço que chamávamos casarão dos movimentos sociais, localizado alí pertinho do pátio de Santa Cruz, no centro do Recife.

Pensávamos estar chegando para uma noite de exibição de filmes eróticos e ou sobre sexualidades LGBT, dissidentes. A informação que recebemos não era clara sobre o evento ou não entendemos bem. A primeira performance instalação que presenciamos foi a de um corpo humano embrulhado em um saco plástico transparente na entrada do casarão, de forma que não dava para ver o rosto, parecia morto ou lixo. Estava escrito: Quais os corpos que importam? O corpo estava inerte. Hoje com a memória distante penso que poderia não ser uma pessoa humana, mas parecia e me deu um arrepio, um constrangimento parecido com o sentimento de quando passo numa rua do Recife, ali mesmo no bairro e existem pessoas dormindo e vivendo nas ruas. Uma mistura de culpa, vergonha, impotência. Coisa de culpa branca, privilegiada. Nada a fazer.

A outra performance que encontramos foi a de uma pessoa que se tornou amiga naqueles próximos anos. Naquele momento estudante de direito, encarnado num corpo nu, pênis a mostra, sujo de terra, cuspiu anelina roxa, bebia esse líquido num sapato alto, uma corda amarrada no pescoço, enroscada pelos braços, tronco e pernas. Uma das pontas da corda, a mais longa, tinha um “Vade Mecum” amarrado, como uma pedra que a pessoa arrastava pelo grande quintal da casa. “Vaaaaaaade” gritava de forma ensurdecadora, até ninguém conseguir conversar com naturalidade no espaço. Se autoflagelava com o peso do livro pelo corpo. Corria, andava, gritava alto, cansava, bebia anelina quase negra no sapato... Seu corpo era branco, mas a certa altura já não se sabia diante de tanta tinta, cordas, areia que se transformou em lama e os próprios machucados oriundos das pancadas do livro.

Hoje vou encontrar Aida num jantar com amigos e vou perguntar-lhe sobre suas lembranças mais vividas daquele evento. Como parte do meu diário de afetações próprias, onde as pessoas da rede se tornaram minhas amigas tomo a liberdade de ligar para as pessoas no momento da escrita em que elas surgem. Neste momento tive a ideia de enviar um áudio pra Arthur para contar-lhe que apareceu em meu diário nesta bela memória, vamos ver o que mais me conta da sua vida profissional e sobre aquela e outras performances. Fazem uns dois anos que está morando em São Paulo estudando teatro depois de ter abandonado o curso de direito na FDR e pelo que acompanho das redes sociais segue conectado com a rede das Monstruosas e outras coletivas dissidentes por lá.

#### **6.4 (4º dia) – “Performance Erga Omnis de Maia no Monstruosas 2015”**

Ao lembrar do amigo Arthur Maia que realizou a performance citada anteriormente com o Vade Mecum, tive vontade enviar-lhe uma mensagem como havia dito. Nossa conversa

resultou em informações sobre a criação da performance, mas também sobre a atualização de nossos processos sexuais e afetivos com nossas profissões e nossos corpos. A performance se chamava “erga omnes”, que é uma expressão do Direito que quer dizer aplicável sobre todos ou seria “contra todos” para parafrasear a confusão ou ato falho feito na narrativa. É algo sobre os atos jurídicos que nenhuma pessoa humana pode escapar, é sobre garantias de direitos, mas é sobre obrigações também. Foi resultado de estudos em performance com o grupo “totem” de Recife. O grito dizia outra palavra que não a que estava na minha memória, em seu corpo haviam mais de “vade mecuns” atados e em seus pés, como plataformas, mas o grito repetido era “pai”, como forma de expressar a força paternalista, patriarcal exercida pelo Direito na vida das pessoas. Na época como ator, tinha uma crise com o direito, mas seguiu cursando e participando do movimento estudantil e foi assim que ela conheceu Ariel na época e participou da organização das Monstruosas. A proposta de pós-pornografias e dissidências de gênero do evento fez parte de um processo pessoal sobre sua própria identidade sexual e de gênero.

Como faziam alguns anos que não nos víamos tomei a liberdade de perguntar sobre qual nome estava usando, porque vi no instagram que o primeiro nome com o qual o conheci já não estava nas redes sociais, o Arthur tinha desaparecido, ficando só Maia Paiva, que eram seus outros nomes, no caso sobrenomes que virou nome. Ela confirmou que estava preferindo ser chamada no feminino, que estava se autopercebendo e afirmando como uma pessoa trans, no campo da não-binariedade, que não desejava ser e nem se via como mulher. Perguntei se tinha problema em nos chamarmos como antigamente de Arthura, no feminino. O carinho segue pelo seu nome, que em suas versões mais carinhosas se tornaram “Tutu” também.

O corpo nú diante do estado e da lei está conectado com o questionamento do “status quo” do Estado sobre nossos corpos, numa perspectiva anarquista. A performance era de tempo contínuo e com limites no próprio corpo. A performance desencadeou muito choro ao final e um processo de cura com o Direito, inclusive para largar o curso anos depois. A nudez não sexualizada, mas do desnudamento, da retirada de máscaras. Aproximar-se do pós pornô foi espaço de experimentação do corpo, inclusive na construção de um outro corpo, hormonizado, nem homem, nem mulher. Ando inspirada no trabalho de Preciado. Estamos de acordo que foi uma performance ousada e que valia a pena remonta-la em tempos de desmonte da democracia, ainda que liberal burguesa. Existiam até umas fotos de “corpo delito” da performance que se perderam no tempo.

Relembramos a remontagem de “macaquinhos” em São Paulo, investigando o cu do outro, cutucando, observar o cu de outra perspectiva, como meio de comunicação. Neste mesmo sentido ela tem construído um solo chamado “tubo”, relação hierárquica entre boca e cu são o norte e o sul do corpo e investigo lógicas de descolonização do corpo. Investigando o corpo nu de novo, é um trabalho mais sobre corpo do que sobre gênero e sexualidade.

Mencionei que fazia parte da minha experimentação pós-pornográfica a mudança de hábitos alimentares para o vegetarianismo. Lembrei que Maia já era vegetariana há anos atrás quando fizemos uma viagem juntas. Rememoramos uma macarronada de soja com brócolis que ela cozinhou em uma viagem que fizemos juntas a Garanhuns. Éramos 10 carnistas na casa e ela nos convenceu que a comida vegetariana podia sim ser deliciosa.

### **6.5 (5º dia) – Mais do Festival Monstruosxs em 2015: curiosidade e identificação**

Hoje encontrei Benedito para uma conversa (des)orientadora. Contei do meu diário performativo pós-pornográfico vegetariano. Trocamos umas receitas<sup>15</sup> (com a participação de Jorge) e umas referências bibliográficas.

Voltamos às memórias do Monstruosas de 2015. Acho que nunca tínhamos falado sobre aquele dia. Chegamos no casarão sem saber o que esperar sobre a tal da pós-pornografia. Benedito lembrou que, na entrada, havia uma persona mais que me falhava a memória. Um velho sem roupa que passeava pelo evento carregando algum objeto que ficamos em dúvida se eram velas que queimavam seu corpo ou se era um grande objeto daqueles defumadores, estilo os usados em rituais da igreja católica. Tinha cheiro de algo que queimava. Quem era aquele senhor de barba e cabelo longos e brancos? De alguma forma, em nossas primeiras impressões, ele não parecia com as outras pessoas do evento, com aparência mais jovem e “descolada”. Estava sujo, descalço, nu, não entendíamos o que ele falava, parecia um andarilho das ruas... Nos perguntamos: será que ele coordenava o evento e a gente não sabia?

Minha conversa com Aida ontem sobre o evento foi incrivelmente potente nos detalhes de sua memória. A primeira situação que lembrou foi que tiraram uma foto dela fazendo xixi no banheiro e depois outras fotos junto com aquela foram exibidas em uma

---

<sup>15</sup> Falamos do bobó de cogumelos que eles prepararam para a confraternização do Gema de fim de ano. Uma base de macaxeira bem molinha, shitake e shimeji refogadinhos com alho, cebola e cheiro verde. Descobri uma manteiga Ghi vegana que vende numa lojinha do bairro da várzea. Tem uma base de azeite de palma e cúrcuma. Comemos dadinho de tapioca, feito com queijo coalho e massa de tapioca frito.

projeção de um quarto escuro. Apesar de não conhecer bem as artistas que estavam no evento, tem a impressão de ter visto Karol Kalor e que provavelmente era ela quem estava coordenando a performance. Lembramos que compramos muitos zines para o Gema e comemos pelas primeiras vezes (de muitas até hoje) umas tortas de acarajé da Dhuzati e esfirras de berinjela.

Quando conversamos sobre a performance que incitava tornar público o ato de urinar comentei com Aida que naquele momento não havia feito nenhuma conexão, mas atualmente conseguia relacionar essa idéia com pelo menos outras três performances pós-pornográficas. A primeira de todas e mais memorável, é a de Annie Sprinkle (esse codinome faz referência ao ato de urinar) que em umas de suas performances chamada “piss inn” convocou um “urinaço” coletivo para celebrar o aniversário de independência dos Estados Unidos.

O objetivo foi desnaturalizar o ato de urinar, transformando-o numa técnica de corpo e numa prática de ocupação e de sexualização do espaço público para as mulheres. Ao convidar tanto homens como mulheres para mijar em pé ela também tinha como objetivo romper as portas dos banheiros separados por sexo/gênero. Ela mijava na frente de um de seus companheiros como uma “gozada” na cara comum das cenas pornô ou ainda como um “golden shower” coletivo

A segunda performance que lembramos foi a do “manifesto golden shower” (que será tema de um dia em especial neste diário) em que duas bichas mijam uma na outra durante o carnaval de São Paulo e por alguma razão o vídeo (de baixíssima qualidade visual) foi publicado pelo presidente Bolsonaro para fazer uma crítica moralista sobre os carnavais no Brasil. Aida comentou que ficou sabendo do bafafá só por causa de Bolsonaro, porque no vídeo mesmo não dava nem pra ver o que as bichas com pouca roupa estavam fazendo.

A terceira performance (que também é tema de um dia neste diário) é a do coletivo “Quimera Rosa” que participei no “Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona”. O comando inicial do auditório era urinar em potinhos com o objetivo de identificar a presença de hormônios estrógeno (remanescente do uso de contraceptivos ou no processo de hormonização M/F) na urina das pessoas ali presentes. Conteí que essa era a “desculpa” pra fazer todo mundo mijar em público em um teatro.

A performance era de Karol Kalor e fez parte de seu projeto “Tecnologia a serviço da Orgia” (que terá espaço mais adiante no diário).

## 6.6 (6º dia) – Semana LGBT da Faculdade de Direito do Recife

Após ter entrado no programa de pós graduação em Psicologia fui convidada para fazer uma fala no evento na FDR – Faculdade de Direito do Recife, compomos o painel “Industria Pornográfica e Opressão LGBT”. Compomos a mesa, eu, Gilda, Amara Moira e Lara Buitron. Entendo o convite feito a mim neste espaço e em tantos outros como fruto do meu trabalho ligado não só ao grupo de pesquisa GEMA como citado aqui, mas também em relação íntima com meu trabalho como psicóloga clínica na Entrelaços.

Como narrei anteriormente, já havia conhecido Gilda e Bruna no meu próprio carro para leva-las a participar de um evento para vender lanches veganos. Marcamos uma conversa no bar do bigode na UFPE. Levei meu caderninho e anotei tudo quanto pude da conversa. Eram frases e palavras soltas: pirateamento do sistema cisheteropatriarcal, hackeamento dos códigos sexuais, descolonialidade dos corpos, prazeres anárquicos. Movimento pós estrutural, anarquista e pós identitário. Queer? Uma teoria muito Eurocêntrica para falar das dissidências sexuais. Especismo como um desenvolvimento do racismo, Feminismo antiespecista.

Condicioniei minha participação à de Gilda, não combinamos muito, mas ela falaria do movimento pós-pornô e do coletivo Coiote e eu como a pornografia tradicional produz violência e adoecimento psíquico. Minha fala ainda titubeando no tema não poderia ir além de historicizar um pouco sobre a (des)patologização das identidades sexuais e de gênero, assim como a disciplinarização das práticas sexuais (a)normais.

A pornografia pra mim naquele momento era só mais um “ambiente” em que se reproduzia machismo, violência, transfobia e adoecimento psíquico e sexual. Somos patologia porque não somos a norma ou foi a norma que germinou o trauma, o adoecimento em nós? Lara, companheira da mesa já tinha falado como os sites de pornografia maistream, citou xvideos e pornhub, eram desinteressantes para ela numa primeira olhada. Como era difícil ver mulheres gordas nesse lugar de desejo. Amara apresentou alguns dados como o número de acessos nestas plataformas era enorme para os buscadores “trans”, mas como esse desejo era incompatível com a transfobia que viviam no cotidiano.

Amara falava também do lugar de prostituição em paralelo ao trabalho de professora e pesquisadora. Hoje esta relação bastante evidente na discussão das pornografias não era tão evidente. As trabalhadoras sexuais ofertam serviços sexuais “carnais” e também “virtuais”. E nesta profissão precarizada os limites daquilo que foi “contratado” ou apenas roubado e

violado não estão evidentes. O corpo das trabalhadoras sexuais é marcado fora das sexualidades vivíveis, fora da sexualidade saudável.

A indústria pornô que reúne os maiores serviços de streaming pornográficos contabilizam um numero de visitantes equivalentes aos acessos à redes sociais “baunilha” como o Facebook. Por exemplo, só o xvideos contabiliza 4,4 bilhões de visitas por mês<sup>16</sup> (PRECIADO, 2019; relatórios anuais do pornhub). Ou seja, estamos todos doentes ou a noção de sexualidade saudável não paga está a serviço do conservadorismo para que as multinacionais multimilionárias do sexo continuem lucrando em silêncio.

No final das falas Gilda rouba a cena, faz a leitura de um texto<sup>17</sup> e expõe seu corpo nu, de meia arrastão preta, tatoada, desafiando as categorias fáceis de sexo/gênero:

O corpo nu é uma urgência, um grito por descolonização, um pedido de releitura. A nudez passa também a ser uma vestimenta. Um corpo vestido de nu que pode sair-se, um corpo vestido de nu para chamar a atenção aos nossos condicionamentos e localizações políticas. O corpo vestido de nu, o corpo despido de códigos, exhibe suas fragilidades. O corpo negro nu que questiona, o corpo feminino nu que tensiona, o corpo gordo nu que se coloca. O corpo nu que não é e sim está por ser uma possibilidade de movimento, uma tática de guerra.

Hoje eu olho para esta lembrança de forma carinhosa e acho graça da minha surpresa. Claro que ela tinha que fazer uma performance e claro que não poderíamos perder a oportunidade de exibir um corpo negro, trans nu no salão da Faculdade de Direito do Recife. Ela me confessou que não havia me contado com receio da minha desaprovação. Pelo contrário, eu não poderia esperar menos. Os corpos desviantes no pornô não querem dar palestra, querem constranger, desnaturalizar, implodir as ortopedias.

### **6.7 (7º dia) – Roda de conversa sobre gênero e saúde mental na Entrelaços**

O próximo evento das Monstruosas que ocorreu no bairro de Dois Irmãos em 2017 ocorreu concomitante com uma roda aberta da Entrelaços sobre “Gênero, Sexualidade e Saúde Mental”, coordenada por mim e em parceria com Marcela Lucena e Priscila Gadelha. Apesar de uma coincidência de datas, não sem razão estes dois eventos ocorrem paralelamente na minha vida. Este cruzamento de datas e eventos me abriu a percepção sobre o encontro da saúde mental e a pornodissidência.

<sup>16</sup> <https://canaltech.com.br/internet/brasil-continua-como-um-dos-20-paises-do-mundo-que-mais-acessam-o-pornhub-128985/>, acesso em 20 de dezembro de 2022.

<sup>17</sup> <https://drive.google.com/file/d/0B1Iz8wdfxuqgQ25zTXIwZ043SFE/view>, acesso em 20 de dezembro de 2022.

As rodas na Entrelaços são eventos abertos e gratuitos que realizamos para promover o debate entre a psicologia social, a psicologia política e suas interfaces com a prática clínica. Iniciamos a conversa falando sobre a sociedade patriarcal e como o patriarcalismo elege corpos, subjetividades para perpetuar a hierarquia entre homens e mulheres. Como o sexo, a sexualidade e a divisão de trabalho faz parte dessa engrenagem. O Privado e o doméstico destinado às mulheres, inclui o trabalho reprodutivo e de cuidado com as crianças, a casa e dos homens no núcleo familiar. As mulheres ficam com o trabalho reprodutivo, para que os homens sejam produtivos, no sentido de acumular dinheiro, na lógica do capital.

Esta é uma síntese sobre nossas conversas e que discutimos informalmente a partir do texto de Ana Maria Corbi dos Santos (2009) que relata sua experiência num CAPES de Araraquara sobre os adoecimentos próprios dos homens e mulheres.

O relatório aponta que os múltiplos papéis desempenhados pela mulher na sociedade contribuem para um aumento significativo da incidência de transtornos mentais e comportamentais, pois as mulheres continuam com o fardo da responsabilidade que vem associado com os papéis de esposas, mães, educadoras e cuidadoras, se tornando ao mesmo tempo uma parte cada vez mais essencial da mão-de-obra e, frequentemente, constituindo-se na principal fonte de renda familiar. Além das pressões impostas às mulheres devido à expansão de seus papéis, muitas vezes em conflito, elas são vítimas de discriminação sexual, concomitante à pobreza, à fome, à desnutrição, ao excesso de trabalho e à violência doméstica e sexual (SANTOS, 2009, p. 1278).

Este elemento aponta para um maior uso de medicamentos psicotrópicos por mulheres. “Com relação à depressão, nos levantamentos epidemiológicos psiquiátricos, uma maior taxa deste transtorno é encontrada em mulheres, oscilando entre 1,6 e 3,1 mulheres para cada homem, de acordo com o país.”

No contexto brasileiro, há uma maior prevalência de internações psiquiátricas entre homens do que entre as mulheres. Esse fenômeno foi explicado por Berquó e Cunha através da hipótese segundo a qual [...] o homem é mais vulnerável a doenças mentais dado o contexto socioeconômico e das relações de gênero existentes. Sua frustração pela baixa qualidade de vida leva-o à bebida, como forma de fuga, o que potencializa os transtornos mentais, ao passo que a mulher se apega às relações afetivas, o que lhe traz efeito protetor [...] Os resultados demonstram que o adoecimento psíquico feminino mantém uma estreita correlação com o problema da violência contra as mulheres. Cabe indagar, se estas mulheres não tivessem se submetido a tais agressões, elas teriam desenvolvido estes transtornos mentais severos? (SANTOS, 2009, p. 1280)

Nesta análise pontuamos também que o adoecimento psíquico feminino aponta para a questão da repressão sexual, ou seja, da vigência de normas sociais que estabelecem uma dupla moral sexual, a qual “freia” as sexualidades dos corpos assignados como femininos.

Além disso, conversamos um pouco sobre o movimento de desinstitucionalização de pessoas em adoecimento mental, através do movimento antimanicomial que teve como grande

conquista a idealização dos CAPS e toda a rede. Marcela Lucena como gestora e militante importante na política antimanicomial em Pernambuco trouxe suas contribuições a partir de suas aproximações com o feminismo através da inserção no Gema, grupo de estudos que fazemos parte em paralelo ao seus cargos na gestão e coordenação da saúde mental de Pernambuco.

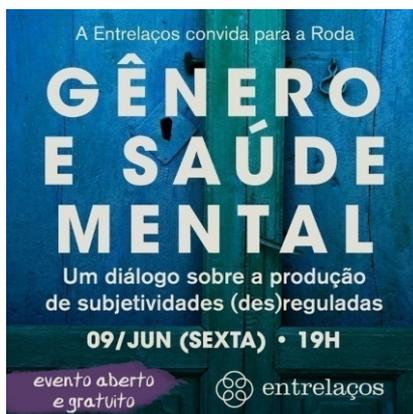
Na Entrelaços desde a equipe até às pessoas que participaram da roda num geral eram todas profissionais da Psicologia ou da saúde e pessoas ligadas à nossa rede pessoal de amigas e amigos. A chamada para o evento havíamos mencionado a saúde mental de pessoas sexo dissidentes e a própria roda ter sido facilitada por uma mulhere cis lésbica, uma mulher cis bissexual e uma mulher cis heterossexual de certa forma se repetiu nas identidades das participantes. Prioritariamente composta por mulheres cis.

Apresentamos alguns dados sobre o adoecimento da população trans e seus altos índices de suicídio e depressão como um problema em decorrência da estrutura binária de gênero. Além de questões de disforia corporal com as genitálias e seios que as pessoas trans podem desenvolver desde a infância devido a um ideal de “transsexualidade verdadeira” em que consta nos manuais que é preciso sentir repúdio pelo seu corpo ou parte dele para caracterizar-se dentro de um diagnóstico, que muitas vezes é o que qualifica a pessoa como inteligível numa sociedade binária (BENTO, 2012).

Neste momento da roda houve um silêncio, talvez pela falta de uma pessoa trans presente ou talvez pela falta de propriedade que todas as pessoas ali tinham para pensar um mundo que não fosse fraturado e normalizado a partir da coerência sexo assignado ao nascer – gênero masculino ou feminino. Quando a cisgeneridade se confronta com elementos que não fazem parte da sua ficção de realidade as reações podem transitar entre rejeição, negação ou até mesmo omissão.

Trago essa experiência em paralelo ao evento Monstruosas que participei em seguida, para evidenciar limitações e privilégios sobre o que as profissionais de saúde mental (eu incluída) estão inseridas.

**Figura 11: Cartaz divulgação do evento na Entrelaços**



Fonte: arquivo pessoal, 2017.

### **6.8 (8º dia) Monstruosas 2017: “Tesões apocalípticos nas ruínas do heterocapitalismo”**

Cheguei no evento das monstruosas em Dois Irmãos umas 22h da noite após a roda na Entrelaços, num espaço que já conhecia por funcionar a Dhuzati, um restaurante de cozinha vegana. Já tinha feito uma encomenda de duas lasanhas de berinjela e abobrinha com queijo de girassol e castanhas e massa integral. Apesar de estar localizado a poucos quilômetros da Entrelaços, o espaço em dois irmãos já configura uma localização mais periférica, não só pelo bairro que está muito próximo a UFRPE, mas por estar também fora das vias calçadas, mais em direção à mata.

Primeiro aspecto sobre a minha chegada é que era o único carro do evento estacionado na frente do espaço. Eu não conhecia quase ninguém e diferente do Monstruosas do casarão em 2015, esse evento parecia mais intimista, as pessoas conversavam nos sofás assistindo as projeções dos curtas selecionados para a mostra. Na verdade, já haviam sido oficialmente exibidos e estavam repetindo as projeções aleatoriamente. Vendiam comida vegana da Dhuzati e da Gorda Vegana – Misogina- Cono Alvarez – La cerda Punk. Comi uma empanada de milho com um refogado de verduras delicioso.

A minha memória emocional sobre aquele dia é de um mal estar. De um lado me sentia impostora no tema da pesquisa, me faltava lugar de fala corporificada dentro do movimento kuir, pós-humanitário que é o monstruosas. De outro lado a pesquisa era o que menos importava ali, as histórias de vida partilhadas ali eram muito diferentes e grau e número de violências sofridas. Não digo isso no sentido de me vitimizar no alto dos meus privilégios. Naquele momento ficou evidente que o ambiente “queer” ou kuir que tanto me

interessava como teoria pós-identitária poderia se sentir lesado e exotizado diante da minha presença a partir de uma existência cisheteronormativa.

**Figura 12- Cartaz divulgação do Festival Monstruosas**



Fonte: Blog do Coletivo Monstruosas, 2017.

### 6.9 (9º dia) – Experimentos a partir dos materiais audiovisuais

Meu desejo inicial de “entrevistar” e saber o que acontece no outro, minha busca por referências “outras”, meus questionamentos às pessoas da rede foram contestados com “faça você mesma”, “banque as suas ideias”. Banque ser transfeminista sendo uma pessoa cis, banque ser antirracista sendo uma pessoa criada e assimilada como mulher branca, banque ser putafeminista e fazer parte (minimamente) dos corpos que estão a serviço do trabalho sexual.

A seleção de vídeos que foram selecionados pelo coletivo das “Monstruosas”, “DistroDysca e “Coletiva Vômito” foi a maneira de me “ensinar a pescar” ou melhor, debulhar o feijão e bater a massa pra poder comer o acarajé pronto.

Espero que aqui, com minhas ponderações que são fruto de alguns anos como pesquisadora, possa servir a outras pessoas que desejem ingressar ou desenvolver uma carreira nessa prática acadêmica. Nos últimos anos têm se discutido bastante sobre “lugar de fala” reconhecido nas palavras de Djamila Ribeiro na política institucional, na militância, na academia e em todos os posicionamentos públicos de forma geral.

O termo “lugar de fala” tem sido bastante utilizado especialmente nas redes sociais, nas quais igualam lugar de falar a representatividade. Partindo dessa relação, o lugar de fala torna-se uma permissão sobre ter ou não o direito de falar sobre algo, ou seja, negros só falam sobre negros, mulheres sobre mulheres, homossexuais sobre homossexuais e etc..É justa a afirmação: só compreende o que é racismo quem sofre com ele. Porém, de uma forma delicada precisamos rever em que medida as pessoas que não vivenciam essa opressão precisam atuar para alcançar as estruturas de poder.

Todos e todas partimos de uma experiência e um lugar de fala, foi isso que a rede dissidente tentou me comunicar. É fundamental que a problematização vá além de quem é atingido por ela, pois faz com que esse outro pense na sua própria posição social. O lugar das mulheres brancas neste debate por exemplo pode seguir no sentido de repensar sobre suas responsabilidades na manutenção de subalternizações, o que faz com que elas se mantenham na posição cômoda de privilégios sem reflexão.

Eu me pergunto, as pessoas negras precisaram da voz de pessoas brancas para atingir os lugares de privilégio (ainda que precariamente neste momento histórico aqui no Brasil)? Eu penso que não ou muito pouco. Se fizeram falar e escutar aos barrancos e barricadas. Tento fazer o mesmo questionamento sobre as pessoas cis GLB. Se não nos fizessemos ouvir a partir das distintas matrizes de poder, especialmente aquela que passa pelo capital ou ainda se não reproduzíssemos valores morais da heteronorma como o casamento por exemplo, teriam nos “aceitado” num discurso friendly? Quando se trata de pessoas trans, independente da sua orientação sexual, o movimento LGB cis trabalhou o suficiente para que essas pessoas não fossem vitimadas cotidianamente. Como conhecemos tardiamente sobre o protagonismo Marsha Johnson nos eventos de embate em Stonewall, que militou com os homens cis gays, mas foi abandonada e esquecida até a morte pelo próprio movimento.

Ninguém emergiu do lugar de subalternidade por caridade da hegemonia.

Eu sou a encarnação (imperfeita e vacilante) da norma. Diferente de pesquisar no mestrado e na graduação com coletivos com que me identifico parte, seja como participante das Paradas da Diversidade em Pernambuco, seja com o bloco de carnaval lésbico feminista Ou vai ou Racha, os deslocamentos eram menores. A rede queer/cuir/kuir de pornografias dissidentes me levou a terras que nunca havia pisado fisicamente e simbolicamente como Chile, Argentina, Colômbia e concretamente a Catalunya no final do doutorado.

## 6.10 (10º dia) – Exibição dos filmes no Gema

Decidi exibir os filmes do Coletivo Coiote nas reuniões semanais do Gema, que são realizadas semanalmente no 7º andar do CFCH. As pessoas presentes são orientandas (graduação e pós-graduação) dos professores coordenadores do grupo que são Benedito e Jorge. Essa estratégia foi parte da minha mudança de rota na metodologia da tese. A ideia inicial de entrevistar parte das pessoas da rede artística pornográfica sexo-dissidente de Recife foi confrontada por uma das pessoas da rede em que questionou esse modelo de entrevista em que marca o lugar do sujeito pesquisador e o objeto pesquisado. Ainda que os modelos de entrevista possam relativizar esses lugares, especialmente a partir das análises, o estilo pós-pornográfico incita o movimento autobiográfico.

Foi a partir destas provocações teóricas, éticas e metodológicas que decidi começar pelo meu grupo de pesquisa, o Gema. Dizer que este é um relato autobiográfico não quer dizer que a única voz presente é a minha. Pelo contrário, o que penso e vejo só é possível através de uma série de encontros, conversas, leituras e todo tipo de relação coletiva. Mas, assim como em qualquer conversa ou leitura, assumo a possibilidade de equivocar-me quanto a recepção da mensagem.

Pois bem, o Gema é o ambiente coletivo que participo e contribuo em sua construção há dez anos. Combinei com o grupo que ao final das reuniões, teríamos uma hora para ver e discutir um pouco alguns dos vídeos selecionados exibidos no Festival Monstruosas de 2017. Iniciamos com: Popoxexeca (3min. e 20seg. de Ruth Steyer e Ioanna Pappou, Ciudad de Mexico- MEX); Gagging (2min e 36 seg. de Maya Inbar, Hamidrasha – ISRAEL) e Jardineire Infiel (4min e 11seg. de Walla Capelobo, Minas Gerais- BRA).

Uma das primeiras impressões do grupo sobre os três pequenos vídeos foi que era mais “simples” do que imaginavam. Uma das estudantes disse que se via fazendo qualquer um dos vídeos. “Pensei que fosse pornô mesmo”. “Parece um sexo com extra terrestres esse primeiro, mas depois você vai entendendo os mamilos e os encaixes das vulvas e dá um tesão”. “Achei bonitas as cores”. “Será que era um mamilo, um pinguelo ou uma lâmpada pisca-pisca”. “Essa bicha jardineira bem poderia ser eu, assim bem trash e cafona”. “E essa menina imitando uma galinha era o quê?” “Era um boquete imaginário”. “Tão ridículo como os vídeos pornô que a gente vê, com rola ou sem rola”.

A segunda semana separei três vídeos do coletivo coiote: Do Amor #4 Aldeia Maracanã (14min e 13seg. por Coletivo Coiote, Rio de Janeiro- BRA); Anarcofunk na

Cinelândia, 4min. E 26seg. por coletivo Coiote, Rio de Janeiro- BRA); Autoatendimento (2min. e 9 seg. por Coletivo Coiote, Rio grande do Norte\_BRA).

Esta sessão não foi tão divertida e amigável como a primeira. Algumas pessoas saíram antes dos filmes terminarem. Os anarcofunks embalaram a todes que estavam assistindo. Mas quando as penetrações com cabos de facas e as bocas costuradas começaram a surgir, o mal estar foi enorme como era de se esperar. “Sei nem se poderia ser classificado como pornô”. “Esperava um pouco de porra, mas só apareceu sangue e agonia”. “Fechei os olhos tipo num filme de terror”. A crítica aqui parece mais refinada, são acrescentados elementos de morte e vida. Uma das performers jogada e arrastada com um monte de lixo, de comida podre, personifica as vidas que não importam e são deixadas para morrer (no caso da performer, uma pessoa preta, com o corpo andrógono, furado e marcado).

### **6.11 (11º dia) – Monstruosas 2017: segundo dia**

No segundo dia de Monstruosas, estavam previstas duas atividades: uma roda de conversa com Amanda Palha e Leonardo Tenório compartilhando experiências de trabalho sexual na roda de diálogos Sexo, Prostituição e Exotização dos corpos trans e outra era uma oficina de shibari e bondage com Cono- Missógina, sobre quem falei anteriormente. O evento teve início na tarde do sábado. Outra vez fui sozinha e iniciei a tarde comendo mais delícias veganas, lembro bem da torta de acarajé feita de feijão fradinho e refogado de verduras no dendê.

Por algum motivo a roda de conversa com Amanda não pôde acontecer e a oficina de shibari já havia começado quando eu cheguei e o grupo estava em uma salinha improvisada ao lado, de forma que não dava para ver o que estavam fazendo na íntegra. Eu uma completa leiga no mundo BDSM e shibari, fiquei curiosa sobre as cordas que pude ver. Continuei conversando um pouco com algumas pessoas que se tatuavam e colocavam piercings na hora.

Nesse momento ainda não era uma pessoa tatuada, tinha um piercing de pedrinha no nariz, pesava cinquenta quilos e estava na transição capilar, depois de 12 anos com o cabelo ultra alisado com químicas permanentes, nesse momento fazia chapinha todos os dias pra esconder a metade crespa sem química. Insisto em discorrer sobre meu corpo e suas transformações.

Nesta tarde além das oficinas, comidas<sup>18</sup>, piercings e tatuagens, acontecia também a venda de livros e zines, especialmente relançamento da nova edição do livro “La cerda Punk”- A Porca Punk – Ensaio de um feminismo lésbico, gordo, anticapitalista e antiespecista de Missogina. Dentre tantos temas de sexo dissidência que trata o livro, ele é sobretudo declaradamente uma denuncia minunciosa da gordofobia e um manifesto gordo.

Nas minhas memórias e escritos no meu caderninho, por alguma razão abri destaque para dois vídeos inéditos da MoNSTRA – Mostra Nordestina de Sexualidades e Travestigeneridades em Resistência no Audiovisual. Articulada com o Pornífero Festival, a FILMARALHO e o Coletivo Coiote que foram exibidos durante a noite e repetidos no outro dia pela tarde<sup>19</sup>.

Vale a pena contar um pouco sobre as primeiras impressões sobre os filmes. Como relatado anteriormente no primeiro evento das monstruosas aqui em Recife, a seleção pós-pornográfica não é exibida um conteúdo sexual, genital penetrativo. Nas minhas percepções visuais e auditivas, os vídeos provocam intelectualmente e sensorialmente.

### **6.12 (12º dia) Filme Tupinikuir**

Início meu relato de hoje com a memória do filme Tupinikuir (SP), com a ajuda das anotações do meu caderninho e dos áudios que gravei sobre minhas percepções naquele dia. Tupinikuir é um curta dirigido por Jeffe Grochovs (2016). Jeffe aparecerá em outras memórias e apresentarei seus projetos atuais adiante.

Um pequeno áudio de pouco mais de um minuto dizia: Neste vídeo tive a sensação de estar “numa festa estranha, com gente esquisita” mas, de uma forma íntima. As pessoas estranhas somos nós mesmos, o ambiente tem luzes neon, as pessoas estão vestidas com pouca roupa, um pouco de couro estilo BDSM, algumas encapuzadas. Uma coreografia acontece no meio de uma festas ao som de No Porn “Lésbicas futuristas, sapatonas convictas, eu não vou deixar a inveja me abalar. Lésbicas, putas, lésbicas, sem culpa.” Ao me escutar neste relato, já não lembrava dessa música no filme e curiosamente iniciei esse diário ao som da mesma música durante nossa festa lésbica do ano novo.

O segundo áudio fala sobre um “segundo ato” do filme, que acontece no mesmo contexto da festinha kuir, mas agora uma espécie de performance de um garoto com barba,

<sup>18</sup> Como que também é excelente cozinheira estava vendendo empanadas de milho. Lembro de comer e comentar com ela que não gostava muito de milho além do famoso cuscuz e da canjica (que inclusive é uma ótima receita nordestina vegana). No íntimo sentia falta de alguma carne nas comidas do evento.

<sup>19</sup> <https://monstruosas.milharal.org/2017/06/06/tesoesapocalipticos/>, acesso em 20 de dezembro de 2022.

sem camisa, que diante de um espelho estapeia seus pequenos seios. A plateia são as pessoas da festa. Ele envolve os seios em um papel filme transparente. Como uma carne, amassada num plástico. Atua como um macho viril, bate no peito. Em seguida tira uma cenoura da cueca, come a cenoura.

Na parte final muda o cenário e as duas pessoas protagonistas estão tomando um banho de mangueira, nus. Em seguida se sujaram de algo parecido com lama dentro de uma piscina plástica. As duas pessoas são aparentemente homens, gordos, com barba. Um branco e um negro. O branco tem seios grandes e não tem pênis, o que rapidamente me faz pensar em um homem trans. O segundo é negro, tem barba e aparentemente um homem cis. Eles riem muito, se roçam e se divertem. Essa cena me deu tesão. Daquele genital mesmo, que até fiquei molhada.

Como parte desse diário íntimo compartilho meus fetiches sexuais ou sexualizados cotidianos sexuais com as pessoas leitoras, em parte pelo processo de acessar o que é a sexualidade e o prazer na minha construção autobiográfica, ao mesmo tempo em que conto com a possibilidade de gerar efeitos diversos de criatividade e desterritorialização de sexualidades alheias.

Tem um elemento nessa cena que é um ponto nodal na minha excitação sexual: a lama. Aquilo que molha, lubrifica, escorrega, brilha e desliza me excita muito. Lubrificantes, óleos, cremes hidratantes, máscaras para cabelo, shampoo, sabão líquido, comidas cremosas, cobertura de bolo, chantilly, petróleo, chocolate derretido, gelatina, gel de cabelo, lama, babosa, tinta acrílica, cola branca, creme de jerimum, canjica quente, sangue... Em determinados contextos e combinações me dão um tesão enorme!

### **6.13 (13º dia) Monstruosas 2017: as oficinas e minicursos**

No primeiro dia do Festival Monstruosas perdi a oficina de shibari, mas esperei que a oficina acabasse para encontrar as poucas pessoas que conhecia e para seguirmos para a festa parte do evento no espaço OVNI. Esse é um pequeno bar localizado em dois irmãos, na entrada de sítio dos pintos. Frequentado pelos estudantes da Universidade Rural e dos entornos, tem uma estética anarco, punk, extraterrestre como já diz o nome. Frequentado pelas pessoas sexo dissidentes, pelo que percebi tem uma mana da quebrada no comando. Neste dia estava fechado para pessoas aleatórias, leia-se, homens cis heterossexuais que normalmente frequentam o bar em outros dias e horários.

Na preparação para a festa, fui conhecendo algumas pessoas que participaram da outra oficina com Sarita de Gzuis. A chamada da oficina<sup>20</sup> era atrativa e ao mesmo tempo misteriosa. Seria uma oficina “drag”?

Sarita que também era uma das DJ da noite chegou numa “montação” avassaladora, pronta para humilhar qualquer Drag Queen participante de RuPaul Drag Race. Seu peito e rosto estava completamente coberto de bitucas de cigarro. Mas de uma maneira que parecia a própria pele de um animal saído da sarjeta e com a exuberância de uma deusa terrena. Tinha um acessório na cabeça de uns cinquenta centímetros, em formato de chapéu ou coroa toda feita de caixas de cigarro. O plástico que envolve as caixas, o papel laminado, as principais marcas aparentes, filtros amarelos e brancos, cada detalhe minimamente colado e montado como se fosse um ser que nasceu em um grande depósito de cigarros fumados.

Era impressionante o trabalho daquela artista! Eu não sabia muito bem se eu deveria achar normal e genial aquele trabalho. As pessoas agiam com naturalidade. “Arrasou , bee!” Mas, era mais que isso. Talvez eu não entendesse do mundo das artes e das performances e por isso me impressionava. Eu perguntei se na oficina as pessoas tinham feito um trabalho daquele tipo. Ela disse que as pessoas haviam usado mais material orgânico na oficina, como folhas e sementes. E que essa montagem ela estava preparando já há mais tempo, juntando caixas de cigarro e etc. Esquecemos todas de tirar fotos! Particularmente não sou uma pessoa de tirar fotos e no evento em especial não me sentia autorizada a sair tirando fotos sem autorização nem nada. Por outro lado, comentamos como a presença de uma profissional, com uma câmera adequada seria tão importante para o registro histórico de cada atividade.

---

<sup>20</sup>“Atividade integrante do festival MoNSTRuoSaS: Tesões apocalípticos nas ruínas do heterocapital, a montaria, normalmente utilizada como termo para exploração e abuso de animais não humanos, vem nessa oficina sob entendimento antiespecista de investigar no corpo humano possibilidades de montar coisas, utilizar objetos e materiais descartados/negligenciados pelo sistema heterocapitalista. Considerados lixo, os objetos produzidos e descartados no meio urbano, e os negligenciados como material orgânico produzido pela natureza chegam no corpo como Montaria, dando possibilidade visual e de movimento a esse material que também influencia no comportamento desse corpo montado. {Re}existe se reconhecendo como parte da cultura ancestral também descartada/negligenciada junto com esses objetos, que segue sendo exterminada pela cultura ocidental, globalizada, monoteísta, cristã, patriarcal, machista e normatizadora, sobrevivendo ao processo predatório do cotidiano para fortalecer a explosão atômica do regime atual também no campo da arte, como MONTARIA THEMONIA ANTICIVILIZATÓRIA”, texto retirado de <https://monstruosas.milharal.org/2018/09/03/convencao-das-themonias-uma-convocacao-sexodissidente-para-um-motim-de-corpos-bizarros-na-amazonia/> . Acesso em 20 de dezembro de 2022.

**Figura 13 - Foto inspiração para a oficina Montharia Oficina Anticivilizatória**



Fonte: Blog do Coletivo Monstruosas, ANO.

**Figura 14 - Foto divulgação da performer Sarita de Gzus que realizou a oficina de Montharia Anticivilizatória**



Fonte: Blog do Coletivo Monstruosas, 2017.

Sáimos juntas do local do evento para o local da festa. Poucos quarteirões, a maior parte das pessoas decidiu ir caminhando e eu fui de carro conversando com uma mana trans que estava de passagem por Recife e recebia abrigo na mesma casa do evento. Conversamos um pouco sobre os bofes de Recife e sua vida profissional como trabalhadora sexual. Não queria ser invasiva na conversa sobre seu trabalho, mas arrisquei umas perguntas para

interagir um pouco. Ela parecia séria e desconfiada. Tinha toda a razão. Ela conversava sobre os homens da cidade, dizia que “os boys de Recife eram bons”, que o celular dela não parava de chegar mensagem. Perguntei se ela não queria chamar algum deles pra festa. “Nada, vou ficar só um pouquinho e depois vou sair pra trabalhar, é tudo no sigilo”. Realmente, conversamos só o tempo de chegar lá e depois não a vi mais.

#### **6.14 (14ª dia) Monstruosas 2017 – a festa de encerramento**

Quando chegamos na festa por volta de umas 23h, o bar ainda estava abrindo e não haviam muitas pessoas. O bar é pequeno na entrada, mas atrás tem um quintal espaçoso que imaginei onde seria o famoso “bate cabelo”. Eu esperava conhecer mais gente na festa, mas entendi que o público não era exatamente o universitário e LGBT que eu presumia, embora o bar esteja ao lado da UFRPE. Fiquei conversando um pouco com a Constanza e a Tita, sua companheira, que assim como eu, não conheciam muita gente, já que nunca moraram em Recife e estavam de passagem especialmente para o evento.

A minha familiaridade com o local vinha de outra experiência no bairro que de certa forma gerou uma memória cruzada interessante. Em 2015, antes de entrar no programa de doutorado, eu trabalhei em uma das casas do Programa Atitude. Que é um serviço de acolhimento da assistência social do governo do Estado de Pernambuco que visa atender a população em situação de rua e em vulnerabilidade devido ao uso de álcool e outras drogas. A casa exclusiva para mulheres (cis, trans, grávidas e com filhos de até dois anos) fica localizada a menos de cem metros do bar OVNI. Assim que, minha experiência com o bairro de sítio dos pintos era recente e de certa forma muito marcante, dado o tipo de trabalho que desenvolvemos neste tipo de serviço.

Esperei naquela noite encontrar alguma das mulheres da casa ou ser reconhecida por algum dos comerciantes da rua. Para explicitar as minhas sensações no bairro e para dar elementos de complexidade ao meu trabalho como psicóloga e como pesquisadora, vou narrar um dia de trabalho no serviço. As técnicas de referência são profissionais (psicólogas e assistentes sociais) que ficam responsáveis em acompanhar um número x de mulheres na casa. Acompanhar quer dizer traçar metas para o período de acolhimento e dar andamento aos pontos delineados em seus projetos singulares. Alguns dos pontos dizem respeito ao uso de substâncias psicoativas, frequência e ou abstinência; organização formal da vida como retirada de documentos, cuidado com a saúde, retomada de laços sociais e familiares perdidos, situação jurídica e etc. De acordo com o trabalho de grupo que eu desenvolvia na casa, acabei

me tornando a técnica de referência de duas mulheres trans, três mulheres lésbicas e outras quatro ou cinco mulheres mães que de alguma forma tiveram a guarda de seus filhos comprometidas (inclusive participei de algumas conciliações jurídicas relativas a isso).

Bem, o dia que quero relatar aqui aconteceu num dos plantões de 12h num final de semana. Eu era inexperiente no serviço e em plantões tão longos nos fins de semana. As pessoas neste tipo de serviço têm normalmente muitas restrições de saídas, devido ao risco que põem a própria vida e de outros relacionado ao uso de drogas, especialmente o crack na cidade do Recife. Assim que as saídas precisam ser monitoradas a fim de evitar episódios de “baratino”, que é como elas dizem quando alguém tem uma recaída no uso de crack, álcool ou outras drogas durante dias e voltam ao serviço com problemas com a polícia, com o tráfico ou com a própria saúde debilitada. Assim que, certo sábado, duas das mulheres que eu era técnica de referência pediram uma autorização formal para ir ao espetinho da esquina com um de seus maridos. Parecia uma situação corriqueira para um sábado. Outras duas usuárias do serviço já tinham agendada uma saída com seus filhos.

O que aconteceu foi que o horário de retornar a casa já tinha passado e nenhuma das quatro havia voltado. A questão de horários é muito importante numa casa com quase trinta mulheres. Já no fim da tarde uma das mulheres que retornava de sua saída agendada pediu para falar comigo. Olha Fernanda, você é nova aqui então vou te falar o que está acontecendo. As meninas estão no bar da esquina bebendo e comprando crack, me ofereceram mas eu estou abstinente e não quero voltar a usar. Você não devia ter deixado elas saírem. A informação me atordoa parte por preocupação e parte por responsabilidade minha diante da casa. Pedi que a educadora resolvesse qualquer situação na casa que estava tranquila enquanto ia na esquina buscar uma acarajé que costumo comprar.

Cheguei no bar como se fosse comprar o acarajé normalmente, encontrei todas elas lá. Olá, tudo bem, falei com todas as pessoas da mesa. Estavam todas bebendo e minha presença provocou uma série de explicações. Olha, a gente está bebendo, mas é só um pouco. Eu disse que tudo bem porque era sábado, que tinha passado só para comprar um acarajé. Me sentei na mesa. Pedi uma coca cola. Era o bar OVNI. Conversamos amenidades. O senhor do espetinho já tinha me chamado no canto pra perguntar se eu era profissional da casa que estava vigiando elas. Sou profissional, mas estou aqui só pra fazer o lanche mesmo. Olha, vou voltar que já está tarde! Espero vocês no horário combinado (já passavam algumas horas). Tchau!

O sábado foi um “baratino” coletivo, mas voltaram todas antes que eu entregasse o plantão. Fernanda, a gente voltou porque você é doida. Ninguém vai no bar com a gente. O caso foi relatado como irresponsável da minha parte e ao mesmo tempo uma situação complicada de gerenciar de qualquer forma. Aprendi sobre muito do que acontecia no entorno do bairro e como estava “proibido” usar drogas por ali em respeito aos moradores e comerciantes locais, numa simples saidinha.

#### **6.15 (15º dia) Conhecendo os performers das Monstruosas 2017: Karol Kalor e Edilson Militão**

A continuação da festa me levou a conhecer Karol Kalor e Edilson Militão, que são artistas responsáveis por duas de minhas performances favoritas: tecnologia a serviço da orgia (que é uma série com quatro partes e punição dos anjos que é uma continuação de Tanatologia, respectivamente).

A série de vídeo performances de Karol Kalor teve como parte de sua idealização a transmissão delas em sites de streaming e websites de sexo como o 4cam e outras redes sociais. Ela inicia a série em 2016 e tem seu trabalho apresentado em eventos como o Festival Monstruosas, o museu do sexo das putas, o Monstrash, o Mulheres que Frequentam na Mau Mau galeria, o Festival de Inverno de Garanhuns e em algumas das festas da Hypnos. Enquanto ela em seu corpo nú, dentro de uma sala de cinema escura em que seu corpo era constantemente banhado por um líquido branco que parece leite. Ela sensualiza, se mela, engole, se engasga. Em algum momento fica evidente a hipérbole com o semem na cada, um gangbang gigante. As pessoas comentam a performance no canal. “Que delícia”, “que asco”, “que agonia”.

**Figura 15 - Foto divulgação da performance de Karol Kalor no evento Monstruosas**



Fonte: Blog do Coletivo Monstruosas, 2017.

Edilson Militão arrebatou a noite em minha opinião. Ele inicia a performance lendo um texto sobre castigos imposto a meninos que cometem pecado com as mãos no período de cristianização dos jesuítas no Brasil. Está vestido somente com uma bata dessas de hospital com a bunda a mostra. Enquanto narra ele espeta a ponta dos dedos com agulhas descartáveis. Entre as unhas, dedo por dedo nas duas mãos. Ele sangra. A boca está cheia de vermelho. Termina a performance tirando as agulhas e mostrando o cu. Encosta nas pessoas e grita que isso é um cú. Esfrega a bunda nas pessoas em redor.

Há um segundo texto que é lido e tem caráter mais contemporâneo. Diz respeito a um laudo de saúde que se transforma em criminal quando ao apresentar uma de suas

performances foi compulsoriamente levado pelo SAMU, que foi acionado pelas autoridades do IFPE alegando insanidade mental. Militão faz uma conexão estarrecedora entre as noções de desvios sexuais e desvios de sanidade psíquica. Ele consegue com sua performance comunicar de maneira estarrecedora e poderosa a interconexão pouco óbvia entre sanidade sexual e psíquica.

Dentre as maiores frustrações de não ter desenvolvido uma terceira parte desta tese com entrevistas ou narrativas biográficas está não ter conversado melhor e diretamente com Militão e Kalor sobre seus trabalhos de performance e suas afetações pessoais.

**Figura 16 - Foto divulgação da performance de Edilson Militão no Festival Monstruosas**



Fonte: blog monstruosas, 2017.

**6.16 (16º dia) – “Oficina de shibari com Missogina”**

Em 2017, depois do Festival das Monstruosas Cosntanza Alvarez ofereceu outra vez o workshop de shibari aqui em Recife. A demanda surgiu das pessoas que frequentaram o evento e perderam a oficina, como eu. O evento foi marcado no centro da cidade, no edifício Pernambuco, no espaço do coletivo sexto andar. Diferente da oficina dada no festival desta vez custava 50 reais e participaram um número maior de pessoas (não lembro bem se 10 ou 15 pessoas). Esta era um curso não misto, ou seja, homens cis heterossexuais ficam desconvidados. A proposta inicial era ir com uma dupla de sua preferência para praticar os primeiros nós de amarração e levar cordas, se for o caso de tê-las.

Convidei minha amiga companheira de todas as aventuras, Aída. Se inscreveram também Adriana, a companheira de Aida e Marisa, outra amiga sexo dissidente que viria a se tornar também pesquisadora e performer pós-pornográfica. Além destas amigas estavam presentes mais duas pessoas que conhecia, a Gilda e Leo Tenório, pessoas que estavam participando ativamente do Festival Monstruosas. No início do encontro Cono fez uma breve apresentação da história do shibari e não arriscaria trazer estes detalhes aqui. O que posso afirmar e que me pareceu informações relevantes e ratificadas posteriormente é que o shibari tem sua origem em práticas de samurais japoneses para prender prisioneiros, mas ganhou um sentido erótico, mas não necessariamente sexual e diferente do bondage, são amarrações feitas exclusivamente com cordas.

Eu tinha uma ideia equivocada de que o jogo com as cordas teria diretamente uma ligação sexual, mas entendi que esta prática se tornou uma técnica estética, muito explorada nas artes visuais. Nossa primeira instrução sobre as coras foram: são necessárias cordas compridas, de no mínimo 7 metros. Podem ser usadas várias cordas em diferentes partes do corpo. As cordas ideais e mais bonitas visualmente são de cânhamo ou juta. Caso não encontre com facilidade, podem ser usadas as de algodão para iniciar os treinos, mas não são indicadas para suspensão porque cedem.

Cono solicitou que nos juntássemos em pares. Aida decidiu ficar comigo e Adriana e Marisa ficaram juntas. Eu me sentia confortável para experimentar com ela. Decidimos que eu seria amarrada primeiro e que depois trocaríamos. O primeiro nó simples que aprendemos foi para unir os dois pulsos juntos, como um prisioneiro. O ato é simples, em três voltas na corda e uma manobra estão presas as mãos e o resto da corda segue nas mãos da atadora. Esse simples ato me provocou uma palpitação e senti minha respiração ofegante. Era incômodo, mas me sentia segura com Aida. Foi estranho, riamos com algum nervosismo.

Neste momento Cono já estava praticamente nua e usava alguns assessórios no estilo BDSM, como arneses pretas no busto. Ela seguiu ensinando uma amarração dos pés, de maneira que o terceiro passo era ajoelhar a pessoa com as mão e pés amarrados e o quarto movimento, trazer as mãos amarradas para trás da nuca, criando uma posição completamente submissa. Ela completou: se tiver alguma confiança com a parceira pode puxar a corda e pisar nas costas da pessoa ajoelhada.

**Figura 17- Participação na oficina de shibari de Misogina**



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

**Figura 18 - Foto - Eu e Aida na oficina de shibari com Misogina**



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

### 6.17 (17º dia) Sexo grupal e sexo sozinha: descolonizando afetos e a monogamia.

Naquele período eu vivia um evento triste que foi o fim de um relacionamento. Não por decisão minha, mas o companheiro daquele momento se apaixonou por outra pessoa e tinha como parte da decisão que não queria mais estar numa relação aberta ou não-monogâmica como era a nossa. Não que ele tenha tentado propor a monogamia comigo, mas o enamoramento por outra pessoa passava pela segurança de uma relação monogâmica, supostamente mais estável.

Fazem quase dez anos que Fernando, um amigo com que ficava me presenteou com o livro “El amor libre - eros e anarquia” compilado por Osvaldo Baigorria (2006) .que reúne textos de autoras como Bakunin e Emma Goldman, em perspectivas diversas de articulação entre anarquismo e relações afetivo-sexuais, majoritariamente heterossexuais. Naquele mesmo período em que assistíamos Rasberry Reich no diretório acadêmico autogestionado da Psicologia na UFPE, discutíamos sobre relações livres de amor e sexo não orientadas para o casamento. Considero que sofri uma espécie de “conversão” não-monogâmica que me acompanha em todas as ultimas relações em alguma medida. O que não sabia era que pagaria preços sociais e afetivos por abandonar totalmente ou em parte este tipo de convenção na minha vida.

“O matrimônio é imoral” de Rene Chaugui (1973) é dos meus textos favoritos do livro que tive o prazer de revisitar para apresentar aqui<sup>21</sup>. Ele descreve o ato matrimonial de maneira irônica, evidenciando elementos “normalizados” em nossa sociedade e removendo mal-estares e constrangimentos que senti durante muito tempo, mas não conseguia nomeá-los.

---

<sup>21</sup> “no hablo de los matrimonios de interés, en los que la inmoralidad es flagrante desde un principio; me ocupo del amor, y veo que, lejos de purificarlo y darle una sanción que no ha menester, el matrimonio lo rebaja y lo envilece. El futuro esposo se dirige al padre y a la madre y les pide permiso para acostarse con su hija. Esto es ya de un gusto dudoso. ¿Qué responden los padres? Deseosos de asimilar su hija a esas damas tan necias, ridículas y distinguidas como ricas, quieren conocer el contenido de su portamonedas, su situación en el mundo, su porvenir; en una palabra, saber si es un tonto serio. No hay otra expresión mejor para calificar a este tratante. Veamos a nuestro joven aceptado. No pensemos que la serie de inmoralidades está cerrada: no hace más que comenzar. Desde luego, cada uno va en busca de su notario, y tienen principio, entre las dos partes, largas y agrias discusiones de comerciante en las que cada uno quiere recibir mucho más de lo que da; dicho de otro modo: en las que cada uno trata de hacer su negocio. La poca inclinación que los dos jóvenes pueden sentir el uno por el otro, los padres parecen empeñarse en desvanecerla, emporcándola y ahogándola bajo sórdidas preocupaciones de lucro. Después vienen las amonestaciones en las que se hace saber, a son de trompetas, que en tal fecha el señor “X” fornicará, por primera vez, con la señorita “Y” (CHAUGUI, 1973, p. 20).

Foi concomitante àquele cinedebate do filme de Bruce LaBruce que dei início às minhas relações afetivas e sexuais não monogâmicas, não românticas, não reprodutivas, para além de um casal. A experimentação na prática não me deixa esquecer que qualquer decisão fora da heteronorma tem um preço. O fracasso familiar num sistema político heterocapitalístico.

Nos últimos dez anos experimentei uma dezena de configurações erótico sexuais. Além daquelas em que estive em uma relação prioritária a dois, com homens, com mulheres e com pessoas não binárias, a relação que socialmente parecia incomodar mais foi quando namorei Camila e Lucas. Nossos passeios pela praia, viagens a três e quartos de hotel a três causava estranhamento. Não que esse fetiche sexual seja incomum, um “menage a trois” segue na lista dos mais assistidos no porn hub. Tenho a impressão que o incômodo era sobre a nossa amizade política. “Qual quarto vocês vão querer?” Lucas responde: “vou perguntar às meninas porque elas que decidem”. “Fernanda: de qual dos dois você gosta mais?” “deve ser massa ter duas mulheres, não é Lucas?” Depois de muita conversa entre nós três, ele passou a responder sem se gabar. “No xvideos é massa, na vida real somos três pessoas tentando viver em acordo sobre várias coisas” (o que já era difícil em dupla).

No texto de Melissa Jaeger, Geni Nuñez e Juraci Tonelli (2019) elas discutem um pouco uma noção que é um tanto nova pra mim, a monosexualidade. Elas propõem uma reflexão teórica sobre alguns termos com prefixo “mono” e sua relação com as bissexualidades. Argumentam que a cultura ocidental e o colonialismo impuseram uma forma de estar no mundo a partir de monotemas, mono afetos, mono deus, mono sexualidades e monogâmias. A segurança do amor cristão, por exemplo, é monogâmica. Quanto mais Deus ama seu povo, tanto mais odeia os que não compõem a categoria de “seus” filhos. Nesse sentido, o valor afetivo se constrói desde uma lógica de propriedade privada, adaptada a um certo ideal burguês, machista e cristão para o qual os únicos sujeitos dignos de afeto e cuidado são os “próximos”. Elas arriscam dizer que as políticas identitárias usam um recurso semelhante a essa lógica cristã no que se refere a constituição das subjetividades.

Para meus referentes cristãos de monoculturas afetivo-sexuais, cultivados em 13 anos de igreja evangélica, ser bissexual e não-mono implica o apocalipse de um modo de existência. Eu, cobaia desse experimento, me vejo sem promessas de paraíso e vida eterna. Estranho a mim mesma e produzo acontecimentos afetivos a partir da raspagem dos restos áridos deixados nesta terra-existência produzido pelas monoculturas.

### 6.18 (18º dia)- Sobre adoecimento psíquico e a psiquiatria

Vou embarcar nas provocações de Militão e relatar parte da minha experiência em relação à (in)sanidade mental. Exatamente por volta de meados de 2017, período do último evento das monstruosas, também momento da qualificação desta tese, vivi uma crise emocional-psíquica que resultou em um diagnóstico psiquiátrico que reconfigurou minha autopercepção e biografia.

Vivi aquele momento de fim de relacionamento e de qualificação de tese com muita tristeza e ansiedade. Passados meses sem dormir e comer bem decidi junto com minha terapeuta buscar ajuda psiquiátrica, a princípio para esse problema pontual da insônia.

Busquei uma médica psiquiatra de confiança, com quem pudesse sentir um mínimo de empatia e respeito pelas minhas idiossincrasias e até hoje é assim que me sinto com Dra. Larissa. Eu tive que organizar minha vida em sintomas para conta-la. Eu durmo dois dias sim e outro não. Dois ou três dias consecutivos ou não da semana eu não durmo nada, só fecho os olhos. Os dias que durmo, não quero acordar, sinto muita tristeza ao acordar. Mesmo que seja sábado, faça sol e eu tenha dormido todas as horas que desejei. Mas, eu não sou uma pessoa triste normalmente, pelo contrário. A vida é bondosa comigo. Sinto fome uma única vez ao dia e gosto muito de comer, mas naquele momento não conseguia comer. Pesei 48 com 31 anos e sentia que não estava saudável.

Desde quando você tem esse estilo de sono e alimentação, Fernanda?

Não me lembro. Aos 15 anos já me lembro de ser assim e ser a dorminhoca da sala, da igreja e da família. Entenda, eu estudei sempre pelas manhãs, colégio, graduação em direito, em psicologia, mestrado, doutorado, estágios, trabalho, tudo. Nesse ritmo de dormir a cada dois dias. Não me lembro de ser diferente.

Você quer ajuda pra dormir ou para acordar melhor?

Se eu dormir todos os dias uma boa quantidade de horas imagino que deixe de sentir tanta amargura para acordar. Naquele momento de qualificação da tese e tantos outros de escrita final tive crises clássicas de ansiedade generalizada. Palpitações, falta de ar, mãos tremendo, sentar e levantar da cadeira mais de trinta vezes em 1h de trabalho (eu conto quantos minutos consigo trabalhar concentrada). Esse é meu trabalho e eu gosto de exercê-lo e acredito poder produzir um bom resultado. Mas essas condições emocionais estavam me matando.

Chegamos a um acordo sobre um antidepressivo – Mirtazapina, um ansiolítico para crises de falta de ar – clonazepan e um indutor do sono se o antidepressivo não ajudar com a entrada do sono – zolpidem. Estar medicada cotidianamente me permitiu observar minha própria existência sob uma perspectiva (a)normal em relação a adequação de horários, humor e ritmo.

### **6.19 (19º dia) Drogas e “normalidade” psíquica**

Eu continuo dormindo 10h ao dia e engordei 10 quilos em um ano. Precisamos rever as medicações, “tentativa e erro até dar certo”, me disse o psiquiatra novo. 30 mg de Cloridrato de Duloxetina pela manhã, 30mg de mirtazapina pela noite; 20mg de fluoroxetina ao acordar e 30 mg. de mirtazapina pela noite com 5 mg. de zolpidem para dormir. Vamos manter a fluoroxetina e agora somado a 10 mg. de amitriptilina e 10mg diazepam para dormir e controlar as enxaquequecas provocadas pela fluoroxetina. Volta pra mirtazapina em doses duplicadas agora de 45mg. uma única vez pela noite. Numa alternância produtiva adaptativa. Clonazepan 0,5mg para controlar as crises de ansiedade. Muitos tragos de tabaco pra escrever cotidianamente. Marijuana pra encontrar os amigos e álcool apenas para acompanhar refeições. Estrógeno e drospirenona para manter o corpo infértil.

São muitas drogas e apesar de conscientemente não ter problemas morais com nenhuma das drogas, afetivamente me sentir dependente me causa dor e um sentimento de fracasso no corpo. Jack Halberstam (2020) em ‘A arte queer do fracasso’, de forma super original ele utiliza animações como ‘A fuga das galinhas’ e ‘Procurando Nemo’ pra falar sobre homossexualidades e as formas de vida queer. Me identifiquei com sua discussão sobre o que ele chamou de subjetividades queer, apesar de nunca ter me autodefinido como “queer”.

Ele discute como a noção de êxito foi forjada pelo capitalismo e pelo sistema heteropatriarcal para que esteja ligado ao acúmulo de capital a partir de ‘famílias tradicionais normais’. E assim as subjetividades queer se construía em torno de ruptura com a norma do êxito e sobre uma possibilidade autonarrativa em termos do fracasso.

Lembrei de mim. Das minhas primeiras consultas psiquiátricas. Sentia demasiado sono, tristeza, preguiça e ansiedade. Era uma incoerência ser terapeuta e não conseguir me ajudar. Foi então que enfrentei um diagnóstico de distímia como prognóstico de anormalidade, de fracasso! Poderia ser sobre minha bissexualidade, mas neste caso foi sobre o F.34.1 no Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais.

É naquele contraponto do livro, entre a ruína e o triunfo sobre a normalidade que ainda se encontram as noções de disforias de gênero, os desvios sexuais e de alguma forma as disritmias psíquicas. De alguma forma, possibilitar uma narrativa do fracasso é abrir brecha para vidas impossíveis. Penso junto com Halberstam que, se de um lado a reprodução de normas compulsórias geram morte, por outro ser um fracasso nesse sistema pode nos levar a modos de vida inéditos, não (re) produtivos tanto na arte como no amor.

## **6.20 (20º dia) O nascimento do “Cinerica” e o argumento “radfem” contemporâneo**

Historicamente entendemos que o feminismo logrou expandir-se como conceito, prática ou simples conscientização pessoal através da massificação do uso de redes sociais no Brasil, especialmente depois de 2011. Em minha vida internauta e como parte da categoria de feministas de Facebook (apesar de ter minhas aproximações com o Feminismo através do Gema- UFPE e Instituto Papai) estou conectada a redes de mulheres que se formam espontaneamente, seja com um caráter mais militante ou até mesmo para colaboração profissional coletiva. Muitos destes grupos são espaços de desabafo, denúncias e exposição de violências vividas (às vezes com nomes de agressores) na cidade do Recife e por isso têm uma política de serem completamente secretos.

Em dois momentos distintos fui marcada em posts ou publicações que tinham as hastags: pornografia, pornografiafeminista ou ainda minhasiriricaminhavida. Se tratavam de mulheres que se sentiam inconformadas com os materiais pornográficos disponíveis nos principais sites grátis de pornografia como Xvideos, Youporn, PornHub, Porntube, Redtube, Porn, Xhamster, Xnxx, Beeg, etc. Elas perguntavam às integrantes do grupo como faziam para masturbar-se, além de recorrer à própria imaginação. Muitas mulheres se manifestaram sugerindo os vídeos da Érica Lust, além de conteúdos de HQs ou de fotografias parte de uma categoria mais erótica. Outras mulheres contrargumentaram que nenhuma pornografia poderia ser consumida por mulheres, porque todas elas mercantilizam e objetificam o corpo das mulheres. Que era ridícula e romântica a associação do feminismo com a pornografia. Uma amiga me marcou e eu sugeri a seguinte lista que tinha guardada para responder a perguntas frequentes de algumas companheiras.

Diante do entusiasmo apresentado por algumas integrantes, decidimos conversar um pouco melhor em conversas privadas. Eu e duas entusiastas, uma jornalista e outra design, unimos forças para realizarmos um “Cinerica”. Este seria um espaço para vermos alguns

curtas que tínhamos em mente e gostávamos, mas sobretudo um espaço para diálogo, para discussão de nossa própria sexualidade.

O evento ocorreu na Entrelaços, num domingo a tarde e além de Débora, Thais e eu que propusemos o momento, apareceram três mulheres cis, uma delas amiga de Débora chamada Mariana que era também sua ex namorada. As outras duas eram mulheres heterossexuais, recém separadas de casamentos estáveis e um pouco mais velhas que nós, em torno de quarenta e poucos anos.

Iniciamos a conversa falando um pouco de nós mesmas, falando de nossas identidades sexuais e de gênero, de nossas profissões, de nossos parceiros e parceiras sexuais mais importantes e sobre o hábito de masturbar-se durante os relacionamentos e fora deles. Nós três tínhamos experiências em relação a nossa identidade sexual bem distintas, Débora se entendia lésbica a maior parte de sua vida, Thais heterossexual a maior parte do tempo e eu bissexual desde os últimos dez anos.

Exibimos dois filmes curta metragens da Erika Lust – 5 hot stories for her e Dirty Diaries, um compilado de curtas de diretoras suecas citado em outro capítulo anteriormente. Compartilhamos relatos que produziram um clima de entendimento mútuo e de conexão sobre nossas semelhanças. Cada uma com sua singularidade, mas conectadas por uma certa maneira de viver as sexualidades por mulheres cis, de classe média, brancas, escolarizadas e cristianizadas.

Este relato escrevi baseado, mais ou menos, em minhas anotações naquele momento. Tenho feito na escrita desse diário um exercício de conectar-me com cada pessoa que “encontre” em meus relatos. “oi, tudo bem aí!? Ando escrevendo minha tese e lembrei de você, daquele evento que estivemos juntas.” Esse tipo de mensagem tem produzido memórias compartilhadas e um tanto de outros novos relatos.

Rememoramos sobre nossa partilha em relação ao conhecimento dos nossos corpos, descoberta do corpo pela masturbação. Débora contou como vou impactante escutar de uma das mulheres que nunca havia se permitido tocar-se, só depois de se separar do marido. Não que o marido fosse alguém opressor, mas que ela não tinha essa prática. Lembramos também que acabamos retomando nossa história na igreja evangélica. Da época em que fazíamos um evento semanal no colégio que estudamos o “intervalo bíblico” e que agora compartilhávamos desses espaços feministas e lésbicos juntas.

Débora trabalhou na ONG feminista SOS Corpo, participou do Fórum de Mulheres de Pernambuco com quem dialogamos em alguns atos políticos e também compartilhamos momentos de articulação Lésbico-Feminista no bloco de carnaval “Ou vai ou racha”, que se transformou em um coletivo de convivência entre 2012-2017.

Colocamos vários estilos de pornô, todo mundo vestido com uma meia calça cor de pele e pouco a pouco cortando a pele e os órgãos. Duas mulheres que estão encenando uma cena policial. Com estilos de sexo diferentes. Fizemos um debate sobre o pornô blockbuster que não conseguiam acessar o tesão, não parecia tão agradável e que aparentemente não existia um mercado para as mulheres. Falta história de sexo, histórias. É entendido como algo fictício, não real. Falamos como era um tabu pra mulher assistir filme pornô e como para as mulheres era um tabu se reunirem para assistir pornô juntas era mais ainda. E como pros meninos essa é uma prática comum e pra nós invisibilizada e proibida. Ao mesmo tempo em que fomos educadas emocionalmente para colocar o prazer na mão dos outros, especialmente do parceiro sexual homem.

**Figura 19 - Cartaz feito por Thais Yoshioka para o cinerica**



Fonte: Arquivo pessoal arte de Thais Yoshioka, 2017.

### 6.21 (21º dia) Cine OVNI - Performáticas

Mais um evento que participei como expectadora no antes mencionado Espaço OVNI foi o Cine OVNI- Performáticas. Cheguei no bar sozinha e com aquela sensação de ter poucos amigos ali. As pessoas que conhecia e esperava encontrar ainda não tinham chegado, Gil e Aquenda basicamente, ligadas ao Coletivo Coiote e o Monstruosxs. Gravei alguns áudios para

mim mesma durante o evento, curtos e tímidos porque me sentia um pouco como uma pesquisadora “impostora” ou inconveniente.

O cenário estava sendo montado na parte de trás do bar, no quintal, onde tinha mais espaço, mas as projeções mesmo estavam sendo exibidas numa parede relativamente pequena, de forma que só as pessoas que estavam mais próximas conseguiam ver e ouvir bem. Tive vergonha de me aproximar mais e me sentar no chão junto com outras pessoas que estavam aglomeradas, juntas umas das outras assistindo. Sentei num batente da escada um pouco afastada. As pessoas que iam chegando, num clima intimista, se cumprimentavam e se sentavam juntas. Devo ter falado com duas ou três pessoas que conhecia um pouco e fiquei quieta assistindo.

O espaço foi sendo ocupado até que algumas pessoas também começaram a sentar perto da escada onde eu estava, um pouco distante da projeção. Como comentei sobre o espaço OVNI – localizado entre Dois Irmão e Sítio dos Pintos, assim como os eventos que fazem parte dessa rede dissidente e pós-pornográfica em Recife, são territórios de espaço e convivência com uma decisão política periférica. Quero dizer, feito por e para pessoas da periferia. Entendo aqui o sentido periférico como um grande espectro de corpos dissidentes de gênero e sexo, binárias e não binárias, descapacitadas por alguma diferença física e-ou funcional, além das negritudes afro-indígenas que estão presentes não apenas em fenótipos corporais, mas na preservação de práticas e saberes ancestrais e ao mesmo tempo locais que passam pelas práticas religiosas, pela música, pelas criações artísticas, pela alimentação e obviamente pelas práticas de consumo.

Digo estas coisas para mim mesma naquele áudio em 2017 e no sentido de localizar-me como esta pesquisadora “fora do meio”. Entre um áudio e outro, um cigarro e um baseado que conheci Carol Marin. Uma mulher aparentemente cis, também sozinha, branca e talvez um pouco mais velha que eu. De alguma maneira o ambiente do evento tinha uma atmosfera mais jovem, pessoas com menos de trinta e pinta de artista. Iniciamos a conversa porque não conseguíamos escutar perfeitamente o áudio das projeções. Eu não conhecia muita gente e perguntei se ela também tinha ido por interesse no tema. Carol estava professora de Filosofia na UFRPE e se apresentou também como performer e dançarina, além de estudiosa das epistemologias feministas.

Conversamos um pouco sobre nossos vínculos com a Universidade e comentei um pouco sobre minha pesquisa de modo geral e que por ser uma espécie de cartografia eu tinha

como objetivo experimentar minhas percepções e meu corpo naqueles espaços. Compartilhei também sobre as aulas de dança contemporânea que fazia pouco mais de um ano e como a dança juntos com o tema das performances pós-pornográficas tinham aberto pra mim um campo desconhecido de artistas e participação em eventos. Comentei que adoraria experimentar meu corpo em um ato mais público e performático, mas não tinha essa pretensão. Lembro de algumas de suas palavras que me serviram de estímulo: Fernanda, nem toda performance precisa ser executada por dançarinas e atrizes e imagino que no campo das dissidências sexuais nem toda performance tenha que parecer com as do Coletivo Coiote, com sangue e tudo o mais.

Naquela noite germinei uma sementinha sobre me colocar publicamente, em de alguma forma macular meu corpo em um experimento-performance amador<sup>22</sup>.

**Figura 20 - Cartaz divulgação do evento Cine Ovni**



Fonte: evento do Facebook, 2017.

## 6.22 (22º dia) Infecciosxs festas

A festas organizadas no Recife sob o comando e curadoria das Infecciosxs merecem serem lembradas e descritas neste meu processo pós-pornográfico. Antes de viajar a Barcelona participei de duas edições: Infecciosxs – Check in da abdução e Infecciosxs – 3 anos, com a participação de Linn da Quebrada.

Quem vai em uma das festas da Infecciosxs não sai ileso. As festas sempre contam com um elemento performático, de afetar as percepções. Ou talvez porque quem chega nela já esteja com a percepção alterada. As festas ocorreram em espaços localizados no centro do Recife.

<sup>22</sup> Ver esboço de roteiro em Apêndice 1.

A “Infecciosxs” é uma festa, mas não só! Em suas redes sociais se denominam publicamente como “um mix de mutação, hibridismo, trans-formação, transtorno, colocação e aventura”<sup>23</sup>. A coletiva existe desde 2014, atualmente contando com quatro pessoas ativas organicamente. A maioria das pessoas que compõem a coletiva atuam em vários campos das artes: performances, música, visual, etc.

O Infecciosxs – 3 anos foi dos eventos realizados pelo coletivo com maior número de público. As pessoas fizeram fila na entrada e pouco a pouco entravam no “inferninho” subsolo da galeria arvoredo. A festa neste dia contava com um público de gente preta, jovem e colorida. Roupas extravagantes, maquiagem estilo “drag”, que variavam entre um estilo gótico sombrio a um tropical queer com direito a parafernalias ornamentarias nas cabeças. Eu e o bonde sapatão, amigas da psicologia e da vida lamentávamos não termos nos “montado” de forma mais apropriada. De toda forma, era um ambiente de muitas pessoas conhecidas da cena queer e LGBT, que aqui no Recife se cruzam e nem sempre se distinguem, ainda que dissidiam em muitos aspectos.

Entramos tarde da madrugada na festa e a música todo o tempo foi pra “quebrar a bunda”! Funk estilo carioca, funks estadunidenses anos 70, afrobeats, brega funk pernambucano, intercalada de muita música eletrônica estilo “bate cabelo”. No meio do rolê, entre uma balinha e outra, conversas ficam mais densas do que o esperado. Uma bicha branca me pergunta se é verdade que a coletiva se chama “infecciosas” porque faz parte do estilo de vida “dessa galera” transar sem camisinha “bareback” e não estar nem aí pros possíveis contágios de infecções.

Por um momento eu imaginei a possibilidade desse posicionamento político, ainda que seja muito delicado para fazer uma longa discussão aqui, mas é uma realidade que existem comunidades sexuais que fazem uma crítica radical ao controle dos corpos em nome de uma “sexualidade saudável” e um controle higienista dos corpos. Depois entendi a “confusão” da bicha mais como uma transfobia e racismo velado. Visto que a branquela estava perdida naquele ambiente que desafiava as festinhas “the week” que ela estava acostumada a frequentar.

Foi pouco antes do show de Linn da Quebrada que pude conversar com uma das pessoas que estava na festa, que também é performer e DJ. Ela contou como a situação familiar dela era difícil com os pais por ela ser trans (nenhuma novidade) e uma série de

---

<sup>23</sup> [https://web.facebook.com/infecciosxs?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/infecciosxs?_rdc=1&_rdr), acesso em 20 de dezembro de 2020.

detalhes. Isso mobilizou algumas conversas paralelas comigo e Aida sobre o nosso espaço clínico Entrelaços e nosso programa para atender pessoas em vulnerabilidades físicas e financeiras. Até aquele momento eu não entendia bem como os meus mundos profissionais se cruzariam, até entender que as pessoas dissidentes sexuais estão em sofrimento e este sofrimento não estava em primeira instância relacionado às disforias corporais, mas sim ao descompasso em um mundo cisheterocentrado.

Quem escuta “bicha preta” de Linn da Quebrada entende o caminhos da revolução que germinan micropolíticamente. Para além da reação combativa a que se propõe, sua performance é uma ação direta nos corpos que imprime a abertura de novos códigos para o existir. A experiência de uma festa infecciosas é mais do que um “fora-do-sujeito”, um consumo cultural, ao menos pra mim estes momentos configuraram aquilo que Suely Rolnik (2019) chamou de potencialização do “saber-do corpo”.

Bicha estranha, louca, preta, da favela / Quando ela tá passando todos riem da cara dela / Mas, se liga macho / Presta muita atenção / Senta e observa a tua destruição / Que eu sou uma bicha, louca, preta, favelada / Quando eu vou passar e ninguém mais vai dar risada / Se tu for esperto, pode logo perceber / Que eu já não tô pra brincadeira  
 Eu vou botar é pra foder / Bicha preTRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ / Bicha preTRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ / Bicha preTRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ / Bicha preTRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ / Ques bicha estranha, ensandecida / Arrombada, pervertida / Elas tomba, fecha, causa  
 Elas é muita lacação / Mas daqui eu não tô te ouvindo, boy / Eu vou descer até o chão / Sempre borrarheira com um quê de chinérela / Eu saio de salto alto / Maquiada na favela / Mas que pena, só agora viu, que bela aberração? / É muito tarde, macho alfa / Eu não sou pro teu bico / Não.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> BIXA preta. Intérprete: Linn da Quebrada. Compositora: Linn da Quebrada. In: Bixa Preta Single. Intérprete: Linn da Quebrada. [S. l.]: Brasil, 2017. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/1J0q2DZJ8TVGQzwwb3vInA>, Acesso em 23 de novembro de 2022.

**Figura 21- Foto publicada no evento do Facebook “Infecciosxs convida Linn da Quebrada”**



Fonte: Evento no Facebook / foto de Haroldo Castro Alves, 2018.

**Figura 22 - Foto publicada no evento do Facebook “Infecciosxs convida Linn da Quebrada”**



Fonte: Evento no Facebook de Haroldo Castro Alves, 2018.

### **6.23 (23º dia) Viagem à Barcelona**

Em setembro de 2018 viajei para Barcelona. Depois de mais de um ano me programando e pensando na possibilidade de ter uma bolsa sanduiche, articulei essa “pasantia” pela Universidade Autônoma de Barcelona. Benedito que já havia feito um pós-doutorado na mesma universidade, nutria amizade com os colegas pesquisadores do Fic (Fractalidades em Investigación Crítica) coordenado pela professora Marisela Montenegro e Joan Pujol. Simultaneamente me conectei com o Laicos, coordenado pelo professor Lupicínio Igiñes. Reconhecidos no campo da Psicologia Social construcionista e nas epistemologias e metodologias feministas, tive grandes aliadas na construção da pesquisa.

O tema das pornografias dissidentes ou o pós-pornô a la brasileira me abriram portas e interesse. Pessoas importantes desta cena artística e acadêmica estavam na cidade ou passaram por ela. O professor Joan Pujol é também parte do coletivo Post-OP, Lucía Engaña também faz parte do grupo do FIC e defendeu sua tese sob a coorientação da professora Marisella, Lucas Platero que tem um livro importante sobre transfeminismos em que relaciona com algumas atividades pós-pornô em Barcelona também integra o FIC. Parcerias que me estimularam bastante, mas que ao mesmo tempo me fazia sentir pouco autorizada por falar em nome do que acontecia aqui no Brasil. Especialmente por se tratarem de movimentos em consonância, mas na minha percepção, bastante distintos, ao ponto de não reconhecer as similaridades.

A professora Marisela gentilmente me convidou a participar das Aulas do Master em Investigação e Intervenção Psicossocial como ouvinte e possivelmente com alguma contribuição como pesquisadora no Brasil. Destas aulas, duas foram marcantes para minha pesquisa. Uma delas foi a do professor Lucas Platero que logo no momento inicial de apresentação pediu para que as alunas apresentassem a si mesmo e seu tema de pesquisa a partir de algum objeto que tivesse a seu alcance.

Para minha sorte e para ratificar o argumento do professor de que as produções de conhecimento são atravessadas por condições materiais e interpretativas, eu estava com meu vibrador “rabbit” na mochila. Falei do meu interesse na pós-pornografia barceloneta e nas pornografias dissidentes no Brasil. O vibrador estava diretamente relacionado à noção de sexualidade para além dos órgãos genitais e sobre prazeres em corpos virtuais e protéticos.

Num outro momento, professor Joana pediu que fizéssemos duplas para desenvolver conceitos que estivessem ligados às nossas pesquisas. Me reuni com a querida Samantha, parceira amorosa e intelectual para estudarmos um pouco do manifesto contassexual de Paul Preciado (2017).

#### **6.24 (24º dia) “Ca la Dona e Bollos em teoria”**

Tive a sorte de morar em Barcelona com quatro mulheres alternadamente, que se tornaram companheiras de vida e de aprendizados. Também doutorandas na Psicologia Social e Na Psicologia da Educação, Núria, Jaque, Nati e por último Fabi foram importantíssimas para minha jornada. Logo nas primeiras semanas de minha chegada fui convidada por Núria a participar de um grupo de estudos chamado “bollos en teoria” (teoria sapatão, numa tradução livre) proposto pelo coletivo “Cala Dona”<sup>25</sup> e realizado em sua sede no bairro gótico.

“Ca la Dona” é uma instituição feminista catalã que existe há mais de 30 anos. Minhas primeiras impressões não poderiam ser mais deslumbradas. Primeiro sobre o espaço físico que me pareceu muito bonito e aconchegante. Uma construção histórica de pedras por fora e bem reformada por dentro. Eram três andares de uns 100m<sup>2</sup>. Núria me contou que durante anos alugaram o primeiro andar, mas que nos últimos anos os três andares eram cedidos pela prefeitura. O primeiro andar era composto só por estantes com livros, numa biblioteca de pequeno porte, onde os livros eram doados em sua maioria pelas associadas.

Em seguida, para minha surpresa num sábado de manhã, havia bastante gente, mais de vinte mulheres reunidas em círculo no meio da biblioteca. Elas conversavam tudo em catalão e foram muito simpáticas com a minha chegada e apresentação. Não sei como descrever a sensação de me sentir acolhida e “em casa”. A maioria das mulheres tinham a idade da minha mãe ou até mais velhas. Elas pareciam mesmo a minha mãe e as nossas amigas sapatões do Recife. Eu não entendia nada do que estava sendo dito em catalão, mas as piadas internas pareciam as mesmas. Estilo “butch”, “marimacho”, “caminhoneira”, “lesbian chic”, “sangue azul”, “bollera”, nos reconhecemos num minuto.

Para adicionar mais uma camada de surpresas interessantes, o texto que estava sendo discutido naquele dia era de Diana Pornoterrorista. Opa! É por aqui... Me senti eufórica em encontrar aquelas mulheres! O texto discutia a ejaculação e um órgão equivalente a próstata nos corpos com vagina. Eu não conhecia esse texto em particular e também não compreendi bem a discussão em catalão. A discussão passou pelo autoconhecimento através da

<sup>25</sup> <http://caladona.org/historia/>, acesso em 20 de dezembro de 2022.

masturbação e findou com o tema da saúde sexual das mulheres com vagina alí presentes. Compartilhamos sobre infecções urinárias, candidíase, exames de prevenção do colo do útero e todo tipo de violência obstétrica.

As infecções urinárias e a candidíase me acompanham quase em um diagnóstico de doença crônica. Neste exato momento estou escrevendo e com as dores da terceira infecção urinária do ano. Já fiz parte de diversos grupos de discussão feminista em Recife nos últimos anos, inclusive sobre ginecologia natural e autônoma, mas raras vezes compartilhamos destes incômodos relacionados com um sistema médico patriarcal como foi feito por aquele grupo que naquele dia contava com a presença de duas médicas ginecologistas.

O grupo de “Bollos” se tornou parte da minha rede de amizade durante todo o período que vivi em Barcelona. Pouco antes de retornar ao Brasil tive o prazer de ser convidada como palestrante para falar dos avanços fascistas e a situação atual dos feminismos no Brasil durante um programa de formação feminista de verão realizado por Ca la Dona.

### **6.25 (25º dia) “Can Mas Deu” uma ocupa rural e “Mariposa Power III- Eropic” o primeiro evento pós-porno em Barcelona**

Com a obviedade que cabe nesta declaração, eu cheguei em Barcelona com muitas expectativas. Expectativas relacionadas à pesquisa, ao meu campo de investigação Queer ou Kuir ao campo específico das pós-pornografias. Cidade que foi palco e território para eventos como a Maratona Pós-Pornô coordenado por Paul Preciado em 2003, A mostra Marrana, alimentou coletivos como Pós-OP, Quimera Rosa e nomes como Diana, a pornoterrorista, não poderia deixar de despertar borboletas na barriga e na cabeça. Assim como nessa tese, o tema de pesquisa e a e a minha vida íntima se cruzam e se afetam mutuamente.

Barcelona tem uma tradição muito curiosa de “okupas”, que são fruto dos movimentos sociais por direito à moradia, a partir da ocupação de espaços desabitados, seja para cultivo, abrigo ou realização de atividades culturais e políticas. Lá as ocupações se assemelham aos “squats” ingleses e holandeses, com uma marca política inclinada ao anarquismo e a autogestão que surgiu por volta dos anos 70 e 80 nas grandes cidades como denúncia ao acúmulo de riquezas, à noção de propriedade privada e às necessidades reais de moradia para as pessoas que migravam dos espaços rurais ou ainda para pessoas refugiadas. Vez ou outra tentamos encontrar alguma equiparação com o que acontece nas favelas do Brasil ou ainda o MST e MTST. Mas, com o devido respeito a potência de cada movimento, não me parecem semelhantes em quase nada.

A primeira ocupação que conheci na cidade foi a “Can MasDeu” que fica no alto de uma colina e um pouco fora de Barcelona mesmo. Aberta aos domingos para o público que queira almoçar uma comida vegana saborosa, seguido de diversas atividades culturais, geralmente com alguma atração musical. A história do espaço que se mantém autogestionado e com diversas atividades relacionadas à ecologia é bem interessante. Nesta primeira visita um dos guias explicava como faziam para aproveitar todos os recursos naturais de todo o espaço, que além de ser composto por um prédio que foi um convento e posteriormente um hospital para pessoas com lepra, os antigos confinamentos chamados de “leproseria”. Contaram que fazia mais de cinquenta anos que o edifício estava abandonado, talvez inclusive devesse ao estigma da lepra.

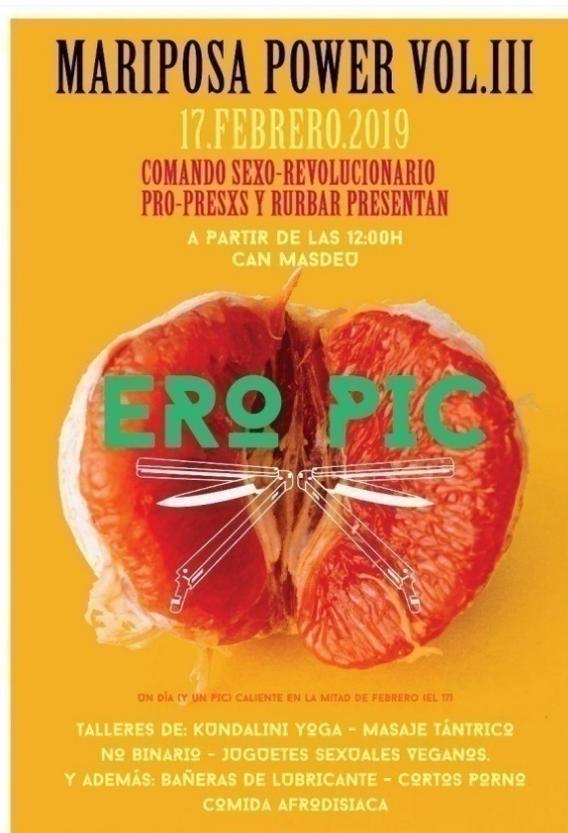
Neste primeiro domingo que visitei o espaço fui a convite de dois amigos catalães. Era inverno, fazia frio, mas mesmo assim comemos e bebemos ao ar livre. Posteriormente assistimos um filme em catalão, exibido no espaço fechado chamado “enfemme”. O documentário tratava do cotidiano e da sexualidade de mulheres trans, travestis e pessoas crossdressers que se viam mais como “gender fluid”, com relatos históricos de pessoas que viveram no contexto da ditadura franquista até os dias atuais na cidade de Barcelona. O filme foi exibido em catalão sem legendas, o que complica minha memória e minha compreensão total. Mas lembro de anotar o nome do documentário e ter a sensação que estava numa encruzilhada importante para o campo-tema da pesquisa.

Para enriquecer de detalhes este primeiro momento que a princípio não teria nenhuma relação com a tese, utilizei o recurso de enviar áudios com perguntas sobre “Can Mas Deu” para Sergi e Santana, os amigos que me acompanhavam naquele dia e que são cidadãos catalães. Me lembraram que naquela noite havia uma dupla de músicos do Curdistão tocando uma música eletrônica muito particular, numa mescla com o que me parecia música árabe ou balcânica. Ao mesmo tempo o ambiente era muito tranquilo com a presença de crianças que dançavam no salão.

Simultaneamente comemos várias delícias veganas e vegetarianas: quiche de alho poró, empanadas de vegetais e cogumelos, bolo de chocolate com calda de morango, uma tortinha de maçã com amêndoas, chá de hibisco e suco de pêssego e uva naturais. Me lembro de cada sabor porque comi todos os lanches que estavam à venda. Durante a apresentação comprei alguns livros e zines que estavam à venda

Minha segunda visita a “Can Mas Deu” foi para participar do Festival “Mariposa Power vol III - Eropic”. Um evento realizado em parceria com algumas pessoas da cena “queer” e pós-pornográfica na cidade. Considerei esse o primeiro evento que poderia oficialmente fazer parte da pesquisa. O convite chegou pelo grupo de “telegram” do FIC, divulgado por Lucía Egaña, que fez uma seleção de vídeos pós-pornográficos para exibição no evento.

**Figura 23 - Cartaz divulgação do evento “Mariposa Power III Eropic”**



Fonte: arquivo pessoal, cartaz divulgação.

Me inscrevi para todos os workshops e atividades ofertadas com inscrição: curso introdutório à massagem tântrica; curso para fabricação de brinquedos eróticos veganos e banho de banheira com lubrificante. Além dos cursos, a exibição dos filmes com os comentários de Lucía e algumas diretoras que estavam presentes.

Fomos eu e Núria, minha companheira de apartamento preparadas para as atividades do tantra massagem. Toalha, óleo corporal, uma roupa confortável e nossas respectivas parceiras para realizar a prática. Chegamos e recebemos as primeiras instruções, mas tivemos que descer a colina para buscar nossas parceiras de moto que se atrasaram um pouco. No final

das contas perdemos a parte técnica da massagem porque não permitiam entrar com as práticas já iniciadas.

Naquelas primeiras instruções algumas partes merecem ser destacadas: O tantra é sobre o prazer e a conexão entre pessoas, para além do prazer sexual propriamente dito, para além da excitação genital. É uma prática de ativação dos sentidos mais delicados e de conexão para além dos corpos, que pode envolver os pensamentos, a intensão e o espírito. A massagem tântrica envolvia uma série de técnicas que compreendem a sexualidade de forma ampla, que começam pela respiração, passam por estímulos muito suaves que podem surtir leves córsegas e podem seguir até uma estimulação genital propriamente. Estas são minhas lembranças daquela breve conversa, o que pode não refletir estudos mais adequados sobre o tantra.

Almoçamos um arroz estilo “paella” vegano, com lentilhas e almondegas de grão de bico com soja. O molho de tomate das almôndegas tinha um sabor indescritível! Comemos morangos com chocolate meio amargo de sobremesa enquanto escutávamos a conversa alheia sobre a massagem tântrica. Algumas pessoas debatiam de forma crítica os aspectos da “energia masculina” e “energia feminina” mencionadas na literatura tantra. Em que medida as pessoas transexuais e não binárias poderiam se localizar nesse debate aparentemente biologicista que atribui o gênero das pessoas ao seu órgão genital biológico. Existiria uma discussão “tantra queer”? Se não, parece uma conexão muito interessante a se fazer na medida em que por um lado descolar o prazer sexual dos genitais e até mesmo a possibilidade de ter um orgasmo sem se tocar a partir de práticas meditativas parece seguir em uma direção, por outro marcar o masculino e o feminino a partir de órgãos genitais segue em direção contrária.

Seguimos para a segunda atividade que foi a produção de brinquedos eróticos veganos. Neste mini curso, devido a pouca disponibilidade de tempo, o proponente decidiu elaborar apenas o “flogger”. Usamos como material básico câmaras de pneu de bicicleta, varetas de madeira, fita isolante preta, daquelas usadas com eletricidade e tachinhas metálicas para finalização estética. O “flogger” para quem não sabe é aquele objeto que parece um chicote, geralmente confeccionado em couro e utilizado nas práticas BDSM. Começamos cortando as câmaras de bicicleta em tiras finas. Não tinha material para todo mundo, então propus fazer uma adaptação utilizando um tecido de algodão que havia levado para a prática de massagem tântrica. Argumentei que o resultado não seria um objeto para açoitar e sim para acariciar e fazer córsegas. O facilitador gostou da ideia, uma vez que nas práticas BDSM

também existiam objetos como penas de animais para estimular. Assim que minha versão cumpria o objetivo de confeccionar objetos veganos.

**Figura 24 - Produção de “floggers” com borracha de bicicleta**



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Em seguida fomos a uma sala escura para assistir as projeções. Lucía Egaña anunciava cada filme e comentava com algumas informações como direção, coletivo realizador, nacionalidade e uma curiosidade ou outra.

#### **6.26 (26º dia)- Instituto de Estudios del Porno: primeiro dia**

Nos últimos três meses que morei em Barcelona participei de uma formação no “Instituto de Estudios del Porno”. Recebi o convite também pela rede do FIC, através de Lucía Egaña que também é parte da equipe de artistas proponentes da formação e residentes do espaço Hangar. O curso completo teve duração de seis meses e contava com um grupo de estudos mensal, além de oficinas temáticas e práticas com Lucía, OnaBros, Francesc Ruiz e algumas convidadas pontuais. O grupo de estudos era aberto e ofertado gratuitamente. Os cursos custavam cada módulo 20 euros ou os três módulos 50 euros. Valores relativamente acessíveis para o custo de vida na cidade.

O primeiro encontro, aberto a todos, foi de apresentação, leitura e discussão de cinco manifestos pós-pornográficos citados no primeiro capítulo da tese. Vou relatar um pouco de nossa apresentação e das pessoas que estavam presentes. Éramos entre vinte e vinte e cinco

peessoas numa sala enorme, em redor de uma mesa igualmente grande. Lucía nos solicitou que nos apresentássemos em um minuto a partir de sua primeira relação com a pornografia. Metade das pessoas eram profissionais do cinema ou da arte em geral. A outra metade eram pessoas interessadas em pesquisar ou conversar sobre pornografia de forma geral. Eu diria que quase cem por cento das pessoas se declarou sexo dissidente. Me chamou a atenção, em minhas primeiras impressões, a pessoa de Hector que é curador do Festival Pornífero do Peru, também citado anteriormente. Além dele uma atriz pornô italiana chamada Unna, que reconheci de algum filme de Erika Lust ou do Queer Porn.

Não tive muito tempo para pensar então contei dos primeiros pornôs que assistia na adolescência evangélica. Na tentativa de convencer-me de que o que eu via não era pornô, buscava vídeos de pessoas que faziam e recebiam massagens, untadas em óleo e que culminavam em uma cena de sexo ou masturbação, geralmente entre casais de pessoas cis e heterossexuais. Nos divertimos com os relatos uma das outras.

### **6.27 (27º dia) Instituto de Estudios del Porno: segundo dia**

O próximo módulo da formação no Instituto de Estudios del Porno foi uma espécie de workshop mais vivencial que tivemos com Oma que durou três dias. Grávida de cinco meses e reconhecida por seu trabalho em algumas produtoras de pornô feminista ou pornô queer em Barcelona, ela iniciou a atividade com uma sessão de relaxamento, respiração e meditação. Neste encontro éramos bem menos em número, umas dez ou doze pessoas. Eu que estava com receio de ser alguém “fora do meio”, porque várias pessoas apresentaram trabalhos audiovisuais próprios, fui me sentindo mais confortável com o processo.

Após o momento de meditação, entramos numa das salas do galpão Hangar e lá tinham espalhadas no chão várias tags do pornô. Algumas conhecidas como “amateur”, “bigtits”, “milf”, “anal”, mas a maioria eram bem desconhecidas pra mim. Passeamos por aqueles inúmeros papéis pelo chão, olhando e comentando os que não conhecíamos. Perguntamos umas às outras, procuramos no google e nos divertimos com os sem número de esquisitices que aquelas tags significavam, grande parte eram siglas de denominações em inglês. Selecionamos três ou quatro para compor nossas próprias cenas e criar as nossas próprias tags a partir de um cola e recorta daquelas que estavam espalhadas. Os resultados foram originais e muito divertidos.

No segundo dia fizemos uma rodada de apresentação pessoal a partir de duas provocações: Aquilo que você mais gosta no pornô e aquilo que você não suporta.

Encontramos uma certa dificuldade em dizer o que realmente gostamos, porque já estávamos saturadas de quase tudo no pornô mainstream e cada dia ficava mais difícil ter uma experiência excitante. Sobre o que nos causa repulsa. Encontramos pontos em comum como nas cenas de violência extrema, especialmente no que diz respeito a estupros. Pessoalmente, esse é o tipo de “role play” que não suporto ver. Além de sangue e excrementos que também foram apontados por algumas pessoas.

No exercício seguinte recebemos a orientação de pensar um cenário para uma cena sexual, a partir de um exercício de respiração e mentalização com os olhos fechados e deitadas no chão da sala escura. A ideia era pensar nesse cenário nos seus mínimos detalhes: território, clima, objetos presentes, etc. Seja um cenário conhecido ou algo da ordem do absurdo. Minha imaginação me levou ao meu quarto na casa da minha vó, em candeias, onde morei toda minha adolescência. Alí vivi minhas primeiras experiências sexuais de forma “proibida” e escondida da minha vó. Em seguida Oma distribuiu papel e lápis e pediu que desenhassemos o cenário, com o melhor detalhamento gráfico possível. Desenhamos e em seguida explicamos nossos desenhos ao grupo. Cada pessoa fez sua viagem pessoal por países diferentes e contextos diversos. Um quarto com cortinas na Toscana e uma pedra de mármore bem chique; Uma banheira com tentáculos pegajosos dentro; uma pirâmide de vidro transparente com plantas... Essas são minhas anotações sobre o que aconteceu naquele dia. Não me sentia a vontade para fotografar e nenhuma das pessoas fotografava (ao menos explicitamente) nenhum dos momentos.

No terceiro dia começamos assistindo alguns estilos de pornô tradicional no pornhub e xvideos. Vimos pornô em anime, pornô hetero cis, pornô hetero com uma das pessoas trans, pornô gay com homens cis com um pouco de bdsm, pornô lésbico de mulheres cis. Para cada vídeo nos foi solicitado a desenhar um gráfico simultaneamente a cada visualização sobre o nível de excitação com o passar do tempo. Ou seja, uma espécie de curva excitacional - tesão x tempo. No final compartilhamos nossos gráficos que resultaram um tanto confusos e como sempre muito divertidos.

Tivemos uma convidada profissional do sexo que trabalhava atuando em filmes pornô, como cam girl e também com prostituição. A ideia era discutir a autonomia das profissionais do sexo nestas funções. Não pudemos deixar de comentar sobre o forte movimento “proibicionista” na Espanha, que nesse contexto diz respeito a uma ala de feministas e conservadores que são contra a legalização da prostituição.

Parece óbvio, mas basta conversar com uma trabalhadora sexual realmente que a imagem fantasiosa de que seriam mulheres subordinadas se desfaz na primeira impressão. Dada as experiências de cada contexto de vulnerabilidade, de raça e nacionalidade, não víamos razão para que as trabalhadoras sexuais permanecessem no campo da criminalidade. A não ser em casos que se confundem com o trabalho sexual autônomo que são os casos de cafetinagem e exploração sexual, muitas vezes promovido pelo tráfico de pessoas análogas à situação de escravização. Situações essas que não são apropriadamente investigadas, inclusive pela situação nublada legalmente em que se encontram as trabalhadoras sexuais.

Vale lembrar aqui que esta não foi uma conversa sobre leis e com especialistas em direito internacional. Foi uma conversa com a presença de pessoas que trabalham na indústria do sexo e desejam continuar trabalhando nela. Wanessa fez uma fala bastante crítica sobre as “radfem” anti pornografia e proibicionistas em relação à legalização da prostituição. Questionar a autonomia dela ou até mesmo seu poder de “agência” sobre o próprio corpo era uma afronta arrogante vinda de burguesas conservadoras. Porque elas não lembram que vendem seus corpos 40h semanais para empresas? Porque elas não lutam contra o casamento então, que faz dos seus corpos propriedade privada de seus maridos?

### **6.28 (28º dia) - Instituto de Estudios del Porno: terceiro dia**

Terminamos aquele módulo com a proposta de unir as três atividades realizadas coletivamente. Elegemos um dos cenários imaginados, três tags e um dos gráficos de excitabilidade para compor um roteiro para um possível filme autoral. No âmbito das ideias, claro! Mas, porque não fazer acontecer?!

Naquele dia saímos para tomar cerveja antes de voltarmos para nossas casas. Eu e Ariel morávamos perto uma da outra, quase sempre voltávamos caminhando e conversando. Nesse eu dia eu me despedi com uma proposta arriscada: Ariel, eu acho que tenho um roteiro para um mini pornô autoral. Tu toparia me ajudar a pensar em como fazê-lo? A resposta foi mais entusiasmada do que esperava. Ariel que já tinha participado de algumas produções audiovisuais pornôs e pós-pornôs compartilhava comigo de um portunhol, mas com um sotaque franco-inglês inconfundível. Ela transeunte do mundo, havia terminado a pouco tempo um mestrado na Califórnia na área das artes visuais, estava em Barcelona a pouco tempo e portanto aberta a novos projetos e amizades. Nos encontramos algumas vezes para conversar sobre esse “roteiro”, mas nunca tocávamos no assunto realmente e acabávamos tomando cerveja e nos envolvendo em outras atividades de nosso interesse.

Um desses dias ela me convidou a ir num encontro das “hitchinbichesben”. Era um grupo não misto, só para mulheres cis e trans que se encontrava para praticar shibari, ou seja uma “jam de cuerdas” para atar e ser atada. Nós já havíamos conversado sobre nosso interesse em comum na cultura BDSM como um todo e sobre nossas primeiras aproximações com o shibari. Passamos a comprar algumas cordas antes e depois seguimos para o encontro, mesmo sem conhecer ninguém do grupo.

Chegamos no local marcado e encontramos um espaço relativamente pequeno, com um chão antiderrapante como aqueles adaptados para dança e com vigas de madeira no teto que davam suporte para os ganchos de sustentação utilizados para suspensão com cordas ou ainda outras práticas circenses como a lira. Fizemos uma rodada de apresentação e percebemos que o grupo já se conhecia. Éramos umas dez ou doze mulheres. Depois da apresentação entendemos que havia uma pessoa que era a organizadora e professora de shibari, com alguma experiência em práticas BDSM. A proposta inicial era compartilhar conhecimentos simples de dominação e submissão antes de começar a prática de amarração.

Uma das meninas se apresentou como lutadora de jiu-jitsu e se propôs a ensinar-nos dois golpes “simples” que poderiam ser utilizados para imobilizar a parceira. A primeira manobra era uma “chave de braço” que poderia ser usada como autodefesa em uma situação de agressão também. A primeira pessoa tenta bater no rosto da outra ou apontar o dedo e numa manobra com os dois braços a segunda pessoa imobiliza a primeira ficando por trás dela e ajoelhando ela no chão. Praticamos uma com a outra, eu e Ariel, mas um pouco receosas de machucar-nos. Confesso que sem a prática não conseguiria reproduzir a manobra novamente. Depois disso, a mesma atleta do jiu-jitsu nos ensinou uma manobra de corpo inteiro com o objetivo de carregar a outra pessoa nas costas. Existe uma técnica de agachamento que permite carregar uma pessoa, até maior que seu próprio peso, atravessada nas costas, de maneira que as pernas ficam num lado do ombro e a cabeça do outro lado do ombro. Essa técnica foi um pouco mais difícil, mas que me gerou uma satisfação em conseguir executá-la.

A próxima manobra foi ensinada por outra garota que parecia ter alguma prática no universo BDSM. Primeiro derrubamos a pessoa por trás do joelho, mas segurando pelo troco de forma que ela não se machuque, mas que termine ajoelhada. Depois suspender a pessoa com dois dedos abaixo do queixo, pelo maxilar. É incrível como não machuca e é muito eficiente para comandar a pessoa.

A próxima manobra foi ensinada na roda pela professora de shibari que organiza o grupo. Com uma corda e um simples nó em um dos pulsos, ela atou uma das meninas e jogou uns 10 minutos com ela no meio da roda. Entre abraços, enlases e comandos de dominação, ela desenvolveu um manejo que envolvia agressividade e ternura.

Em seguida fizemos as duplas de atadoras e atadas. Naquele dia me coloquei como quem queria atar, mas posteriormente me arrependi e vou explicar. As meninas eram muito profissionais da amarração e da suspensão! Em meia hora eu estava tentando por em práticas os três tipos de amarração básica que eu sabia e elas já estavam atadas do tronco aos pés e suspensas de cabeça para baixo. Além de habilidosas com as cordas, elas eram habilidosas com o manejo da situação que envolvia comandos, tapas, sussurros no ouvido, cócegas pelo corpo e crises de risos.

Sáimos de lá super inspiradas! Finalmente conseguimos falar sobre o roteiro e naquele mesmo dia ela propôs que eu escrevesse ele. Alimentamos a ilusão de fazer ao menos uma sessão de fotos juntas, mas sabíamos que era quase impossível naquelas duas ultimas semanas que eu estaria em Barcelona, antes de voltar ao Brasil.

## **6.29 (29º dia) Oficina de Drag King**

Era primavera em Barcelona e como relatei, boa parte das minhas amigas locais e internacionais eram lésbicas ou de alguma maneira sexo dissidentes. Paola era uma delas com quem eu tinha conversas profundas e difíceis sobre sua autopercepção de gênero. Ou melhor, com o seu desconforto com o sexo que lhe foi assignado ao nascer. Paralelamente a se identificar perfeitamente como “bollera”, ela sentia que existiam formas de ser lésbica que eram mais palatáveis ao mundo e no campo das relações sexuais e românticas. “Detesto as roupas de mulher, Fê. Também prefiro as mulheres mais andrógenas, mas é tão complicado. As femininas gostam de mim porque sou mais masculina e eu gosto das mais masculinas que querem as meninas de saia”.

Paola me levou a quase todas as bibliotecas em Barcelona e insistiu para que ficasse numa fila enorme no frio para ver Judith Butler e Paul Preciado na primeira fila do CCCB. Eu agradeço a ela por ter insistido. Tinha até um dildo colorido que levou para ser autografado por Preciado (nesta parte não a acompanhei, mas ela teve sua foto e seu autógrafo). Bem, Paola tem um metro e meio de doçura e ingenuidade. Foi ela quem me convidou para o meu primeiro ateliê/oficina de “Drag King”.

A oficina aconteceu em um cinema desativado em que funcionava uma “ocupa” para eventos artísticos. Participamos oito mulheres de lugares diferentes. Aicineira parecia alguém familiarizada com o movimento das ocupas, o movimento feminista e “queer” local. Nos sentamos no chão em círculo e nos apresentamos. O primeiro comando da oficina era imaginar uma personalidade masculina para si mesma. Como age um homem? Como anda? Como e o que fala? A ideia era estereotipar um pouco ou bastante para acessar o “exagero” da masculinidade.

Criamos personagens. O meu era um “macho hippie”. Haviam os “punk raivosos”, “o ciumento”, “o dançarino de reggaeton”, “o grande mulherengo” e outros mais que não me vêm à memória. O próximo passo era encenar um sketch coletivamente.

O momento de transformação corporal contou com a colocação do “binder” para esconder os seios. Depois a produção de um pênis de algodão, com uma camisinha. E usá-lo dentro das calças. Posteriormente a escolha de roupas adequadas. E por último a produção de uma barba. Feita com picoteios de uma mecha de nossos cabelos e colada com cola para cílios postiços.

Finalizamos com um passeio pelo bar da esquina para ver como nos sentiríamos. As pessoas pensariam que estávamos fantasiadas? Seríamos identificadas como mulheres “marimachos”? Em última hipótese, sentiríamos um pouco do que as pessoas trans sofrem nas ruas? A princípio estava confiante com a experimentação. Em seguida, quando chegamos no bar onde só tinham homens me senti com medo. Me senti um pouco ridícula fantasiada de homem. Os sorrisos masculinos tão costumeiros nas minhas noitadas de bares não apareceram naquele dia. Era uma estranheza completa. Seguimos conversando normalmente já relaxando dos personagens (atos como impostar a voz e pegar no saco por exemplo). Voltamos ao cinema e trocamos nossas roupas para ir a casa. Penso que a melhor conclusão do experimento identificar a cisgenegidade como um absoluto delírio. As performances de gênero são um aparelho ortopédico daqueles de gesso e ferro que você veste e não gira nem o pescoço!

**Figura 25 - Foto da oficina Drag King em Barcelona**



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

**Figura 26 - Eu como João Pedro, ao final da oficina de Drag King.**



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

No grande amontoado de roupas velhas para doação que estavam na “ocupa” encontrei uma bandeirinha do Brasil perdida. Decidi que ela faria parte do meu “João Pedro” (como todo burguesinho brasileiro com nomes compostos bíblicos). Por um lado a bandeira justificava meu “portunhol”, por outro compôs minha “cena do crime”. Mijar na bandeira do Brasil constitui algum crime patriota? A nossa bandeira nos últimos anos (2018 e 2019) vem sendo utilizada como um nacionalismo fascista e conservador. Vestir-se de verde e amarelo fez parte da campanha de eleição de Bolsonaro e com ela uma política de extermínio das populações LGBTQIA, pretas e afroindígenas. O breve delito teve como pano de fundo o momento político em que vivemos.

### 6.30 (30º dia) Congresso *Geo Sex*

Nos meus últimos dias vivendo na Europa viajei a Praga para apresentar o projeto em andamento deste trabalho em meu primeiro evento internacional o EGSC – 5th European Geographies of Sexualities Conference. O evento é realizado bienalmente e teve sua última sede em Barcelona. Em Praga contou com a organização local do “Queer Geography” e da Associação Tcheca de Geografia. Ao me inscrever no evento, que tomei conhecimento pela rede de professores do FIC/UAB, algumas<sup>26</sup> sessões temáticas me interessaram particularmente: “Is queer geography feminist? A discussion of discipline, connections and boundaries”; “Transnational geographies of opposition to sexuality studies, gender, and women’s and lgbt rights: Hegemony or horizontal collaboration on the right?”; “Sexual and sexuality education – The manuals of love, sex and relationships to everybody”. Elenquei estas como as linhas que poderiam se relacionar com o meu trabalho.

Seria meu primeiro momento de entender melhor os estudos acadêmicos *queer* no continente Europeu, especialmente um aspecto que me chamou a atenção desde a minha chegada na Universidade Autònoma de Barcelona que é o uso quase indiferenciado do termo *queer* e as categorias identitárias LGBTQIA+. Ao ser selecionada, fui agrupada automaticamente com outros trabalhos que se autodenominavam descoloniais, ou que simplesmente falavam de um território fora do eixo hegemônico. Em um grupo de e-mails decidimos quem seriam as presidentes da mesa e qual título daríamos ao nosso grupo de trabalho. Sem muita fluência no inglês concordei com a proposta aprovada pela maioria: Decolonizing Locations.

<sup>26</sup> <https://2019.egsconference.com/index.php/call-for-sessions/#1552723839003-c4cc7dc0-4800>, acesso em 20 de dezembro 2022.

É importante dizer que as produções descoloniais da ciência não foram exatamente meu marco teórico de trabalho na graduação, no mestrado e inclusive nos dois primeiros anos do doutorado em que paguei todas as disciplinas e créditos do curso. Eu diria que foi a partir da rede de dissidência kuir que conheci em Recife que me aproximei deste marco teórico, mas sem visitar referências que entendi “tradicionais” e que fui reconhecendo no caminho e após a qualificação do meu trabalho.

No primeiro dia do evento em que apresentei meu trabalho, eu estava nervosa como nunca em ter que apresentá-lo em inglês (que aparentemente desaprendi depois de um ano falando castellano) com pesquisadoras do campo queer e descolonial. Pedi que eu fosse a última a apresentar, utilizei alguns slides, especialmente com fotos dos Festivais Monstruosxs, notas de jornal sobre o “golden shower da Paulista” e um “espanenglish” que não sabia que falava. Todas as pessoas tiveram 15 minutos para apresentar seus trabalhos e as perguntas foram feitas ao final de todas as falas, rigorosamente com corte de tempo. Eu falei em 20 minutos e estava claramente enrolada com a descrição da performance de Edilson Militão em que penetrava agulhas em suas unhas (*nails in to the nails*) e tratava do tema da saúde mental, violência e dissidência sexual em sua performance. Ao terminar sem interrupções, a coordenadora da mesa agradece meu esforço e disse que fazia parte de uma produção de conhecimento descolonial o processo deles em tentar compreender expressões locais de outras línguas que não fosse o inglês (apresentei uma explicação breve sobre o cinerica e o tupinikuir) e igualmente dar uma tolerância maior para que eu pudesse explicar-me.

Ao final de todas as apresentações confesso que não consegui entender completamente as outras colegas pesquisadoras. Elas falavam inglês perfeitamente e muito rápido. Duas perguntas foram feitas sobre o meu trabalho e na medida do possível tentei respondê-las. De certa forma, continuei tentando responder ao longo da escrita deste texto. A primeira foi mais ou menos assim: Entendemos que estes festivais e esse movimento que você apresentou de pornografias dissidentes e o pós-pornô parecem uma espécie de contracultura anarquista e underground. Em que medida esse movimento se conecta com os feminismos e os movimentos LGBTQIA+? A segunda pergunta foi mais incisiva: Vocês têm um presidente nefasto e fascista no poder, já percebi que seu trabalho cita umtwitter do Bolsonaro sobre uma performance na rua. Você posiciona o seu trabalho crítico a este governo e como forma de resistência política?

### 6.31 (31º dia) *Bolsoclash : o acontecimento golden shower*

Era março de 2019, o presidente Jair Bolsonaro entrou em uma polêmica na internet envolvendo artistas da rede de pornografias dissidentes. Durante o carnaval de São Paulo, no desfile do “Bloco” pelo centro da cidade, duas pessoas coreografaram uma cena desvairada em cima de um taxi. O ambiente era de irreverência carnavalesca protagonizada pelo público LGBTQI. Imagino que as performers não esperassem tamanha repercussão (inter) nacional. Paulx e Jeffe cantavam ao som de um funk que dizia “falei pra minha mãe que eu queria ser mulher”, metiam o dedo no próprio cu e em um momento uma delas urinou nas costas da outra.

O atual presidente Jair Bolsonaro utilizou a sua conta do twitter para, segundo ele, denunciar a depravação que o carnaval de rua havia se tornado. No twitt ele anexou parte do vídeo amador que de forma nublada permitia visualizar o momento da “chuva de prata” ou “Golden shower” encenado em cima do taxi. Ao receber críticas de todos os lados, tanto no sentido de questionar porque o presidente havia elegido (dentre tantas tradicionais e reconhecidas) essa manifestação de rua para representar o carnaval brasileiro. Quanto no sentido de ironizar quanto ao desconhecimento do presidente sobre uma prática sexual subversiva, mas relativamente conhecida que é o ato de urinar na parceira ou em frente dela. O presidente seguiu com o tema e twittou novamente a pergunta: “O que é Golden Shower?”

A resposta à repercussão nacional se transformou em um “Manifesto Golden Shower”<sup>27</sup>.

Justo um ano após o episódio, as protagonistas da performance lançam a plataforma de pornografia dissidente e conteúdo erótico desviante “EDiYPORN”<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/foi-ato-politico-nao-fervo-de-carnaval-diz-dupla-do-golden-shower-criticado-por-bolsonaro.shtml>, acesso em xx de xxxxxx de 20xx.

<sup>28</sup> <https://www.ediyporn.com/>, acesso em xx de xxxxxx de 20xx.

**Figura 27- Publicação no twitter de Jair Bolsonaro com imagem do vídeo da performance das criadoras do EDIY Porn durante o carnaval.**



Fonte: blog da ediy porn.

### 6.32 (32º dia) Trans.plant. de Quimera Rosa

Era minha despedida na cidade de Barcelona, com direito a feijoada (uma parte com carne de charque comprada em um mercado brasileiro e outra parte vegana com pedacinhos de coco e legumes) e caipirinha feitas por mim no apartamento que morei no bairro de Clot. No mesmo período havia uma exposição no CCCB intitulada FEMINISMOS – performances e acciones feministas, onde o coletivo Quimera Rosa faria uma apresentação de seu projeto “Trans.Plant”<sup>29</sup> justo naquela data, um dia antes de minha viagem de volta. Finalmente participaria de algum evento com algum dos coletivos pós-pornográficos que havia conhecido nas leituras para a revisão bibliográfica da tese.

A chamada para a performance era um tanto original e utilizava uma linguagem pouco comum sobre bio-hacking e tecnopolíticas que causou um estranhamento para a maior parte das convidadas. Éramos umas 30 pessoas de nacionalidades distintas. Boa parte brasileiras, outras tantas catalãs com uma pitada de colombianas, chilenas, venezuelanas, argentinas, italianas, francesas, espanholas e mexicanas. Insisti que fossemos juntas ao CCCB depois da

<sup>29</sup> <https://www.cccb.org/es/actividades/ficha/quimera-rosa/232164>, acesso em 20 de dezembro de 2022.

despedida a “la brasileña”. Enviei o link do evento e a descrição da performance que descrevia mais ou menos o que eram e o que pretendiam na performance:

Laboratorio de experimentación e investigación sobre identidades, cuerpo y tecnología, creado en Barcelona en 2008 y nómada desde 2014. Quimera Rosa se inspira de la noción de cibernética desarrollada por Donna Haraway, que los define como «quimeras, híbridos teorizados y fabricados de máquina y organismo». Desde una perspectiva transfeminista y postidentitaria, hacen del cuerpo una plataforma de intervención pública, con el fin de generar rupturas en la frontera entre lo público y lo privado. Conciben la sexualidad como una creación artística y tecnológica y buscan experimentar identidades híbridas que desdibujen las fronteras entre natural/artificial, normal/anormal, hombre/mujer, hetero/homo, humano/animal, animal/planta, arte/política, arte/ciencia, realidad/ficción<sup>30</sup>.

Algumas amigas me perguntavam o que que tinha de feminista nesta performance em específico porque a exposição que estava fixa no CCCB era mais tradicional e contava um pouco sobre a história dos feminismos pelo mundo (não comprei os ingressos para a exposição então não posso opinar sobre o recorte do material). Sugeri que fossemos ao evento e depois conversaríamos um pouco sobre as pós-pornografias e a conexão com o uso das tecnologias.

O evento era aberto e foi realizado num espaço pequeno para no máximo 500 pessoas no CCCB. Quando chegamos as cadeiras já estavam ocupadas, assim que decidimos sentar no chão. Cruzei com pessoas conhecidas do curso do “Instituto de Estudios del Porno” e percebi que minha amiga Ariel estava junto com as duas pessoas que coordenavam a performance. No palco (sem palanque, montado no chão) estavam expostas algumas parafernalias de vidro, daquelas que são típicas de um laboratório. Uma série de pipetas, condensadores e uma maca branca compunham o cenário. Ao mesmo tempo em que parecia um laboratório médico, as pessoas estavam sentadas no chão, em almofadas.

O Quimera Rosa é um projeto realizado por duas pessoas, Yan Rey/Quima e Cecília Puglia. Elas iniciaram o evento com uma pequena apresentação do Quimera Rosa e falaram um pouco sobre o trans.plant. Além disso anunciaram que realizaríamos alguns experimentos coletivamente e que necessitariam de nossa colaboração. Eu já conhecia a complexidade teórica do projeto, mas confesso que ficou muito difícil entender do que se tratava. Elas falavam baixo, tinham sotaques que passavam pelo francês ao catalão. Tive uma primeira impressão de que falavam entre si, para o grupo de pessoas amigas e artistas do mundo pós-pornô que estavam próximas e interagiam com piadas internas.

---

<sup>30</sup> Texto obtido no site <https://quimerarosa.net/?cat=13>, acesso em 20 de dezembro de 2022.

Anotei uma das primeiras frases que disseram e que me fez rir: “trabalhamos com arte ciência e tecnologia, mas diferente da Ciência, não temos compromisso nenhum com a verdade”.

Elas fizeram um paralelo com o primeiro animal criado em laboratório e patenteado Oncomouse™ - foi um rato geneticamente modificado para carregar o gene do câncer, a partir de um experimento-intervenção realizado com Yan, sujeito humano que teve clorofila injetada no seu corpo. Ele relatou brevemente como foi a experiência de ter clorofila durante um período de tempo circulando em suas veias. Relatou alguns mal estares físicos como fotosensibilidade e náuseas. O argumento residia em parte na lógica de transição de gênero (humano para planta) e na deshumanização de alguém que tem clorofila nas veias em lugar de sangue (ou parcialmente). Nada do que afirmo foi dito por elas, essas são conclusões que tive na apresentação e a partir de leituras prévias.

Foram apresentadas algumas fotos do experimento e do processo. O que volto a comentar, não soavam totalmente inteligíveis, minhas amigas brasileiras que o digam! A cada intervalo me perguntavam se não estavam entendendo pelo castellano ou porque era difícil compreender mesmo. Depois desta breve apresentação do projeto trans,plant, elas exibiram um curta realizado em parceria com o Post Op, outro coletivo que se autodenomina pós-pornô e conta com a colaboração de pessoas que conheci na Universidade Autònoma, como o professor Joan Pujol.

O filme OH-KAÑA<sup>31</sup> apresentava algum ponto de assimilação no argumento por sair das abstrações teóricas científicas e entrarem em performances urbanas. O filme narrava uma performance em que um grupo de pessoas encenavam criaturas “tecnoanimalescas” em que vestiam adereços que eram um pouco BDSM, com látex preto e arneses nos corpos ao mesmo tempo coleiras e luzes neon. Havia uma dominatrix – Mistress Liar, que mantinha seus súditos tecnobichos em correntes, como quem sai a um passeio com cachorros. Ela gritava comandos de obediência no meio da rua, altiva, gorda e de voz retumbante.

Foram realizados dois experimentos com a plateia: O primeiro, anunciado no início do evento, consistia em reunir o maior número de amostras de urina para passar por um processo de condensação e uma espécie de filtragem. De maneira que o resultado seria extrair o hormônio estrógeno, com sua cor e odor próprio. A grande quantidade de estrógeno excretada pela urina indicaria o uso desse hormônio nas pílulas contraceptivas. A princípio, a ideia de

---

<sup>31</sup> <https://postop-postporno.tumblr.com/videos>, acesso em 20 de dezembro de 2022.

identificar estrógeno nas urinas das pessoas presentes era um pouco sem sentido. Ao final do evento o tempo não foi suficiente para realizar a condensação de toda as urinas recolhidas. No entanto, é no processo de manusear aparelhos laboratoriais e realizar o “Do It Yourself” da ciência que está o valor da performance. Além disso, na minha perspectiva, o grande trunfo estava em fazer com que as pessoas urinassem em frente uma das outras e manuseassem um excremento “tabu” para ser compartilhado. Ou seja, abaixamos as calças no salão de eventos, expusemos as genitais obviamente, mijamos em um vidrinho e passamos toda a noite com as mãos molhadas de mijo.

Depois da exibição dos vídeos, um outro experimento coletivo foi proposto. Elas falavam sobre criar uma incubadora de bactérias. As bactérias estão em todo lugar, dentro e fora de nossos corpos. E porque temos tanto pânico a elas? A proposta era fazer proliferar uma quantidade de bactérias encontradas em material orgânico. A incubadora improvisada no experimento foi o lugar mais escuro e aquecido na temperatura ideal para a proliferação: A vagina de Cecília. Elas distribuem tubos de ensaio e pedem que a plateia coloque um pouco de material orgânico nos tubos. Unha, cabelo, sangue, fezes, urina, saliva, etc. Após a coleta, cada pessoa poderia se aproximar e depositar seu tubo de ensaio na “incubadora”. Cecília estava em uma maca daquelas usadas para a realização do exame de “Papanicolau”. Uma perna de cada lado e aquele objeto metálico usado para abrir o canal vaginal até a visualização do colo do útero. Proliferar bactérias também não fazia muito sentido em sua finalidade. No entanto, o processo de exposição da genitália e abri-la a visitação “pública” pareceu para mim uma reedição de “Public Cervix” de Anne Sprinkle contemporânea.

Voltamos para casa ainda fervilhando tudo que vivemos na noite (incluindo as caipirinhas) e perguntei para algumas amigas mais próximas o que tinham achado e compreendido ao final. A queixa era compartilhada pelas cinco pessoas que estavam presentes. Ficou difícil compreender o objetivo das performances do CCCB. Elas falavam muito baixo e não eram assertivas nas afirmações. Qualquer frase abria espaço para uma problematização que o público nem sempre acompanhava. Tentei adicionar a perspectiva da importância do processo. Mais interessava que a gente tirasse as calças para urinar do que o que seria feito com a urina, mais interessante era desmistificar o ambiente laboratorial científico com seus procedimentos de exames do que saber qual era o resultado do exame, no final eles conseguiram que a gente tocasse a vagina da performer com o pretexto de colocar os tubos de ensaio dentro da “incubadora”. Se a proposta fosse: vamos tirar as calcinhas e tocar as nossas vulvas agora, seja com sangue de menstruação ou urina, vamos compartilhar esse

momento. Pouca gente iria se sentir interessada ou a vontade para fazer isso no teatro do CCCB. No entanto, lá estávamos nós todas cada uma com seu tubo de ensaio na mão sorridentes.

Uma das conversas mais interessantes da noite foi com minha companheira de apartamento, Nati que é também psicóloga, faz doutorado no campo da educação, mas nunca tinha ouvido falar em pós-pornografia. Nati foi muito importante neste um ano que moramos juntas porque ela é vegana e militante anti-especista. Ela contou que estava curiosa com o experimento de se transformar em planta, mas que no processo não entendeu muito bem. Ele mudou de nome no final do experimento? Sim! Lembramos desse momento em que alguém da plateia perguntou sobre seu nome, se ele depois da transição tinha outro nome nos documentos. Assim como no processo de transição de gênero, ele/ela sentiu a necessidade de modificar seu nome nos documentos após a transição humano-planta, de Yan para Quima. A conversa toda tinha um tom irônico e pareciam estar fazendo alguma piada, assim que não sabemos sobre a “veracidade” dos fatos, mas os efeitos da discussão para mim foram muito interessantes.

Para elas o momento mais compreensível foi a exibição do filme, que apesar de ser uma filmagem de uma performance urbana, construída a barulhentas músicas eletrônicas, consegui construir uma narrativa mais coesa e impactante. Os corpos ciborgs, a relação de dominação entre os tecnomonstros e sua dominatrix, a masturbação coletiva, com objetos luminosos, os corpos semi nus em público. A edição e a música contaram uma história que pareceu excitante e impactante para minhas companheiras expectadoras que nunca entendiam bem a pós-pornografia (contada por mim).

### **6.33 (33º dia) Lançamento do clipe de “Thango”**

Recém chegada em Recife de volta, era momento de terminar a tese. Além do texto escrito tinha duas pretensões para concluir o doutorado: Produzir um vídeo autoral, com material de fotos e vídeos pessoais num estilo pós-pornográfico. O que tinha iniciado em Barcelona com Ariel estava inacabado, precisava encontrar parcerias locais que me ajudassem a termina-lo. Além disso, tinha um desejo antigo de realizar um evento na Entrelaços. Idealizei algo como o “cinerica” que já havíamos realizado, mas com outros elementos além da exibição de filmes, como uma oficina de shibari e produção de brinquedos eróticos DIY.

Neste período fui a um evento na mau maugaleria que era de lançamento do clipe de Thango que é artista dissidente aqui em Recife e tem alguns trabalhos a partir da pós-

pornografia. Esse projeto em especial tem elementos autênticos do pós-pornô nordestino. Ela realizou um “boquete show” cantando paródias de bregas famosos, a partir de uma visão de pessoas sexo dissidentes e de relações amorosas e sexuais não românticas e não monogâmicas. O clipe chamado “amor e monogamia” é uma versão do brega “amor de rapariga” famosa na voz de Nega do Babado, mas originalmente de autoria das Mulheres Perdidas. “Eu vou ficar contigo e com a Letícia, porque somos perfeitas e raparigas... Amor monogamia não vinga não, não tem sentimento só tem traição, eu sei que logo você vai perceber. Essa é a diferença de ser só minha, cuido da minha vida e você da tua...”<sup>32</sup>.

Duas amigas e pesquisadoras estiveram em diálogo comigo na realização deste trabalho, justo porque desenvolvem suas pesquisas na mesma pós-graduação em Psicologia da UFPE e compartilham do campo de interesse sobre as produções artísticas sexo dissidentes no Recife, que são Isabela França e Marisa Dantas. Neste evento sentia que já não conhecia muita gente da cena atual, então marquei de ir ao evento com Marisa e como ela não pôde ir, encontrei ocasionalmente Isabela. Encontramos Ariel, curadora responsável pela realização das Monstruosas em Recife e neste breve encontro ela e Isabela conversavam sobre a possibilidade de publicação juntas do trabalho realizado por Isabela. Celebrei que os nossos trabalhos estivessem sendo úteis para a rede de artistas dissidentes.

Conversamos um pouco sobre a realização do próximo evento das Monstruosas, do desejo dela em chamar a Leonor Silvestri pra a próxima edição. Comentamos sobre o evento “Desfazendo Gênero” que estava marcado para acontecer no próximo mês em Recife. Não tive tempo de escrever um trabalho diante da viagem, mas queria participar de alguma ação organizada pelos coletivos de dissidência local, como aconteceu em outras edições do evento. Ela me deixou a par sobre algumas críticas à realização do evento, ensaiamos uma ação performática que acabou não saindo de nossas ideias, que era realizar um grande “chupaço” durante a realização de uma das mesas. Uns chupando os outro, mascaradas ou não, se era sobre sexo dissidência que a academia queria falar, era isso que a gente queria fazer. Ela me confidenciou que não queria estar a frente de nenhuma ação direta por se sentir vulnerável no meio acadêmico. Me dispus a encarar esta ação junto com Marisa por estarmos na academia e usufruir de uma série de privilégios. Eu tinha acabado de voltar a Recife e essa articulação de um grupo que quisesse participar não foi tão simples. Uma pessoa da rede me questionou:

---

<sup>32</sup> AMOR e monogamia. Intérprete: Thango. 2019. 1 vídeo (4 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=JsgMqWF5FMw&fbclid=IwAR1sIMOf5hRIZzLnYA0wduCounB5cHC4hRPHsjay6PBGST7OIByLWMxBIS8&has\\_verified=1&ab\\_channel=Thango](https://www.youtube.com/watch?v=JsgMqWF5FMw&fbclid=IwAR1sIMOf5hRIZzLnYA0wduCounB5cHC4hRPHsjay6PBGST7OIByLWMxBIS8&has_verified=1&ab_channel=Thango), Acesso em 20 de dezembro de 2022.

será que fazendo algo assim num evento acadêmico a gente não reforça a ideia de que somos “seres exóticos”, gente estranha que faz sexo em público, que merece ser alvo de estudos como seres anormais? A falta de resposta nos deixou reticentes e na realidade sem capacidade de mobilização para uma grande quantidade de pessoas em pouco tempo.

Conversamos também sobre nossas vidas pessoais, sobre os desentendimentos internos entre pessoas amigas, sobre como era difícil perder a confiança dentro da rede afetiva das pessoas sexo dissidentes. Essas conversas sempre nos levam às nossas experiências familiares, sobre como o rechaço familiar deixa a maioria das pessoas sexo dissidente em situação de vulnerabilidade financeira. A escuta que faço de cada pessoa que conheci da rede de pornografias dissidentes em Recife diz respeito a uma série de fragilidades afetivas e financeiras que obviamente não se parecem em nada com as particularidades do movimento “queer” e pós –pornô” da Europa. A academia precisa ouvir o que está sendo dito: parem de falar sobre nós, sem nós. Olhem para si mesmo e a própria matriz de privilégios que permite a produção de conhecimento que produzem. Existe algo em que podemos ser aliadas? Construam condições de possibilidade material e simbólica para que a sexo –dissidência possa produzir artisticamente e intelectualmente. É sobre dinheiro, palestras pagas, livros, filmes, exposições vendidas, aluguel pago e terapia em dia. Sim, a rede sexo dissidente quer fazer terapia. A Psicologia produziu pessoas (a)normais e agora precisamos dar conta de acolher o sofrimento gerado por essa produção arbitrária.

Fui apresentada brevemente a Tham e posteriormente entrei em contato para pensarmos juntas o evento que tanto queria fazer na Entrelaços. Nos encontramos em sua casa para pensar uma apresentação do “boquete show” no evento. Combinamos algumas perspectivas financeiras e materiais para que o evento acontecesse. Estava muito feliz em termos pensado em um momento legal para discutirmos saúde mental com a população LGBTQIA e não binária, para praticarmos um pouco de shibari, vermos alguns filmes e no final de tudo termos um show com Tham e possivelmente com a participação de Raissa Grimm com um recital de poesia lésbica.

### **6.34 (34º dia) “Thango” e “A engolidora”**

De volta a Recife não achei que haveria tempo de participar de algum evento dentro do meu campo-tema antes de defender a tese. No entanto, antes mesmo de acabar o ano conheci o trabalho de duas performers que não conhecia antes de viajar. Além de Tham com seu projeto “boquete show” e outras performances realizadas nos últimos anos que estão

registradas em sua rede social @thamdetango. A outra performance “A engolidora” protagonizada por Tita Barbosa conheci na festa Hypnos.

As festas Hypnos são parte da rede artística, festiva, sexo-dissidente em Recife. As festas do coletivo já aconteciam desde 2017 e eu já havia participado de uma ou duas edições, ainda em seus primeiros “set lists”. As festas são uma espécie de vanguarda da música eletrônica em Recife e surgiram na mesma época e em uma proposta semelhante às Infeciosxs.

Em minha dissertação de mestrado trabalhei com entrevistas do “Surto e Deslumbramento” que são um coletivo de cinema queer pernambucano e uma das pessoas que encabeçam o coletivo André Antônio, é também idealizador do projeto Hypnos. A princípio percebia a proposta da festa mais “queer berlinense”, frequentada por bichas universitárias e super “montadas”, bem maquiadas com uma estética “dark drag queen”. Esta é uma percepção de alguém que convive e frequenta ambientes de sociabilidade prioritariamente lésbica e gay. Especialmente no período que estive numa relação longa com Nathália, além dos ambientes que frequento com minha mãe (que é bastante jovem e compartilhamos amigas e eventos sociais), minhas melhores amigas são lésbicas.

Esta última edição da festa ela foi realizada com um coletivo de mulheres que também estão presentes na construção da cena de música eletrônica em Recife, a Maddam. A festa contou somente com DJS mulheres e percebi um público mais diverso com a presença de mulheres cis e trans. Tita Barbosa foi anunciada no flyer do evento para participar com sua performance “a Engolidora”. A festa ocorreu no centro do Recife, no bairro do Derby, num espaço que pessoalmente nunca tinha ido. O salão de dança tinha pouca gente, em comparação às outras festas do mesmo estilo que já tinha ido. Uma performer dançava dentro de uma malha transparente em frente às DJs. Fiquei tanto tempo com o olhar fixo nela que quase perco a performance de Tita.

No meio do salão de dança, mais ao fundo, foi montado um pequeno setting com luzes amarelas e velas. Tita estava encapuchada, meia calça preta e um pequeno tapa seios. A performance consistia em penetrar um a um, uma quantidade de pregos na vagina. Senti toda a agonia que o ato implica. Será que ela está sentindo dor? Como não ativar a memória corporal de toda dor que minha vagina já sentiu. Vaginites, candidíase, gardnerela, papanicolaus, penetrações não lubrificadas... Apesar de nunca ter vivido um estupro, os

pregos na vagina me remeteram a todo tipo de violência e dor que as pessoas com vagina são submetidas.

Está também na vagina o sentido de prazer e de caminho para o nascimento. E assim como que expelle um feto, morto ou vivo, como quem sangra a cada mês sem ter sido perfurada, a performer expelle todos os pregos de uma só vez.

**Figura 28 - Foto da performance “a engolidora” de Tita Barbosa postada na página do Facebook e Instagram da Hypnos.**



Fonte: instagram a engolidora, 2019.

Na festa estavam presentes as companheiras da Dhuzati com as tortas veganas que amo desde o início do projeto delas e desta tese. Pedi duas fatias das que são recheadas com queijo de girassol. A massa de lentilhas ou feijão fradinho polvilhada com gergelim nunca decepciona. Uma comi na festa a outra foi embrulhada para casa na bolsa (chegaram amassadas, mas comi mesmo assim).

### **6.35 (35º dia) Pussy Riots em Recife e “iconoclashes” pós-pornográficos**

Em Recife minha vida é agitada, a cada semana uma amiga me convida para um evento que toca em algum sentido no meu campo-tema da tese, porque evidentemente, assim como na escrita deste documento, minha vida pessoal é indistinta da vida profissional acadêmica. Depois de mais de um ano sem ver-nos, eu e Gil (da), amiga que o campo-tema me trouxe, marcamos de ver a estreia do filme "Act and Punishment", de Yevgeni Miita no

cinema São Luiz. Seria o lançamento do livro de Masha – “Riot Days”<sup>33</sup> que conta sobre o período em que esteve presa. A autora esteve presente para um breve debate sobre o filme e apresentação do livro.

O filme e o livro contam a história banda de punk russa “Pussy Riots” que é formada por Nadezhda Tolokonnikova, Ekaterina Samutsevich e Maria Alyokhina (Masha). O filme inicia narrando a formação da banda, ou melhor, elucidando que o “pussy Riots” nunca teve a intenção de ser um grupo musical. Explico, as protagonistas se autodefinem como feministas e artistas performáticas e situam a formação da banda como uma estratégia de atuação performática. Elas não sabiam tocar instrumentos, nem queriam aprender (ainda que a filosofia punk se enquadre um pouco nesta perspectiva), o objetivo principal era ideológico para atender pautas feministas e críticas ao Estado e à Igreja. O grupo iniciou com estas três representantes, mas ao longo dos anos se organizou como coletivo político com a participação de várias pessoas, homens e mulheres. Minha única lembrança delas antes de ir a este evento foi de sua atuação na copa do mundo de 2018 na Rússia, quando invadiram uma partida de futebol vestidas de policial para protestar contra o presidente Vladimir Putin.

A partir da narrativa histórica do filme entendi as Pussy Riots de forma mais ampla como parte do movimento artístico político circunscrito neste trabalho. Apesar de não se definirem no campo das pós-pornografias, suas ações públicas e seus posicionamentos ideológicos se tocam em alguma medida. O evento no cinema São Luiz reuniu pessoas da rede feminista, LGBT e sexo dissidente como um todo. As companheiras da Dhuzati, que também são responsáveis pelo selo da Monstruosas estavam com sua banca de zines, livros e comidas veganas. As pessoas que conheci no evento de lançamento do clipe de Thango também estavam presentes. Além das mulheres da RENFA- Rede Feminista Antiproibicionista, que estavam compondo a mesa de debate junto com Marsha, no intuito de discutir paralelos brasileiros sobre as prisões políticas.

O grupo nunca havia chamado minha atenção especialmente, mas ao ver o filme sobre a trajetória delas, com registros de suas principais performances identifiquei alguns pontos de análise sincrônicos. Uma de suas primeiras performances consistia em uma ação direta relativamente simples, mas transgressora ao mesmo tempo. O grupo de performers composto por várias mulheres caminhavam por espaços públicos e o objetivo era beijar na boca de policiais do mesmo sexo. Eram beijos breves, daqueles “roubados”, que deixavam as policiais

---

<sup>33</sup> <https://www.folhape.com.br/cultura/masha-do-pussy-riot-lanca-seu-livro-riot-days-em-evento-no-cinema-sao/130018/>, acesso em 20 de dezembro de 2022.

constrangidas, raivosas, sorridentes ou sem reação. A ação direta é autoexplicativa, atuava no sentido de criticar as políticas estatais de repressão às pessoas LGBT.

Sua performance mais “radical” acarretou na prisão das três idealizadoras do grupo. Em 2012 elas realizaram uma performance na catedral de Moscou que consistia basicamente em cantar uma música que criticava o então presidente reeleito Vladimir Putin que teve o apoio do líder local da igreja católica. As palavras de ordem diziam que o bispo servia a Putin e não a Deus. Elas cantavam ajoelhadas e fazendo sinais de reverência típicas dos costumes católicos. Um dos objetivos era ter o registro como parte de um videoclipe da música. A atuação não durou muito. Em menos de dois minutos elas foram expulsas da catedral e detidas pela polícia.

O filme narra toda a trajetória do julgamento. O enquadramento jurídico foi vandalismo e intolerância religiosa, além de acusadas de blasfêmia pela igreja católica. Seus discursos e posicionamentos durante o julgamento foi o que mais me surpreendeu. Elas poderiam ter pedido perdão, mas não pediram. Responderam às perguntas em tom de ironia e sarcasmo. Defenderam que estavam realizando um culto de reverência. Faziam orações à Virgem Maria para que tirasse o presidente do poder. Quem pode julgar o ato de ajoelhar-se numa catedral?

Isso me remeteu ao texto de Bruno Latour (2008) iconochash. Quem poderia dizer se aquele ato de reverência era apenas mais uma oração ou um grande ato de rebelião? A ação direta durou segundos e foi suficiente para condená-las a dois anos de prisão. O que disputa as imagens mesmo que voláteis? Elas diziam: o que fizemos era arte. Porque estamos sendo julgadas por sermos artistas? Existem dois episódios que parecem causar a mesma ambiguidade em seus efeitos políticos de constrangimento: A performance do coletivo coioite de 2014 na marcha das vadias do Rio de Janeiro. Durante a visita do papa Francisco I à cidade, a organização da marcha das vadias titubeou em manter o evento no mesmo período da visita papal. No entanto o evento se manteve na orla da zona sul. As pessoas da marcha cruzaram com pessoas que estavam a caminho da Jornada Mundial de Juventude com o papa na orla de Copacabana. As performers quebraram algumas imagens de santas, levavam o corpo nu com uma imagem de Cristo tapando as genitálias. Além disso as cabeças de Nossa Senhora levavam uma camisinha e foram penetradas no cu, assim como crucifixos.

A performance causou inquéritos policiais, dissidência interna com o movimento feminista, especialmente as organizadoras da Marcha das Vadias do Rio, além de ter ganho amplitude na mídia nacional, até mesmo nas redes de televisão.

De maneira similar no sentido de causar um desentendimento do ato (RANCIERE, 1996) acontece com o episódio “Golden Shower”. Na realidade quem causa este desentendimento na partilha do sensível é o presidente. Sim, porque ações de performance transgressoras ou atos sexuais de todos os tipos ocorrem com maior frequência do que parece em espaços públicos. A questão seria, Bolsonaro estaria “destruindo” ou de fato “construindo” uma ação. Depois daquele episódio midiático, o que eu chamei aqui de Bolsoclash, as performers além de terem passado por alguns problemas judiciais e de segurança, também alcançaram visibilidade e talvez inspiração coletiva para construir a plataforma do EdiyPorn. Com.

### **6.36 (36º dia) Pandemia e adoecimento**

Em março de 2020 o nosso ano parou e o mundo como o conhecemos entrou em ruínas. Uma pandemia mundial se instaurou. Uma espécie de corona vírus, o chamado Covid 19 se mostrou extremamente contagioso e letal. Um vírus desconhecido em seu modo de comportamento que causa síndrome respiratória aguda e em decorrência disso, infecção pulmonar e falência de órgãos. Os países atingidos inicialmente foram China, em seguida Itália e Espanha. O sistema de saúde colapsou nestes países da Europa e a única solução neste momento era estabelecer um isolamento social radical. Manter as pessoas em suas casas ou com a menor possibilidade de contágio se tornou um imperativo. Rapidamente o trabalho da Ciência mundial se tornou descobrir o seu funcionamento. As primeiras informações apontavam para o contágio através da saliva, por via das mucosas. Assim que uso de máscaras e álcool se tornaram aliados desta luta contra o contágio. Aparentemente o vírus era potente o suficiente para sobreviver em objetos também, a partir da saliva de uma pessoa contagiada. Ou seja, não só foi necessário evitar o contágio entre pessoa para pessoa, como também de pessoa para objetos que poderiam ser tocados por outras pessoas. Esta crise sanitária mundial está sendo relatada com maiores detalhes pelos cientistas do campo da saúde, da economia e das relações humanas, uma vez que em sua complexidade todas as esferas sociais foram afetadas.

A elaboração desta tese, igualmente sofreu desvios temáticos e metodológicos relativos a isso. Especialmente porque no início do contágio comunitário aqui no Brasil eu

fiquei doente. Repentinamente e sem informações sobre o comportamento do vírus, sem aplicação de testes massivos e sem indicação de medicação que surtisse algum efeito comprovado, adoeci. Alguns meses depois já sabemos que o vírus se comporta de maneira diferente em pessoas distintas. Ele pode rapidamente comprometer o pulmão de alguém mais vulnerável, pode ter sintomas de uma gripe simples ou simplesmente pode ser assintomático. Onde reside parte do perigo de contágio, pois alguém sem nenhum sintoma pode contagiar alguém que vai reagir gravemente.

Classifico meu adoecimento de maneira leve. Comecei com uma tosse seca e incômoda por uns três dias e em seguida tive febre alta (38-39°) durante quatro dias. Nas próximas duas semanas meu corpo estava dolorido e muito cansado. Nenhum outro sintoma de gripe. Passados alguns meses se descobriu que o vírus também altera o paladar e o olfato. Mesmo que naquele momento eu não soubesse da informação, percebi que não sentia o sabor dos alimentos e julguei ser proveniente da febre alta que me causava náuseas.

Dos aspectos mais sofríveis naquele momento estava o desconhecimento da doença e o pânico midiático nas redes. Não era pra menos, mas a sensação de que posso ter uma doença letal faz da morte um acontecimento iminente na doença. Será que vou melhorar? Será que a febre não vai passar com nenhum remédio? Não tenho plano de saúde, será que o SUS vai colapsar e não vou conseguir ser atendida? Passadas estas duas semanas de terror para mim e minha família, foi a vez de dar espaço a outros questionamentos, tais como: Com todas as atividades suspensas, vamos ter dinheiro para sobreviver? Caso as fontes de renda se mantenham minimamente, vamos conseguir comprar comida? Quanto tempo vai durar o isolamento social? Será que não vou enlouquecer sem o contato físico com outras pessoas? Quando teremos uma vacina ou ao menos um tratamento para esse vírus?

Neste período de isolamento de corpos necessário ao controle da pandemia evidenciou o hibridismo social em que vivemos. Quero dizer que o isolamento, para a maioria, não é social e sim de contato corporal. Porque estamos continuamente conectados por todo tipo de telas e tecnologias. Cotidianamente os smartphones e computadores através da internet nos mantém ininterruptamente em contato com outras pessoas (e não humanos também). O consumo de pornografia em todas as suas modalidades cresceu exponencialmente e os trabalhos sexuais também, especialmente as camgirls.

A rede de artistas de dissidência sexual e trabalhadores sexuais produziram alguns conteúdos direcionados ao manejo da saúde mental e sexual na pandemia, mas não somente.

Festivais inteiros aconteceram desta maneira virtual pelas principais redes sociais e plataforma de compartilhamento de dados.

### **6.37 (37º dia) Make me CAM- Te COVID a gozar**

Nestes meses reclusão dos espaços públicos e compartilhados, as realidades virtuais se expandiram exponencialmente. As formas de execução de atividades corriqueiras foram virtualizadas: trabalhar (cada atividade profissional foi atingida de diferentes formas e muitas delas foram impossibilitadas), de fazer reuniões, de dar uma aula, de estudar, fazer festa de aniversário, fofocar, tomar cerveja juntos, namorar e certamente fazer sexo.

O evento “Make me CAM, te COVID a gozar” realizado pela Mostra Revolta e pelo EDIY Porn, foi uma espécie de festival pornográfico sexo-dissidente realizado no instagram. O título não poderia ser mais apropriado para o momento. Ele aconteceu através de lives no instagram das contas do @coletivorevolta e @edyiporn ao longo uma semana com diversas convidadas da cena pós-pornô e de pornografias dissidentes. Basicamente houveram três dias de conversas, o lançamento de um vídeo inédito na ediy.com e o último dia de performances, o “pornoshow”. (fotos)

A conversa entre Jeffe Grochovs (da EdiYPorn) e Taís Lobo teve como título “Trajetos pós-pornôs sudakas: auto-reflexões de uma década. Nesta conversa Taís conta um pouco sobre a realização dos Festivais “Porno por Sí” realizados em Bogotá, na Colômbia por volta de 2010/ 2011. Ela conta como personagens do pós-pornô sul americano tiveram seus primeiros experimentos nestes festivais, como a “La fulminante”. Elas realizavam “orgias guiadas no evento” e se perguntavam: pra que serve o pornô? Pra masturbar? Pra vomitar? Pra empoderar? Ela relata performances de “sexoxirsmos”. Fiquei imaginando como seriam estes exorcismos sexuais e as orgias guiadas neste evento.

Ela volta ao Brasil em 2012/2013 e conhece as integrantes do coioite e o espaço artístico “casa 24” no Rio de Janeiro. Naquela virada macropolítica de 2013, quando iniciam os protestos de rua em revolta ao aumento de passagem, ela comenta o acontecimento de duas performances que tiveram um contexto político complicado: A do coletivo coioite na macha das vadias que já citamos aqui e o da “xereca satânica”. Ambos eventos tiveram complicações policiais e consequências que afetaram a existência dos coletivos e da vida pessoal das artistas.

Jeffe pergunta o que foi o coletivo coiote, heim?! Que pena que acabou. Ela diz que não sabe nem explicar o que foi porque as artistas não estão alí para falar. Mas, era uma espécie de anarcofunk escatológico, né!

Taís comenta que está grávida de 5 meses e faz uma brincadeira sobre a preocupação e preparação para o parto. Ela diz que espera que os anos de prática BDSM levem ela a passar bem por este momento. Toda a energia orgástica e da dor, sendo trabalhadas durante tantos anos possam ser úteis na hora do parto, no sentido de deixar o corpo hipnotizado pela dor e reunir energia para dar a luz.

Algumas pessoas mandam comentários e fazem perguntas no instagram durante a live. Uma delas dizia: Você acha que o pós-pornô é um conceito branco? A pergunta parecia surpreender (talvez porque Taís e Jeffe sejam brancas) e Taís responde que talvez sim, na teoria. Porque foi um movimento que teve alguns trajetos pelas Universidades. Mas na prática não, aqui na América Latina as performers e participantes dos eventos não tinham como ser brancas.

Jeffe comenta que não considera o trabalho deles na EdiyPorn como pós-pornô exatamente, e elas preferem chamar de “Pornografia Desviante”

No final da semana em que houveram as “lives” pelo instagram, ocorreu um “Pornoshow” na plataforma do 4cam com cinco performers em seis janelas diferentes em que poderíamos abrir simultaneamente e interagir.

Pornoshow\_: Jeffe performa pequenos atos escatológicos diante da câmera. Mija e caga em uma bacia de alumínio. Guarda um pouco da urina em um copo e bebe (ou finge beber). Injeta ou retira sangue de seus testículos (ou encena). Chupa um dildo bem babado.

Viragowitch: É uma pessoa de seios e vulva que explora seu corpo tocando-se, com a imagem refletida no espelho. Pele negra e cabelos raspados, todo o seu corpo pode ser visto pela câmera, pra além do close up frontal, ela usa um espelho lateral que permite visualizar seu corpo também no ângulo lateral e de costas. Ela se masturba de joelhos até que a sua vulva esteja completamente molhada e em certo momento até o ponto de fazer um “squirt” na tela.

Renatame: Assim como a performer anterior, Renata tem seios e vulva. Tem a pele branca e usa cordas de shibari durante a exibição. Ela também usa um óculos de grau enquanto conversa e ata os nós no próprio corpo.

Antoine19: Uma bicha com máscara e rabo de cachorro ou onça ou gato se masturba na câmera. Usa um plug anal em formato de rabo. Late, uiva e mostra a língua.

Assistimos eu e Marisa juntas ao pornoshow (cada uma de sua casa). Comentei que não gosto muito do lance com merda e sangue e que sempre preferia os shows particulares das pessoas com buceta. Genitalismos a parte, as performances de pau na mão não me causam muito tesão, a não ser que estejam envoltos em bastante óleo ou mel, ou sabão ou gala mesmo. Algo que fuja aquela sequeidão do pau na mão.

### **6.38 (38º dia) “Las hijas del fuego”**

“As filhas do fogo” de Albertina Carri (2018) é certamente o melhor longa pornográfico que vi nestes cinco anos. Poderia ser nomeado como um filme lésbico. A sinopse do roteiro é simples e arrebatadora. Um casal de mulheres protagonistas se multiplica a cada encontro. O casal se transforma em um trisal. Este trisal arrebatava corpos e corações de outras mulheres pela estrada. A metaanálise é um elemento presente na literatura pós-pornográfica e neste filme ela é utilizada de forma genial. Uma das protagonistas Augustina é diretora de cinema e seu novo projeto é realizar um filme pornô. Assim, ela e as duas namoradas seguem criando settings e castings afetivos numa viagem em uma Kombi.

Uma das primeiras cenas é de uma das personagens vestindo um colã daqueles de frio, apertado. Ela está em uma neveira e veste aquela roupa de “neoprene” com muito sacrifício dentro de um carro. A roupa apertada, o corpo nú, bem que poderia ser uma roupa de látex. A primeira cena de sexo entre as duas é um reencontro. A saudade que sentiam uma da outra e a conversa íntima durante o sexo marcam a cena. Um brinquedo sexual que penetra as duas simultaneamente, peles brancas em lençóis igualmente brancos. Flora tem um “squirting” inesperado em cima de Augustine. O “ato sexual” em si é composto por pausas, conversas e recomeços.

O encontro com a terceira personagem acontece numa situação um pouco caricatural de homofobia em um bar. Elas se beijam como qualquer casal e são xingadas de “sapatonas” por três homens. Uma delas reage com um soco no rosto do homem e neste embate corporal as duas são “salvas” por Diana que é lutadora profissional. A segunda cena sexual desse trio recém formado tem como cenário um pasto verde e montanhas cobertas com neve ao fundo. Quase podemos imaginar que seja um croma key, o ambiente parecia muito frio para a nudez. Elas seguem no resgate de uma antiga companheira, numa cidade distante. O quarteto performa uma cena épica dentro de uma pequena igreja. Ninguém explica como chegaram lá,

mas a afronta é explícita. Imagens sagradas em paralelo com lindas vulvas e gemidos de orgasmo.

O esquadrão resgata uma mulher de uma situação abusiva com seu companheiro. Expulsam o homem a força da casa. Uma caricatura irrealista, mas que faz vibrar pela coletividade do ato e a atuação da atriz que vive o abuso e protagoniza sua libertação. Uma das poucas atrizes que não participa de uma cena de sexo.

O próximo “ato” do filme dá mais indícios de que a equipe está filmando um filme pornô com personagens “fictícios”. Neste capítulo as seis participantes vestem roupas masculinas e têm barbas pintadas em seus rostos. A fotografia desta cena é das mais delicadas e românticas. As personagens estão em torno de um rio e uma delas está boiando envolta de flores. A pessoa que está boiando é puxada por cordas para a margem. Na margem deste rio acontece uma cena de sexo grupal com luzes e flores, um tanto romântica. O único pênis que aparece em todo o filme é o pênis de um homem trans. O pênis é cor da pele e o close-up encobre parte do corpo do personagem, assim que o pênis apesar de parecer uma prótese, causa dúvida se pertence àquele corpo (masculinizado) ou não.

Meu momento favorito é um plano sequência de uma patinadora com uma bandeja de dildos, passando de uma sala para outra de uma grande casa. Em cada quarto ocorre uma cena de sexo grupal. Neste momento são exibidos muitos brinquedos BDSM em uma das salas. Agora sim as roupas em látex aparecem. Brilhantes e apertadas. Chicotes e plugs anais.

**Figura 29 - Foto divulgação do filme “As filhas do fogo” de Albertina Carri (2018)**



Fonte: foto divulgação do filme, 2018.

### **6.39 (39º dia)- Suruba Virtual - Suruba Pandêmica Virtual – coletivo Senta e EdiyPorn**

Estamos no quarto mês de pandemia da Covid-19. Mais de 100 mil mortos no Brasil. A curva de contágio ainda não atingiu seu máximo no Brasil e ainda não conseguimos reduzir o número de mortes diárias. Temos um presidente que desde o início desestimula o isolamento social com a premissa de que o país não pode parar economicamente. Neste momento, os governadores e prefeitos que tentaram segurar a abertura de serviços não essenciais estão forçados a afrouxar as orientações oficiais de convívio social. O isolamento social mais rigoroso ficou para aquelas pessoas que tiveram o privilégio de exercer o ofício profissional virtualmente de suas casas, obviamente para aquelas pessoas que têm casa e aquelas que voluntariamente decidiram não encontrar familiares, amigos e manter qualquer contato com pessoas em eventos públicos ou privados.

Escrevo esse último relato no tempo presente. O tempo da solidão, do desespero, da miséria, da doença e da morte. Em certa medida as práticas sexuais se tornaram prazeres “supérfluos” para quem está lutando pela própria vida e de seus familiares nos hospitais. Há quatro meses que não vejo os amigos e não tenho encontros sexuais. Antes de iniciarmos o isolamento minha vida sexual se resumia a encontros esporádicos de matches no tinder. De certa forma essa liberdade de não estar em um relacionamento de namoro (ainda que não monogâmico a maioria das vezes) me agrada bastante. Como resultado tenho muitos amigos pelo mundo com os quais posso transar ocasionalmente. Normalmente prefiro que estes encontros sejam com pessoas íntimas e de confiança, as casas de swing e surubas em Recife nunca me interessaram muito.

Neste último julho de 2020, participei de minha primeira suruba virtual. O evento foi organizado pelo coletivo “Sento Mesmo” e pela galera do “EdiyPorn” em parceria com o festival de música “Coquetel Molotov”. Neste período de pandemia muitos coletivos de shows e festas têm realizado eventos nesta modalidade. Compramos o ingresso e através de um site de compras recebemos o link com a sala que será realizado o evento. Na plataforma zoom os anfitriões da festa controlam a música que todos vão ouvir e decidem qual “janela” ficará em evidência para que todos vejam de forma fixa.

Éramos mais de 600 pessoas, em suas casas, numa grande reunião em que ninguém fala, só observam e se comunicam corporalmente conectados pela música. Criamos uma estratégia de pirateamento da festa, de forma que eu transmitia a festa que estava ocorrendo no zoom para um grupo de amigos no google meets, que não haviam comprado o ingresso.

Convenci a um grupo de seis amigos que semanalmente se encontravam virtualmente como uma espécie de simulação dos nossos encontros presenciais a participar do evento desta forma. O pirateamento de salas virtuais nos permitiu participar observando a festa e ao mesmo tempo conversar em outro chat sobre o que acontecia na festa. O efeito se tornou de certa forma mais íntimo na medida em que eu pude interagir com pessoas desconhecidas e ao mesmo tempo com minhas melhores amigas!

A festa começou em torno das 22h com uma música “chill out”, onde na maioria das janelas as pessoas estavam dançando sentadas em frente a câmera. Muitas das pessoas estavam vestidas como para ir a uma festa. Clima de carnaval e boate. Algumas apareciam em duplas ou trios nos sofás das próprias casas. Até 1h da madrugada o clima era de pouca “pegação”, o anfitrião da sala deixava fixa a janela de pessoas que estivessem mais à vontade para estar sem uma parte das roupas ou que já estivessem se tocando e iniciando as carícias sexuais.

Com o passar das horas percebi que algumas performers do EDIY Porn estavam participando da festa e tinham suas janelas fixadas por maior tempo. Algumas delas eram as mesmas que participaram do evento “Make me cam, te covid a gozar”, no pornoshow realizado no 4cam que descrevi aqui anteriormente.

A primeira performer que reconheci foi xxx com suas cordas em que atada estilo shibari ela se masturba em frente à câmera e transversalmente com um espelho, o que amplia a visão dos nós em seu corpo. Neste evento ficou evidente que os homens cis com suas rolas estavam mais a vontade diante das câmeras. Poucas vulvas apareceram assim explicitamente se tocando, além desta performer. Este foi um dos comentários em nosso grupo. Mulheres cis e trans estavam mais à vontade para exibir os seios nas câmeras (assim como eu), mas as vulvas permaneciam nas calcinhas. A gente pode apontar o paralelo interessante com as “cam girls” que monetizam suas performances masturbatórias cotidianamente em ambientes como “chaturbate”, “4 cam” ou “onlyfans”. Nos faz pensar na sacralidade ainda em torno deste órgão que é a vulva e na mácula corporal que se instaura a partir dos toques e exposições públicas dela.

Na minha experiência pessoal já vivi algumas situações constrangedoras e humilhantes por não usar calcinha. Das mais humilhantes como ser acusada de estar seduzindo os homens de uma família porque passei o fim de semana com um vestido (longo, folgado e colorido de praia), algumas vezes de biquíni e outras sem. Já me perguntaram se eu fazia programa em

um ambiente em que não haviam nenhuma profissional do sexo, primeiro porque alguém comentou que eu gostava do tema das pornografias e posteriormente descobri que eu estar com um vestido (longo e preto) também sem calcinha havia contribuído para essa pergunta. Estariam todos muito interessados na minha vulva cabeluda ou eu estava realmente muito inconveniente sem essa pequena peça de roupa?

Uma outra janela das performers da EDIY porn gerou interesse em nosso grupo. Uma dupla aparecia na cozinha cortando vegetais, cenouras e pepinos aparentemente. Vestidas de animal print, estilo vaquinha e onça, sensualizavam com as facas e os vegetais. Se beijavam e se acariciavam. As roupas de animais colocava em cheque a nossa interpretação de sexo/gênero. Um amigo dizia: “ai, que dois gostosos, vamos interagir”. Até que uma das personagens, vestida com um corselet aparece com uma “cinta caralho”. Seguimos na interação: “tudo que eu queria hoje era uma mulher de pau pra me comer”. Pepinos, cenouras, bananas, cintas caralho encenando penetração e chupação fizeram a cena render muitos comentários em meia hora da festa com sua tela fixada.

A suruba era coletiva, as siriricas e punhetas deste dia foram virtualmente compartilhadas. Cada pessoa de sua casa. As telas e o tesão tecnoproduzido desafiavam as noções de prazer individual e compartilhado.

Ao final de quase um ano de cardápio vegetariano/vegano passei a valorizar sabores simples como a de uma abobrinha na chapa e outros inesperados como a de uma feijoada com coco defumado e lingüiça de banana verde. Me abster e retomei algumas vezes o consumo de carnes, muitas delas com episódios de vômito intenso. Construí um cardápio inteiro de anormalidades. Inseri na minha família o paladar por comidas sem animais. Ainda não assumi a identidade vegetariana por completo. Meu corpo ainda demora a desidentificar produtos de origem animal como alimento. O corpo segue mais alimentado do que nunca.

#### **6.40 (40º dia) Links úteis para uma “viagem” pós-pornográfica ao seu próprio modo**

Ao final da nossa jornada pós-pornográfica, decidimos elaborar uma lista simples de referências virtuais, com links e contas do instagram, de produções que mesmo não sendo citadas diretamente ao longo do texto, fazem parte deste mapa cartográfico de pós-pornografias, de pornografias ditas feministas, pornografias dissidentes e desviantes.

Construímos este apanhado de “endereços” de maneira semelhante em alguns trabalhos citados na tese (LLOPIS, 2010, EGAÑA, 2016, MILANO, 2016). Para além

daquilo que cabe nas referências bibliográficas de um trabalho acadêmico, acreditamos que estas referências visuais serão boas companheiras para quem deseje construir a sua própria viagem (contra)sexual.

Agenda Kuir (<http://agendakuir.blogspot.com>); Erika Lust (<https://erikalust.com>); Emilie Jouvét (<https://emiliejouvet.com>); Madison Young (<https://iammadisonyoung.wordpress.com/>); Queer Porn TV (<http://queerporn.tv>); Cereal Melodia (<https://outrosfins.cerealmelodia.com/>); Courtney Trouble (<http://courtneytrouble.com/>); Crash Pad Series (<http://crashpadseries.com/>); Pink White Production (<https://pinkwhite.biz/>); Four Chambers (<https://afourchamberedheart.com>); Aorta Films (<http://www.aortafilms.com/>); Sex School (<https://sexschoolhub.com/>); Lustery (<https://lustery.com/>); Poppy Sánchez ([https://twitter.com/Poppy\\_Sanchez](https://twitter.com/Poppy_Sanchez)); Post Op – Video NEXOS (<https://postop-postporno.tumblr.com/nexos> [contraseña: feminismopornopunk]); Quimera Rosa (<https://quimerarosa.net/>); Nadia Granados / La Fulminante (<http://www.lafulminante.com/>); EDIY Porn (<https://www.ediyporn.com/>); La Bala Rodríguez (<https://labalaregistros.tumblr.com/>); LechedeVirgen Trimegisto (<https://www.lechedevirgen.com/lechedevirgen/>); Lucía Egaña (<https://zoiahorn.anarchaserver.org/misexualidad/>); Felipe Rivas San Martín (<http://www.feliperivas.com/>); Missogina (Facebook: missogina e Instagram: @guatafiera); Yla Ronson (<http://ylaronson.com/>); Virar Films (<https://virarfilms.com/>); Bitches Producciones (Instagram @bitchesproducciones); Asentamiento Fernseh (<http://asentamientofernseh.net/>); Las hijas del Fuego (Facebook lashijasdelfuegofilm e Instagram @lashijasdelfuego).

## 7 CONCLUSÕES: DEVIR *PORNSTAR*

Suba a bordo de uma cápsula da qual não sairá ileso, mas verá que nada do que te ocorrer será violento. Simplesmente, ao passar por estas páginas, verá que, pouco a pouco, e sem dar-se conta, o mundo começará a dar voltas por você, e a sensação de gravidade não será mais do que uma vaga recordação. Estará em outro lugar. E, ao sair desta leitura, saberá que esse espaço existe e que está aberto, que há um lugar onde é possível ser algo completamente diferente do que até agora te permitiram imaginar (Virgine Despentes em prólogo para *Um apartamento em Urano* de Paul Preciado).

Sinto algo semelhante ao que descreve Despentes em relação a estes cinco anos de experimento com as (pós) pornografias que passaram por mim. Durante a escrita deste diário mergulhei na dura tarefa de revisitar quem eu fui e as que estão por vir. Me vi insegura, sem chão, esfomeada e sem casa. Desertei autopercepções e prazeres que me pareciam imprescindíveis. Ganhei amigas e perdi outras. Coloquei em xeque o feminismo que conhecia. Me tornei transfeminista. Migrei de militante bissexual para lésbica política. Iniciei esta pesquisa como psicóloga militante LGBT e terminei mais identificada com as trabalhadoras sexuais. O que era sobre fazer sexo se tornou sobre fazer comida. Fui assignada mulher e não vivo desconfortável com meu corpo. Oxalá não tenha que ser mulher até o fim da vida. Me declarei parda mais de trinta anos da minha vida, me vi estrangeira não branca em territórios europeus, contudo aprendi a falar a partir da rede de privilégios da branquitude que me compõem e me identificam no Brasil.

O fim de tudo, a morte da humanidade mais iminente do que nunca. A pandemia de Covid-19 esticou prazos, adiou planos e encurtou vidas. Para concluir esta tese tinha dois objetivos extra textuais: a realização de um evento inspirado nas pós-pornografias na *Entrelaços* e um material audiovisual fruto de experiências que vivi nestes cinco anos. O evento previsto para ocorrer 28 de março de 2020 não pôde ser realizado devido à pandemia. O vídeo foi encurtado para um fragmento do roteiro original. Uma das “abas” deste roteiro ganhou maior importância após a experiência de uma situação de cyber crime vivido por uma amiga.

Recebi uma ligação no fim da tarde, era uma amiga com uma voz de choro. “Estás sentada? Preciso da tua ajuda! Acabei de ter uma informação de que tem um vídeo íntimo meu com Tiago circulando na internet”. Ela é professora e naquele mesmo dia havia recebido uma mensagem de uma aluna da Universidade dizendo que tinha um assunto delicado para tratar com ela. Não imaginava que seria nada parecido com isso. “Me desculpe professora, não tenha vergonha de mim, mas esse vídeo aqui é a senhora?” E enviou o vídeo por

whatsapp. Não posso imaginar a reação da minha amiga ao perceber que era ela e o ex namorado. Calmamente ela solicitou que apagasse o vídeo e pediu para quem enviou apagar também. “O que eu faço, Fernanda?” Fomos na delegacia da mulher fazer uma denúncia e buscar informações sobre como proceder. Antes de formalizar a queixa ela quis desistir. Um policial disse que era difícil identificar o emissor e que a investigação poderia levar tempo. Dalí a que o criminoso fosse notificado ele poderia multiplicar esse material para mais gente.

Chegamos na conclusão de ir na casa dele falar com ele e a mãe dele. Ligamos pra casa dele para tentar contato com ele e a mãe dele disse que ele não estava. Ela explicou o que tinha ocorrido. Seguimos para o edifício dele e por ela ser conhecida do porteiro, subimos direto para seu apartamento. Tocamos a campainha e lá estavam ele e a mãe. Este foi um dia de horror. Ela chorava e pedia que ele apagasse todo o material do seu computador. O pai gritou do quarto “ele é um criminoso!”. Fomos até seu computador e vimos ele deletar vídeo por vídeo. Ele abriu o celular e pediu nos grupos que as pessoas deletassem o vídeo porque estava prejudicando a imagem DELE. Ele tinha um sorriso no canto do rosto e disse que “foi brincadeira”. Minha amiga apertou a mão dele e disse, “me perdoe se te fiz mal, não me prejudique mais”. Quando saímos ela desabou. Desmaiou. Tirou licença de alguns dias na universidade. Até hoje vive assombrada em ter esse vídeo circulando enquanto dá aula.

Estar em um vídeo fazendo sexo automaticamente imprime uma identidade “puta” para uma mulher. Não sem razão. Ser uma puta quer dizer estar a serviço sexual de alguém. Por dinheiro ou por libertinagem. Os corpos das trabalhadoras sexuais virtuais e audiovisuais está maculado. Deixou de pertencer ao “círculo mágico” da sexualidade saudável e normalizada.

Iniciei esta pesquisa com uma percepção crítica e dura às “pornografias mainstream”. Eu pensava que a pós-pornografia era sobre a destruição do que existe na indústria cinematográfica pornográfica como norma. Um pouco devido aos meus primeiros contatos com o “pornô feminista” passei a classificar as produções entre “pornô bom” e “pornô mau”. O bom sendo aquele produzido fora do domínio masculinista, hetero, branco, magro, “normal”.

A ausência de leis trabalhistas para as trabalhadoras sexuais (seja imagetivamente ou carnalmente) produzem uma confusão em alguns entendimentos. Estupros, maus tratos, escravização, cárcere privado, exploração sexual infantil e todo tipo de trabalhos forçados são parte de uma cultura patriarcal abusiva que destitui de humanidade alguns corpos. E estas

práticas não são próprias e exclusivas da indústria pornográfica. Não faz parte dos meus objetivos argumentar em defesa da indústria pornográfica ou qualquer supremacia econômica industrial de qualquer ordem. No entanto, fui impelida a argumentar em favor das disputas de imaginários sexuais, ofício das trabalhadoras sexuais (nas telas ou fora delas).

Neste período da pesquisa me deparei com argumentos que não pensava encontrar no movimento feminista em 2020. As feministas que se auto intitulam “radicais” na contemporaneidade (aparentemente consumidoras de um pocket feminismo das redes sociais) nada tem a ver com o desejo radical de destruição das estruturas patriarcais e opressoras sobre nossos corpos. A radicalidade contemporânea representa um retrocesso a argumentos essencialistas e moralistas. A máxima de Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se”, a teoria da performatividade de Judith Butler onde se entende “tanto sexo quanto gênero como construções performativas reiteradas por diferentes aparelhos sociais” e toda a revisão histórica feita por Silvia Federici em “Calibã e a bruxa” sobre como os corpos das mulheres no ambiente familiar é também uma trabalho sexual e capitalista. Nenhuma destas grandes autoras foi capaz de convencer as RadFem de que as mulheres trans são mulheres e que um penis não faz de ninguém homem. A sacralização da vagina, o combate à prostituição como trabalho, a guerra à pornografia como ambiente exclusivo de exploração das mulheres. Voltamos a um ambiente de debate onde as mulheres do feminismo têm vagina, menstruam, querem cumprir a missão da maternidade biológica, não trocam sexo por dinheiro e não aparecem em vídeos com alguma conotação sexual.

Esses dias vi um vídeo da Ângela Davis, uma intelectual grandiosa, fazendo um apelo na internet para que as companheiras trans e não binárias fossem acolhidas como mulheres e pessoas políticas das causas feministas. Ela parecia falar para crianças, numa linguagem quase twittera. Uma mulher preta sabe o que é ser destituída da sua “feminilidade” e de seu status de humanidade assim como as pessoas trans devido a sua genitália. Da mesma forma eu vi Silvia Federici, intelectual mundialmente reconhecida, com seus cabelos brancos, com sua voz firme e rouca pedir em praça pública para que as mulheres que se dizem feministas parassem de atacar as trabalhadoras sexuais, que as apoiassem em sua condição de trabalho, para que não fossem vítimas de abusos e violências (maiores do que aquelas que nos submetemos conscientemente para o acúmulo de capital).

O “DIY” (Do it yourself) - “Faça você mesmo” ou compre do pequeno é um imperativo necessário para a alimentação e para a pornografia. Da mesma maneira que não

esperava tratar de adoecimentos psíquicos, de uso de drogas ao início da tese, não esperava tratar de alimentação. Ser cobaia farmacopornográfica neste experimento em particular expandiu o uso previsto dos hormônios sexuais e das drogas (i)lícitas como biotecnologia de subversão, para a abstenção de alimento de origem animal. Tentei argumentar que a retirada do consumo de animais de nossa subsistência humana implica uma reprogramação nos conceitos de saciedade e exploração.

O encantamento com o campo-tema me orientou a uma metodologia própria cartográfica, pós-pornográfica e autobiográfica. E isso quis dizer “colocar o cu na reta” na produção de um conhecimento parcial e corporificado. O preço foi um relato extraminucioso sobre o que vivi (de quase 150 páginas brutas que fiz caber num diário de 40 dias) e uma imersão em si mesma que me custou muito em relação à minha saúde mental.

Ao final da pesquisa sinto o prazer de ter concluído o que foi possível nesta etapa e também o gosto amargo de alguns desejos não realizados. O maior deles foi a concretização do evento que idealizei realizar na Entrelaços como um momento em que reuniria algumas das pessoas que conheci no campo para fazermos um cineputaria, uma oficina de amarrações, de brinquedos eróticos, se esfregar ao som de um brega e comer umas delícias veganas. A pandemia não permitiu, mas o projeto está desenhado para acontecer.

Depois, a concretização da segunda parte das narrativas/análises previstas inicialmente para este trabalho. A partir do meu diário, eu convidaria algumas interlocutoras para conversar e narrar um pouco sobre suas experiências na pós-pornografia (com este nome ou sem) e também sobre seus processos de sofrimento psíquico, medicalização e práticas sexo-afetivas. A princípio eu tinha o contato com seis pessoas que poderiam aceitar participar e co-escrever estes relatos comigo: Tita Barbosa, Thango, Karol Kalor, Akuenda, Gil e Edilson Militão. No final da tese, desejo retomar o diálogo e talvez pensar em projetos menos acadêmicos para realizarmos juntas.

Terceiro eu teria decidido por um texto menor, mais direto e enxuto. A decisão metodológica centrada nos processos (afetivos, materiais, territoriais, intelectuais) e na experiência dificultaram muito a escrita e provavelmente a leitura do texto. Olho para tudo que escrevi e penso que no quesito produzir um documento apto para uma defesa de tese na Psicologia, as informações relevantes estariam bem reunidas em dois ou três artigos de quinze páginas. O formato monográfico e as decisões metodológicas alargaram os contornos.

Quarto e talvez o mais importante. A experiência na pós-pornografia e na dissidência sexual não cabe num texto acadêmico. Este produto fala mais das limitações das ciências em produzir rebelião e transformação do que qualquer outra coisa. Por isso, além de um desejo anárquico de que este material seja queimado, faz parte dos aprendizados do caminho querer contribuir para a disseminação e provocação intelectual em outros ambientes mais democráticos. Não vejo a hora em transformar algo relevante produzido neste documento em zines, microtextos de redes social e na melhor das hipóteses memes virais sem autoria.

Queen Ludd em seu manifesto anárquico e crítico sobre o pós-pornô, aponta para a dissolução dos sujeitos individuais modernos, propondo uma multidão encapuzada pós identitária:

Sempre haverá a polícia que pergunta: quem são, o que são e quantas são? Se querem nos identificar, têm um problema!... Fugimos e saltamos os enigmas de Zarathustra sobre uma pessoa... Perder a importância pessoal do relato biográfico. O “autor” como uma figura em que se concretiza a individualidade, a genialidade, a heroicidade... características do sujeito moderno. Porque todas as forças que nos habitam tecem uma existência singular, expressada abertamente como provisória, revogável, insignificante, não essencial, irrelevante, alegre e potente. Devenir qualquer um que esteja aberta aos encontros (LUDD, 2016, p.16 -18, tradução livre).

Como diz Gal Costa, “já não tenho medo, nem esperança” sobre o futuro do planeta e da humanidade, tampouco com a utilidade deste texto. Assim como nesta tese tentamos evitar duas armadilhas narrativas fascistas apresentadas por Paul Preciado (2019): O argumento messiânico salvacionista, em que se espera uma saída ou resolução única para um problema e o argumento apocalíptico fatalista, em que a extinção de todos nós é iminente e não há nada que possamos fazer.

Tentamos abrir caixas pretas do conhecimento, hackear o sistema sexo-gênero binário e acreditar que se constroem mundos com as palavras e imagens. Para o agora de 2021 queremos a vacina da autoinfecção com as cepas farmacopornográficas. Plantar o alimento na terra de nossos próprios mortos, se alimentar da carne humana, para germinar a rebelião.

## REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, G. **Boderlands – La Frontera**. São Francisco: Aunt Lute Books, 1989.
- AZERÊDO, Sandra. Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 1, p. 175-188, 2010.
- BALLESTRIN, Luciana Maria. Feminismos Subalternos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 25(3): 530, setembro-dezembro/2017.
- BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Rev. Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 20, n. 2, pág. 559-568, agosto de 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2012000200017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200017&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 27 de janeiro de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200017>.
- BENTO, B. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 3, n. 04, 27 nov. 2012.
- BORGES, Fabiane. **Pós-pornô. Na Borda**, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://naborda.com.br/2011/texto/posporno/>. Acesso em 20 de dezembro de 2022.
- BRIGHT, Suzie. El nacimiento de la crítica cinematográfica del porno. In: TAORMINO, Tristan; SHIMIZU, Celine; PENLEY, Constance; MILLER\_YOUNG, Mireille. **Porno feminista: Las políticas de producir placer**. The Feminist Press, New York, 2013.
- BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. De perguntas a problemas. . **A arte da pesquisa**, São Paulo: Martins Fontes, pp. 63-83, 2005.
- BOURCIER, Marie-Hélène. BILDUNGS-POST-PORN: notas sobre a proveniência do pós-pornô, para um futuro do feminismo da desobediência sexual. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 19 jul. 2014.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Regulações de gênero**. Cafajeste. Pagu, Campinas, n. 42, pág. 249-274, junho de 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332014000100249&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000100249&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 27 de setembro de 2021. <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>.
- CALLÉN, Blanca et al. Diásporas y transiciones en la Teoría del Actor-Red. **Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social**, [S.l.], p. 3-13, mar. 2011. ISSN 1578-8946. Disponível em : <<https://atheneadigital.net/article/view/v11-n1-callen-domenech-lopez-et-al>>. Acessado em: 31 de janeiro de 2021. <https://doi.org/10.5565/rev/athenead/v11n1.852>.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **ESTUDOS AVANÇADOS**, 17 (49), São Paulo, 2003.

CASTILLO, Constanza Alvarez. **La Cerda Punk: Ensaio desde um feminismo gordo, lésbico, anticapitalista e antiespecista**. Trio Editorial. Val Paraiso, Chile, 2016.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: Tensões entre o movimento LGBT e o ativismo queer**. Salvador: Edufba, 2015.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas** [online]. V. 10, n. 1, p.171- 88, 2002.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: vol. 1**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

DELEUZE, Gilles. **¿Qué es undispositivo?**. Michel Foucault, Barcelona, p. 155-163, 1990.

DODSON, Betty. Porn wars: lãs guerras del pornô. In: TAORMINO, Tristan; SHIMIZU, Celine; PENLEY, Constance; MILLER\_YOUNG, Mireille. **Porno feminista: Las políticas de producir placer**. The Feminist Press, New York, 2013.

DUARTE, Larissa Costa. **Pornotopia: Histórias, desafios e reimaginações das pornografias feministas**. Dissertação de Mestrado, UFRS, 2014.

DWORKIN, A. **Pornography: men possessing women**. NY: Plume, 1989.

EGAÑA, Lucía. **Trincheras de carne. Una visión localizada de las prácticas postpornográficas en Barcelona**. Doctorado en Comunicació Audiovisual i Publicitat Departament de Comunicació Audiovisual i Publicitat Universitat Autònoma de Barcelona, 2015.

FLORES, V. **Deslenguada – desbordes de una proletaria del lenguaje**. Buenos Aires: Ají de Pollo, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Ed Graal. 2012.

FRANCO, Marielle. **Tem Saída? Ensaio crítico sobre o Brasil**. Cidade: Editora Zouk, 2017.

FREDERICI, S. **Calibán y la bruja – mujeres, cuerpo y acumulación originaria**. Madrid: Traficantes de sueños, 2010.

FREITAS, Suellem Lopes; LEITE, Bruno Bueno. Da pornografia à pós-pornografia: práticas contrassexuais no audiovisual Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul** – Curitiba - PR. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

GADELHA, Kaciano. DeCUIlonização e diásporas trans: uma entrevista com Sanni e Pêdra Costa. **Periodicus**. ISSN: 2358-0844 n. 7, v. 1 maio-out. 2017 p. 440-453.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GRIMM, Raíssa. **Abrindo os códigos do tesão: Encantamentos de resistência entre o transfeminismo pós-pornográfico**. Tese de doutorado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2015.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v.5, p.7-41, 1995.

\_\_\_\_\_. Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Tadeu, T. (org). **Antropologia do Ciborgue – as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 2ª edição.

HOOKS, bell et al. **Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras**. Madrid: Traficantes de sueños. 2004.

IBÁÑEZ, Tomás. Elogio de la imaginación. **Quaderns de Psicologia**, 11(1-2), 39-49, 2009.

IÑIGUEZ, Lupicínio. Nuevos debates, nuevas ideas y nuevas prácticas en la psicología social de la era ‘post-construccionista’. **Athenea Digital** – n. 8, 2005.

JAEGER, Melissa; LONGUINI, Geni; OLIVEIR A, João; TON EL I, Maria Juraci. Bissexualidade, bifobia e monossexismo. **Periódicus**, Salvador, n.11, v. 2, mai-out.2019 – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades – Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/20150/1/28011-124365-1-PB.pdf>. Acesso 30 de jan de 2021.

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**. vol 19, nº 1, p. 15-22, 2007.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LATOUR, Bruno. Laboratórios. In: LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação**. São Paulo: UNESP, 2000, p. 105-168.

\_\_\_\_\_. O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem?. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 14, n. 29, June 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832008000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100006&lng=en&nrm=iso). Acesso em 30 de janeiro de 2021.

LEITE, Jr. Jorge. Labirintos Conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre gêneros. In: **Pagu**, Campinas: Unicamp, 2012, n 38, v. 1, pp. 99 – 128.

LEÓN, Adriano. OS LABIRINTOS DO DESEJO: desenhando uma metodologia anarquista. **REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO**, vol 36. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/12872>.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MAHEIRIE, Kátia et al. Coletivos e relações estéticas: Alguns apontamentos acerca da participação política. In MAYORGA, Claudia; CASTRO, Lúcia; PRADO, Marco Aurélio (orgs). **Juventude e a experiência da política no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola, 2010.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, Março 2008: 71-114.

MANADA DE LOBAS. Foucault para encapuchadas. Ciudad autónoma de Buenos Aires: Pescado Frito. Queen Ludd, 2016. P. 170. ISBN 978-987-46065-1-8.

MONTENEGRO, Marisela; PUJOL, Joan. Conocimiento situado: unforcejeo entre el relativismo construccionista y La necesidad de fundamentar la acción Interamerican. **Journal of Psychology**, Sociedad Interamericana de Psicología, vol. 37, n. 2, pp. 295-307, 2003.

MAYORGA, Claudia; COURA, Alba; MIRALLES, Nerea; CUNHA, Viviane. As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(2): 336, maio-agosto/2013.

MEDRADO, Benedito. **Fabricações de Gênero: memórias, verdades e processos de subjetivação na trilha dos Movimentos político-culturais LGBT nas Regiões Nordeste e Norte do Brasil** (projeto de pesquisa), 2012.

\_\_\_\_\_. **Movimentos político-culturais LGBT nas regiões nordeste e norte do Brasil: Produzindo memórias, verdades e processos de subjetivação** (projeto de pesquisa), 2013.

\_\_\_\_\_. **Produção de sujeitos e regimes de verdade no movimento LGBT: memória, política e estética em Recife, Belém e Barcelona** (projeto de pesquisa), 2014.

\_\_\_\_\_. Compartilhando afetações: trilhas entre figurações e imaginações de gênero e sexualidade. In: Aluísio Ferreira Lima; Deborah Christina Antunes; Marcelo Gustavo Aguilar Calegare. (Org.). **A Psicologia Social e os atuais desafios ético-políticos no Brasil**. 1ed. Porto Alegre: ABRAPSO/Edições do Bosque/UFSC, 2015, v. 1, p. 236-256.

MILANO, Laura. **Usina posporno: disidencia sexual, arte y autogestión en la pospornografía**. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Título, 2014.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17 n. 3, p. 621-626, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 1.707, de 18 de agosto de 2008. Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.836, de 1 de dezembro de 2011. Brasília, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013. Brasília, 2013.

MOMBAÇA, J. **Pode um cu mestiço falar?** 2013 Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em 29.01.2021

NOGUEIRA, F.; COSTA, P. Da pornochanchada ao Pós-Porno-Terrorismo no Brasil: d'As Cangaceiras Eróticas ao Coletivo Coiote. **Revista Rosa #5**, dez. 2014. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-5/da-pornochanchada-ao-pos-porno-terrorismo-no-brasil-das-cangaceiras-eroticas-ao-coletivo-coiote-f0f4ab92836> . Acesso em: 25.05.2019.

OLIVEIRA, Goldfarb, Juliana. SEXO, ARTE E EMANCIPAÇÃO FEMININA: O processo de reescrita da pornografia através do movimento pós-pornô. **Cultura & Tradução**. João Pessoa, v. 3, n. 1, 2014.

OLIVEIRA, Thiago Rannery. Hardcore para um sonho: Poética e política das performances pós-pornôs. **Repertório**, Salvador, nº 20, p.235-252, 2013.

PAULON, Simone e ROMAGNOLI, Roberta. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Universidade do Rio de Janeiro, v. 10, n. 1 , 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9019/7455>. Acesso em 30 de jan de 2021.

PICHARDO, Ochy Curiel. Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial. Em Otras formas de reconocer. Reflexiones, heramientas y aplicaciones. **Epistemologías y metodologías feministas**, 2015. Disponível em: <http://www.ram-wan.net/restrepo/documentos/ochy.pdf>. Acesso 30 de jan de 2021

PINTO, Leonor E. Souza. **Guerra tropical contra a censura**, 2007. Disponível em: <http://www.memoriacinebr.com.br/> .

POST-OP. **De placeres y monstruos: interrogantes en torno al postporno. Transfeminismos: epistemes, fricciones y flujos** / Miriam Solá e [Elena Urko](#) (org). Barcelona, págs. 193-206, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n- 1 edições, 2014.

\_\_\_\_\_. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Revista Estudos Feministas [en línea]**. 2011, 19 (1), 11-20. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38118774002>.

\_\_\_\_\_. “Cartografias ‘Queer’: O ‘Flâneur’ Perverso, A Lésbica Topofóbica e A Puta Multicartográfica, Ou Como Fazer uma Cartografia ‘Zorra’ com Annie Sprinkle”. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Museu, lixo urbano e pornografia. **Periódicus**, Salvador, n. 8, v. 1, nov.2017-abr. 2018 – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades. 2018.

\_\_\_\_\_. **Pornotopía. Arquitectura y sexualidad en «Playboy» durante la guerra fría**. Barcelona: Anagrama, 2010.

\_\_\_\_\_. **Un apartamento en Urano: crónicas del cruce**. Barcelona: Anagrama, 2019.

PUAR, JASBIR. “Prefiro ser um ciborgue a ser uma deusa”: interseccionalidade, agenciamento e política afetiva. Meritum. **Revista de Direito da Universidade**. FUMEC: Vol. 8, Nº 02 - julho/dezembro, 2013. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/meritum/article/view/2171>. Acesso em 30 de jan de 2021.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”. Em La colonialidad del saber: eurocentrismo y Ciencias Sociales. **Perspectivas latino-americanas**, org. Edgardo Lander. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: 1996 (Coleção TRANS).

\_\_\_\_\_. **Será que a arte resiste a alguma coisa?** In D. Lins (Org.), Nietzsche, Deleuze, arte, resistência. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 126- 140, 2007.

\_\_\_\_\_. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental.org; 34, 2005.

RIVAS, Felipe. Pospornografia y Contra-sexualidad. **Revista Digital Desinencia Sexual**, volume, número, 2008. Disponível em: <http://www.cuds.cl/articulos/10ene08pos.htm>

\_\_\_\_\_. Diga lo “queer” com la lengua afuera. In Por un feminismo sin mujeres. TerritoriosSexualesEdicionesCoordinadoraUniversitaria por laDisidencia Sexual, 2011.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch’ Ixinakaxutxiwa. Uma reflexion sobre prácticas e discursos descoloniales**. Tinta y Limón/Retazos, Buenos Aires. 2010.

ROCON, Pablo Cardozo et al. ACESSO À SAÚDE PELA POPULAÇÃO TRANS NO BRASIL: NAS ENTRELINHAS DA REVISÃO INTEGRATIVA. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462020000100505&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462020000100505&lng=en&nrm=iso).

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

ROMINA, Smiraglia. Sexualidades De(s)generadas: Algunos apuntes sobre el postporno. **Revista de la Asociacion Argentina de Estudios de Cine e Audiovisual**, nº6, 2012.

ROYALLE, Candida. Qué hace una chica como tu... In: TAORMINO, Tristan; SHIMIZU, Celine; PENLEY, Constance; MILLER\_YOUNG, Mireille. **Porno feminista: Las políticas de producir placer**. The Feminist Press, New York, 2013.

RUBIN, Gayle. 1984/ 2003. Pensando o Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **cadernospagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu UNICAMP, nº. 21. pp. 01-88.

\_\_\_\_\_. Misguided, Dangerous and Wrong: An Analysis of Anti-Pornography Politics. Internet Archive, waybackmachine. 1992.

SARMET, Érica. Pós-pornô, dissidência sexual, situationcuirlatino americana: Pontos de Partida para o debate. **Revista Periodicus**. 1ª edição Maio-Outubro, 2014.

SILVA, Francisco André e MELLO, Ivana Suely. Psicologia e despatologização. **Tempus, actas de saúde colet**, Brasília, 11(1), 81-95, mar, 2017.

SIQUEIRA, Elis. Folksonomias, hashtags e campanhas feministas na internet: como #meuamigosecreto, #belarecatadaedolar e #meuprimeiroassédio nos levaram a #elenão. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 59, n. 1, p. 623–665, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8655903>. Acesso em: 30 jan. 2021.

SMIRAGLIA, Romina. Sexualidades de(s)generadas: Algunos apuntes sobre el postporno. **Imagofagia**, 6, pp. 1-22. 2012.

SMITH, Clarissa e ATTWOOD, Feona. Verdades emocionales y presentaciones escalofriantes: El resurgimiento Del feminismo antiporno. In: TAORMINO, Tristan; SHIMIZU, Celine; PENLEY, Constance; MILLER\_YOUNG, Mireille. **Porno feminista: Las políticas de producir placer**. The Feminist Press, New York, 2013.

SPINK, Peter. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**. n. 15, vol. 2, p. 18-42, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG, 2010.

SPRINKLE, Annie. **Annie Sprinkle: Post-PornModernist: My 25 Years as a Multi-mediaWhore**. São Francisco: Cleis Press, 1998.

TAORMINO, Tristan; SHIMIZU, Celine; PENLEY, Constance; MILLER\_YOUNG, Mireille. **Porno feminista: Las políticas de producir placer**. The Feminist Press, New York, 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. 1ª edição, São Paulo: Atlas, 2009.

VANCE, C. Pleasure and danger: towards a politics of sexuality. In: Carole S. Vance (org), **Pleasure and danger – exploring female sexuality**. Boston: Routledge. 1984. (pp 01-27)

WARD, Jane. Cerdos queer feministas: manifesto de uma espectadora. In: TAORMINO, Tristan; SHIMIZU, Celine; PENLEY, Constance; MILLER\_YOUNG, Mireille. **Porno feminista: Las políticas de producir placer**. The Feminist Press, New York, 2013.

XIMENES, F. I. S. e MEDRADO, Benedito. Tem marcha na capa ou a festa é manchete? A 10ª Parada da diversidade de Pernambuco. In: Hildeberto Martins, Marcos Garcia, Marco Antonio Torres, Daniel dos Santos (Org.). **Interseções em Psicologia Social: raça/etnia, gênero, sexualidades**. 1ed. Florianópolis: ABRAPSO Editora/ Edições do Bosque, 2015, v. 1, p. 191-214.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE PORNOPERFORMANCE – REVANGE PORN REVANGE

Roteiro Vídeo Performance – Guion

Revenge Porn Revenge

Contexto: Estamos no ano de 2020, se instaura no Brasil um ambiente político ultraconservador com o governo Bolsonaro. Se retiram dos documentos oficiais do Ministerio da Educação os parágrafos que apontam como atribuição da escola manter o respeito às diferenças às identidades de gênero, de raça e orientação sexual; Exposições de Arte Queer são censuradas em museus nacionais; Policiais armados entram na bienal do livro em São Paulo para proibir a venda de livros com conteúdo LGBT; O corte de verbas para bolsas de incentivo à pesquisa no Brasil -CAPES são cortadas massivamente e como um dos argumentos para tal se aponta o “mal uso” do dinheiro público para fazer “balbúrdia” ao tratar sobre temas no campo dos estudos de gênero e sexualidades. Cresce na Psicologia um movimento religioso conservador de combate ao que eles chamam “ideologia de gênero” com o resgate da “cura gay”.

### CHAT 1

#### Tinder

Em uma tela de celular aparecem várias janelas abertas simultaneamente: notícias de jornal, discussões de facebook entre feministas “pró sexo” e as abolicionistas da pornografia, clientes para consultas psicoterapêuticas e chats de Tinder.

- Olá, boa noite!
- Oi gato, tudo certo!§
- O que buscas no Tinder a essas horas§
- Algo que em tire do tédio em uma segunda feira...
- FOTO ROLA
- Eita! Nem tava esperando... Mas, já que estamos aqui: Tu gosta de sexo anal§
- Claro, adoro um cuzinho..
- Eu também.. FOTO arnese e Dildo
- Oxe Tu é um traveco não né!§
- Como assim§
- Não me leve a mal, é que eu gosto de mulher de verdade...
- Sou de verdade... Tu viaja em sexo anal e tal§

- curto muito! Então esse pau aí é tipo uma fantasia assim

Tu curte mulhr também, trios§

- Não, sou hetero mesmo

### **CHAT 2:**

- Oi gostoso!

- Boa noite, princesa. Gosta de trocar fotos§

- Claro! Você mantém em segredo§

- Pode confiar, meu amor... deixa eu ver teu peitinho

- FOTO sorriso e FOTO close up mamilo masculino

- Não dá pra ver direito, manda do corpo todo...

É que tem muito travesti, saca.. que tenta se passar por mulher...

- FOTO

### **CHAT 3:**

- Olá! Tudo bem, Fêr§

Não gosto muito de chatear aqui, porque a gente não marca de fazer algo mais tarde§

- E aí, tudo certo§ Vamos tomar uma cerveja no Central mais tarde então§

- Então, vou te dizer a real... É que eu estou numa relação já tem três anos, mas como minha noiva viaja muito pra trabalhar em Caruaru, nos interiores e tal, sinto vontade de ficar com outras pessoas. Então, assim esses lugares mais “sociais” não rola.

- Hum, super sincero você né!

- Sim, claro. 100% transparente

- humm... Vou pensar, visse

...

- Temos alguns amigos em comum no Facebook, acho que já te vi numa terça do vinil, quando era alí na pátio Santa Cruz

- É, eu curtia mais quando era lá...

- Acho que conheço tua noiva também, assim de vista

- Dispense

- Seria engraçado falar com ela

- Falar o que§!

- Sei lá, se ela gostaria de fazer um trio comigo e contigo

- Ela não gosta dessas coisas, é mais tradicional na real
- Será que ela acreditaria se eu dissesse que a gente troca fotos
- Nem brinque
- Uns prints assim
- De toda forma quem me mandou nudes foi tu
- É verdade, mei mundo tem nude meu.

Ela deixa tu receber nudes sem problema então§<sup>1</sup>

- Claro que não
- Já sei! Vou mandar os prints dos meus nudes pra ela

HAhHAhahahahahaha

- Na verdade eu goso mais de ter essas conversas sem concretizar nada, só pra matar o desejo mesmo. Tu nunca iria conseguir provar que rolou algo em concreto, porque não rolou.
- Não quero provar nada, é que não entendo bem os contratos de casamento. Explica aí como é.

#### **CHAT 4:**

- Você é tipo assim safada na cama§ putinha mesmo, eu gosto de umas coisas sujas.
- FOTO papaya Frutas

#### **CHAT 5:**

##### **Facebook**

- Oi, e aí§

Foi mal pela hora

- Boa hora para mim!
- Cheguei em casa agora depois de uma sessão e umas cervejas

Tem gente que te pede consultoria online§

- Hum.. Tem gente que te pede também§
- Sim, orçamentos
- Pra mim também.
- Mas, não queria pedir nada não... Aparece lá no ateliê
- Vais fazer outras fotos minhas sensuais :P
- Pra conversar mesmo
- Se for pra conversar, porque tu não aparece la no consultório então!§ hehehe
- Fiquei pensando se ontem tinha rolado um clima entre a gente nas fotos...

- Fiquei a vontade contigo
- Mas qualquer paquera que role tem que ser fora do trabalho né. Imagino que como terapeuta também
- Como terapeuta é tudo um pouco mais complicado...

Os sentimentos e tesões que aparecem ali entram na roda pra análise

- Que massa! Não falo com todas as clientes assim, pra não gerar confusão. Tive vontade de falar contigo.
- Se confiasse no meu SIGILO profissional foi§ hahahaha
- Acho que foi

Amanhã tô de folga, tem horário pra me atender§

- Tenho, depois das 20h :P
- Ai já não posso, tenho que estar em casa. Vou buscar minha mulher no trabalho.
- Hum
- Arruma um horário pra mim com divã de manhã ou de tarde
- Arruma um vale night pra mim que durante o dia não sou gente!
- Achei que rolou uma química entre a gente, a forma como me olhasse...
- Nem notei se fiz
- Eu não sou desses cafajestes, mas o tesão bateu. Sei que tô fazendo errado, sei do risco que corro, mas faço do mesmo jeito.
- Se eu contar pra tua mulher que tu me manda nudes o que acontece?
- Você não é nem doida! Que eu tenho teus nudes aqui, tu tem mais a perder do que eu.
- Mas se eu mando os meus nudes que tu recebeu pra ela será que vou ser criminosa como tu?

Os relatos são inspirados nas ficções de gênero e nos contractos sexuais performativos da vida irreal baseados na cisheteronorma. Se alguém se identifica ou requer direitos autorais sobre qualquer foto ou fato, favor seguir os dispositivos protocolares antipirataria.

Notes:

Objetos :

- Guantes latex
- Dildo arnes
- Frutas
- Mascaras

Material video :

- Dick pics

- Nudes pics
- Chupa dildo parc guell pics

Material que crear :

- Algo con pelos
- Algo de king
- Cena Bolsona golden shower
- Cena fruta

Gravar :

- Grabar voces de los dialogos
- Escribir texto (voz en off) acompañando peli
- Grabar sonidos aplicaciones
- Hacer intervencion pornoterrorista tinder y grabar

Para fazer : as mascaras